# Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23182 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 16 FEVEREIRO 90 60$00


**EDITORIAL**

## *O jogo da Constituição*

«As Constituições parecem-se um pouco com as regras de um jogo cujas figuras variam consoante as capacidades dos jogadores, a composição das equipas, as suas escolhas estratégicas e os acasos da partida.». Estas palavras de um constitucionalista nostálgico da prática política (Duverger) ajustam-se bem ao debate em curso acerca da desvalorização das presidenciais pelo partido do Governo.

A proposta de apoio indirecto a Soares ou, pelo menos, de neutralidade formulada pelo líder do PSD revelou, antes de mais, que o vasto consenso existente à volta do Presidente é, paradoxalmente, muito frágil, porque se baseia mais na sabedoria de uma abstenção calculada do que nos riscos da acção política. Apostar num segundo mandato de Soares com um perfil apagado, no plano da intervenção política, seria uma solução para Cavaco Silva. Resta saber se poderá executá-la ou se o Senhor X, sugerido pela área da direita liberal, forçará o primeiro-ministro a mudar de estratégia.

É curioso lembrar, a propósito dos quatro anos que se completam hoje sobre a eleição de Mário Soares, a resposta de De Gaulle a Kreisky, quando o (então) chanceler austríaco lhe disse que o presidente da Áustria nunca usara o poder que a Constituição lhe conferia para demitir o primeiro-ministro: «É pena». A «estória» está fora de contexto: as constituições não se aplicam em abstracto, sem tomar em conta as relações de força em presença.

Não sendo Portugal terra tão serena como Áustria, onde o presidente, embora legitimado por «investidura popular», se comporta como se fosse eleito pelo Parlamento, é natural que Mário Soares se interrogue acerca do seu destino político. E talvez a angustiante interrogação do feliz aniversariante se pudesse formular deste modo: que fazer com um consenso tão vasto que se tornou quase incompatível com um desígnio?

**Mário Mesquita**

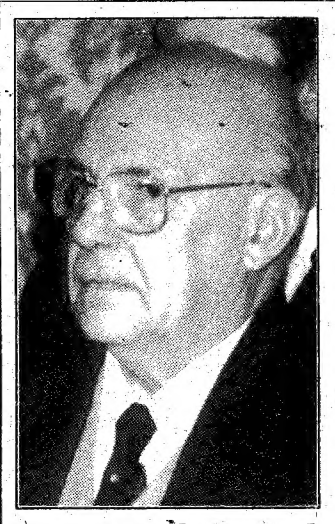
# Maquinistas da CP projectam greve geral

Anabela Loureiro

**Viajar, a pagar, entre dois comboios que se cruzam a alta velocidade**

Os maquinistas da CP vão deixar-se de meias medidas. Esgotaram a paciência e vão votar em assembleia-geral, dia 24 de Fevereiro, uma proposta de «greve geral total». Castelo Lopes, presidente do sindicato da classe, disse hoje ao DL que a paralisação pode ser de vários dias seguidos e - mais grave - que os maquinistas estão dispostos a não acatar a requisição civil se o Governo vier a adoptá-la. Consideram, na prática, que o conselho de gerência da CP está a radicalizar as suas posições a pontos extremos, convidando-o, inclusivé, a escutar o ministro dos Transportes, Oliveira Martins, para que seja mais flexível nas negociações com os sindicatos. Os maquinistas afirmam não querer «ganhar como os ingleses ou os espanhóis, ou como um piloto da TAP». Nas palavras de Castelo Lopes afirmam «conhecer o País em que vivem», reivindicando, apenas, «um vencimento justo e adequado à função que desempenham». O dirigente sindical diz que os utentes da CP sabem de quem é a responsabilidade pela actual situação e afirma-se seriamente preocupado com as condições de segurança em que os passageiros da linha de Sintra estão a ser transportados.

**Pág. 18**



## Fernando Real ridicularizado no Parlamento

Fernando Real, ministro do Ambiente, foi ontem ridicularizado no Parlamento. E por culpa própria, já que optou por não cumprir as mais elementares praxes da Assembleia. As risadas que varreram a sala só não se transformaram em tumulto porque os deputados, atentos ao seu passado, o pouparam ao tratamento a que outros, menos respeitáveis, não escapariam.

**Pág. 9**

# Deputado independente defende monopólio da droga pelo Estado

George Bush esteve ontem em Cartagena para discutir o problema do tráfico de droga, no mesmo dia em que um deputado português independente, Pegado Liz, entregava na Assembleia da República um primeiro projecto-lei que pretende reenquadrar a importação, distribuição e consumo de substâncias psicoactivas a nível nacional. O diploma concede ao Estado o monopólio deste processo.

O deputado, membro da Liga Internacional Anti-Proibicionista, enuncia no preâmbulo do diploma os princípios que o fundamentam: uso reservado, proibição do incitamento ao consumo, produção e distribuição estritamente controladas e pesada punição para todo o comércio e consumo ilícitos.

Recordando que a política proibicionista se revelou um total fracasso face ao problema, Pegado Liz afirma que o presente projecto-lei tem como objectivos contribuir para o rápido desmantelamento do tráfico de droga e para o fim das organizações criminosas que o exploram, reduzir drasticamente a criminalidade daí proveniente e os casos de morte e propagação de doenças motivadas pelo consumo. «Mas, mais do que tudo, pretende-se, com ele, dar o primeiro impulso, entre nós, para o debate sobre as consequências e os efeitos das actuais normas repressivas e proibicionistas», frisa aquele advogado.

Entretanto, na Colômbia, os EUA tentam chamar os sul-americanos para a luta contra os barões de narcotróficos. Em Portugal, a guerra faz-se em pequena escala. Os sete ou oito patrões nacionais escapam às redes da polícia

**Págs. 14, 16 e 17**


*Soares e Saramago «honoris causa» em Turim*
*Pág. 8*

*PSD/Açores procura alternativa a Mota Amaral*
*Págs. 2, 3 e 4*

*Japão: eleições não vão abalar o Poder*
*Págs. 12 e 13*

*Lotaria Nacional*
*1.º 67 695*
*2.º 51 891*
*3.º 26 600*
*Pág. 18*

**A Mosca pica nesta edição**

# PSD/Açores: nova classe política procura alternativa a Mota Amaral

## *Álvaro Dâmaso é líder potencial do grupo renovador, mas não deverá aparecer como sucessor já em Abril*

GRANDE ANGULAR

**Do nosso enviado especial**

Nasce no seio do PSD dos Açores uma nova classe política. É pragmática, mas não perde de vista uma «musa inspiradora» chamada autonomia. Deseja a renovação do partido, mas carece ainda de liderança, capaz de lhe dar expressão - e poder. Por isso esboça uma estratégia a prazo. Por isso Mota Amaral é ainda alternativa... a Mota Amaral.

A transformação da «fisionomia» política dos social-democratas açorianos, ainda em embrião, não se explica apenas pelas contingências eleitorais, o mar encrespado socialista que atormenta um partido habituado a ser poder há 14 anos. Tem raízes mais profundas, porque estruturais, embora a causa próxima seja a erosão provocada por dois testes negativos nas urnas.

O facto de não ter assumido cabalmente a derrota no sufrágio autárquico justifica, aos olhos de certos dirigentes, as recentes movimentações no interior do partido, reivindicando a renovação. Pela primeira vez na história do PSD regional, é colocada a hipótese de «mudar de políticas, mas também de pessoas».

Cingir as causas desta «agitação de águas» aos resultados das eleições seria análise simplista. O que de facto germina é uma classe política com aspirações diferentes, que naturalmente encontra na presente conjuntura terreno fértil para afirmar as suas teses. São os portadores da esperança dos jovens quadros partidários, grande parte dos quais formados no Continente e nos Estados Unidos, que corresponderam aos apelos de fixação, mas encontram fechadas as portas do mercado de trabalho.

O PSD está no poder desde as primeiras eleições democráticas. Ergueu a bandeira autonómica e, como reconhece o próprio Decq Mota, líder do PCP regional, «criou a imagem de poder empreendedor». Construiu estradas, aeroportos, portos, saneamento básico - os alicerces do desenvolvimento.

Hoje, está numa encruzilhada. Quase ultrapassada a fase infra-estrutural, geram-se novas exigências. «A sociedade mudou e o PSD não mudou», admite Costa Neves, secretário regional da Administração Interna, homem de confiança de Mota Amaral, exprimindo um sentimento generalizado.

O eixo da problemática regional deslocou-se das questões autonómicas para questões de natureza económica e financeira. Trata-se, hoje em dia, de emprestar eficácia ao sistema e de descobrir fórmulas de reduzir a dependência externa *(ver texto nestas páginas)*. De (re)descobrir o papel dos Açores no quadro europeu. De esboçar, afinal, um projecto de futuro. É neste contexto que surge o movimento de renovação, no interior do PSD.

**Álvaro Dâmaso: braço-de-ferro com o líder não é para já**

### Chegou a hora dos pragmáticos?

Joaquim Ponte, presidente da Câmara de Angra do Heroísmo, é um dos pontas-de-lança do grupo. «O que está em causa», diz-nos, «são práticas políticas, critérios e processos de gestão divergentes». Um discurso assumidamente destituído de referências ideológicas. Próximo, sem complexos, de ventos de pragmatismo, que começam a soprar no arquipélago atlântico.

Porém, este grupo está consciente de que a questão institucional não pode ser enterrada. «É necessário que o PSD se renove, fazendo uma nova definição do que entende sobre a autonomia no quadro constitucional e como a pretende concretizar», afirma o líder parlamentar, Borges de Carvalho. Reconhece assim, implicitamente, que, embora o PSD já não detenha o exclusivo do discurso autonómico, qualquer mudança interna tem de «passar» por ele.

Em última instância, o que este grupo ainda disperso defende é um novo relacionamento com o poder do Estado. A posição expressa ao «DL» por Joaquim Ponte não deixa lugar a dúvidas: «As guerras com os órgãos da República são perniciosas, desgastantes e desnecessárias; prejudicam o desenvolvimento».

Se, aparentemente, voltam à ribalta, no interior do PSD dos Açores, divergências históricas em matéria de autonomia, não é por aqui que passam as actuais «divisões». É certo que a «autonomia progressiva» preconizada por Mota Amaral carece de caracterização e não faltam, dentro do partido, arautos de teses diferentes. Entre os que admitem que o conceito é equívoco e os que - como Álvaro Monjardino - consideram pura e simplesmente que se trata de um «disparate», vai uma grande distância.

Monjardino, antigo presidente da Assembleia Legislativa do arquipélago, foi, durante anos, o «ideólogo» da autonomia. Desligado da política activa precisamente em resultado de divergências com o líder, é considerado próximo do ministro da República, Rocha Vieira. A quem o acusa de se fazer eco de concepções dominantes no Continente quanto à dimensão política da autonomia, responde, impassível: «Eu sou um homem de pensamento; Mota Amaral de *praxis*. Não vejo o ministro da República como um intruso».

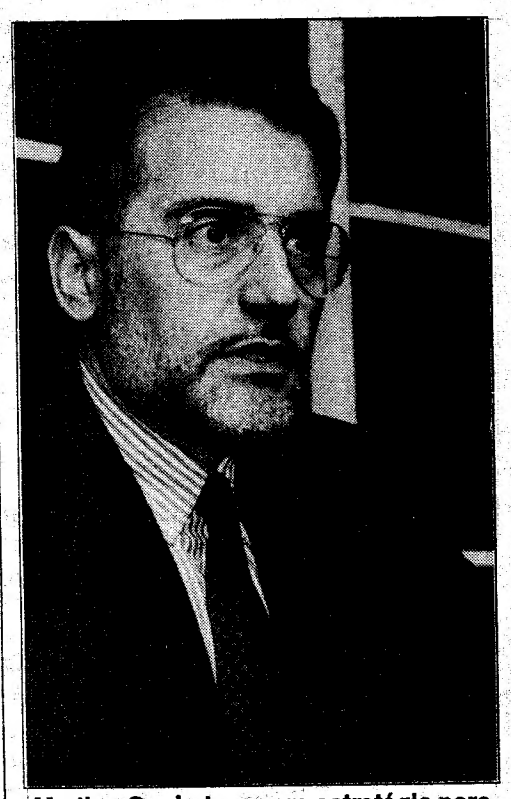
### Dâmaso não será alternativa imediata

Álvaro Monjardino, antigo membro do governo de Mota Pinto rejeita a possibilidade de voltar a envolver-se na actividade política. Mas tem vindo a ser insistentemente solicitado e há quem garanta que, precisamente por iniciativa do núcleo contestatário, ingressará em breve na Comissão Política da Terceira. É um passo, táctico que seja, para que o grupo possa fazer valer as suas posições dentro do partido. A breve prazo, porém, precisa de um líder. Álvaro Dâmaso, cuja saída do Governo continua a ser o grande assunto da actualidade política regional, poderá bem vestir essa pele. Na primeira reunião da Comissão Política Regional do PSD após as eleições, mostrou-se favorável à apresentação de moções de estratégia ao próximo congresso. A sua proposta, inovadora no partido, valeu-lhe o «despedimento», apesar de ser hoje defendida abertamente por diversos dirigentes, em nome da eliminação do «monolitismo».

Mota Amaral não terá perdoado o atrevimento do seu colaborador, ao perfilar-se como alternativa. Mas a verdade, também, é que o ex-secretário da Economia «forçou a nota», precisamente para se distanciar do chefe do partido, desbravando um espaço de afirmação.

Fontes próximas de Dâmaso consideram, no entanto, pouco provável que avance já. Defrontar o líder

# Os socialistas têm dois anos para gerir



**Martins Goulart prepara estratégia para as próximas eleições regionais**

Nas eleições regionais de Outubro de 1988, o PSD ficou reduzido a uma maioria de um deputado na Assembleia Regional. Imprudente, fiou-se no suposto carácter conjuntural da resposta do eleitorado. E encontrou desculpa alegando que a lei eleitoral «está distorcida».

Concebida no sentido de equilibrar a realidade geográfica de um arquipélago de nove ilhas com os dados demográficos, tal lei começou a vigorar em 1976 e desde essa altura garante maioria aos sociais-democratas.

Há anos que os socialistas açorianos tentam, sem conseguir revê-la, mas só quando não funcionou a seu favor o partido de Mota Amaral considerou necessário alterá-la.

É que apesar das desculpas a realidade era já então bem mais complexa. O «governo de combate» constituído a seguir por Mota Amaral nasceu das feridas do descontentamento manifestado no sufrágio. Os açorianos não desejavam, forçosamente, uma alternativa. Votaram na oposição dentro de uma lógica clássica, de «castigo» ao poder.

Só que, um ano depois, quando os social-democratas se preparavam para encetar a recuperação, eis que o PS conquista a maioria das câmaras, graças a uma conjugação de diversos factores - alianças nunca antes experimentadas com o CDS, «captura» de autarcas social-democratas e, naturalmente, a capitalização do crescente descontentamento.

Cada dirigente social-democrata ensaia hoje explicações para o desaire. Muitos admitem que acabou o «mito» - a população deixou de votar «automaticamente» no PSD, passando a tomar como referência o candidato.

Os defensores desta tese inspiram-se nos casos de Simas Costa (S. Roque do Pico) e Frederico Maciel (Velas), presidentes eleitos pelo partido, que se transferiram com êxito para o PS.

Natalino Viveiros, secretário-geral do PSD/Açores, admite que alguns candidatos eram «fracos». Ressalva o caso de Ponta Delgada, mas reconhece ter ficado surpreendido com a derrota de Manuel Furtado, «dono» da Câmara da Madalena do Pico desde 1976, que se «deitou à sombra do seu prestígio».

Feitas as contas, salta à vista que o partido perdeu influência nas ilhas mais pequenas. Mas conservou 49 por cento dos sufrágios, dois terços das assembleias de freguesia, grande parte das assembleias municipais. Uma realidade sublinhada por Decq Mota, para quem «excessivos triunfalismos» do PS podem deitar a perder oportunidade histórica de mudar a face política da região.

O líder do PCP/Açores afirma que não se deve «subestimar o PSD». Em seu entender, grande parte do descontentamento manifestado pela população não é ainda politizado, o que obriga a redobrado esforço para o enquadrar.

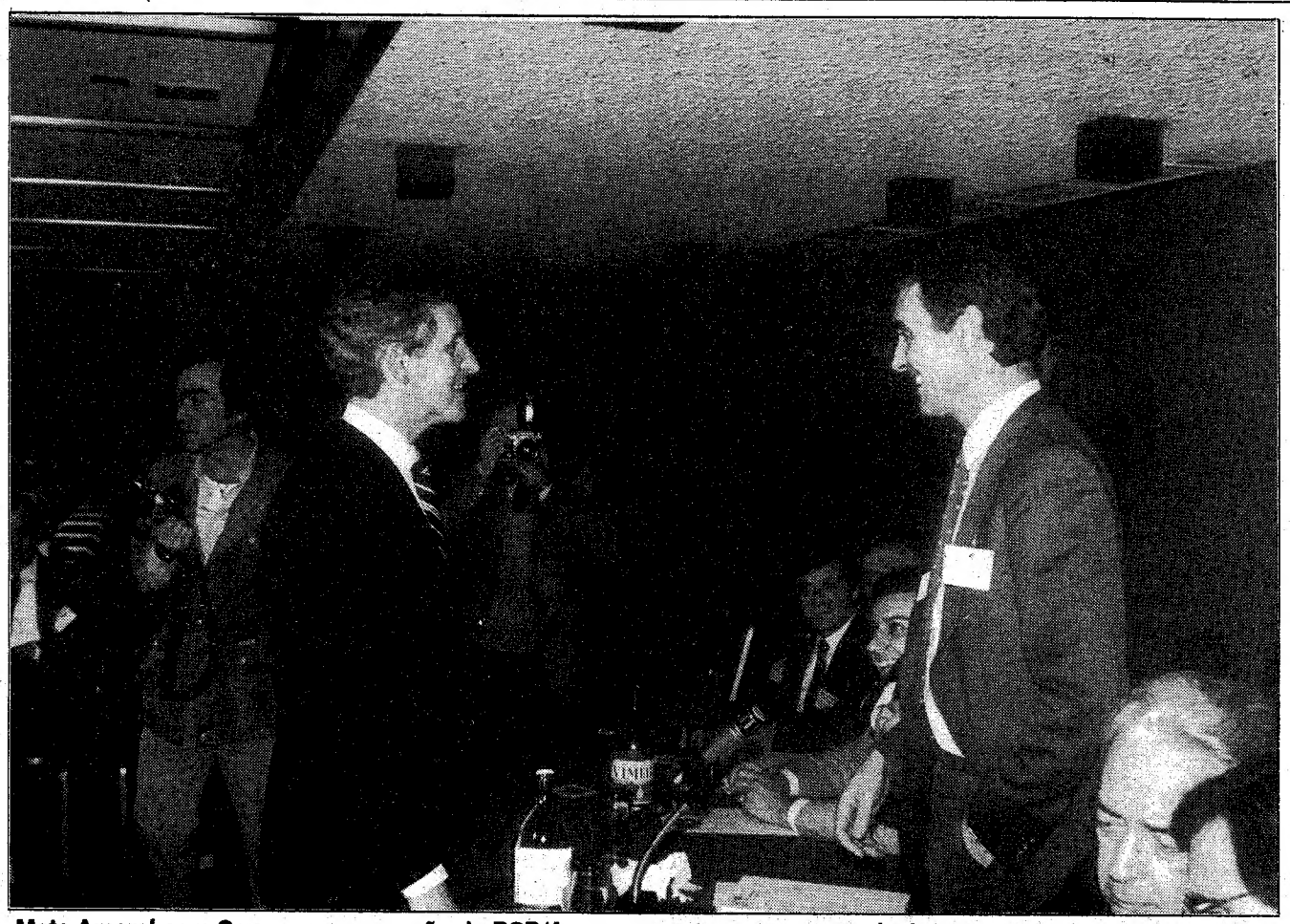
### Alianças «perigosas»

Decq Mota não critica apenas o PS, pelas «alianças perigosas» que fez em alguns concelhos, nas últimas autárquicas. Considera que as vitórias em Ponta Delgada e Praia da Vitória «não são rigorosamente vitórias da esquerda».

O PS - afirma - «deu a mão» a sectores diversos da direita açoriana espalhados pelo CDS e pela UDA, que, influentes social e economicamente, perderam em 1976 a capacidade de intervenção política. «Voltam agora a poder falar grosso com o PSD, o que encerra o risco de se desencadear uma nova arrumação da direita».

Carlos César, presidente da Comissão Regional socialista, tem, naturalmente, diferente justificação para a estratégia socialista. «Ainda não havia segurança em relação à transferência de votos do PSD para o PS e subsistia uma certa desconfiança de alguns sectores, pelo facto de o PS estar hoje mais à esquerda», diz, chamando a atenção para o facto de, no quadro das coligações firmadas, o CDS ter conseguido eleger muito poucos autarcas.

Independentemente dos «meios», os «fins» foram alcançados: o PSD está reduzido a



Mota Amaral com Cavaco: a renovação do PSD/Açores passa por um novo relacionamento com o poder central?

histórico (ainda) é «suicida» e o «timing» não ajuda (o Conselho Regional, que preparará o congresso, deverá realizar-se a 19 de Março e a reunião magna em Abril). Assim sendo, admite-se que se limite a «uma intervenção correctora» da estratégia do partido. Até porque alguns dos potenciais apoiantes - que afirmam não conhecer ainda as suas propostas políticas - admitem, cautelosamente, que Mota Amaral tem condições para empreender a renovação que reivindicam.

Se não «atacar» a liderança neste congresso, Dâmaso - que mantém no segredo dos deuses a sua estratégia - dispõe de quase dois anos para «contar espingardas», lançando o desafio no congresso de 1992, meses antes das eleições regionais. Então, é provável que tenha condições para se tornar o chefe-de-fila desse grupo de políticos jovens, com pouco mais de 30 anos e que, contudo, não resulta de conflitos geracionais. Dâmaso tem menos seis anos que Mota Amaral. A «diferença» reside no facto de o presidente do Governo Regional estar no poder há quase 14...

### Viveiros: um homem no aparelho

É corrente entre os dirigentes regionais do PSD que Álvaro Dâmaso dispõe de apoio na Terceira, muito embora, declaradamente, só conte com Renato Moura, deputado das Flores. Não falta quem considere arriscada esta aparente concentração de apoios naquela ilha. «Nem todos são sinceros», diz um dirigente social-democrata, sugerindo que há quem queira apenas «usar» Dâmaso para uma «guerra» com S. Miguel.

O «núcleo duro» do PSD regional está instalado na maior ilha, acolhido à sombra de Mota Amaral. Figura carismática, permanece como «denominador comum» da região, enquanto qualquer potencial alternativa corre o risco de ficar marcada à partida pela sua origem. É uma realidade que os defensores da renovação interna não ignoram. Até porque um congresso só se ganha com apoios micaelenses.

Perante este cenário, é pouco provável que nos próximos dois anos Mota Amaral não seja alternativa a si próprio. O que não significa que Dâmaso seja o único homem em condições de lhe disputar o lugar. Quando soar a hora da sucessão, um outro poderá também arriscar: Natalino Viveiros.

Actual secretário regional da Habitação e Obras Públicas, é o braço direito de Mota Amaral. «Tem todos os apoios dele, menos alguns», como afirma um seu colega de partido, deixando entender que representará sempre uma solução de continuidade.

Viveiros é o primeiro a considerar que não há condições para que alguém se assuma como alternativa a Mota Amaral. Enquanto as «más línguas» insinuam que houve «dedo» seu na saída de Álvaro Dâmaso do Governo, ele mantém uma postura discreta. O mais forte argumento deste homem poderá ser o cargo de secretário-geral, que também desempenha. Dominar o «aparelho», numa sociedade em que o «estado» e o partido se confundem demasiadas vezes, pode ser meio caminho andado.

**Paulo Martins**

# descontentamento

nove câmaras (e na Povoação, como salienta Carlos César, um social-democrata foi eleito por escassos 60 votos). Cabe agora aos socialistas afirmarem-se como alternativa.

### PS: dois anos para novo degrau

O PS sabe que depende em exclusivo de si próprio - não pode desperdiçar a dinâmica de vitória criada em duas eleições sucessivas. O degrau do poder está ao seu alcance já em 1992, pelo que tem de preparar propostas alternativas coerentes.

Segundo informações recolhidas pelo «DL», os socialistas debatem-se com dois problemas cruciais: dificuldades financeiras e reduzido número de quadros. Na entrevista que concedeu ao «DL» e que publicaremos na segunda-feira, Martins Goulart, líder do PS/Açores nega veementemente esta última lacuna, mas admite que a questão financeira é preocupante.

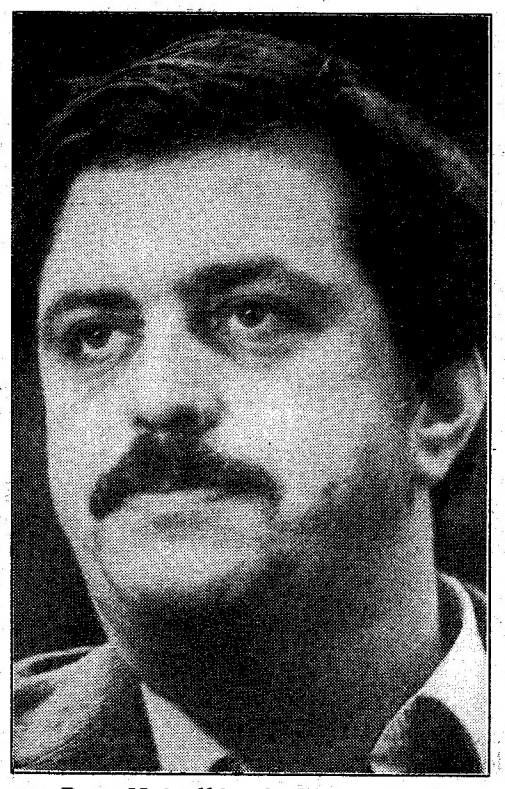
O esforço organizativo do PS prossegue. Carlos César, deputado à Assembleia da República, regressou aos Açores para se empenhar na preparação do próximo sufrágio e o gabinete de estudos reúne periodicamente.

No plano legislativo, os socialistas responderam positivamente à nova «era de diálogo» protagonizada por Mota Amaral. O presidente do Governo Regional, apostado em refazer a sua imagem perante o eleitorado, encetou uma operação de «charme» que atingiu não apenas a oposição partidária como os parceiros sociais e a Comunicação Social.

Os contactos tornaram-se mais frequentes e, nesta fase, não há secretário regional que não convoque uma conferência de Imprensa para «balanço da actividade».

Na Assembleia Regional, um dos temas mais importantes em discussão é a nova lei eleitoral. Depois da apresentação dos projectos das diversas bancadas, a comissão eventual alcançou um surpreendente consenso em torno de uma proposta distinta dos projectos do PSD e do PS. Logo depois as posições extremaram-se, porém os socialistas não consideram fechada a discussão. Antes de a nova proposta subir ao plenário, é natural que seja ainda alterada.

**P. M.**



Decq Mota, líder do PCP/Açores: «O PS fez alianças perigosas»

COMENTÁRIO

# Eternos são os deuses

Há dois anos a derrota esteve por um fio. Nas eleições regionais - o verdadeiro confronto entre partidos, sem estruturas nacionais intermédias nem biombos de coligações - Mota Amaral obteve maioria por um deputado. Nas autárquicas repetiu-se o cenário: sem deixar de ser o partido com maior número absoluto de votos o PSD/Açores perdeu câmaras, viu fugir-lhe candidatos para listas com outras cores, deixou de ter controlo até em terrenos seguros.

E, num e noutro acto eleitoral, o Partido Socialista veio ao de cima, afirmando-se oposição com uma força que ninguém esperava.

Mas quererá isto dizer que a alternância já é coisa adquirida? Será este o tempo de na região o poder ser dividido, legislatura a legislatura, entre dois partidos? Nem na euforia da vitória os socialistas ilhéus admitiram que assim fosse. Palmo a palmo conquistam terreno, mas guardam uma sábia calma que outros perderam.

Eles sabem que o poder não é eterno, sabem que Mota Amaral se debate nas contradições que criou e, desgastado, continua sem sucessor a assegurar - eleição atrás de eleição - a liderança de um partido que criou à sua imagem e semelhança. E, por isso saberem, esperam.

Para se poderem considerar oposição com todas as letras muita coisa têm a vencer. Antes de mais a abstenção, esse recorde açoriano que aumenta em cada acto eleitoral. E, em simultâneo, têm de defrontar a imagem que Mota Amaral construiu em doze anos de poder: a de um governante que é tratado pelos nomes de baptismo, que se passeia pelas ruas sem sombra de segurança, que faz campanha eleitoral de chapéu de palha e em mangas de camisa, como qualquer lavrador.

Talvez a imagem esteja desgastada entre os habitantes mais jovens, aqueles a quem faltam casas para alugar, os que não têm emprego compatível com a formação que possuem, a menos que optem pela máquina administrativa do Governo Regional, ou deixem as ilhas. Mas é, mesmo assim, uma imagem que se mantém como referencial para a maioria do eleitorado.

Para além disso interessa aos socialistas esperar até ver que novas formas terá a economia. Os fundos comunitários, os subsídios estatais aos chamados custos da insularidade e até as contrapartidas financeiras pela Base das Lajes não são saco sem fundo. Serviram para que a região desse um salto e em doze anos se contruissem aeroportos em todas as ilhas, estradas onde havia carreiros, um porto oceânico onde nada falta excepto navios. Só que, depois disso, pouco ficou para financiar a estrutura produtiva das ilhas e quase todos os bens de consumo continuam a ser importados.

Maria Guiomar Lima

É neste quadro que Mota Amaral vai movendo os peões do seu xadrez partidário. Afasta o responsável por uma pasta, nomeia outro e indeciso continua - também ele à espera de cair.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
**Joaquim Manso** (1921/1956)
**Norberto Lopes** (1956/1967)
**António Ruella Ramos** (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção: **Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador: **António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica: **Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa , Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas: **Ribeiro da Silva** (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores: **José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção: **José Agostinho** (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

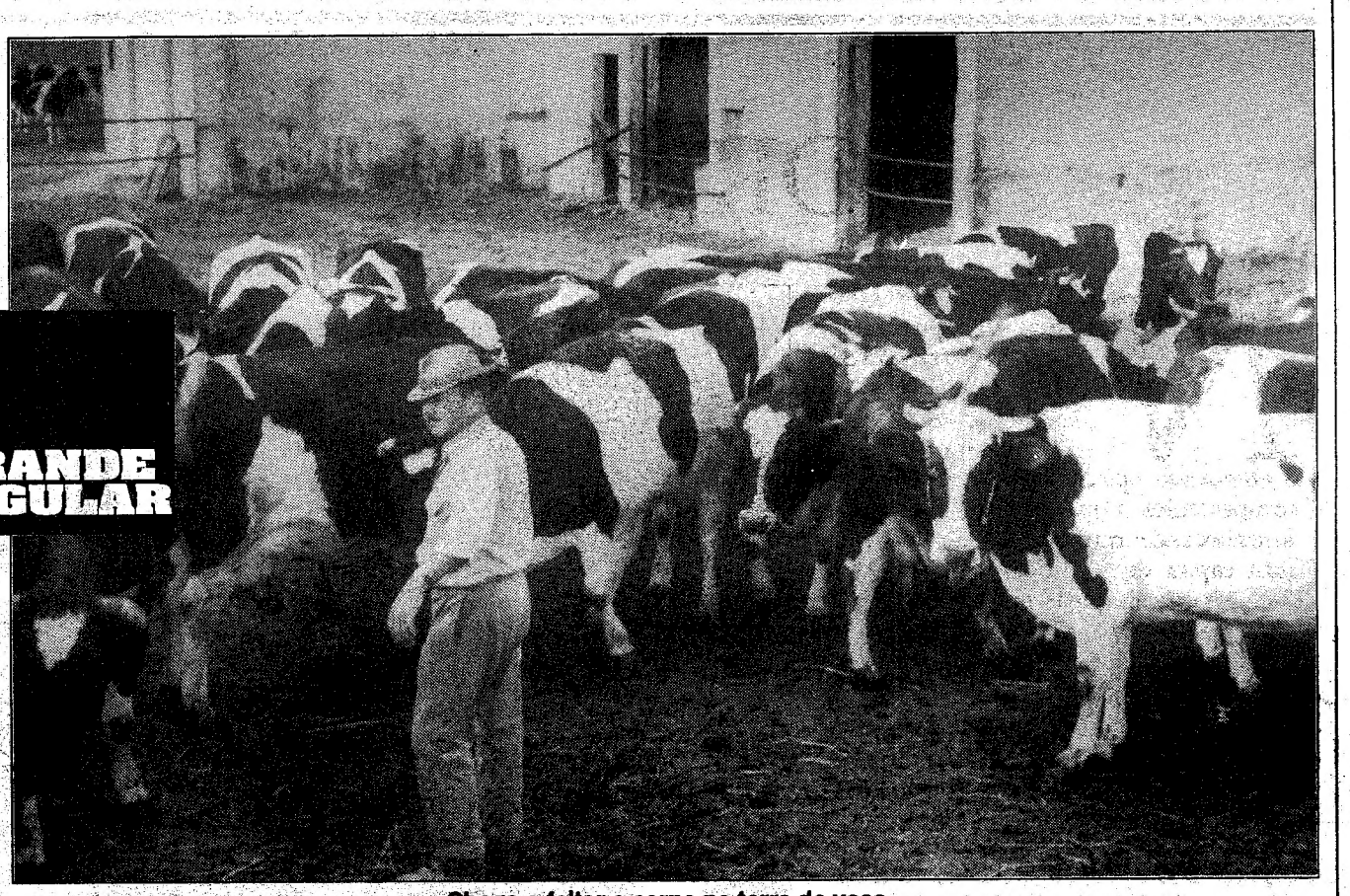
Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

# Uma economia de carne e leite

GRANDE ANGULAR



**Chega a faltar a carne na terra da vaca**

S. Miguel e Santa Maria não distam entre si mais de 70 quilómetros. Porém, o custo de uma viagem de ida e volta, aérea necessariamente que não há ligações marítimas regulares, ultrapassa os dez contos. Este um dos muitos dramas, quiçá o principal, de uma região em fase de «reanálise» da sua vocação - hesitante entre a sedução americana e o «negócio» comunitário.

É uma economia de carne e leite, a que contempla o visitante, mal desembarca num aeroporto, qualquer que seja. Mas, por paradoxal que seja, estes produtos são caros e chegam a faltar. Noutras épocas, os Açores produziram trigo. Hoje, esperam pacientemente que o mercado defina o seu papel nos circuitos comerciais. Com uma confrangedora ausência de projecto, porventura justificável pela situação de isolamento brindada pela natureza. Trata-se de um dilema que, não resolvido pelo poder autonómico social-democrata, se acentuou com a entrada de Portugal na CEE. Açores e Madeira conseguiram introduzir regulamentos de excepção no Tratado de Adesão. Porém, permanece a dúvida quanto às garantias comunitárias para o escoamento dos produtos que são já parte da sua cultura e antes tinham colocação assegurada no Continente. Mais a mais, tendo em conta que a Comunidade é excedentária em lacticínios.

A dependência externa é o mais marcante traço destas nove ilhas espalhadas pelo Atlântico. A dívida, de cerca de dez milhões de contos, não é comparável à da Madeira, é certo. Mas diversas fontes admitem que ainda este ano o Governo Regional tenha de contrair novo empréstimo. E a «solidariedade nacional», fundamento da autonomia, não pode ser uma espécie de «saco sem fundo», mesmo levando em linha de conta que o rendimento «per capita» da região atinge apenas 60 por cento do continental.

### Máquina administrativa ineficaz

Se, por si só, a dispersão do território constitui forte «handicap», a própria estrutura administrativa não parece ajudar muito. Em nome da descentralização - e para satisfazer os antigos distritos - o poder autonómico está distribuido por três ilhas. Mais: há secretarias regionais em Ponta Delgada, Angra e Horta.

Tal situação dá naturalmente origem a uma enorme desconexão entre departamentos, agravada por uma máquina administrativa sobredimensionada e nem sempre operante. A Região Autónoma tem quase 11 mil funcionários, descontando os que estão ligados a empresas públicas.

Esta imensa rede - que se presta a clientelismos - ajudou a consolidar o poder social-democrata nos Açores, a partir do momento em que o Governo se tornou um dos principais empregadores. Em 14 anos, o PSD consolidou, por outro lado, uma «sobrepresença nos circuitos económicos» - a acusação é do PS - de que hoje diz querer libertar-se. Diz, mas, provavelmente, tarda a concretizar a sua intenção, de acordo com queixas provenientes das suas próprias fileiras.

### Habitação: mercado não estica

O problema da habitação - lá como cá - constitui uma das principais preocupações. O líder comunista regional não tem a este respeito, papas na língua. «Este Governo nunca o quis resolver. Apresentou soluções dirigidas à classe média, esquecendo as desprovidas de recursos. Agora, surgem estes programas para S. Roque e Rabo de Peixe...»

Os programas a que Decq Mota alude são os que acabam de ser empreendidos. As mais dramáticas situações neste plano - inclusivamente de sobre-habitação - situam-se precisamente naquelas duas freguesias micaelenses, mas só agora o Governo Regional nomeou uma comissão para fazer o levantamento das carências habitacionais e propor medidas.

A reduzida elasticidade do mercado justifica grande parte das dificuldades. Não há casas disponíveis para arrendamento e construir casa própria, numa região em que até a areia é escassa, custa os olhos da cara. Por outro lado, grande parte dos que adquiriram casa recorrendo a empréstimo bancário estão em situação difícil. A Caixa Geral de Depósitos tem créditos malparados da ordem do milhão de contos.

Foi neste quadro que o Executivo regional esboçou há alguns anos medidas de apoio à auto-onstrução, através da atribuição de materiais necessários à edificação em toscos. Desta feita, dada a sua manifesta insuficiência, optou pelo apoio financeiro, tendo em conta a existência de muitas famílias praticamente insolventes.

Paralelamente, o Governo, segundo revelou ao «DL» o secretário regional da Habitação e Obras Públicas, continua a preparar solos para disponibilizar a preço simbólico.

**P.M.**

Entrevista com Martins Goulart na segunda-feira

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

# A SORTE INCERTA DO PSD

Na entrevista que concedeu ao semanário «Expresso» (edição de 3 de Fevereiro), o doutor Cavaco Silva, embora admitindo que o eleitorado «pode ter dificuldade em compreender o que estamos a fazer» e reconhecendo que o Governo não terá sido capaz de «explicar algumas das decisões difíceis que tivemos que tomar», reafirma a certeza: «E devo dizer que não receio o julgamento do eleitorado em 1991.»

A sua relação - dele, Aníbal Cavaco Silva - com o eleitorado, é directa e projecta-se na História. Ele afirma: «Não existe Governo na Europa que tenha ousado fazer tantas reformas em tão curto espaço de tempo. Se as fiz, fi-las com um grande sentido patriótico, consciente de que acima da minha popularidade, acima dos ganhos eleitorais do partido que apoia o Governo, está a possibilidade única de tornar Portugal num País moderno e desenvolvido. E para mim essa é a grande ambição, muito mais do que ganhar eleições...»

Mas foi a preocupação de «ganhar eleições» - as legislativas de 1991 - que esteve presente na Figueira da Foz e para ela se orientaram as orações e os silêncios dos cerca de 700 sociais-democratas, autarcas e representantes de estruturas locais, que concordaram em designar como adversário principal o Partido Socialista. Estranha decisão, no plano programático, esta de um «partido social-democrata» considerar seu adversário principal um «partido socialista democrático».

Cavaco Silva (ao «Expresso») afirmou: «Quero um PSD aberto a todos os que partilham dos valores essenciais da social-democracia». Mas, justamente, o Partido Socialista português tem-se mostrado «aberto» aos «valores essenciais da social-democracia». Como é possível um tão forte antagonismo? Será que às afinidades programáticas - «social-democracia»/«socialismo democrático» - se sobrepõe a questão do Poder com os seus mistérios, os seus abismos, os seus antagonismos conflituais?

No terreno dos princípios - «social-democracia» e/ou «socialismo democrático» - não se explica a luta do PSD contra o PS, a incompatibilidade das respectivas políticas, o facto do Partido Socialista se apresentar como alternativa (natural e necessária) ao Governo PSD, a não ser por uma circunstância que não podemos ignorar: o PSD não é um partido social-democrata apesar das declarações acidentalmente produzidas por um ou outro dos seus dirigentes. Mesmo um Cavaco Silva não se sente obrigado pela definição ideológica. O PSD flutua na indefinição política e ideológica. Divide-se entre a recordação dos objectivos progmamáticos dos seus fundadores e a corrente dos rectificadores liberais. Uma comissão revê o programa do PSD. Tarefa para Cavaco Silva supérflua. Ele afirmou (ao «Expresso»): «Digo é que, nesta fase, ainda é minha convicção profunda que o PSD está em melhores condições de dar uma resposta positiva aos desafios que temos à nossa frente. Porque o PSD é a força política mais coerente na sociedade portuguesa e com o projecto mais adequado aos tempos modernos. Não precisamos de fazer nenhuma mudança face à aceleração da História.»

**«O partido não tem que existir, tem que apoiar, que aplaudir e que votar. Esta é a imagem que ficou da reunião da Figueira da Foz. Será diferente o Congresso?»**

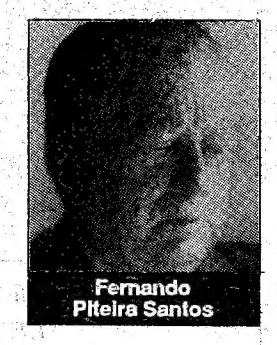
E, ao que parece, também lhe é estranha a intenção de actualizar o programa do PSD, tão carregado de valores socialistas. Para Cavaco Silva, segundo se deduz das suas palavras, não é urgente proceder a alterações ao projecto que saiu das mãos de Magalhães Mota, Pinto Balsemão e Francisco Sá Carneiro. Ele disse (ao «Expresso»): «Continuamos a defender hoje aquilo que propúnhamos para o País há muito tempo.»

Não constavam do articulado programático original - o dos fundadores do partido - as reformas, ditas estruturais, de que Cavaco Silva se vangloria. Com o actual líder o PSD, sem proceder a uma revisão política, deixando até hoje o *programa* em paz, e no esquecimento, adoptou uma orientação pragmática. Não nega o princípio da alternância no Poder, mas como considera que «o PS não merece a mínima credibilidade para a governação», Cavaco Silva entende que é necessário defender e continuar a sua obra governativa e anuncia: «Por isso vou lutar! Vou lutar com todas as minhas forças, porque sei bem o que custou a governação destes anos e não gostaria de ver desbaratado o capital que acumulámos.»

E com este espírito foi à Figueira da Foz recomendar aos quadros partidários que se não envolvam nas questões políticas nacionais e nos problemas da governação. Aos representantes locais e aos autarcas fez a recomendação de «não debaterem nas concelhias questões respeitantes à acção governativa». Impõe o entendimento de que a «acção governativa» é com o Governo, e a chefia directa e não partilhada do Governo - a sua constituição, a sua orientação, a sua vida, a eventual remodelação - é com o Primeiro-Ministro, só com o Primeiro-Ministro.

As intervenções e as interpelações dos membros do PSD que compareceram na Figueira da Foz, revelaram a disposição de se informarem e de discutirem.

Alguns dos participantes ter-se-ão mostrado preocupados e inquietos. Uma voz do Porto, onde a militância não está refeita da derrota do vice-presidente Carlos Brito, chegou a falar do «PSD estar doente». Mas Cavaco Silva dissociou os maus resultados eleitorais de aspectos negativos, da actividade governativa. Pelo contrário: os acertos e as audácias da governação, os seus resultados positivos, não tinham sido compreendidos e devidamente apreciados. E, na lógica deste tipo de raciocínio, renunciava a uma cantidatura presidencial em oposição à de Mário Soares, por saber que, continuando a governar excelentemente se arriscava a que o eleitorado, mal informado, mal esclarecido, propenso à ingratidão, o castigasse novamente nas urnas.



Fernando Pfeira Santos

Às bases pede-se apoio, mas pede-se, também, que concedam aos dirigentes nacionais liberdade de decisão. Convocam-se os autarcas e responsáveis locais, pretende-se relançar a actividade partidária, mas impõe-se um severo centralismo. A preocupação quanto à subida do Partido Socialista, a inquietação quanto aos resultados das eleições legislativas de 1991, a dúvida quanto ao relacionamento institucional no caso de um segundo mandato de Mário Soares, levam a apelar para a mobilização do partido. Não se pretende, todavia, que o partido tenha vida autónoma, actividade crítica, iniciativa própria. O partido fica reduzido a uma falange de apoio ao Governo.

A questão presidencial - cuja eleição precede nos termos legais a eleição legislativa - evidenciou a precariedade de uma estratégia; a recusa de alianças - após a negativa experiência da eleição autárquica de Lisboa -, representa o reconhecimento de um isolamento, em grande parte motivado pela rigidez e arrogância; a insistência de submeter ao julgamento do eleitorado, após o aviso das eleições europeias e a sentença condenatóoria das eleições autárquicas - são traços característicos de uma maneira de fazer política e de uma irrefreável vontade de poder.

Di-lo Cavaco Silva, preto no branco: «Entendo que o PSD deve apresentar-se sozinho nessas eleições, com listas próprias - até para ser julgado pela obra que fez - e deve lutar, sem margem para dúvidas, por uma maioria absoluta. Neste momento não concebo uma estratégia que não seja essa.» («Expresso», 3/2/1990).

A solidão política, a recusa de uma estratégia de alianças ou de atracção, a ambição de dirigir e de dominar, de realizar um programa que não tem merecido o apoio dos eleitores concretizado nos sucessivos resultados eleitorais e que tem dado lugar a contestações e movimentos de protesto dos mais diversos sectores, configuram que o PSD pode perder a maioria absoluta e até a maioria relativa. O ano de 1991 é crucial para o PSD: ano do Congresso, ano da eleição presidencial, ano das eleições legislativas.

Partindo de pressupostos que podem não ter confirmação como o desgaste do CDS, a «quase extinção» do PRD, a transferência de votos do PCP para o PS, a actual direcção do PSD vive obcecada pelo ataque ao Partido Socialista. E é para combater o Partido Socialista que se decidiu acordar os «sociais-democratas» do repouso a que se entregaram após o triunfo de 1987. Mas, despertos do sono e do sonho, a ordem de marcha não os leva longe.

O partido não tem que existir, tem que apoiar, que aplaudir e que votar.

Esta é a imagem que ficou da reunião da Figueira da Foz. Será diferente o Congresso?

# AS TEIAS DA LEI

A palavra de ordem, inédita, «A lei acima do partido» é a ideia que percorre as manifestações populares nas sociedades de Leste e chega até às ruas de Moscovo. O partido subordinado à lei do pluralismo é a resposta do Poder central soviético.

Ao propor a eliminação do célebre artigo 6.º da Constituição, que consagrava o monopólio do partido como vanguarda e único intérprete autorizado das sociedades da sua história, as autoridades soviéticas reconheceram o processo de autodissolução dos partidos comunistas iniciado nos países de Leste. O facto pode significar que, doravante, estas sociedades deverão encarar o seu desenvolvimento como quaisquer outras, ou seja, sociedades com clivagem de interesses, com legítimas diferenças sociais e étnicas, com liberdade de pensamento, de crítica e de organização. Deixaram de ser sociedades de socialismo real para serem apenas sociedades reais. A ficção desaparece com o predomínio da lei.

Que o modelo das sociedades comunistas, surgidas da teoria marxista-leninista, não se adequa à satisfação das necessidades e dos direitos, era uma evidência. Hoje, porém, perante a desintegração das suas instituições e a derrocada material dos seus símbolos - até o nome dos países muda - a evidência tornou-se uma realidade fisicamente visível.

Interessa agora ver qual poderá ser a importância deste facto para a reflexão política na nossa sociedade. Será como o pensa o recém-criado grupo de reflexão político INES, que este fenómeno exige o repensar da teoria da prática do comunismo internacional, lembrando as análises iniciadas pelos eurocomunistas? Ou será que é preciso, numa óptica mais radical, voltar às origens históricas e teóricas do próprio ideal comunista? Ou será ainda que é necessário abandonar todo o pensamento crítico sobre as desigualdades nas sociedades democráticas e encontrar sentido apenas no simples facto da sua existência?

Pensamos que há ainda outra hipótese a considerar. É o que tentaremos discutir.

As regras de funcionamento democrático das sociedades não são apenas incompatíveis com a prática do comunismo, como também o são com a lógica da teoria marxista-leninista.

Em democracia, o poder de interpretar e dirigir as sociedades está sujeito à prova da representação maioritária das vontades individualmente expressas. Essa prova é regida por mecanismos que estão acima das opiniões dos indivíduos. A orientação colectiva das sociedades resulta da capacidade, consagrada na lei, que cada indivíduo tem de se pronunciar na formação e concretização dessa orientação. Os mecanismos do regime democrático, a formação da opinião, a direcção do Estado e a alternância no Poder são a consequência do pensamento filosófico que atribui a cada indivíduo o direito à sua razão.

Ora, uma filosofia que, ao contrário da anterior, confere direito de razão, de verdade e de direcção política a um grupo, partido ou classe, nega, naturalmente, qualquer direito aos outros grupos. Isto é um corolário da lógica da teoria marxista. Com efeito, se a emancipação da sociedade coincide com a acção da classe explorada e se essa acção surge quando a vanguarda da classe, o partido da classe explorada, exprime na prática do devir dessa sociedade, esse partido será, portanto, o único intérprete autorizado dos direitos. É o *partido acima da lei*. Neste caso, as normas políticas do marxismo-leninismo - o centralismo democrático, a vanguarda política, etc. - são técnicas monopolísticas do controlo do Poder, baseada na teoria do sujeito colectivo possuidor da verdade científica. A detenção dessa verdade dispensa a prova dos factos assentes na expressão quantitativa das vontades individuais.

Assim, o partido construído nessa base só poderá reformar-se, quer pela sua radical transformação e descaracterização, como no caso italiano, quer pela sua autodissolução, como no caso dos países do Leste europeu.

## A raiz individual da crítica social

O predomínio da lei não só é incompatível com a supremacia consagrada de um partido, como é igualmente inconciliável com uma verdade científica - ou religiosa - ou com uma utopia modeladora dos indivíduos. Assim, uma outra lição que podemos tirar dos acontecimentos nessas sociedades é a seguinte: a autodissolução das instituições comunistas, e o reconhecimento da perversidade histórica do seu modelo e dos seus dirigentes põem fim à tentativa de criar administrativamente uma utopia social e de produzir uma sociedade segundo os modelos de uma teoria previamente definida.

O esboroar das instituições comunistas, construídas com base numa teoria crítica inicialmente das sociedades industriais e, posteriormente, das sociedades democráticas, anula a pretensão de se constituírem num espaço de referência alternativo às sociedades democráticas. A derrocada da utopia, como lhe chamou Eduardo Lourenço, indica, na nossa opinião, que a crítica social às sociedades democráticas não pode recorrer a modelos exteriores ao próprio regime democrático.

Quer isto dizer que não há uma reserva exterior de modelos críticos, um oásis de valores, uma terra de felicidade que seja alternativa às sociedades democráticas. A miragem esfumou-se e as sociedades democráticas vêem reforçados os seus pressupostos. Isto porque é no regime democrático que os indivíduos podem exprimir as suas razões e defender as suas liberdades, e é através desses mecanismos que podem transformar as suas vidas e a das sociedades. Trata-se, no fundo, da naturalização da utopia.

Todavia, o desaparecimento de alternativas exteriores à sua própria lógica obriga as nossas sociedades a uma maior concentração de esforços, teóricos e práticos, para o melhoramento constante das condições sociais da autonomia individual.

Não havendo, portanto, exterioridade ao sistema democrático nas sociedades onde os direitos individuais estão acima de qualquer partido, é no seu interior, e através da razão individual, que a crítica social encontra a matriz teórica capaz de responder às promessas de maior justiça social e dignidade humana.

Juan Mozzicafreddo

## TELEGRAMAS

# O lado de que se olha

Curiosa a opinião que sobre a posição dos Açores no mundo exprimiu o presidente do seu Governo Regional. Os Açores seriam uma via fácil e natural de acesso... à Europa. Obviamente em geografia das comunicações tudo é relativo. Tudo, neste caso, depende do ponto de vista implícito, do lado de que se olha. Também por isso se torna insuficiente a fórmula gaulliana: *«a Europa do Atlântico aos Urais»*. Deveríamos ser mais precisos e dizer: *«a Europa da ilha das Flores aos Urais»*.

**Sottomayor Cardia**

## CARTAS NA MESA

# Os renovadores do PRD

Como é sabido, decorreu no passado dia 13 de Janeiro num hotel de Lisboa, o nosso (P.R.D.) Conselho Nacional. Foi o Conselho mais participativo e frontal, em que alguma vez tive oportunidade de participar.

Duma forma serena mas frontal, todos os meus companheiros tiveram oportunidade de defender as suas teses, que se podem resumir a duas: extinção ou renovação. Se decidi tornar pública a minha posição, é porque considero que o que está em jogo, é mais do que a simples solução de acabar ou renovar um partido. Para mim, o que está em jogo é a alternativa que se pode pôr à bipolarização (ou bipartidarização) existente. A alternância governativa entre o PS e o PSD, sem qualquer outra situação alternativa, não me parece que seja a melhor solução para Portugal, para os portugueses e para a própria democracia. Defendo as alternativas e não a alternância governativa hoje existente.

Por tudo isto, sou dos que defende a renovação do PRD. É para mim inadmissível, que se ponha em causa a existência do PRD, sem que para isso, o partido se sujeite ao acto eleitoral das Legislativas de 91. Não me parece correcto, que se ponha em causa a existência de um partido, pelo facto do seu presidente não conseguir ser eleito para a Câmara de Lisboa. Se falo assim, é porque fui dos três elementos que discordaram da estratégia nacional, aprovada em Conselho Nacional, que indicava Hermínio Martinho para liderar a lista do PRD à Câmara de Lisboa.

Aceito (?) e compreendo, que Hermínio Martinho não sinta vontade e condições, para continuar a liderar o partido, após a próxima Convenção Nacional. Mas será que é tudo assim tão simples? Então, qual será a motivação dos autarcas do PRD agora eleitos, em defender o projecto do PRD, quando o seu próprio presidente, já não se sente com vontade de o fazer? Desde a primeira hora, que tenho apoiado o actual presidente do PRD. Não vou agora, depois da sua não eleição para a Câmara de Lisboa (onde houve mais derrotados e culpados), deixar de o fazer. Qualquer que seja a decisão que Hermínio Martinho venha a tomar, continuo solidário com ele. Espero que, se por acaso ele optar por um certo afastamento, as vozes que sempre o apoiaram, não se voltem depois contra ele. É que se houve alguém que sempre se empenhou arduamente na defesa do PRD, esse alguém, entre outros, foi Hermínio Martinho.

Também eu, já defendo há muito tempo a renovação da direcção nacional do PRD. Mas, uma coisa é fazer uma renovação, outra, é uma sangria. O PRD já teve sangrias a mais. Para bem de Portugal e dos portugueses, os actuais dirigentes têm que encontrar uma solução equilibrada de renovação. É que ainda ninguém me conseguiu provar, que a descida que o PRD teve em eleições legislativas de 18 para 5 por cento, fez com que os portugueses passassem a viver melhor. E também me é difícil acreditar que, com o fim do PRD, todos os problemas dos portugueses fiquem resolvidos. Se ficassem, eu era dos primeiros a defender a extinção do PRD:

O PRD nasceu, entre outros factores, para mostrar uma nova forma de governação e comportamento político. Quanto ao comportamento político, ele pode ser julgado através da actividade já executada pelos nossos deputados.

(...) Acredito que estamos a passar por um teste difícil. Mas não nos podemos precipitar e decidir aquilo que compete aos portugueses, em 91. Sendo o PRD, um partido com pouca implantação autárquica, não pode ser posto em causa, pelos resultados eleitorais autárquicos. Embora negativos, não deixam de ser autárquicos. E, referir-se ainda, que o resultado eleitoral agora obtido a nível nacional, se fosse em eleições legislativas, podíamos manter o mesmo número de deputados (7).

A terminar, quero deixar aqui a minha solidariedade aos meus companheiros Hermínio Martinho e Marques Júnior por quem, acho, passa o futuro do próprio partido. Se desaparecermos da cena política, outro virá ocupar o nosso próprio espaço. Espaço esse, que não foi nem irá ser ocupado pelos partidos actualmente existentes. Se o PRD viesse a extinguir-se, antes do teste que considero próprio e decisivo (Legislativas/91), acredito que a grande maioria dos nossos militantes e simpatizantes, iriam engrossar o já grande movimento de abstencionistas.

**José Soares**
*presidente da Comissão Directiva Distrital do PRD/Coimbra*

S. R.

**MINISTÉRIO DAS FINANÇAS**

**GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO DOS ASSUNTOS FISCAIS**

# GREVE DAS ALFÂNDEGAS

## COMUNICADO DA SECRETARIA DE ESTADO DOS ASSUNTOS FISCAIS

1. A estrutura das remunerações das Alfândegas assentava no ordenado base, comum à função pública, mais 45% da base, a título de emolumentos e ainda um valor definido por índices de frequência, através do qual é feita, dentro da instituição aduaneira, uma redistribuição das verbas cobradas aos agentes económicos – subsídio de deslocação – por serviços prestados a requerimento de partes.

2. O subsídio de deslocação não é verdadeiramente institucional uma vez que, no rigor dos princípios, é o produto de serviços prestados que poderiam ser percebidos directamente pelos agentes alfandegários que prestam o serviço. Anteriormente a 1965 a redistribuição era feita informalmente e a partir daquele ano foi criado o cofre de subsídios de deslocação que ainda se mantém.

O elevado nível de remunerações dos funcionários aduaneiros, face aos restantes funcionários públicos, tem, assim, a lógica da contrapartida de serviços fora das horas normais de expediente.

3. O conflito desencadeado pelos funcionários aduaneiros – que dizem não reivindicar mais ordenado – tem a ver com a sua pretensão em garantir integralmente este subsídio de deslocação, precisamente porque o consideram precário, através do Orçamento do Estado.

4. Tal reivindicação não pode ser aceite porque distorce toda a lógica do Novo Sistema Remuneratório da Função Pública (NSR). O nível remuneratório pretendido pelos funcionários aduaneiros, se estendido a todos os funcionários públicos elevaria as despesas com o pessoal a quase um bilião e quatrocentos milhões de contos, ou seja, o equivalente a cerca de 80% das receitas fiscais totais de 1990.

O quadro põe em evidência a quanto ascenderiam os proventos dos funcionários aduaneiros – onde só na carreira técnica superior aduaneira se exige licenciatura – se todas as suas componentes, vencimento base, emolumentos e subsídios de deslocação fossem, no seu conjunto, suportados pelo Orçamento Geral do Estado – Tal pretensão é claramente incomportável face às remunerações dos restantes funcionários públicos e mesmo perante a generalidade das remunerações da actividade privada, cuja média anual é significativamente inferior a mil contos ano.

5. Argumentam os funcionários aduaneiros, para legitimar a garantia pelo Orçamento Geral do Estado dos subsídios, com o facto de, a outras classes de funcionários públicos, ter sido permitida a integração no vencimento de todas as remunerações acessórias. A natureza institucional dessas remunerações acessórias legitima que assim fosse feito. Convém, no entanto, reter que mesmo assim e num grande esforço de boa vontade por parte do Governo, foi possível assgurar uma remuneração aos funcionários aduaneiros no limite do comportável pelas grelhas salariais, a que acresce o chamado subsídio de deslocação, dada a sua natureza específica que não tem paralelo noutra área da função pública.

| CATEGORIA | VENCIMENTOS + SUBSÍDIOS DE DESLOCAÇÃO | | | |
|---|---|---|---|---|
| | MENSAL | | ANUAL | |
| | MÍNIMO | MÁXIMO | MÍNIMO | MÁXIMO |
| **PESSOAL DIRIGENTE** | | | | |
| Director-Geral | 486 200$ | 515 800$ | 6 806 800$ | 7 221 200$ |
| Subdirector-Geral | 439 800$ | 470 800$ | 6 157 200$ | 6 591 200$ |
| Director de Serviços | 426 800$ | 454 000$ | 5 975 200$ | 6 356 000$ |
| Chefe de Divisão | 393 600$ | 427 600$ | 5 510 400$ | 5 986 400$ |
| **CARREIRA TÉCNICA SUPERIOR ADUANEIRA** | | | | |
| Reverificador Assessor Principal | 411 000$ | 443 300$ | 5 758 200$ | 6 206 200$ |
| Reverificador Ass./Insp. Principal | 388 300$ | 421 400$ | 5 436 200$ | 5 899 600$ |
| Reverificador/Inspector | 366 700$ | 398 300$ | 5 133 800$ | 5 576 200$ |
| 1.º Verificador Superior | 322 100$ | 348 800$ | 4 509 400$ | 4 883 200$ |
| 2.º Verificador Superior * | 300 100$ | 326 800$ | 4 201 400$ | 4 575 200$ |
| **CARREIRA DE TÉCNICOS VERIFICADORES** | | | | |
| Técnico Verificador Esp. Principal | 332 600$ | 364 200$ | 4 656 400$ | 5 098 800$ |
| Técnico Verificador Especialista | 305 300$ | 332 000$ | 4 274 200$ | 4 648 000$ |
| Técnico Verificador Principal | 283 300$ | 310 000$ | 3 966 200$ | 4 340 000$ |
| Técnico Verificador de 1.ª Classe | 262 900$ | 293 800$ | 3 680 600$ | 4 113 200$ |
| Técnico Verificador de 2.ª Classe | 242 700$ | 271 600$ | 3 397 800$ | 3 802 400$ |
| **CARREIRA DE SECRETÁRIO ADUANEIRO** | | | | |
| Secretário Aduaneiro Especialista 1.ª | 196 200$ | 227 800$ | 2 746 800$ | 3 189 200$ |
| Secretário Aduaneiro Especialista | 183 900$ | 212 800$ | 2 574 600$ | 2 979 200$ |
| Secretário Aduaneiro Principal | 179 400$ | 204 000$ | 2 511 600$ | 2 856 000$ |
| Secretário Aduaneiro de 1.ª | 161 700$ | 189 800$ | 2 263 800$ | 2 657 200$ |
| Secretário Aduaneiro de 2.ª | 150 700$ | 177 100$ | 2 107 000$ | 2 479 400$ |
| **CARREIRA DE TÉCNICO AUX. VERIFICAÇÃO** | | | | |
| Técnico Auxiliar Especialista | 190 600$ | 215 600$ | 2 668 400$ | 3 018 400$ |
| Técnico Auxiliar Principal | 172 900$ | 201 000$ | 2 420 600$ | 2 814 000$ |
| Técnico Auxiliar de 1.ª | 161 700$ | 188 300$ | 2 263 800$ | 2 636 200$ |
| Técnico Auxiliar de 2.ª | 150 500$ | 179 000$ | 2 107 000$ | 2 506 000$ |

*Início de carreira

Este esforço traduziu-se nas propostas de integração de 35% do subsídio de deslocação e do reforço do cofre de subsídios, com verbas do Orçamento do Estado, até ao limite de 25% dos subsídios pagos.

6. As exigências da Comissão Negociadora não se contêm num quadro negocial, mas sim de posição unilateral. Na verdade, não obstante o acordo alcançado em 26 de Junho de 1989, o Governo, num claro sentido de boa fé negocial, foi cedendo até ao limite do tolerável, para evitar as sequelas que uma greve das Alfândegas produz no aparelho produtivo do País. Não sendo admissível a imposição dos trabalhadores aduaneiros, porque fere o equilíbrio e a transparência do sistema remuneratório que, com tanto esforço se tem vindo a procurar estabelecer na função pública, o Governo lamenta o incómodo que esta greve provoca aos agentes económicos, assim como os gravíssimos prejuízos que causa à economia do País. Por isso, não deixará de tomar as providências que a evolução desta forma extrema de luta dos trabalhadores das Alfândegas vier a determinar.

# POLÍTICA

*A latinidade, a cultura ibérica e o humanismo europeu vão moldar o discurso que o Presidente da República profere esta tarde na cerimónia do seu doutoramento «honoris causa»*

# Soares faz em Turim o elogio da latinidade

As primeira palavras do Presidente da República serão para exprimir «o grande privilégio» de ali se encontrar na companhia de um «ilustre compatriota», José Saramago, «grande escritor que vem afirmando-se, nos meios literários internacionais, como um dos autores mais considerados, lidos, traduzidos e estudados, e cuja obra é representativa da vitalidade, riqueza e singularidades da literatura portuguesa contemporânea».

Saudará, também, o seu «querido amigo» Jorge Semprun, ministro da Cultura de Espanha, «grande figura de escritor e de resistente ao totalitarismo, comprometido com as grandes causas onde se joga o destino dos homens».

Para além daqueles «dois amigos», também assinalará a presença do «grande poeta e ensaísta» Carlos Bousoño, a quem se deve um reflexão profunda sobre a criação poética.

Soares destacará o facto desta cerimónia, na qual são distinguidos espanhóis e portugueses, ocorrer em associação com a homenagem que a Universidade de Turim decidiu prestar ao grande poeta António Machado, no âmbito das celebrações do Ano Machadino. O Presidente português considera António Machado um poeta que soube combinar os ritmos mais genuínos e mágicos da tradição oral e popular com os caminhos da modernidade, reconhecendo-o como um símbolo da universalidade da literatura de língua espanhola, que exerceu grande influência sobre os poetas portugueses.

Mário Soares aproveitará a ocasião para se referir aos laços que ligam os dois países ibéricos a Itália, firmados numa história com raízes comuns, que se traduzem profundamente na formação das nossas línguas e das nossas culturas e que hoje se consubstanciam no mundo da latinidade.

**Viagem cultural**

A cultura domina o programa da visita particular de quatro dias que o Presidente Mário Soares está a efectuar a Itália, e que teve como motivo principal o seu doutoramento «honoris causa» pela Universidade de Turim.

O Presidente português chegou ontem, ao fim da tarde àquela cidade italiana, onde recebeu cumprimentos do prefeito e outras autoridades locais.

Esta manhã, Soares visitou a cidade de Turim, com passagem pelo Museu Egípcio e Galeria, ambos no Palácio da Academia de Ciências, e a Fundação Einaudi, no Palácio D'Azeglio, nos arredores da cidade.

Do programa de amanhã, destaca-se um encontro com o Conselho Regional de Piemonte, visitas a Génova e Portofino e, ao fim da tarde, um concerto de música portuguesa de Lopes Graça.

À noite, Mário Soares participa num jantar oferecido pelo comité organizador do Convénio sobre António Machado.

No domingo, assiste à cerimónia de abertura daquele Convénio, que terá intervenções de Alfonso Guerra e Jorge Semprun, respectivamente vice-primeiro-ministro e ministro da Cultura do governo espanhol.

Na segunda-feira, fará uma visita à Ordem Soberana e Militar de Malta, regressando no dia seguinte a Lisboa, depois de um encontro com o presidente Cossiga.

# De parabéns e em viagem

Foi há quatro anos. Perante uma multidão em festa, que aguardara a pé firme na Praça do Saldanha, animada pelos altifalantes que incitavam «ninguém dorme !», debaixo de chuva, Mário Soares reiterou que seria o Presidente de todos os portugueses e que a maioria presidencial se esgotara no acto da eleição. Um novo autocolante era disputado. Dizia assim: «Soares ganhou porque é fixe !»

Apoiantes de Mário Soares desde a primeira volta brindavam e desejavam que aquela fosse a última eleição presidencial crispada e bipolarizadora, com a segunda volta a ressuscitar fantasmas do passado que se queria morto e sepultado bem fundo. Nesse aspecto, a prece foi ouvida por quem de direito. Quatro anos depois da vitória do «povo de esquerda», o actual Presidente da República anda, diz-se, como Diógenes, com uma candeia acesa à luz do dia, à procura de um adversário na eventual recandidatura.

Não para a divisão por dois de um eleitorado incompreensível, nos termos do editorial de «Le Monde» quanto às eleições portuguesas, ao comentar os resultados de 16 de Fevereiro de 1986.

A função presidencial tinha passado a ser outra. E, à semelhança do que se passava em França (sempre a França...), também por cá se falou de monarquia presidencial.

**Ser fixe**

O assunto pouco tinha a ver com o poder moderador, do tempo da monarquia constitucional, um caso único nos sistemas políticos que ainda não tinham congeminado a Imprensa como «quarto poder». Mas a própria proveniência política de Adelino Vaz, o jovem centrista criador da palavra de ordem «Soares é fixe», prenunciava a abrangência do primeiro mandato de Mário Soares.

De então até hoje, nem sempre a presidência foi fixe.

Não mataram, mas moeram o prestígio de Soares, quer a forte surpresa da moção de censura apresentada pelo PRD, porque durante a campanha eleitoral tinha prometido a capacidade de detectar crises políticas à distância e aquela o apanhou calçado para uma deslocação de Estado ao estrangeiro, quer as sucessivas «broncas» de Macau, assuntos da sua exclusiva competência.

Quando Vítor Constâncio bateu com a porta, a Presidência não tremeu, mas rangeu.

Ser fixe foi complicado, com um Congresso do PSD a propor uma comissão parlamentar de inquérito e outras iniciativas, de outras bandas, a tentarem minar uma popularidade crescente, com todas as sondagens a provarem que a popularidade do Presidente era recordista, mesmo nos tempos menos propícios.

**Ser Presidente**

As presidências abertas, com o contacto mais directo com as populações, os responsáveis locais e os problemas, foram uma inovação de tomo, durante estes anos.

Compreende-se agora que Mário Soares não queira ser plebiscitado, coisa que repugna ao orgulho do detentor da ficha nº 17 435 da polícia política do antigamente. O populismo está, de resto, nos antípodas do pensamento político do actual Chefe de Estado.

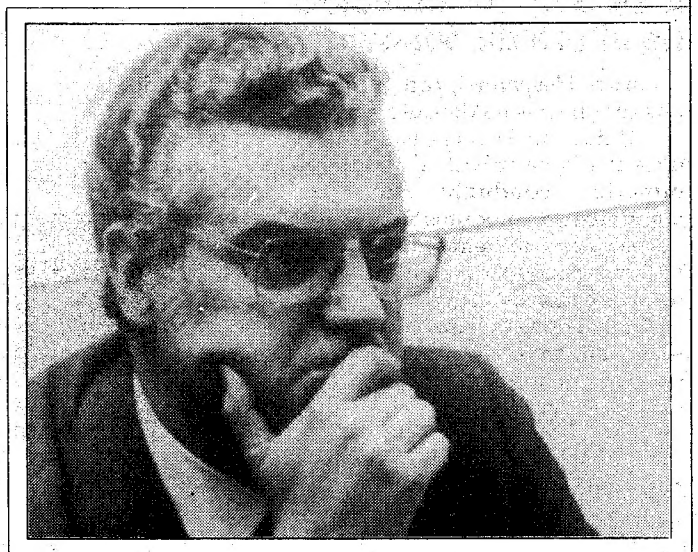
Ser popular está-lhe no coração.

Poucos meses antes da sua eleição, era popular pela negativa. Mesmo nos mercados públicos, onde o magnetismo pessoal conquistava simpatias, a corrente tinha invertido o sentido, o PS perdia por causa da política dele, dos estilhaços do Bloco Central saía a recusa do apoio por parte de um PSD liderado por Cavaco Silva em nome do apoio a Freitas do Amaral. Malquerido à direita e à esquerda, partiu para mais uma batalha, com oito por cento das preferências e um horizonte cheio de reticências.

E chegou a Belém para receber queixas de médicos, raivas de militares, boas notas de professores e assumir, enfim, a «reconciliação da família portuguesa» de que não se ouvia falar, praticamente, desde a candidatura presidencial falhada de Quintão Meireles.

Faz hoje quatro anos, foi eleito Presidente da República e, ao contrário do que diz a anedota («enquanto Deus está em todo o lado, Mário Soares já esteve»), sabemos que hoje está, de parabéns e em Turim.

**João Isidro**



# Freitas recusa executar estratégias alheias

Freitas do Amaral não afastou ontem a hipótese do CDS estabelecer uma aliança com o PSD ou com o PS depois das eleições legislativas. Ao apresentar a moção de que é primeiro subscritor e que os delegados centristas discutirão no congresso, estabeleceu algumas regras do jogo. Afirmou, nomeadamente, que o CDS não participará em nenhum Governo que inclua representantes do PCP e não apoiará nem viabilizará, salvo «circunstâncias excepcionais«, nenhum governo minoritário de outro partido.

O CDS- disse - concorrerá em listas próprias à Assembleia da República e só aceitará uma coligação que tenha por base um acordo de governo. A moção de Freitas do Amaral refere que o CDS não pode excluir a hipótese de - por motivos de alto interesse nacional - ter de vir a participar num Governo de coligação. Mas, nesse caso, «impondo a marca da sua doutrina, do equilíbrio e do bom senso, no entendimento programático com outros partidos democráticos».

Freitas põe condições para continuar a presidir aos destinos do partido, a mais importante das quais é não ser executor de estratégias alheias. «Só continuarei se a minha for aprovada», disse. De outro modo, «regressarei à condição de militante de base», realça numa declaração pessoal sobre o congresso.

**«Maioria clara e inequívoca»**

Adverte ainda que não dirigirá «um partido dividido ao meio ou uma liderança contestada», o que significa que só será candidato a novo mandato se a sua estratégia «obtiver uma maioria clara, expressiva e inequívoca». Concretizou nestes termos: «claramente acima dos 50 por cento».

O líder foi ainda confrontado com o papel que o CDS assumirá sobre as presidenciais, em particular quanto aos apoios que se desenham à volta de Soares. Acusou o PSD de tentar evitar «uma terceira derrota» eleitoral e adiantou que delegará no Conselho Nacional do CDS competência para decidir oportunamente sobre a questão. Não fechou as portas a uma eventual candidatura própria, alegando que «a seu tempo se verá». Aos militantes centristas fica a opção entre a consciência da liberdade de voto, o apoio formal a uma candidatura que possa merecer a confiança do partido ou a promoção de um candidato próprio da área democrata-cristã. Ou seja, Freitas do Amaral deixou em aberto a possibilidade de os centristas poderem disputar também a «corrida» a Belém ou apoiar um candidato que compita com Mário Soares.

**Crise do CDS está vencida**

«A democracia-cristã afirma-se pelo centro, sendo irrelevante a classificação ideológica de esquerda ou direita», sublinhou Freitas do Amaral em resposta a uma das muitas questões que lhe foram formuladas. Uma delas acerca de crise na «família democrata-cristã. Freitas do Amaral negou que haja crise no seu partido, neste momento.

A atestá-lo, na sua óptica, está o facto de nos actos eleitorais que se seguiram aos quatro por cento de 1987, o CDS ter subido para 14 por cento nas eleições para o Parlamento Europeu e nove por cento nas autárquicas de 17 de Dezembro.

«A crise do CDS foi vencida», salientou, ladeado por Basílio Horta e Luís Beiroco, que foram consultados sobre a moção que ontem apresentou aos jornalistas num hotel de Lisboa. Lucas Pires e Adriano Moreira não foram ouvidos a esse respeito, mas Freitas admitiu vir a contactá-los antes do congresso.

## BOCA DE CENA

### E se o rio for invadido na altura da desova?

Lurdes Hespanhol, com a intervenção de fundo dos comunistas no debate sobre o Ambiente:

«Há dias, no Alentejo, nas minas de Neves Corvo, uma avaria na válvula de segurança da lavaria de minério conduziu ao lançamento de produtos tóxicos na ribeira de Oeiras, onde há uma quantidade enorme de peixes mortos. Esta ribeira é afluente do Guadiana: qual será a dimensão do desastre se este rio for invadido na altura da desova de muitas espécies?».

### Para bater palmas já cá tinhamos o Macário

Narana Coissoró, no debate de ontem, hesitando entre o respeito devido ao professor Fernando Real e a irreprimível vontade de ridicularizar um dos ministros mais recentes de Cavaco Silva:

«Sendo o senhor professor um grande gestor universitário em Trás-os-Montes, o que é que veio cá fazer a Lisboa? Para bater palmas às 300 e tal medidas e despachos do Governo já cá tinhamos o secretário Macário!».

### Teresa Patrício e a Av. da República

Teresa Patrício Gouveia fez ontem a sua estreia formal na Assembleia da República com um discurso centrado na conservação do património. Lisboa foi o tema dominante na intervenção da ex-secretária de Estado da Cultura:

«Cada vez é menos defensável a conservação de edifícios considerados fora do seu enquadramentro. Pense-se, por exemplo, na Av. da República, onde dois ou três edifícios conservados pouco ou mais representam do que a medida da despromoção urbana que aquela via sofreu».

### Percebo muito bem onde quer chegar

Carlos Coelho, da bancada da maioria, no bate-boca com José Sócrates, do partido interpelante:

«Disse que somos ambientalistas em Bruxelas e agnósticos em Lisboa. Percebo muito bem onde quer chegar, mas tem que o provar. A diferença entre nós, é uma questão de mentalidades e princípios: é entre a mentalidade estatizante do PS e a postura civilista e liberalizante do PSD».

### Pimenta era bom mas gastou-se

José Sócrates, porta-voz parlamentar socialista para o Ambiente, em resposta a Carlos Coelho que lhe dirigira umas perguntinhas sobre a matéria:

«Gostaria de lhe dirigir os mesmos mimos que me dedicou, mas não pode ser: a sua intervenção está cheia de manchas de poluição. O povo diz que uma andorinha não faz a Primavera e a andorinha do PSD, Carlos Pimenta, já fez a sua Primavera. Era bom, mas gastou-se».

### A solução é cortar o mal pela raíz

Herculano Pombo só dispunha de um minuto de tempo de intervenção e um deputado do PSD, depois de o apelidar de hipercrítico, perguntou-lhe qual era a política dos Verdes sobre o Ambiente.

Voo rápido de Pombo, na resposta: «Por que não tenho mais tempo do que o bastante para enunciar o primeiro princípio da nossa política de Ambiente, tome nota, que ele aí vai: é cortar o mal pela raíz. Fá-lo-emos nas próximas eleições».

*O novíssimo ministro do Ambiente fez, ontem, uma desastrada estreia no Parlamento. Não fosse Fernando Real um respeitável ancião e um prestigiado professor universitário e, com ele, o Governo e a sua nova política teriam sido ridicularizados*

# As tristes figuras do senhor reitor

*«Hoje vamos caçar fantasmas»*, anunciou o deputado Herculano Pombo, ao oferecer o contributo dos Verdes ao debate sobre o Ambiente, travado ontem na Assembleia da República e a que o Governo enviou o novo ministro Fernando Real e o já veterano secretário de Estado e ambientalista, Macário Correia.

O debate fora provocado e agendado pelo Partido Socialista *«com o objectivo de transformar o Ambiente, como deve, numa questão política essencial»*, a fazer fé em José Sócrates, o deputado já definitivamente encartado como porta-voz socialista nestas questões.

O decorrer da tarde confirmaria as promessas do *verde* Pombo: foi um nobre e bem sucedido exercício de caça ao fantasma.

Feitas as contas, à noitinha, só ficou por saber se o fantasma era a não-política governamental de Ambiente, se o próprio ministro recentemente entronizado, por cima e às custas da perda do prestígio de Macário Correia. Ou as duas coisas.

Tentemos as duas hipóteses de identificação desse tal fantasma, ontem caçado na coutada parlamentar.

#### Primeira hipótese: uma política-fantasma

Mesmo despojado da lupa analítica, um mediano observador, posto perante a primeira hipótese de identificação do fantasma, não poderia deixar de exclamar, ao fim da sessão de ontem: ao que sujeitaram um homem honrado, chamado Fernando Real e tido por excelente Reitor da universidade ascendente de Trás-os-Montes! A que vazios políticos o atraíram, ele que até vivia e trabalhava bem, em terra de bons ares e boa gente, e agora se vê sujeito às múltiplas poluições citadinas!

Real já provocara uma certa estranheza quando o primeiro-ministro o convocou para a recauchutagem da equipa governamental. Não porque não fosse conhecido do meio: Fernando Real até já fora secretário de Estado. Não porque se duvidasse do seu saber, do seu bom senso e honestidade e da sua experiência: Fernando Real é até professor universitário e reitor, quiçá em vias de jubilação. Mas para o Ambiente? E para ministro, numa pasta onde os antecessores, Carlos Pimenta e Macário Correia, embora simples secretários de Estado, chegaram a fazer figura de estrelas da companhia?

Se a nomeação de um ministro para tal departamento já podia ser entendida como admissão do falhanço da política do sector, o que se sabe da actividade dele, no mês e picos de exercício, não contribuiu para fornecer sinais decisivos de mudanças. Pelo menos, das acusações oposicionistas ouvidas e das afirmações situacionistas registadas no Parlamento, não é lícito extrair um saldo favorável ao Governo e à sua mais recente política de Ambiente.

Confirma-se: já foi no reinado do professor Real que o Governo publicou a lei do impacto ambiental. Só que, acusou o socialista José Sócrates, isso apenas aconteceu três dias depois de o PS apresentar na Assembleia da República o seu próprio projecto sobre o mesmo e específico objecto. E se pode extrair-se do debate a manifestação de vontade de uma política de educação ecológica, o que mais sobressaiu foi a colagem à política de Ambiente da Comunidade Europeia e as juras de obediência às suas directivas e às convenções internacionais.

No mais, foi lido o rol do expediente publicado pelo Governo, na sequência da Lei de Bases do Ambiente, de Abril de 87: 53 decretos-leis, 103 portarias e despachos e 131 outros documentos e decisões.

Papel, é muito, há que reconhecê-lo. Que ele embrulhe uma política própria, disso já duvida a oposição, como ontem garantiu, formalmente, quando trabalhou sobre a primeira hipótese de identificação do fantasma.

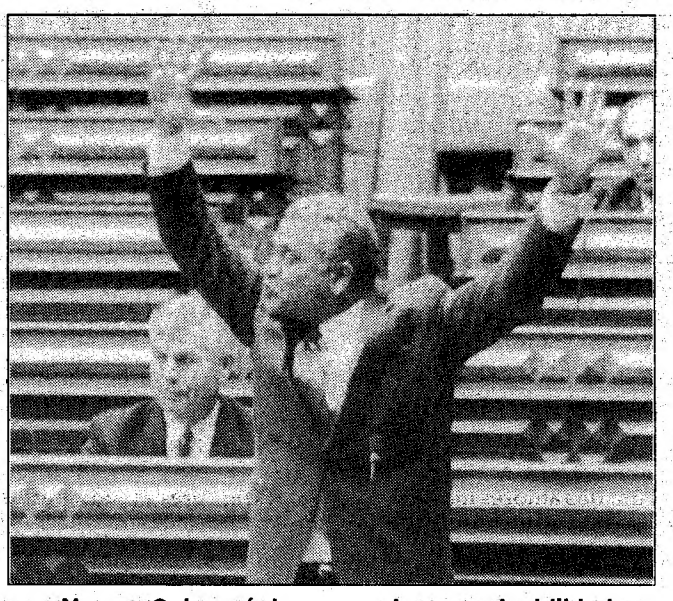
#### Segunda hipótese: o fantasma do ministro

A segunda hipótese de identificação do fantasma foi ganhando consistência à medida que se descobria que ministro era aquele e que estreia lhe estava reservada no Parlamento.

Fernando Real, decerto por não ter sido informado, comportou-se à revelia das praxes parlamentares, como um velho professor, humilde e reverente, perante uma turma de alunos ladinos e, ainda por cima, sem capacidade para lhes responder à mínima pergunta, mesmo que ela fosse do género «como passou, sotôr?».

Fincando-se na bancada do Governo, ele começou por evitar o ónus da exposição à fogueira da tribuna. Depois leu as primeiras nove páginas de um documento do seu gabinete--sem questionar minimamente o que Sócrates dissera antes, ao introduzir o debate em nome do Partido Socialista--e ouviu com atenção a bateria de perguntas que a oposição despejou sobre o discurso.

A dúvida sobre saber-se que respostas daria este ministro a tão curiosas perguntas durou um instante, o tempo de Fernando Real se levantar e ler a frase *«levantou o senhor deputado a questão do problema do eucalipto em Portugal, na óptica de um modelo de desenvolvimento sustentável: é assunto que nos merece a melhor atenção»*.



**Narana Coissoró desesperado com a inabilidade do ministro do Ambiente: «Ao menos diga-me o que pretende que eu lhe pergunte, para lhe dar o pretexto de ler o seu quarto papel».**

Até que nas perguntas se aflorara a cega-rega do eucalipto, a fruta do tempo: só que a leitura continuou, imperturbável e logo se verificou tratar-se...da segunda parte do discurso, com o subtítulo «Floresta» e a extensão de seis páginas, quase do tamanha da área de eucalipto plantada por essas serranias.

Agitação no hemiciclo, protestos dispersos e alguns risos, rapidamente disfarçados porque, afinal, o ministro é um ancião honrado e um professor cujo passado justifica poupá-lo ao tratamento a que outros menos respeitáveis não escapariam, pela bitola comum da praxe parlamentar.

Nova intervenção da oposição--verrinoso e hipercrítico, Herculano Pombo--mais perguntas e de novo o ministro se levanta para responder ou ele próprio perguntar. E não é que rapa dos papéis e recomeça a ler, agora a terceira parte do discurso inicial, subtítulo «Investigação» e mais quatro páginas!?

Foi o princípio do fim: depois de os deputados socialistas António Campos, Gameiro dos Santos, António Vara e José Sócrates insistirem junto do presidente Crespo no direito à resposta das perguntas anteriormente colocadas, Narana Coissoró, do CDS, lançou a primeira granada para a confusão:

*«Ó senhor ministro: não é a primeira vez que pertence a um Governo, já foi secretário de Estado, e por isso teve a obrigação de conhecer as praxes mínimas desta casa!»*.

A ameaça de tumulto pairou no ar, valendo a intervenção profiláctica do pronto-socorro Carlos Encarnação, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, para a desfazer:

*«Não é por menos consideração para com os senhores deputados que o senhor ministro não respondeu a cada uma das vossas perguntas»*, disse ele. *«A matéria de Ambiente é que é extensa e complicada e a forma escolhida para as respostas deve-se, apenas, à necessidade de eficácia na gestão dos tempos atribuídos ao Governo»*.

Todos compreenderam Encarnação.

Macário Correia? Esse continuou mudo e quedo e o debate prosseguiu com nova intervenção, desta vez a cargo do orador do dia destacado pela bancada do PSD, o deputado açoriano Mário Maciel.

#### A decisiva acha

Mas ao chegar-se a novo bloco de perguntas e ao preparar-se o ministro, a pretexto de respostas, para novo fôlego na leitura do seu discurso, aliás previamente distribuído, já não lho permitiram. Narana Coissoró acendeu a decisiva acha, desmoralizando quem pensasse lançar mais bóias de salvação a Fernando Real, nesta sua estreia parlamentar:

*«Ao menos diga-me»*, pediu o deputado do CDS, *«o que pretende o senhor ministro que eu lhe pergunte para lhe facultar o pretexto de ler o seu quarto papel»*.

Não há sisudez que aguente, nem consideração e respeito, por maiores e mais justificados, que resistam à vaga de riso que varreu o Parlamento ao identificar-se, sem margem para dúvidas, a natureza do fantasma caçado neste debate sobre o Ambiente.

**Daniel Reis**

POLÍTICA

# O desafio de Mota Amaral em livro

«Sem ódio, sem revolta, em fraterno espírito de paz, lancemos um brado novo: Insulares de todo o Mundo, uni-vos !» -assim remata João Bosco Mota Amaral o seu livro «O Desafio Insular», ontem à noite lançado na Casa dos Açores, em Lisboa.

À maneira de outro Manifesto, este de 1848 e de Karl Marx, e apesar da intenção cordata dos considerandos prévios à palavra de ordem, o líder do Governo Regional dos Açores quis sublinhar assim que, num planeta cheio de água, as ilhas mais pequenas, sem estatuto de Continente, são partes importantes do Mundo que conhecemos.

O livro teve por base uma conferência proferida no Simpósio Internacional das Ilhas, realizado em Hiroshima, a 2 de Outubro do ano passado. As intervenções de Eugénio Medina, da Casa dos Açores, do editor Marinho de Matos e do prefaciador Ferraz da Rosa, como a de Augusto Ataíde, prepararam afinal o improviso do não-açoreano amigo de Mota Amaral desde os tempos da «ala liberal» do regime deposto em 25 de Abril de 1974: Francisco Pinto Balsemão.

Segundo o fundador do «Expresso», o autor «foi uma das pessoas que enfrentaram o desafio insular e o venceu». Recordou as hipóteses de carreira política mais ampla do líder açoreano, para depois frisar « a opção coerente de Mota Amaral» pelo arquipélago de origem, uma escolha que ficará «na História de Portugal e na dos Açores».

### A chave do Atlântico

O texto de Mota Amaral recorda, um tudo-nada à Orwell, que nem todas as ilhas são iguais e há algumas mais iguais que outras. Cita Manhattam, Ile-de-France ou Singapura, «que são também ilhas e por sinal lugares dos mais prósperos do Mundo», em contraposição às outras ilhas, de desenvolvimento escasso, apenas chamadas à conversa política do Velho Continente por um Conselho da Europa defensor dos direitos do homem.

A importância estratégica de todas essas ilhas perdidas vem à colação a propósito do conflito das Malvinas.

«Nos Açores sabemos o que é ser a chave do Atlântico Norte, desde o tempo das navegações portuguesas, e depois também espanholas, para o Oriente e para o Novo Mundo, até à I e II Guerras Mundiais, aos conflitos no Médio-Oriente, à relação estável -e estimamos duradoura- entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental», escreve Mota Amaral ao aludir à valia estratégica das ilhas que governa.

**Mota Amaral, entre Pinto Balsemão e Augusto Ataíde, ontem, na Casa dos Açores**


# Informação

## CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

# GREVE DE 10 A 19 DE FEVEREIRO DE 1990

**Período das 00.00 horas do dia 10 de Fevereiro às 24.00 horas do dia 19 de Fevereiro de 1990**

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvencientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e barcos, naquele período:

1. **ZONA SUBURBANA DE LISBOA**
   - 1.1. **Linha de Sintra**
     Prevê-se a realização dos comboios com origem e destino em Sintra e Cacém, com o horário dos dias úteis.
     Todos os comboios terão paragem em Campolide.
     A CP desenvolve também, a partir das 7.00 horas, um esquema rodoviário alternativo com origens e destinos em Queluz e Amadora, ambos sobre Sete Rios (Lisboa).
   - 1.2. **Linha de Cascais**
     Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos, com algumas supressões pontuais.
     Todos os comboios terão paragem em Santos.
     A CP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário complementar, com origens e destinos em S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço de Arcos e Cais do Sodré.
   - 1.3. **Lisboa-Azambuja**
     Prevê-se a realização do serviço normal.
   - 1.4. **Barreiro-Praias do Sado**
     Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
   - 1.5. **Via Fluvial-Lisboa/Barreiro**
     Será praticado o serviço normal.
   - 1.6. **Cacém-Torres Vedras**
     Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.
2. **ZONA SUBURBANA DO PORTO**
   **Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga.**
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
3. **ZONA SUBURBANA DE COIMBRA**
   **Coimbra-Figueira da Foz e Coimbra-Serpina.**
   Efectuar-se-á um número significativo de comboios.
4. **SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»**
   - 4.1. «ALFA«
     Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.
     Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.
   - 4.2. «INTERCIDADES«
     Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto-Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.
5. **LIGAÇÕES INTERNACIONAIS**
   Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo que será suprimida neste período.
6. **SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS**
   Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

**NOTA** — Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informações da CP.

10. Fev. 1990.

**Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas da CP.**

Caminhos de Ferro Portugueses


## B R E V E S

### Governador de Bragança foi exonerado

O governador civil de Bragança foi exonerado pelo Ministério da Administração Interna na sequência de uma emissão ilegal de televisão no distrito. A «Televisão Livre do Nordeste» interrompeu 2ª-feira o 2º canal da RTP para apresentar uma conferência de Imprensa em que Júlio de carvalho acusava os seus adversários na «corrida» para a comissão política distrital de «skinheads da política».

### Dinis Miranda: funeral é hoje

Uma delegação do PCP encabeçada por Álvaro Cunhal participa hoje , em Évora, no funeral de Dinis Miranda, dirigente comunista alentejano, membro do comité central do partido. A delegação comunista ao funeral de Dinis Miranda inclui os dirigentes José Soeiro, Bernardina Sebastião, Dias Lourenço e Aboim Inglês, todos do comité central. A bandeira do PCP está a meia-haste nas sedes partidárias dos comunistas.

### Melancia vai processar «Independente»

O governador de Macau está na disposição de continuar no território até 1999, isto é, a assistir à passagem do território sob administração portuguesa para a alçada da China. Carlos Melancia, que manifestou tal vontade em declarações prestadas à Lusa, encontra-se em Lisboa por via da alteração do estatuto orgânico da região. Afirmou, entretanto, esta manhã, que vai processar «O Independente», por alegado abuso de Imprensa. Na sua edição de hoje, aquele semanário acusa Melancia de ter recebido 50 mil contos a propósito de um concurso para o aeroporto do território.

### Carta de condução para duas rodas

O Governo determinou a obtenção de carta de condução, com condições mais rigorosas que as actuais, aos proprietários de veículos de duas rodas. Estabeleceu ainda a imobilização temporária dos veículos automóveis que circulem sem preencherem as condições mínimas de segurança e agravous as multas actuais. Criou também a pena de prisão, pela primeira vez, para os que conduzirem comum grau fe alcoolemia superior a 1,2 gr/litro.

### Escutas telefónicas na zona do Porto

Deficiências numa central de comutação do Porto permitiu que, durante tempo indeterminado, a discagem de quatro números telefónicos pusesse técnicos dos TLP e outras pessoas em «contacto» com assinantes das zonas da Boavista, Foz, Leça, Matosinhos e Valongo. O ministro da tutela admitiu entretanto a «O Jornal» que o incidente se deveu a «problemas técnicos ocasionais».

### Deus Pinheiro leva Timor à Malásia

O ministro português dos Negócios Estrangeiros levou o «caso» de Timor à Malásia. João de Deus Pinheiro e o seu homólogo da Indonésia, que se encontram em Kuching no âmbito da conferência ministerial anual entre a Comunidade Europeia e os países da Associação das Nações do Sudoeste Asiático (ASEAN), deverão reunir-se nos próximos dias, a sós, para discutirem a situação de Timor-Leste. A reunião entre ambos realizar-se-á uma semana depois de representantes diplomáticos dos dois países se terem encontrado em Nova Iorque.

# INTERNACIONAL

## «Mayor» de Washington: pena máxima?

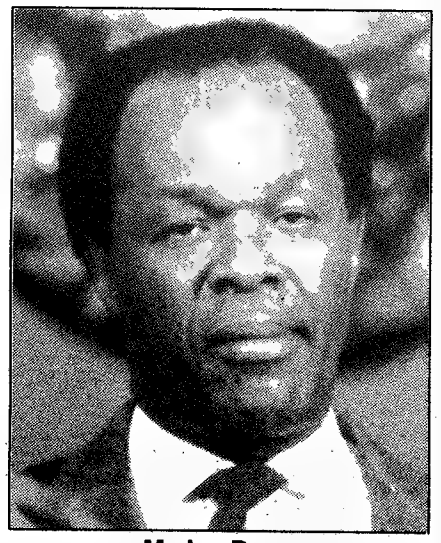
**Do nosso correspondente em Washington**

O presidente da Câmara Municipal de Washington pode ser condenado a uma pena máxima de 20 anos de prisão e ao pagamento de uma multa de um milhão e 250 mil dólares, se for considerado culpado de cinco acusações de posse e distribuição de cocaína e de três outras de perjúrio perante um tribunal.

As acusações foram, ontem, formuladas por um Grande Júri Federal, culminando mais de um ano de investigações em torno do «mayor» Marion Barry por alegado consumo de drogas e corrupção política de que a sua administração vinha, há vários anos, sendo abertamente apontada pelos órgãos de Comunicação Social.

Preso, no dia 18 do mês passado, por alegada posse e consumo de «crack no quarto de um luxuoso hotel da capital, na sequência de uma espectacular operação montada pelo FBI, Barry encontra-se desde então numa conhecida clínica de Palm Heach, na Flórida, onde está a ser submetido a uma desintoxicação. Para o advogado e familiares do «mayor», este está a ser alvo de uma desintoxicação alcoólica, enquanto que a generalidade da opinião pública tem poucas dúvidas de que Barry está a ser tratado da sua toxicodependência.

Alias, antecipando em poucas horas a notícia das acusações formuladas pelo Grande Júri, o «Washington Post» revelava que sofisticadas análises efectuadas ao cabelo do «mayor», com base em amostras recolhidas na noite da sua detenção, revelaram a presença de marijuana no organismo, facto revelador do que Barry havia consumido anteriormente outro tipo de droga para além do derivado de cocaína que a sua ex-amante Rashida Moore traindo-o, em colaboração com o FBI, o induziu a fazer naquela noite de Janeiro deste ano.



**Marion Barry**

### Barry diz-se vítima

Em comunicado emitido poucas horas após terem sido tornadas públicas as acusações de que é alvo, o presidente da Câmara de Washington tornou público um comunicado no qual afirma a sua intenção de se não demitir do cargo de que ainda é titular, denunciando que está a ser vítima de um «linchamento político e dos excessos do Departamento da Justiça». Esta posição, já anteriormente defendida pelo seu advogado de defesa colhe algum apoio entre líderes da comunidade negra americana, para os quais Marion Barry está a ser objecto de uma investigação cerrada pelo facto de ser um destacado líder negro. Para os que perfilham este ponto de vista, a lei tem-se revelado mais indulgente para os políticos brancos.

É difícil perceber como defender até ao fim esta posição, sendo certo que a comunidade negra se encontra ferida no seu orgulho, até porque Barry simbolizou, durante décadas, na cidade capital o sonho da maioria da sua população, geralmente pobre e carente de modelos sociais.

Não se demitindo, Barry apenas poderá ser afastado do cargo se o juiz deste caso, a ser apontado nas próximas horas, o vier a decidir. Com uma campanha à porta, é altamente improvável uma recandidatura do actual «mayor», que tem vindo a perder os principais apoios comunitários de que dispunha para a sua programada corrida eleitoral. O nome de Jesse Jackson continua a ser apontado como uma séria eventualidade, muito embora aquele líder negro, actualmente na África do Sul, se mostre mais interessado na arena política internacional. Walter Fauntroy, um democrata representante da cidade no Congresso, é outro dos nomes de primeira linha apontados, contando desde já com o apoio de algumas das figuras que anteriormente apoiavam Marion Barry.

**Filipe Vieira**

# As divisões do clã branco

*O sonho de uns é o receio de outros. A comunidade branca sul-africana encontra-se dividida em relação às aberturas do Governo de De Klerk...*

**Do nosso enviado especial**

De todos os grupos raciais da África do Sul, os brancos são os que, potencialmente, podem perder mais com o «risco calculado», assumido pelo Presidente F. W. de Klerk. Contrariamente ao grupo racial negro, mais desfavorecido, que não têm nada a perder, os brancos africanos tem opiniões divergentes quanto ao novo futuro da África do Sul. Politicamente divididos entre democratas, nacionalistas e conservadores, o clã branco é constituido por europeus de várias origens. A comunidade mais representativa é constutuida por afrikaners, de origem holandesa, que desde 1948 comandam o destino do país. A comunidade inglesa, a segunda em termos de importância demográfica, mas muito influente nos negócios, tem assumido ao longo dos anos uma posição crítica em relação ao apartheid. Outras comunidades, tais como a judaica, francesa ou portuguesa, muito ligadas ao comércio, fazem também parte integrante do clã europeu na África do Sul.

Esta «tribo», ao construir a África do Sul moderna e dinâmica que hoje conhecemos, atribui-se um lugar previligiado que, 42 anos após a chegada ao poder do partido nacionalista, está agora a ser posto em questão. Sem dúvida, a pressão política e económica exercida sobre a África do Sul pela comunidade internacional teve os seus efeitos. No entanto, a aposta de F. W. de Klerk em acabar com o regime do apartheid, foi feita tendo plena consciência que a mentalidade dos brancos tinha mudado. A certeza de que a maioria do eleitorado branco já não acredita na segregação racial como o melhor modelo para o desenvolvimento económico e social, levou o Governo a apostar na mudança.

### Os medos do comunismo negro

Como está a reagir a comunidade branca a esta aposta, cujo resultado final é ainda desconhecido por todos?

Segundo Peter Mudel, deputado conservador na Câmara branca do Parlamento sul-africano, em declarações feitas na sessão da passada quarta-feira, «o novo Presidente desceu do céu para dar ao ANC o balão de oxigénio que eles desesperadamente precisavam para salvar a estratégia revolucionária da tomada do poder».

Com 39 deputados para representar a ala mais conservadora Afrikaner, o Partido Conservador (CP), partiu em cruzada contra as aberturas do Presidente De Klerk. Acusando o Partido Nacional (NP) de ter adoptado uma «política suicida», estes românticos do domínio branco não têm escrúpulos em denunciar a «loucura» do Governo e em fomentar o ódio contra Nelson Mandela e o ANC. Em entrevista concedida ao «DL», Koos van der Merwe, porta-voz do CP, afirmou: «Para já a oposição será democrática, mas a luta continua e no futuro tudo é possível». Referindo-se ao êxodo de brancos após as independências de Angola e Moçambique, Merwe acrescentou: «Nunca deixaremos que os negros façam o mesmo aqui na África do Sul. O comunismo nacionalista negro é um mal a eliminar».

### Os Estados Unidos de África

O Partido Nacional, assumiu-se em 1948 como representante do «povo afrikaner politicamente organizado» e instituiu todo o sistema legal do apartheid. No poder há quase meio século, esta formação partidária representa hoje o eleitorado afrikaner moderado, assim como a ala mais conservadora da comunidade britânica. Emboa tenha mantido uma maioria de 93 lugares na Câmara branca, nas últimas eleições, o NP viu-se obrigado a escolher entre uma abertura reformadora ou um retorno à ortodoxia afrikaner. A aposta no reformismo lançou a África do Sul numa nova década. Ao afirmar que «as eleições de Setembro do ano passado foram, a meu ver, a últimas eleições legislativas que excluiram os negros», o ministro Viljoen quis deixar bem claro que o fim do domínio branco estava para breve.

No entanto, nem todo o eleitorado do NP é da mesma opinião. Embora haja neste momento uma vaga de optimismo, esfriada pela política de nacionalizações preconizada por Nelson Mandela, muitos revelam-se cépticos.

«Tal como eu, muitos brancos sentem-se inseguros com o súbito aparecimento de grandes partidos políticos negros, como o ANC, mas enfim, vamos ter que nos habituar», comentou um empregado bancário.

Outros, mais optimistas defendem abertamente F. W. de Klerk. Um gestor de empresas reformado, a passar férias no Cabo, disse-nos: «O nosso Presidente deu-nos a oportunidade de virmos a ser os Éstados Unidos de África. Os fanáticos do CP são uns tolos em não compreenderem isso».

Confrontado com um futuro incerto, a maioria dos brancos tenta agora forçar os nacionalistas negros a negociar garantias constitucionais que lhes permitam usufruir, num futuro sistema político com a maioria negra, de alguma influência. Aos apelos de Nelson Mandela para a reconstrução de uma África do Sul «não racial», onde não haja «nem domínio branco nem domínio negro», a maioria dos sul-africanos brancos com quem conversámos, assim como o Governo, defende o princípio de uma nação unida com direitos colectivos e oportunidades iguais para todos.

### Ideias frescas

Preocupados com a situação económica, o clã branco afecto ao NP, considera também que a abertura histórica do Presidente F. W. de Klerk deveria convencer a comunidade internacional que o povo sul-africano já cumpriu o seu castigo e que agora as sanções económicas não se justificam.

«Seria de esperar de todos os que defendem os interesses da África do Sul, que se juntem para fortalecer a nossa economia. Os que ainda defendem as sanções ou não têm senso comum - o que não é provável - ou então têm muitas boas razões para o fazer», escreveu R. Fischer numa carta enviada ao jornal «The Argus» da Cidade do Cabo.

O espírito de conciliação com os negros, e o fim do apartheid, são políticas há muito defendidas pelo Partido Democrático (DP) que conta hoje com 33 lugares na Câmara branca do Parlamento.

«Eu sonho com o dia em que poderei viver numa África do Sul não racial, onde o direitos dos cidadão sejam iguais para todos e não haja discriminação», afrimou A. Court, um estudante branco de origem inglesa, afecto ao DP.

O NP, ao introduzir várias reformas no país, aplicou de certo modo a política que o Partido Democrático sempre defendeu.

«A África do Sul deve abraçar esta iniciativa do Governo», disse Tony Leon, deputado do DP, terça-feira, no Parlamento. Esta pequena formação política, constituida por liberais da comunidade inglesa, lançou, durante esta semana o Groote Schuur Forum, que se destina a «gerar ideias frescas sobre a actual situação na África do Sul».

**Nuno Azevedo**

## Os protestos da extrema direita

O Partido Conservador, na oposição na África do Sul, acusou o Presidente F.W. de Klerk de espalhar o medo entre os brancos, com os seus planos de partilha de poder com os negros, e apelou à sua demissão imediata. A ala radical dos brancos sul-africanos lançou o apelo após milhares de partidários seus terem desfilado, ontem à noite, em Pretória, numa manifestação de força exigindo eleições antecipadas. Entretanto, em entrevista concedida por Nelson Mandela à televisão francesa, o líder historico do ANC procurou acalmar os sectores brancos, mais radicais, afirmando que eles nada têm a perder com o fim do apartheid.

# Sam Nujoma eleito Presidente da Namíbia

A Assembleia Constituinte da Namíbia elegeu hoje por unânimidade o líder nacionalista Sam Nujoma como primeiro Presidente do país, após a independência da África do Sul, em 21 de Março.

Nujoma é presidente da Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO), que travou durante 23 anos uma guerra de guerrilha contra o regime de Pretória no território e venceu eleições gerais fiscalizadas pelas Nações Unidas, que se realizaram em Novembro.

«Tentarei tudo o que puder para defender a Constituição da República da Namíbia», disse Nujoma na Assembleia, de 72 membros, após a eleição.

A África do Sul concordou em conceder a independência à Namíbia em troca da retirada dos 50 mil soldados cubanos estacionados em Angola. Pretória considerava a presença dos cubanos como uma ameaça à segurança da África Austral.

O presidente da Assembleia disse que Nujoma, tido generalizadamenete como chefe de Estado eleito após a vitória eleitoral da SWAPO, assumirá o posto à meia-noite de 21 de Março, quando for arreada a bandeira sul-africana e hasteada pela primeira vez a bandeira da República da Namíbia.

Nujoma, 60 anos, regressou à Namíbia em 1989, após três décadas de exílio. Surpreendeu opositores e partidários ao manifestar um acentuado pragamatismo político nos contactos que manteve com nacionalistas rivais e com Pretória.

Segundo a nova Constituição da Namíbia independente, Nujoma poderá no máximo cumprir dois mandatos de cinco anos como Presidente.

**Lusa**

INTERNACIONAL

*Embora com uma possível perda de deputados, o Partido Liberal Democrático, do actual primeiro-ministro japonês, é dado como vencedor das legislativas de domingo*

# Kaifu está para durar

O Partido Liberal Democrático (PLD) do Japão, liderado pelo primeiro-ministro Takeshita Kaifu, vai continuar a ter a maioria dos lugares na Câmara dos Representantes após as eleições legislativas de domingo, revela uma sondagem publicada esta semana pelo diário «Mainichi Shimbun».

De acordo com os números divulgados pela sondagem, a mais recente efectuada por este jornal, com uma tiragem superior a dois milhões de exemplares, o PDL deverá obter 265 dos 512 lugares da Câmara dos Representantes, menos 30 dos que possuía na anterior, dissolvida em 24 de Janeiro. Mas, como aliás é provável, caso os deputados independentes se juntem ao PDL, este poderá controlar um total de 271 lugares.

Assim, o partido de Kaifu espera alcançar a vitória nas eleições de domingo, que lhe dará a oportunidade de pôr cobro ao enfraquecimento da sua credibilidade política, após os escândalos de alcova do ano passado protagonizados por dois primeiros-ministros.

A oposição, dividida e incapaz de propor uma alternativa credível, vai perder um número considerável de deputados.

De acordo com o jornal «Mainichi» o Komeiro, um partido budista, obterá apenas 51 lugares, menos três que na anterior Câmara, o Partido Comunista Japonês, 20 assentos, menos seis do que anteriormente, e o Partido Socialista Democrático 20 lugares quando, na anterior Câmara, possuía 25.

Só o maior partido da oposição, o Partido Socialista do Japão (PSJ), deverá conseguir 137 lugares, mais 54 do que na anterior Câmara.

### O fraco pretexto do «imposto de consumo»

A líder do PSJ, Takako Doi, de 61 anos, tem, entre campanhas e comícios, centrado as suas críticas ao PDL, no imposto de consumo, de três por cento, decretado em Abril passado, afirmando que, se o mesmo não for abolido e o PDL vencer, «o imposto poderá passar para 10 ou mesmo 15 por cento». Esta taxa, extremamente impopular tem sido o centro das campanhas dos restantes partidos da oposição.

Para um sufrágio regular, após a derrota dos conservadores em Julho, depois de 35 anos de poder ininterrupto, os temas da campanha são de uma pobreza aflitiva. A referida taxa e sobretudo a maneira como o PDL a fez aprovar em força no Parlamento, cristalizando os descontentamentos, não é minimamente representativa das grandes condicionantes com que o Japão se defronta - o seu lugar na comunidade internacional, as injustiças sociais, a reforma do mundo político...

As paredes e os murais estão cobertos de caras sorridentes, mas os cartazes eleitorais reflectem todos uma falta de imaginação confrangedora. A solitária «revolução» consumada por Doi, a presidente do PSJ, data da campanha eleitoral de Julho, em que apareceu nos cartazes com uma lagosta rubra sobre a cabeça, simbolizando a cólera popular. Agora, uma Doi pimpona e rejuvenescida, vestida de rosa - o vermelho já não dá credibilidade a ninguém - diz-nos que o «Japão move-se».

O primeiro-ministro Kaifu, irrepreensível no seu fato, mostra-se sentado e ladeado por duas crianças (que não são seus filhos), prometendo «uma vida feliz».

Os ressentimentos provocados pelo escândalo político-burguês dissolveram-se em fumo. A empresa que domina o andamento dos pequenos anúncios, aumentou, no ano passado, os seus lucros em 10 por cento, demonstrando que o escândalo não feriu o crédito da sua reputação em negócios. As grandes figuras políticas envolvidas apresentam-se como se nada tivesse acontecido, ou quase. É o caso de Nakasone, antigo primeiro-ministro, e do seu braço direito, Fujinami. Este último começou a campanha sobre o terraço da purificação do santuário de Ise, o mais venerado do Japão. Para eles, ser eleito é uma absolvição. E praticam o «misogi», um rito de purificação de culto shintoísta.

Mas se em Tóquio há quem denuncie o carácter «intolerável» de tais práticas, para os eleitores de Mie, ao sul de Nagoya, Fujinami é uma figura grata. Na província, gosta-se de ser representado por uma celebridade, mesmo se a sua reputação está um pouco tremida. Foi com grandes sorrisos de encorajamento que os membros do «Lily Club», um grupo de donas de casa, enviaram ramos de flores a Fujinami, quando este ia partir para a sua campanha de purificação.

**Toshiki Kaifu, líder do Partido Liberal Democrático, no poder, e Takako Doi, do Partido Socialista Japonês**

Os socialistas, grandes vencedores em Julho, não souberam capitalizar os descontentamentos. O eleitorado feminino (46 milhões), mobilizado contra os políticos «corruptos» e «dissolutos» após o escândalo de alcova do primeiro-ministro Uno, perdeu a sua virulência. As mulheres, perplexas, interrogam-se: «É um voto crucial mas sem escolha», diz Miyako Yano, militante feminista que votou em Julho contra o PDL, após 14 anos de fidelidade. Agora, pensa optar pela abstenção. O PSJ, incapaz de apresentar uma alternativa credível, decaiu e a senhora Doi deixou a nu os seus limites.

A operação «Madonna» (multiplicação de candidaturas femininas), lançada pelos socialistas em Julho, foi sol de pouca dura: não há mais do que 66 candidatas socialistas em 944, a maioria das quais comunistas e algumas independentes. O PSJ nem sequer se dá conta daquilo que diz: «as lutas de clãs e a rentabilização das situações impedem Doi de se envolver mais com as mulheres em contestação». Erro táctico. As mulheres que trabalham em «part-time» constituem um eleitorado «à margem», do ponto de vista dos socialistas.

### Batalha entre elefantes

Mais do que sobre os temas das campanhas, os candidatos competem na base do poder das respectivas máquinas eleitorais. No Japão, quando começa uma campanha, a maior parte do trabalho de acumulação de votos já está feito. Os comités de apoio aos candidatos já mobilizaram a clientela. Por isso, durante o período da campanha eleitoral, os comités tratam de angariar votos do «eleitorado flutuante» e de concentrar os seus esforços sobre «circunscrições ao sabor do vento». O PSJ estagnou na defensiva. Apenas apresentou 148 candidatos e não 180 como previra. As alianças eleitorais entre opositores reduziram a sua influência relativamente a 1986. O partido budista Komeito será o principal responsável. Também optou pela atitude defensiva, graças ao aprofundamento da sua implicação no escândalo e prefere competir sozinho, contando apemas com o apoio da seita de onde provém, a Sokagakkai.

Os conservadores, galvanizados por um aumento de popularidade nas sondagens, dão os seus passos de «vingança» com os enormes meios financeiros de que dispõem (o seu «tesouro de guerra» eleva-se a milhões) e uma mobilização geral dos seus apoiantes, maioritariamente constituídos por associações profissionais e empresas.

A «batalha entre elefantes», que são as máquinas eleitorais dos grandes partidos, deixa pouco espaço às pequenas formações políticas ou aos candidatos marginais. Por isso, entre conservadores, socialistas e liberais, vamos a ver quem ganha.

**Redacção «DL»/Lusa/ Reuter/Le Monde**

# Japoneses e soviéticos em vias de aprofundar relações

As relações diplomáticas entre o Japão e a URSS, que nunca foram muito boas devido à disputa sobre as ilhas Curilas (que já dura há mais de quatro décadas) poderão conhecer novos desenvolvimentos quando o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, visitar Tóquio em Março próximo. Nessa ocasião espera-se que seja abordada a questão do arquipélago das Curilas, a nordeste de Hokkaido, segundo diplomatas e observadores ocidentais.

A deslocação de Shevardnadze ao Japão, consideram as mesmas fontes, destinar-se-á a abrir o caminho para uma visita, no início do próximo ano, do líder soviético. Gorbachev, nesta viagem ao país do Sol Nascente, poderá estabelecer as bases para uma futura solução do diferendo nipo-soviético.

"A administração japonesa enfrentará um grande desafio, ao receber Gorbachev em Tóquio, aceder em desenvolver as relações com a União Soviética e discutir a questão territorial", afirmou o professor Kuniko Inoguchi, da Universidade de Sofia.

"Isto acontece - acrescenta Inoguchi, citado pela Reuter - porque o Japão está disposto a encorajar a União Soviética no seu processo de reformas políticas no sentido da democracia".

Shintaro Abe, ex-ministro japonês dos Negócios Estrangeiros, que no mês passado se encontrou em Moscovo com Gorbachev, disse que a visita do líder soviético ao seu país poder representar "o início de uma solução" para a disputa territorial.

### Os interesses de cada um

Mas não é previsível que durante a visita Gorbachev se conclua um tratado de paz entre os dois países.

Mas, para que a visita do líder soviético seja considerada positiva, ele não deverá regressar a Moscovo de mãos vazias. Assim, segundo observadores, "será provavelmente assinado um acordo de princípio, admitindo a possibilidade de reversão territorial ... no futuro".

Com efeito, a questão do retorno das Curilas à posse japonesa não será certamente resolvida nos próximos anos. Entretanto o Japão, segundo peritos ocidentais, está disposto a oferecer assistência económica à União Soviética.

Para os soviéticos, o mais importante é o apoio económico e tecnológico que os japoneses podem dispensar para a sua reestruturação, segundo palavras do primeiro-ministro Nikolai Rizhkov, durante a sua visita à Austrália.

Mas da parte japonesa, estará sempre no horizonte a reivindicação territorial.

"Mas, se houver insistência na soberania, por parte do Japão, não creio que consigamos resultados positivos no nosso relacionamento", advertiu Rizhkov.

Segundo o director de um importante departamento oficial para as relações comerciais com a URSS e os restantes países de Leste, a liberalização do Comecon poderá constituir um factor para o desenvolvimento da cooperação com a União Soviética.

**Redacção "DL"**

**Como em qualquer sociedade desenvolvida, o apelo ao consumo é uma constante no quotidiano japonês. Na foto, uma rua de Tóquio**

O extraordinário desenvolvimento do Japão transformou a Bolsa de Tóquio num dos principais barómetros da economia mundial

# Os novos senhores do dinheiro

Os ocidentais habituaram-se a associar a imagem de pequenos homens de olhos em bico e de máquina fotográfica em punho aos japoneses. É uma caricatura tão boa como qualquer outra para definir o espírito industrioso (industrial?) dos nipónicos. De certo modo, reflecte mesmo uma realidade: o Japão veio ao Ocidente procurar as modernas técnicas de gestão e de produção. A sua enorme capacidade de assimilação e uma forte identidade cultural fizeram o resto. Ou seja, criou-se uma forma única (Galbraith e Confúcio?) de economia, com raízes profundas na tradição nacional, no capitalismo, no socialismo e no humanismo, que já começa a ser «exportada».

De nação fortemente feudal (não confundir com o feudalismo europeu), fechada em si própria, o Japão, no curto período de 40 anos, tornou-se num país de economia moderna, aberta, de mercado, que se abre cada vez mais ao estrangeiro, já não com o espírito de conquista dos «samurais», mas com uma forte noção de cooperação.

O Japão é o país a quem melhor se aplica a ideia de «milagre económico». Com as estruturas económicas destruídas pela II Guerra Mundial, tecnológica e socialmente atrasado em relação ao Ocidente, um aparelho produtivo baseado na exploração de uma mão-de-obra intensiva e numa indústria desfazada das novas necessidades de mercado, o país do Sol Nascente é agora o mais moderno dos países industrializados. Moderno porque actual e actualizado, moderno porque virado para o futuro.

Bem se pode dizer que os japoneses souberam aproveitar a exploração da mão-de-obra intensiva para conquistar os mercados internacionais através das suas produções de massa de duvidosa qualidade, mas de preços imbatíveis e, mais importante ainda, para erguer uma indústria baseada numa tecnologia intensiva virada para a produtividade e a qualidade, pronta a satisfazer os mercados modernos com os mesmos preços imbatíveis.

De facto, o Japão tem o mais alto grau de automação do mundo. Há cerca de dois anos atrás funcionavam naquele país 141 mil robots, enquanto nos Estados Unidos eles eram 29 mil, na Alemanha Federal 14 900, na Itália 6600, em França 6580 e na Grã-Bretanha 4300.

### Factor humano

O factor humano teve um papel decisivo neste processo de modernização do Japão. Primeiro a sua «docilidade», que permitiu uma exploração da mão-de-obra digna dos negros dias da Revolução Industrial ocidental. Depois a sua capacidade de adaptação aos mais modernos conceitos de gestão (económica e de recursos humanos), aliada a um sentido de grupo e de «nacional» dificilmente compreensível aos ocidentais. A tal ponto que, quando se fala em «humanismo» e em «socialismo» não podemos deixar de fazer um certo «sorriso amarelo». Mas são conceitos que existem, de facto, nas grandes empresas japonesas, embora, como é evidente, recriados pela cultura nipónica.

Factor humano forjado numa educação moderna e numa formação permanente, apto a responder às mutações tecnológicas e sociais, pronto a responder às exigências do mercado de emprego através da constante actualização do saber científico e tecnológico. Por isso o sistema de ensino tem fortes ligações ao mundo empresarial, em particular nos regimes de pós-graduação. O Japão tem o mais alto índice de escolaridade do mundo (mais de 99 por cento) e conta com cerca de meio milhar de estabelecimentos de ensino superior.

Para os japoneses o saber é o capital mais importante. As admissões e as hierarquias baseiam-se no mérito, estando praticamente afastada a hipótese do nepotismo e do compadrio. De tal forma que o filho de um grande industrial pode não lhe suceder na direcção da empresa.

Segundo Armando Martins Janeira («Japão: construção de um país moderno»), ex-embaixador português em Tóquio, a chave do êxito nipónico baseia-se na «*coesão social, harmonia na empresa, alto conceito do valor e da dignidade do trabalho, disciplina e autodomínio, devoção à ideia superior do interesse colectivo e da grandeza nacional*».

Por conseguinte, deparamos com uma gestão eficaz e esclarecida, com lealdade do trabalhador para com a empresa, com um forte processo de comunicação, com circulação de informação de cima para baixo e vice-versa, o que permite consenso nas decisões que são assumidas pela cúpula dirigente.

### Sistema económico

Falar-se em política no Japão é quase remetermo-nos para a área económica. Governo e agentes económicos fazem uma simbiose, cabendo ao primeiro o papel de «desbravar» caminho aos segundos. Temos, então um poder político virado para a economia, favorecendo o empreendedor, seja através de uma benévola política de juros seja por uma incentivadora política fiscal, mecanismos que estimulam a acumulação de capital e o investimento.

A economia japonesa baseia-se num mercado aberto assente na iniciativa privada que aposta no investimento dos lucros, na organização disciplinada, na capacidade de inovação, na diversificação, na modernização e numa gestão de qualidade.

Dominam os grandes e fortes grupos económicos. As grandes empresas impulsionam a economia as pequenas e médias dão-lhe flexibilidade. O Japão é o reino da subcontratação, a tal ponto que, em virtude da concorrência, ela se torna factor de profundas clivagens sociais, pois que o factor mão-de-obra é, regra geral, mal remunerado.

### Senhores do dinheiro

A capacidade produtiva japonesa atingiu tais índices que a sua balança comercial passou a ser cronicamente excedentária, incomodando os países mais industrializados e o próprio Japão que, desta forma, começava a encontrar resistências à movimentação dos seus agentes económicos no estrangeiro.

É assim que no corrente ano o governo nipónico está a pôr em prática diversas medidas para estimular as importações e levar os japoneses a fazerem turismo no estrangeiro

Mas a verdade é que a indústria japonesa aumenta também a sua produção, portanto as exportações, o que cria um problema ao governo: os excedentes da balança comercial, que baixaram de 94,1 biliões de dólares em 86 para 77,3 biliões em 88 e para 54 biliões em 89, deverão aumentar, apesar de todas as medidas tomadas, no corrente ano, batendo mesmo o máximo de 1986.

Dinheiro é o que há mais no Japão. De tal forma que se torna já difícil a sua aplicação no próprio país. É assim que os japoneses se tornaram os «senhores do dinheiro» da actualidade - são os maiores investidores internacionais. Só o investimento na Europa e na Austrália das companhias de seguros de vida deverá elevar-se este ano a 27 biliões de dólares.

Quer isto dizer que o Japão está a tornar-se num potentado económico e financeiro ao nível mundial. Haverá razões para temer esta situação? Parece que não, pois que, tal como assimilaram na década de 50 os conceitos ocidentais de gestão, também estão, pelo menos assim parece, a assimilar os da internacionalização da economia e da globalização de mercados, os quais exigem uma forte disciplina de cooperação. Se tal se confirmar, então o mundo só terá a ganhar com a «agressividade» japonesa.

**Victor Leitão**

**COMENTÁRIO**

# O império dos maravedis

A política e a economia, no especialíssimo caso japonês, são o anverso e reverso de uma mesma moeda. Este facto explica, mas só em parte, o rápido enriquecimento do país do Sol Nascente. Outros factores, à cabeça dos quais se encontram um elevado sentido de disciplina, respeito pelas hierarquias e docilidade, têm a sua quota parte nesse processo. Vencido na II Guerra Mundial, o Japão, em pouco mais de quatro décadas, não só alcançou um desenvolvimento idêntico ao dos Estados Unidos, como em certos aspectos o ultrapassou. Actualmente, com uma população de 123 milhões de pessoas, triplicou o seu rendimento nacional bruto per capita em relação aos EUA. O excesso de liquidez, que colocou um dilema sobre a forma de empregar esses capitais, lançou os japoneses numa corrida ao investimento no estrangeiro, que está em vias de transformar o país no maior potentado económico do mundo.

Mas este súbito enriquecimento está a criar um conflito e uma dúvida entre os japoneses, pressionados pelo mundo no sentido de definirem os seus valores e/ou as suas intenções.

Grande número de empresários e cidadãos, a exemplo das autoridades, lançam-se igualmente nos investimentos. Hoje, nos grandes leilões de arte na Europa, há sempre japoneses entre os possíveis compradores.

A corrida atingiu proporções tais, tanto na Europa, como nos Estados Unidos, que há já sinais de um receio do "perigo amarelo", não pela via das armas, mas no âmbito industrial e comercial. Quando os japoneses compram empresas como a Goldwyn Mayer, que encerra valores "sagrados" para os norte-americanos, não é sem razão que começa a desenvolver-se o que, com propriedade, se pode apelidar de "nipofobia". Eles compram tudo, penetram em tudo. Mas o inverso já não acontece. A nenhum empresário ou consórcio estrangeiro, segundo a lei nipónica, é consentida a compra, por exemplo, de um "salão de chá" tradicional. Para eles, isso seria um sacrilégio.

Ocidentalizados na aparência, os japoneses são com efeito um povo que, no foro íntimo, se mantém asiático. Mas conseguem, no entanto, manter um difícil equilíbrio entre os valores que lhe são exteriores e os da sua cultura própria.

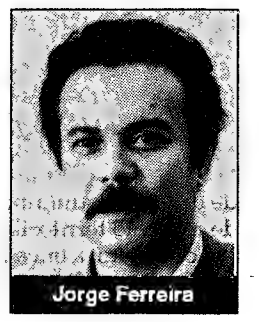
Sinais desse carácter asiático podem encontrar-se sobretudo na vida política, onde as mulheres na generalidade não ocupam cargos elevados da administração.

Contudo, esta situação, que parecia até há pouco imutável, segundo observadores, está a mudar rapidamente.

As novas gerações já se interrogam sobre as vantagens de uma vida inteiramente dedicada ao trabalho, sem tempo para férias, nem para repensar a vida. Os milhares de estudantes que anualmente saem das universidades começam a rejeitar este "way of life" essencialmente material. E estes são as sementes do futuro.

Antes da Grande Guerra, os japoneses pensavam que podiam transformar-se nos senhores da Ásia. Falhado este objectivo, hoje parecem acreditar que uma dia serão senhores do mundo, através do dinheiro.

É, pois, num país com estas características psicológicas, que decorrem no domingo eleições legislativas. Eleições em que, à partida, sabe-se quem será o vencedor.: o Partido Liberal Democrático. O gabinete de Toshiki Kaifu, que ascendeu ao poder mercê do incidente Recruit e de outros, também já produziu escândalos... de alcova; mas isso parece não preocupar os japoneses, que acreditam na "purificação" das pessoas.



Jorge Ferreira

## BREVES

### Primeiro-ministro sueco demite-se

O primeiro-ministro sueco, Ingvar Carlsson, apresentou ontem a demissão, na sequência da vitória da oposição numa votação parlamentar. Os cinco partidos da oposição aliaram-se para derrotar o Governo na votação de uma moção que rejeitava o congelamento dos salários e restrições no exercício do direito de greve. Analistas políticos consideram que, com a demissão de Carlsson, se abre um período provavelmente longo de negociações para a formação de novo Governo. Se as negociações não resultarem, realizar-se-ão eleições antecipadas.

### Grã-Bretanha e Argentina restabelecem relações

A Grã-Bretanha e a Argentina reataram ontem as suas relações diplomáticas, cortadas em 1982 na sequência da guerra das Malvinas. O acordo foi alcançado em Madrid após dois dias de conversações entre os dois países. Em comunicado conjunto, Londres e Buenos Aires afirmam que o Governo britânico decidiu retirar a zona marítima exclusiva de 150 milhas criada em redor das ilhas Malvinas. Contudo, de acordo com as novas medidas de segurança subscritas pelos dois Governos, as manobras militares à volta das ilhas ficam sujeitas a pré-aviso de ambos os países.

### Gripe mata mil por semana nos EUA

A mais grave epidemia de gripe registada nos Estados Unidos nos últimos cinco anos está a provocar a morte de mais de mil pessoas por semana, segundo estatísticas dos serviços de saúde norte-americanos referentes ao último mês. Durante a semana passada morreram 1104 pessoas e nas últimas três semanas, 3605, de acordo com os relatórios semanais remetidos pelos centros de saúde de 121 cidades afectadas pela epidemia.

**Lusa**

# Portugal estará na rota?

## *Trinta mil americanos estão a caminho da Europa. O único local proibido é a região central*

**Do nosso correspondente em Bruxelas**

Os Estados Unidos promoverão o estacionamento de um contingente de 30 mil homens na Europa, desde que não o façam na região central. Esta possibilidade é acentuada numa declaração emanada do gabinete do secretário-geral da NATO, em Bruxelas. Ainda não é possível conhecer quais as regiões escolhidas para esta operação, nomeadamente se Portugal fará parte delas.

Manfred Wörner salienta a necessidade da presença de tropas americanas na Europa devido à distância geográfica entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus.

Por outro lado, a declaração do secretário-geral foi distribuída logo após a visita de uma delegação do Soviete Supremo, chefiada por Valentin Falin, conselheiro de Gorbatchev. Após o encontro com Wörner, Falin declarou aos jornalistas, à porta da sede da NATO, em Evere, que o encontro de uma hora versara, essencialmente, a estabilidade e segurança internacionais. «A questão alemã - disse - foi abordada muito superficialmente e não constituiu o tema fulcral do diálogo.»

Recorde-se que o acordo concluído há poucos dias em Otava, no Canadá, incidiu o nível dos efectivos terrestres e aéreos estacionados na Europa, no âmbito das negociações CFE (Forças Convencionais da Europa).

**A jogada**

Especialistas da NATO contactados pelo «DL», em Bruxelas, foram peremptórios em considerar inaceitável a saída da Alemanha da Aliança. Um estatuto de neutralidade nunca será aceite. Por seu turno, o líder soviético afirmou já não concordar com a permanência de uma Alemanha reunificada no bloco militar ocidental.

Segundo os observadores políticos que seguem de perto a questão alemã e esta avaliação de forças, a NATO irá propor que a Alemanha reunificada se mantenha no seu seio, coompretendo-se a não colocar em território alemão nenhuma outra força pertencente à Aliança.

Para conseguir este objectivo, a NATO conta, sobretudo, com os problemas internos com que se debate Gorbachev e com a hipótese, muito provável, de não estar em condições de cumprir os seus compromissos no domínio do desarmamento.

**A pressa**

A questão alemã não se esgota, obviamente, no domínio militar. Também a Comunidade encara com alguma preocupação o ritmo demasiado rápido a que o chanceler Helmut Kohl está a tratar a reunificação das duas Alemanhas.

Para não perder o comboio, a Comissão nomeou um grupo de peritos encarregados de estudar o impacto da reunificação, criando inclusivamente diversos cenários possíveis após as eleições democráticas na RDA. O grupo de peritos inclui diversos comissários europeus e está a estudar as repercussões da reunificação interalemã. de qualquer modo, Jacques Delors não gostou da forma como Kohl decidiu incrementar a União Monetária entre as duas Alemanhas, sem consultar os seus parceiros comunitários. Aliás, esta posição de Delors é compartilhada pelos governos de alguns países dos Doze. No Conselho de Ministros das Finanças, realizado na segunda-feira, em Bruxelas, os Estados membros deram luz verde ao avanço da união monetária, na condição da Comunidade estar permanentemente informada sobre a evolução do processo.

No plenário de ministros, o representante da RFA justificou a «precipitação» com o êxodo de cidadãos do Leste, a uma média de dois mil por dia, factor decisivo na situação catastrófica com que se debate já a economia da RDA. O ministro disse, na oportunidade, que os melhores quadros daquele país são os primeiros a atravassar a fronteira e, mesmo a nível da saúde, a situação está à beira do colapso.

**José Rui Cunha**

# Cimeira de Cartagena forma cartel anti-droga

## *Auxílio económico dos EUA substitui cultivo da folha de coca*

Como não podia deixar de ser os quatro Presidentes reunidos em Cartagena assinaram ontem uma declaração conjunta, já considerada «histórica», em que se promete atacar o problema da droga nas suas três principais vertentes: produção, tráfico e consumo. George Bush foi directo à questão - «criámos o primeiro cartel anti-droga». Não se esperava menos. De concreto fica o prometido apoio económico norte-americano aos países produtores para que se substitua o cultivo da folha de coca.

Dos três chefes de Estado latino-americanos presentes na cimeira, Virgílio Barco, da Colômbia, Paz Zamora, da Bolívia e Alan Garcia, do Peru, este último era o mais entusiasmado, depois de ter ameaçado não ir a Cartagena por causa da invasão do Panamá pelos EUA. «Iniciámos um capítulo novo na relação da América Latina com os Estados Unidos», disse Garcia, que frisou ser a primeira vez que «é aceite que o problema do narcotráfico é económico».

O entusiasmo deve-se, sobretudo, ao reconhecimento por parte dos norte-americanos de que os camponeses latino- americanos não produzem folha de coca apenas por avidez de lucros mas sim por, muitas vezes, não terem alternativas de sobrevivência. Agora essas alternativas poderão ser criadas através do auxílio económico dos Estados Unidos.

Bush celebrou acordos bilaterais com cada um dos participantes, em que se prevê a entrega de mais de 2 mil milhões de dólares nos próximos cinco anos, para que os camponeses andinos sejam incentivados a substituir o tradicional cultivo da folha de coca. O Presidente dos EUA prometeu também ajudar a Colômbia, Peru e Bolívia nos pedidos de recursos adicionais aos organismos multilaterais de crédito e a revisão do acordo sobre os preços internacionais do café, velha reivindicação de Vírgilio Barco.

O controlo do uso dos produtos químicos utilizados no processamento de droga e das exportações de armas, além da cooperação na educação da população contra o consumo de estupefacientes, foram outros pontos acordados.

A troca de informações entre as polícias dos quatro países para o combate conjunto aos narcotraficantes ficou assente. Os Estados Unidos parecem ter deixado aos países latino-americanos a actuação contra a mafia da droga, participando indirectamente através de ajudas, estando já prevista a entrega de uma verba de 4,5 milhões de dólares (cerca de 650 mil contos) à Colômbia nos próximos três mêses. Dentro desse espírito acabam as extradições de narcotraficantes para os EUA, ficando o julgamento a cargo da Justiça local. No caso colombiano, isso acabará com um dos principais focos de tensão do país, onde o Cartel de Medellin tem um braço armado, cujo nome é precisamente «Os Extraditáveis», que tem levado a cabo inúmeros atentados.

**Os presidentes Paz Zamora da Bolívia, Virgílio Barco da Colômbia, George Bush dos EUA e Alan Garcia do Peru, quando assinavam o acordo da cimeira de Cartagena**

**Redacção «DL»/ Lusa**

## COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

| COTAÇÕES DE NOTAS | COMPRA | VENDA |
|---|---|---|
| ÁFRICA DO SUL (rand) | 48$20 | 54$20 |
| ALEMANHA FED. (marco) | 87$85 | 88$25 |
| ÁUSTRIA (xelim) | 12$35 | 12$55 |
| BÉLGICA (franco) | 3$973 | 4$223 |
| BRASIL (cruzado) | | |
| CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2) | 122$50 | 125$00 |
| (notas de 5 a 1000) | 123$00 | 125$50 |
| DINAMARCA (coroa) | 22$55 | 22$95 |
| ESPANHA (peseta) | 1$313 | 1$433 |
| EUA (dólar — notas de 1 e 2) | 147$30 | 150$80 |
| (notas de 5 a 1000) | 147$80 | 151$30 |
| FINLÂNDIA (marka) | 37$00 | 37$60 |
| FRANÇA (franco) | 25$60 | 26$30 |
| HOLANDA (florim) | 77$25 | 78$35 |
| IRLANDA (libra) | 232$00 | 236$00 |
| ITÁLIA (lira) | $106 | $121 |
| JAPÃO (iene) | $972 | 1$027 |
| NORUEGA (coroa) | 22$55 | 23$05 |
| REINO UNIDO (libra) | 249$15 | 253$65 |
| SUÉCIA (coroa) | 23$85 | 24$35 |
| SUÍÇA (franco) | 97$85 | 99$35 |
| VENEZUELA (bolívar) | 3$165 | 3$965 |

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

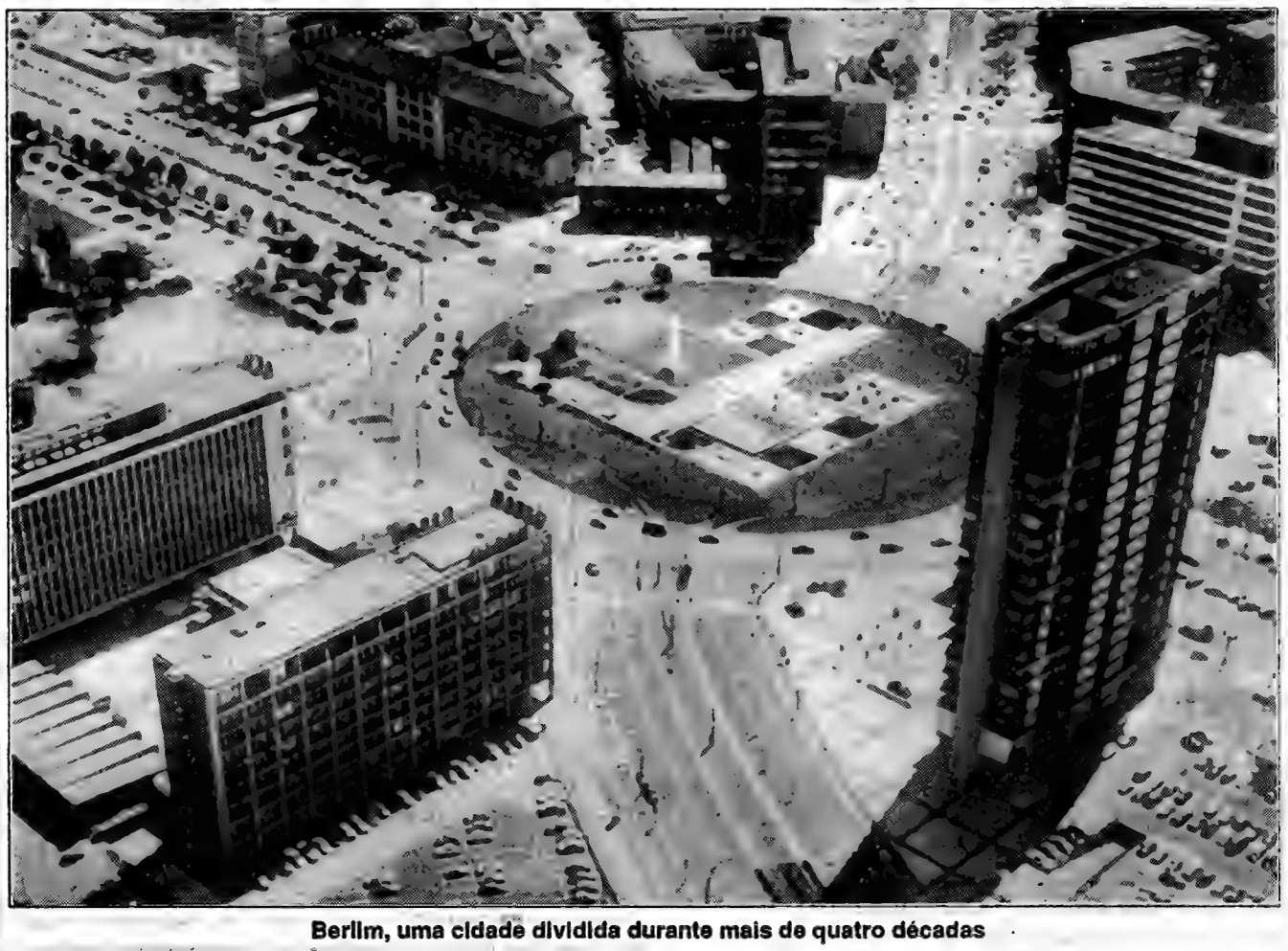
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

*A encruzilhada alemã (conclusão)*

# Europa Berlim Europa

*«Dias antes de ser derrubado, Erich Honecker profetizou que o Muro ainda duraria mais 100 anos. Enganou-se porque não contou com o povo.»*

**Editorial do Süddeutsche Zeitung, 24.12.1989**



**Berlim, uma cidade dividida durante mais de quatro décadas**

O comboio urbano precisa apenas de breves minutos e das três estações para nos levar do sumptuoso centro da parte ocidental até à Friedrich Strasse, apeadeiro comum às duas «Berlins». Descemos uns degraus exageradamente puídos, atravessamos dois pares de «polícias populares» agarrados às kalachenicoves com ares de desempregados e que, no final de Outubro, não metiam nem medo nem respeito, o homem que controla os passaportes despacha-nos ágil e rápido a troco de cinco marcos (ocidentais), a mulher fardada mas já em idade de reforma exige mais 25 marcos (também ocidentais), e ficamos com a sensação de estar no Terceiro Mundo do mundo germânico: tudo sujo, abandalhado, esquecido, como numa estação de caminhos-de-ferro do interior provinciano português.

Vinha na companhia do Robert Werther e sugeri uma curta corrida de táxi. Mas a bicha era enorme e quando já tínhamos desistido da ideia, somos abordados por um jovem, forte, alto e trintão a perguntar se queríamos táxi. Era um taxista clandestino, evidentemente. Negociámos o preço: vinte marcos por vinte minutos, fechámos contrato e o clandestino levou-nos até ao seu carro, um japonês da década passada. O motorista trata-nos por tu, estamos na terra dos camaradas, mas eu avisei logo: se tivermos alguma complicação com os «vopos», eu não te pago nada. Entendido?

«Não tenhas receio, responde o taxista clandestino, Berlim não é bem a RDA, é uma zona cinzenta, e por isso nós trabalhamos em conjunto com a Polícia».

Levou-nos, antes de mais ao antigo bunker do Hitler. E aproveitei logo para meter conversa: porque é que vocês não gramam o Hitler? Quem foi o Hitler?

- «Um fascista», e nada mais acrescentou.

Depois levou-nos ao antigo Ministério da Propaganda e ciceroneou: «aqui viveu o Goebbels».

Repito o jogo: quem foi o Goebbels?

- «Um fascista», sem mais comentários.

A cena repete-se em frente do Ministério do Ar do marechal Goering: quem foi ele? «Um fascista».

O guia turístico tinha cumprido a sua função: mostrar monumentos fascistas aos ocidentais.

Fiquei com sérias dúvidas que o nível cultural do jovem motorista estivesse, de facto, muito acima do patamar político onde a humanidade se divide em fascistas e antifascistas. Antes de largarmos o táxi ainda perguntei: agora com esta vaga de refugiados da RDA, tu não quererás passar para o Ocidente?

«Nem pensar, respondeu, aqui ganho mais que em Berlim Ocidental: eu tenho este negócio de táxis (não disse clandestino, mas entendeu-se), a companheira com quem vivo tem emprego certo, o nosso filho tem kindergarten de borla, o nosso andar é barato, vivo em Berlim, que mais quero?»

Quando lhe paguei os 20 marcos contratados reparei que na sua carteira só havia dinheiro ocidental.

Duas horas de passeio a pé por Berlim-Leste, metendo o nariz ora em edifícios de luxo provinciano ora em bairros degradados, deixam a impressão de que em Berlim Ocidental a guerra terminou há 45 anos, mas na parte Leste há apenas seis meses. As obras fervilham, mas o *Kitsch* domina. Excepto, naturalmente, aquela Galeria de Arte na Avenida das Tílias, onde pintores, escultores, autores de serigrafias, ceramistas, emprestam à cidade um toque de inconfundível vanguarda cosmopolita. Os preços dos vários objectos de arte não especificam se se trata de marcos capitalistas ou socialistas. Motivo bastante para meter conversa com uma das jovens empregadas: este quadro de 3500 marcos quanto custa se for pago em divisas? «O câmbio oficial é de 1 por 1, mas se quiser comprar em dinheiro ocidental, aceitamos ofertas». Na galeria de arte não se notam vestígios de divisão ou de duas Alemanhas: qualquer que venha a ser a solução política para redesenhar o mapa da Europa Central, artistas ou intelectuais já demonstraram completa indiferença aos bonecos fronteiriços traçados em Fevereiro de 45 pelos senhores Roosevelt, Churchill e Estaline. As duas guerras, a real e a fria, já não piam, o pós-guerra também é passado, e a linguagem é comum

À noite ainda fomos meter o bedelho na *manif* da Alexander Platz. Não pudemos ficar muito tempo porque o visto expirava à meia-noite, mas ficou a impressão nítida de uma movimentação autónoma e separatista: tinha-se perdido o medo de tutelas, celebrava-se a emancipação, e os «vopos» encostados às paredes, também pertenciam ao espectáculo - como nos gloriosos filmes americanos sobre a decadência do Império Romano, eles eram figurantes: calados, passivos, só para enfeitar.

No dia seguinte, à hora do fecho das lojas, na Kantstrasse de Berlim Ocidental, uma senhora cinquentona e impecavelmente vestida, retirava do passeio fronteiriço à sua galeria, estatuetas de budas femininos que passaram o dia na borda da rua tentando aliciar compradores. Os budas femininos com cerca de meio metro de altura, requeriam diálogo. Qual é a sua ideia de fazer budas femininos? «Porque não?, respondeu a artista plástica, só os homens é que podem fundar religiões?» Ainda ajudei a artista a meter no interior duas ou três budas ornamentais, e a conversa só acabou quando ela me perguntou por Lisboa. Conhece Lisboa? «Não, nunca lá estive, mas vi na televisão as horrorosas imagens do incêndio da parte velha da cidade. Já reconstruíram a parte que ardeu?» Ia a começar com uma explicação técnica, mas a artista interrompeu-me: «vocês têm lá um arquitecto que entende muito de reconstruções, o Vieira, não é?»

Sim, o Siza Vieira...

Nunca esperei encontrar numa rua lateral de Berlim uma amante incógnita de Lisboa, e admiradora do Siza. Se Berlim durante 45 anos simbolizou a divisão da Europa e se já expiou os pecados do louco que a habitou e nela decretou a chacina de 50 milhões de vidas, a cidade tem agora todos os adjectivos para passar a ser a capital europeia da cultura, deixando Bruxelas para o paraíso dos funcionários públicos, Frankfurt para os banqueiros trocarem moedas, Paris para celebrar revoluções e Londres para os jogadores da Bolsa.

**José Sousa Monteiro**


**ESCOLA DE CONDUÇÃO MODERNA**

**COM PROGRAMA DE ENSINO TEÓRICO E PRÁTICO ULTRA-INOVADOR**

MÉTODOS PRÁTICOS DE ENSINO NÃO UTILIZADOS NAS OUTRAS ESCOLAS

**A ESCOLA MAIS MODERNA DA EUROPA**
**ENSINO A QUEM NÃO FALA PORTUGUÊS**
**A QUALIDADE DO NOSSO ENSINO GARANTE 95% DE APROVAÇÕES**

A ESCOLA DE CONDUÇÃO DO FUTURO QUE LHE DÁ GARANTIAS DE: HONESTIDADE

**E O PREÇO**

**APENAS NECESSITA DE INÍCIO DE 15 101$00**

**CÓDIGO DAS 9 ÀS 21 HORAS — CONDUÇÃO DAS 7 ÀS 22 HORAS**
**VENHA VISITAR-NOS PARA VER!**
**ABERTO AO SÁBADO DAS 8.30 ÀS 19 HORAS**

**Rua Marquês de Alorna, 26, 1.º Dt.º — 1700 — Telefs: 80 54 89 — 80 67 84**

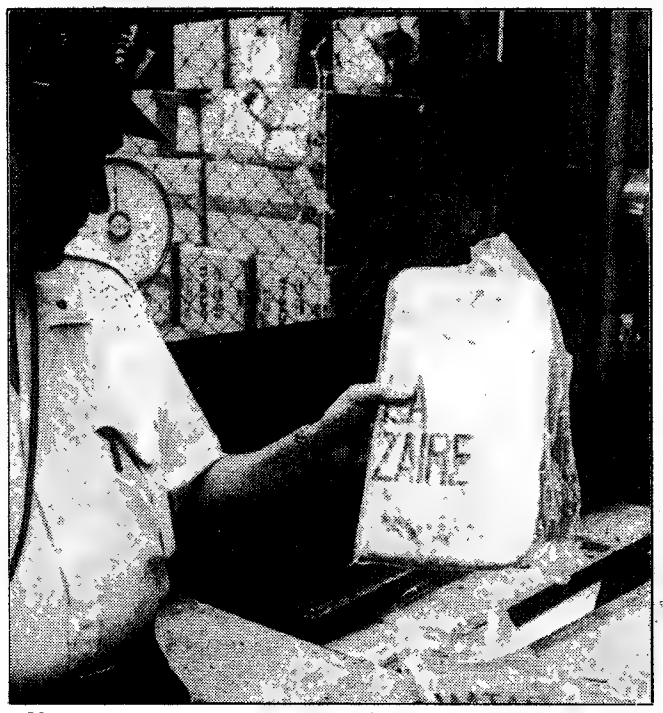
**Com o patrocínio da:**

**FULCAR**

**Av. do Brasil n.º 114 Alvalade**
**Tel.: 848 67 53**
**(aberto todos os dias das 9 às 19.00h incluíndo sábados e hora de almoço)**

# *Os Estados Unidos, grande consumidor de* Droga: Estados Unidos contra

## *droga, vai declarar guerra à América Latina, grande produtor. Bush esteve ontem na Colômbia a tentar convencer alguns dos seus colegas sul-americanos a participar na luta contra os barões do narcotráfico*




**Nos aeroportos portugueses foram apreendidos, em 1989, 201 quilos de cocaína e 25 quilos de heroína**

O Presidente George Bush disse, poucos meses antes de tomar posse, que os Estados Unidos estavam oficialmente em guerra contra as drogas - especificamente a cocaína e os seus traficantes e consumidores. A ajuda militar norte-americana à Colômbia,seguida da invasão do Panamá e da captura do general Noriega, são os primeiros grandes acontecimentos internacionais desta guerra.

Bush afirma que as drogas são «a mais grave ameaça interna que o nosso país enfrenta hoje em dia». A guerra, segundo ele, vai ser financiada nos EUA por um orçamento de 7,9 mil milhões de dólares, a maior parte do qual se destina a conseguir aumentar o número de lugares nas prisões federais, para tratamento e prevenção, para programas anti-droga em estabelecimentos escolares e para forças policiais locais.

O plano foi atacado de imediato e acusado de ter verbas insuficientes. Os críticos dizem que é preciso mais do que 7,9 mil milhões de dólares para combater uma indústria que movimenta 150 mil milhões por ano. O Congresso, controlado pelos democratas, acusou o Presidente republicano de andar a fazer pequenos cortes de verbas no orçamento para não elevar os impostos, financiando assim a sua guerra contra a droga. São necessários mais mil milhões de dólares para o plano de Bush, a maior parte para o tratamento de viciados.

### Convergência crucial

Bush fez as suas afirmações quando a Colômbia - sede dos maiores cartéis de droga - estava a ser criticada pela sua tolerância com os barões do narcotráfico que tinham acabado de ser acusados do assassinato de um proeminente político conhecido pelas suas posições anti-droga.

Agora chegou a vez do Panamá e de Noriega. A convergência dos eventos pode ser crucial na guerra contra as drogas. Se a Colômbia conseguir continuar a perseguição aos traficantes, enquanto os EUA baixam a demanda interna, a guerra contra a droga pode, pela primeira vez, ser levada para o rumo certo.

Parte do seu orçamento (mais precisamente 261 milhões de dólares) vai para a erradicação da coca nos Andes, enquanto se procuram alternativas de cultivo para os camponeses e se interdictam carregamentos de droga para os EUA.

### Estatísticas esclarecedoras

O problema é complicado. No mesmo dia em que o plano de Bush era anunciado à Imprensa, um grande carregamento de cocaína, no valor de 75 milhões de dólares, era apanhado na Califórnia. Em duas semanas avisadas de movimentos suspeitos num armazém, as autoridades descobriram 20 toneladas de drogas em Los Angeles, juntamente com 10 milhões de dólares em dinheiro. Outras nove toneladas foram apanhadas no Texas e ainda outras seis no Golfo do México.

O preço da droga, uma indicação do comportamento do mercado, elevou-se. A descoberta dos carregamentos dramatizaram a natureza do «inimigo» de Bush. Outras números que se destacam:

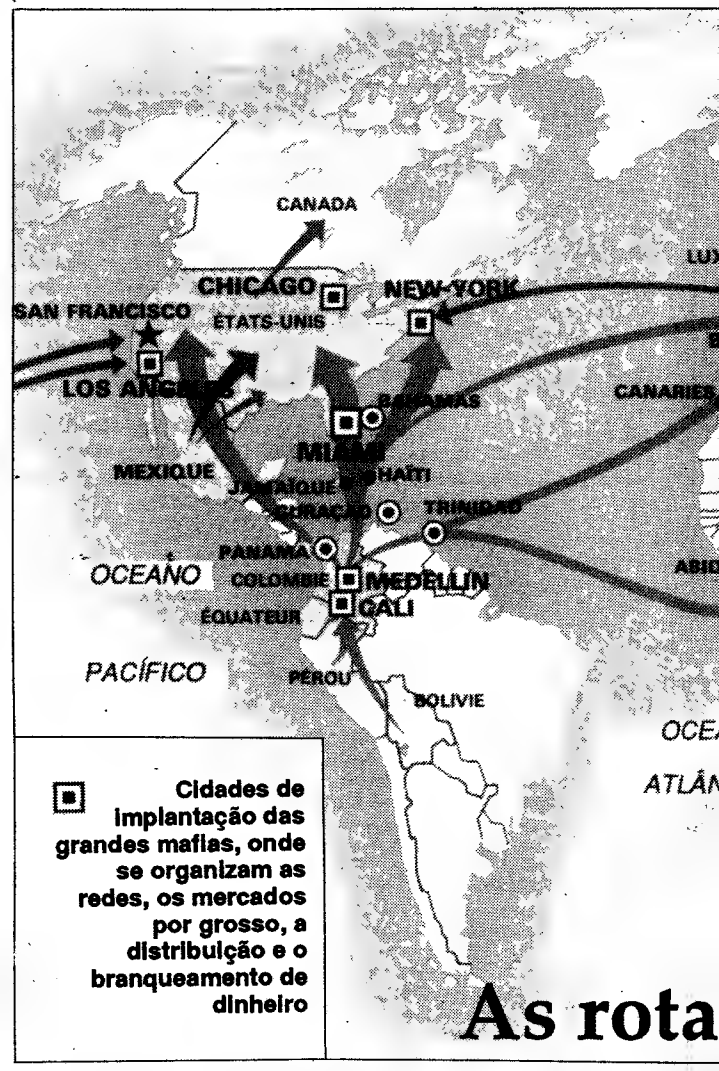
- 72 milhões ou 32 por cento dos americanos com 12 anos ou mais já consumiram alguma droga.
- 75 por cento dos consumidores são brancos (embora a opinião comum identifique as drogas como um assunto de «negros»).
- 41 por cento dos consumidores são do sexo feminino.
- 11 por cento das crianças nascidas em 1988 estiveram expostas a drogas durante a gravidez.
- Mais de 50 por cento dos detidos por delitos graves em 14 grandes cidades e que fizeram voluntariamnete o teste de droga, eram consumidores.
- 1696 pessoas morreram pelo consumo de cocaína em 1988, cinco vezes mais do que em 1984.
- Seis milhões de pessoas necessitam de tratamento por serem viciadas.

Estas estatísticas têm uma face humana. Os jornais estão cheios de histórias como estas:

- Um mulher, em Detroit, deixou que violassem a sua filha de 13 anos para conseguir dinheiro para comprar drogas.
- Na Pensilvânia, um rapaz de 7 anos e uma rapariga de 9 estavam a imitar um mercado de droga ao ar livre, usando relva para a marijuana e açúcar para a cocaína.

### Militares contra a droga

São histórias como estas que estão a causar uma grande indignação contra as drogas. Algumas pessoas, entre as quais diversos membros do Congresso, estão a exigir que o combate ao tráfico seja tão grande quanto contra o con-




## As rota

## A «máquina de lavar» dinheiro da droga

Calmo, o senhor Silva entrou no Casino. Dirigiu-se à sala de jogos. No balcão, trocou mil contos por fichas. Deu "uma volta" pelas máquinas. Voltou ao balcão. Trocou as fichas por um cheque. Do Casino. Respeitável. Calmo, o senhor Silva saiu do Casino. A sua missão estava cumprida. Tinha iniciado o processo de lavagem do dinheiro da droga.

Esta história não tem nada de ficção e ilustra um dos processos mais óbvios e simples de transformação do "dinheiro sujo" em "dinheiro limpo".

A operação tem três componentes básicas: a pré-lavagem (transformação de moeda fiduciária duvidosa em moeda fiduciária mais própria), a lavagem (transformação de moeda fiduciária em moeda escritural) e a reciclagem (utilização do dinheiro de forma lucrativa e respeitável)

O dinheiro oriundo da droga é apenas um dos provenientes de actividades, digamos, não legais, clandestinas, informais. É, contudo, aquele cujas importâncias são mais significativas.

O consumo de droga pelos cerca de 48 milhões de drogados é avaliado em 300 mil milhões de dólares pela Interpol e em 900 mil milhões pelo Instituto suiço Saint Gall. O valor da Interpol corresponde a 9 por cento do comércio mundial...

Lavar e reciclar quantias com esta dimensão, a que se juntam outras da fraude fiscal ou da venda de armas, por exemplo, exige um sistema financeiro adequado e cumplicidades no sistema financeiro.

Falar de "paraísos fiscais" e zonas "off-shore" é uma das aproximações possíveis.

Recordar o caso do BCCI - o "banco da droga" - é constatar que há nomes (para actualizações, ver o livro de Jean Ziegler, editado este mês: "La Suisse lave plus blanc").

Apontar as recentes medidas legislativas dos governo de Rocard e Gonzalez sobre a lavagem de dinheiro no sistema financeiro é ver que os Estados nossos vizinhos actuam.

O branqueamento deste dinheiro resulta na "contaminação" e no "contágio" de instituições, actividades e pessoas consideradas respeitáveis nos mais diversos domínios: político, económico, social, cultural, desportivo,...Noriega é, apenas, um exemplo extremo.

Esta degradação tem por contrapartida o reforço das relações subterrâneas entre "industriais" da droga, figuras públicas e...organizações extremistas.

O financiamento de campanhas eleitorais em Estados democráticos com dinheiro proveniente da venda de droga por aquelas organizações constitui, tão- só, um paradoxo aparente da lavagem deste dinheiro.

Instituições tornadas reféns do "dinheiro sujo" será mera especulação?

**Rui Nunes**

# Em Portugal há sete ou

## *Grandes traficantes em Portugal talvez não haja. Há sete ou oito patr a que a Polícia nunca chega, por que se limita a apanhar os pequenos*

Ninguém gosta de falar de tráfico de droga. Além de antipático, o tema pode tornar-se perigoso, quando se ultrapassam as generalidades. Nomes não há e as histórias nunca se contam até ao fim. Pelo meio, alguns pormenores esboçam os contornos de um puzzle impenetrável.

Um casal foi preso em 1986, quando entregava a um cúmplice 395 gramas de heroína, dissimulada nas capas de um livro. Julgados em 1988, ele cumpre dez anos de prisão e ela sete. Eram os chefes portugueses de uma rede luso-espanhola de tráfico de heroína e haxixe.Na sua órbita, mais três elementos foram apanhados e condenados a três anos de cadeia. Quanto às transacções, faziam-se num talho, em Carcavelos. É uma história típica de uma rede à portuguesa.

Ao câmbio actual - um grama de heroína, segundo fontes policiais, vale cerca de treze contos - aquela remessa valeria para cima de quatro mil. Mesmo numa escala modesta, se comparada com a de outros países da Europa, o tráfico de estupefacientes em Portugal é um negócio altamente rendoso em que grandes fortunas se fazem em poucos anos.

«Falar de grandes traficantes, em Portugal, é exagero» - disseram-nos em rara sintonia, um delegado do Ministério Público e um advogado, especialista na defesa deste tipo de crimes. «Há sete ou oito figuras de proa e o resto é comércio pequeno».

Essas figuras de proa, relacionadas principalmente com tráfico de heroína, já que a cocaína não tem, em Portugal, mercado significativo, dividem-se em dois grupos: pessoas de origem indiana, que aproveitam laços familiares e culturais com a Índia, que é um dos grandes centros de produção da droga, e elementos nacionais, ligados a grandes redes do tráfico internacional.

São exemplos os casos de Faisal e de Arlindo Vilas Boas, português com dupla nacionalidade, que foi julgado à revelia por ter fugido para o Canadá.

Num caso e noutro, trata-se de superinvestidores a quem quase nunca se chega. Um alto funcionário da PJ concorda em que «é extremamente difícil chegar à fonte», salientando, contudo, que «uma investigação pode durar meses e meses» até ter êxito... ou falhar.

Quando falha, segundo o advogado que consultámos, é porque alguém, em algum elo da cadeia, recebe tanto dinheiro que «aceita avocar para si uma responsabilidade que não tem» - e aí surge a figura do lugar - tenente que toma o lugar do patrão.

Entre o superinvestidor e o «dealer» de esquina há toda uma hierarquia, extremamente móvel, da qual se podem isolar dois tipos: o lugar-tenente e o fornecedor de zona. De referir, para ilustrar a mobilidade e a indefinição de contornos, de todo este esquema, que há poucas semanas foram detidos dois advogados estagiários arguidos de desempenhar papel de relevo em organização deste género.

Segundo as nossas fontes, a um traficante português com alguma envergadura, põe-se o problema que se coloca aos seus congéneres

# tra a América Latina

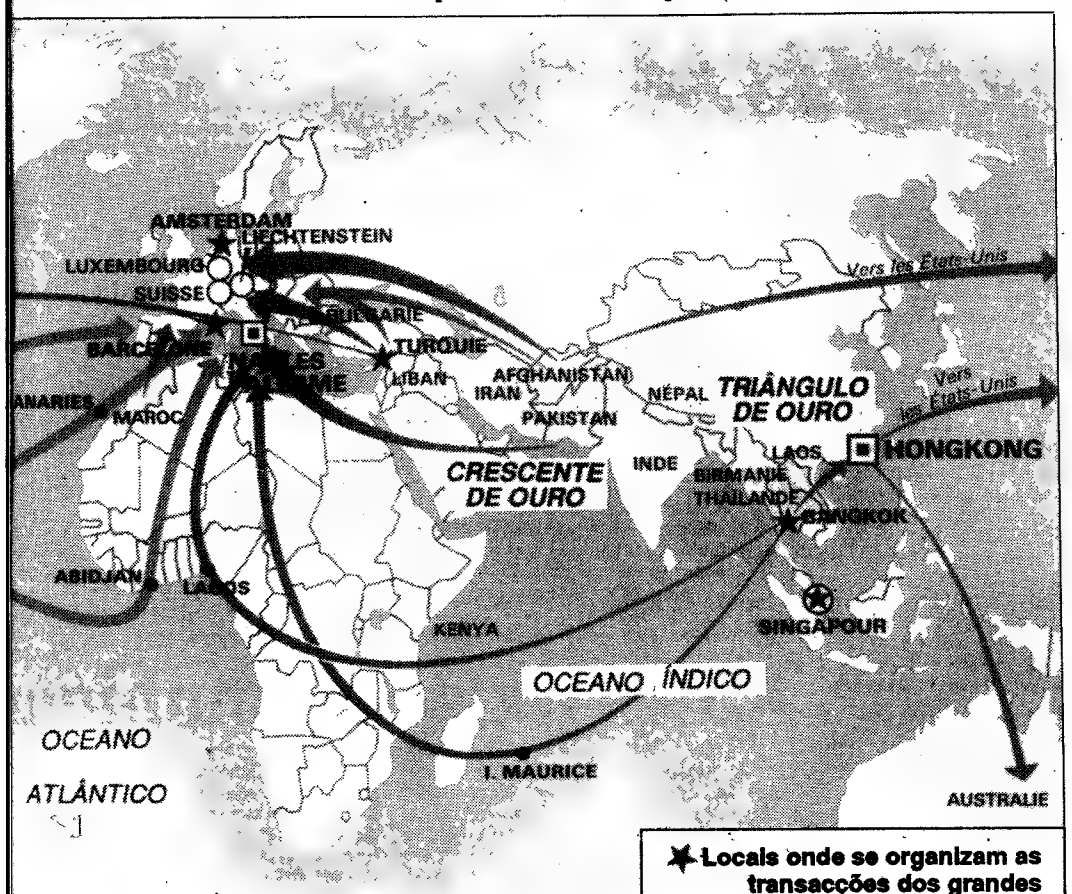
sumo e que os militares passem a assumir o principal papel na luta contra os contrabandistas.

Várias reportagens publicadas no início do ano passado afirmavam que departamentos governamentais estavam a considerar propostas que implicariam em assassinatos secretos de barões da droga ou no uso de forças militares contra os cartéis do narcotráfico.

O plano de Bush não faz referência a nada disto. Mas várias notícias publicadas nos últimos tempos revelam que estão a ser pedidas sugestões a comandantes militares norte-americanos em diversos pontos do mundo para uma possível acção conjunta.

Os próprios militares não vêm a questão com bons olhos. Segundo um relatório do Departamento da Defesa para a Comissão Parlamentar das Forças Armadas, serão necessários um terço dos navios da Marinha, mais aviões com radar do que a Força Aérea agora possui e mais cem batalhões do Exército para impedir a entrada de drogas nos EUA. Os custos serão de 18 mil milhões de dólares, seis por cento do orçamento da Defesa.

**Mohamed Hamaludin - exclusivo Gemini/«DL»**




★ Locais onde se organizam as transacções dos grandes circuitos internacionais

● Locais onde existem redes organizadas de recepção e re-expedição da droga

# otas do tráfico

# u oito patrões da droga

*to patrões de tráfico da droga - segundo fontes judiciais. Patrões uenos vendedores e os consumidores ou os correios internacionais*

pes- de todo o mundo: a necessidade de branços quear o dinheiro que ganha. Contudo, de um acordo com alto funcionário da banca, «Lisa, e boa não é praça apetecida para operações de des branqueamento, até porque o sigilo bancário pode ser levantado em caso de suspeita de tráfico de estupefacientes». Até agora, os bancos Ar- de Beirute e da Suíça têm sido os preferidos ion- para este tipo de operação.

ter Há outras formas. E contam-se histórias. ves- Um sujeito há meia dúzia de anos não tinha Um um tostão. Agora é dono de unidades hotelei- é ex- ras, restaurantes, joga noites seguidas no casino. lien- «O jogo e as actividades ligadas ao sector ode hoteleiro, turístico ou compra e venda de har. propriedades são algumas das várias formas que eficazes de branquear o dinheiro que se obtém elo com a droga» - dizem fontes policiais. Uma eita outra que nos referiram, tão sinistra que parece não humor negro, liga-se com o financiamento de ente associações de recuperação de toxicómanos, realizando, assim, um círculo perfeito.

» de Na periferia do tráfico organizado vivem ma- os «free-lancers» que se arriscam a fazer passar dois três ou quatro quilos de heroína ou de coca ona. (cujo preço actual é de cerca de oito contos o nde- grama) atraídos pela oportunidade de ganema, har muito dinheiro em pouco tempo. São dois mais facilmente detectados porque não dispem- põem de infra-estruturas de apoio.

leste Se um intermediário recebe o dinheiro de uma transacção sem pagar ao fornecedor, ante diz-se que «deu uma banhada». Acontece be-se com frequência, segundo conhecedores do eres meio, e ao que parece não há em Portugal grande tradição de ajuste de contas violento por um motivo destes. A vingança mais comum é a denúncia, mesmo entre elementos da própria família.

Apesar de a percentagem de mulheres no mundo do tráfico ser relativamente pequena, sabe-se a história de uma mulher, pequena fornecedora (da categoria a que, na gíria, se chama «cadeirão») que opera no café de que é proprietária, num bairro degradado. Mãe de um toxicómano, tem-lhe impedido todas as tentativas de recuperação, para não perder o isco que o filho representa para o negócio. Dizem-nos que é um procedimento vulgar.

**Fátima Franco**

# Retrato «Robot» do traficante português

## Grande fornecedor ou «lugar tenente»

- Idade: 35/45, um ar duro.
- Estudos secundários incompletos em curso médio.
- Zona de actividade: «import-export», gerente comercial, ou qualquer outra que justifique frequentes deslocações ao estrangeiro.
- Viaja muito de avião e gaba-se de conhecer os aeroportos (... é daquele estilo que tem a casa de banho cheia de sabonetes de hotéis...)
- Tem um bom carro, o que não implica que goste de automóveis ou perceba de motores, sugestão: Mercedes, Ford Sierra e por aí...
- Relógio de ouro, *Dupont* de ouro, caneta de ouro...
- Vestuário: gravata e lenço de seda num fato caro, mas de pronto a vestir.
- Frequência: certos meios mundanos que implicam muito dinheiro e pouco *status:* boîtes de hotéis, discotecas, etc.
- Amantes: + novas e muitas. Tipo: prostitutas, mas não de rua.
- Óculos escuros de marca bem à vista.

## Fornecedor de zona

- 25/30, ar duro e machão.
- Nível de instrução: básico/secundário muito baixo.
- Zona de actividade: se tem alguma é no pequeno comércio ou na indústria hoteleira: empregado de boîte, restaurante, segurança, porteiro (de locais de diversão nocturna, etc.); também pode ter sido recrutado no desemprego.
- Vestuário: casaco de cabedal, camisa meio desabotoada, um fio ao pescoço ou uma pulseira ao lado de um relógio «desportivo».
- Meio de transporte: moto ou carro nem muito novo nem muito usado, para a polícia não desconfiar...
- Zonas de operação, em Lisboa: «Meia-Laranja», «Cambodja», «Rotunda do Relógio», «B.º da Liberdade», etc...
- Frequência: boîtes e bares da periferia ou de Lisboa, de algum modo associados ao ramo. Aparece muito tarde e sai já de manhã.
- Mulheres: a condizer, na idade e no estilo. Consumidoras, ou «dealers» de pequena escala.

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

# QUOTIDIANO

## Maquinistas da CP preparam paralisação total para dia 24

O presidente do Sindicato dos Maquinistas da CP disse hoje, ao DL, que na assembleia-geral da classe, marcada para 24 do corrente, para analisar a evolução da greve em curso, vai ser apresentada uma proposta de «paralisação geral total que pode ser de 24 horas ou de uma semana seguida». Castelo Lopes afirmou que a sugestão tem «noventa por cento de possibilidades de ser votada favoravelmente», convidando o Conselho de Gerência da CP «a fazer algo para evitar que a proposta seja aprovada».

O dirigente sindical referiu que os maquinistas estão na disposição de «não acatar a requisição civil» se ela vier a ser decidida pelo Governo e apelou, ao Conselho de Gerência da CP, que escute o apelo feito, há dias, pelo ministro dos Transportes, na televisão, «para que fizesse um esforço suplementar para ultrapassar o diferendo». A CP «já devia ter ouvido o apelo do senhor ministro», comentou.

O presidente do Sindicato dos Maquinistas reconheceu que a greve em curso está a criar situações de tensão social graves e manifestou preocupação pelas condições de segurança em que os passageiros da linha de Sintra estão a ser transportados, rejeitando, todavia, qualquer responsabilidade dos maquinistas face a um eventual acidente.

«Se houver um acidente, a responsabilidade é toda do Conselho de Gerência que, mesmo fora de situações de greve, não dá aos passageiros condições para viajar de forma digna e com segurança», sublinhou Castelo Lopes.

O dirigente sindical, que também é maquinista, disse que «em termos de regulamento o maquinista não tem nada a ver com o número de passageiros que transporta». Afirmou que esses profissionais só podem, por decisão própria, «reduzir a velocidade, estando sujeitos, no final da viagem, a ser processados disciplinarmente por atrasar o comboio».

## Lista afecta à JSD vence em Coimbra

O estudante de psicologia Emídio Guerreiro, da lista apoiada pela Juventude Social Democrática, é o novo presidente da Associação Académica de Coimbra.

Emídio Guerreiro, que perdera a primeira volta da eleição, na semana passada, por 39 votos, contra a lista afecta à JS, justificou a sua vitória dizendo que a sua lista «correspondia ao melhor projecto e à melhor equipa».

## «O Novo Liberal» sucede a «O Liberal»

Os jornalistas do semanário «O Liberal» decidiram ontem constituir-se em cooperativa e viabilizar o projecto do jornal, que passará a sair às quintas-feiras, com a designação de «O Novo Liberal».

Assim, o semanário não se publicará amanhã mas, segundo foi ontem anunciado, será editado na próxima quinta-feira, sob a responsabilidade da cooperativa dirigida pelo actual director, Francisco de Sousa Tavares. Os accionistas haviam comunicado, quarta-feira passada, a decisão de encerrar a publicação.

# Controvérsia acesa sobre a Via do Infante

*O traçado da via longitudinal do Algarve implica compromissos cujo cumprimento foi encarado, no congresso regional, como um imperativo de honra*

«Portugal não honra os seus compromissos legais, violando as normas comunitárias. Quereremos continuar a ser vistos na Europa como uns aldrabões e fora de lei?». Com esta questão José Eduardo Reis, assistente da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, terminou a sua intervenção sobre a construção da Via do Infante, a mais polémica e incómoda comunicação feita ontem, no segundo dia de Trabalhos do 6º Congresso do Algarve.

Esta e a questão das cheias foram, aliás, os dois grandes temas do dia. Também neste caso os problemas parecem residir na adopção de políticas de ordenamento completamente erradas e contrárias aos interesses da região.

Aguardada com grande espectativa, a intervenção de José Reis tocou num ponto essencial de todo o controverso processo da Via do Infante, classificada já como uma das mais importantes infraestruturas do Algarve: a ilegalidade do seu traçado face às directivas comunitárias nesta matéria.

De acordo com José Reis, todo o processo enferma, desde o princípio, de uma grande ilegalidade. «Portugal foi signatário, em Julho de 1985, da directiva número 337 da Comissão das Comunidades que prevê, entre outras coisas, a submissão do traçado das vias à apreciação de todos quantos por ela são afectados e o seu estudo cuidadoso, nomedamente em termos de impacto ambiental», explica aquele assistente universitário.

Tal directiva pressupunha que, no prazo de três anos, cada país publicasse as leis adequadas ao seu ordenamento jurídico nacional.

«O Governo português só o fez na reunião do Conselho de Ministros da semana passada, permanecendo cerca de um ano e meio fora da lei»

Terá sido esta situação ilegal que esteve na origem da retirada do apoio de dez milhões de contos prometidos pela CEE. José Reis mostrou ao DL a resposta do presidente da Comissão das Comunidades, Jacques Delors, à carta enviada pelos agricultores do sotavento algarvio cujas explorações serão sacrificadas pela via. A missiva não deixa dúvidas: o Governo português desrespeitou as directivas comunitárias.

Entretanto, o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, garantiu ontem aos jornalistas que o financiamento virá. Todavia, os documentos a que o DL teve acesso não apontam nesse sentido.

**Os mais prejudicados**

Os agricultores do sotavento algarvio e, muito especialmente, os do Vale da Asseca, são, aliás, quem mais tem protestado contra a rodovia. A queixa que apresentaram ao primeiro-ministro deu origem a uma revisão do traçado, feita em 1988 pela Junta Autónoma das Estradas, autora do primeiro projecto.

«Os argumentos que justificam o segundo traçado são um atentado ao bom senso», afirma José Reis. «Consideram-se razões estéticas bem como a necessidade de não afstar a via do aeroporto...» -- acrescenta.

Além disso, a ideia de salvar terrenos férteis para a agricultura, que estava subjacente ao projecto, cai pela base se se tiver em conta que o inventário de classificação de dolos em que foi fundamentado o segundo traçado, data de 1959.

Paralelamente, o projecto elaborado pela Comissão Coordenadora da Região do Algarve (CCRA) -- considerado por muitos sectores como mais favorável à região -- foi rejeitado pelo Conselho Superior de Obras Públicas, sem que tenham sido divulgadas publicamente as razões dessa opção.

Adriano Pimpão, actualmente vice-reitor da Universidade do Algarve, e que na altura integrava a CCRA, interveio igualmente para acusar a Junta Autónoma das Estradas de estar a prejudicar o ordenamento e desenvolvimento do Algarve, bem como o seu ambiente, classificando a intervenção comunitária como desprestigiante para a Administração.

As intervenções deram origem a acesa controversia, protagonizada pelo governador civil de Faro, Cabrita Neto. Numa intervenção confusa e inconsistente, o representante governamental acusou a CCRA de só ter sido capaz de elaborar um projecto com a ajuda de técnicos alemães e terminou concluindo que «Portugal é um dos países com menos problemas de impacto ambiental», o que provocou uma gargalhda geral entre a numerosa assistência.

Apesar de todo o debate, muitas das questões levantadas pela construção da Via do Infante ficaram por analisar. É o caso dos danos que vai causar à Reserva Natural do Sapal de Castro Marim, dos interesses na aquisição de terrenos junto aos nós de acesso à rodovia e do tão falado acentuar das assimetrias entre o literal e o interior.

Nota curiosa foi a presença do engenheiro responsável pelo traçado -- inexplicavelmente pertencente à delegação da JAE de Évora e não à de Faro, como seria natural -- e que se absteve de fazer qualquer comentário.

**Dina Soares**

# Aduaneiros portugueses e espanhóis tentam unificar greves

A possibilidade de articulação de formas de luta concretas entre os trabalhadores aduaneiros espanhóis e portugueses será estudada na próxima semana, durante uma reunião entre as respectivas Federações sindicais dos dois países, afirmou esta manhã ao «DL» o dirigente Vítor Duarte.

Os trabalhadores aduaneiros espanhóis encontram-se em greve de zelo desde o passado dia 2, como forma de pressionar o Governo de Felipe Gonzalez a nivelar os seus salários pelos praticados na CEE.

Exigência mais modesta têm os aduaneiros portugueses, cujo objectivo da sua greve (hoje no segundo de três dias) «não é reivindicar aumentos salariais, mas tão só manter os actuais vencimentos».

Tratando-se da mesma classe e em dois países que fazem fronteira, um processo de luta conjunto terá ainda maiores reflexos do que os que já está a ter, separadamente.

Em estudo está igualmente a articulação com os portuários portugueses, de forma a «não haver sobreposições nas acções», disse Vítor Duarte.

Os trabalhadores alfandegários nacionais reivindicam essencialmente duas coisas: o financiamento das suas remunerações pelo Orçamento de Estado e não por cofres privativos, os chamados «sacos azuis», e a igualdade de tratamento nas carreiras profissionais.

Nestes primeiros dois dias de greve foi já afectada toda a circulação de mercadorias, o abastecimento de aviões e navios e o fornecimento de matérias-primas à indústria nacional.

Sinal visível do reflexo da paralisação são as longas bichas de camiões TIR em Alverca e Freixieiro, que depois de encherem por completo o parque, prolongam-se já estrada fora, tal como se verificou na anterior greve, em Junho passado.

Os serviços mínimos estão a ser observados, e exemplo disso foi a apreensão, ontem, de três quilos de cocaína a um didadão chileno, no Aeroporto de Lisboa.

Mais uma vez, segundo os dirigentes sindicais, está em causa o não cumprimento, pelo Governo, dos compromissos anteriormente assumidos à mesa de negociações.

Mas também os guardas florestais encetaram um processo reivindicativo pela publicação do respectivo estatuto profissional, com a convocação de uma greve para 8 e 9 de Março.

Aqueles profissionais aprovaram ainda uma nova greve para a última semana de Março, caso o Governo não publique o seu regime de trabalho até ao dia 21, tal como se comprometeu.

**E. A.**

## Material jornalístico deixado em táxi

Uma jornalista do Diário de Lisboa deixou ontem, por esquecimento, no táxi que a transportou, pelas 19.40 horas, do Calhariz (Loreto) ao Bairro de Alvalade, um saco de plástico contendo um dossier volumoso, cinzento, dois cadernos azuis e outro amarelo, todos com textos de entrevistas. Trata-se de material jornalístico que levou muito tempo a elaborar e, na sua maioria, de difícil reconstituição, pelo que se agradece, desde já, a quem o encontrou, o favor de providenciar no sentido de o fazer chegar ao nosso jornal, ou telefonar para 347 48 70/9.

## Lotaria Nacional

4ª EXTRACÇAO

NUMEROS PREMIADOS

67 695 - 70 000 contos
51 891 - 12 000 contos
26 600 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

67 694 - 750 000$00
67 696 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

51 890 - 350 000$00
51 892 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

26 599 - 157 250$00
26 601 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

16 689, 16 877, 23 322, 27 278, 32 464, 42 435, 56 515, 65 562, 66 722 e 68 807.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000$00 - 2 667 Fracção nº 8
300 000$00 - 695
60 000$00 - 891
30 000$00 - 600
15 000$00 - 066, 432, 458, 499 e 757.
7 000$00 - 3 e 5

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 67 601 a 67 700
12 500$00 - 51 801 a 51 900
10 000$00 - 26 501 a 26 599

QUOTIDIANO

# Universidade Aberta arranca em clima de polémica

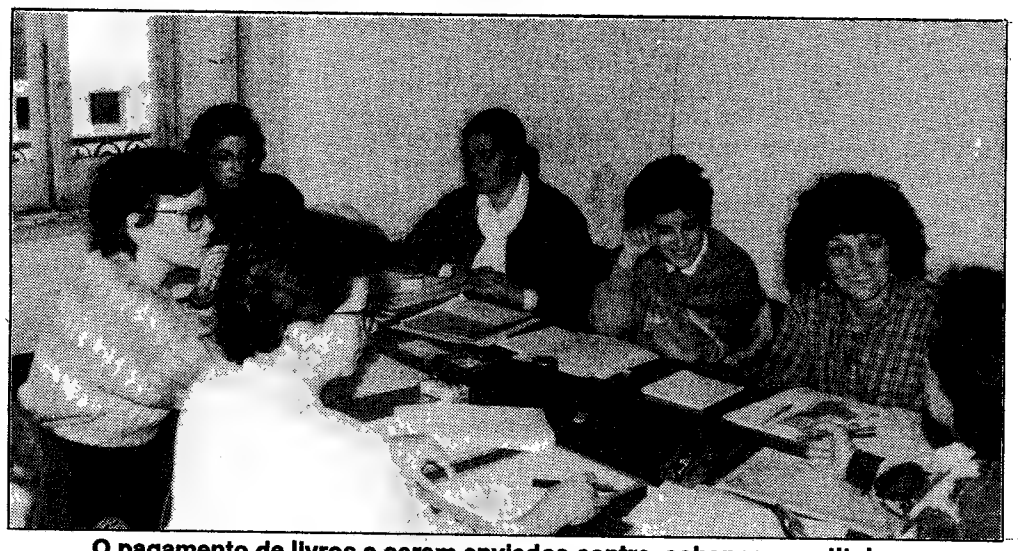
*As emissões televisivas que amanhã se iniciam colocam esta instituição entre o diferendo que opõe Ministério da Educação a professores de profissionalização em exercício*

**O arranque, amanhã de manhã, das emissões televisivas da Universidade Aberta no âmbito da profissionalização de docentes dos ensinos preparatório e secundário, lançou já - e uma vez mais - professores contra Ministério da Educação, numa guerra aberta que muitos temem pelo seu desfecho, ainda com data adiada.**

Morosidade, desadequação de métodos, incertezas de ordem pedagógica, falhas nos próprios mecanismos de formação e elevados custos materiais para os formandos são algumas das questões que, nas últimas semanas, têm preocupado o sector da classe docente envolvido na profissionalização ligada à Universidade Aberta (UA), uma das duas vertentes em que, este ano, aquela instituição de ensino superior à distância vai funcionar.

Para já estão garantidas, todas as manhãs de sábado no 2º canal da RTP e com uma duração de cerca de uma hora e vinte minutos, as emissões de módulos de um grupo de disciplinas genericamente designado por «Ciências da Educação», precisamente aquele que, para os docentes com um mínimo de seis anos de serviço (professores do quadro com nomeação provisória), funcionará em substituição do tradicional estágio de profissionalização.

Mais tarde, ainda sem data definitiva mas, segundo os responsáveis da UA, prevista para os finais de Março, terá início a emissão dos módulos de completamento da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (variante de Estudos Portugueses e Franceses), a única que, neste ano lectivo, tem lugar através do ensino à distância ministrado pela Universidade Aberta.



**O pagamento de livros a serem enviados contra cobança constitui um dos exemplos apontados pelos professores como «geradores de desigualdades»**

Com uma autonomia científica, pedagógica, administrativa e financeira, a Universidade Aberta é, de acordo com o Decreto-Lei que a institui (nº444/88, de 2 de Dezembro), um estabelecimento de ensino superior público vocacionado para exercer as suas funções através do ensino à distância, recorrendo para isso «às modernas técnicas de comunicação, incluindo os meios audiovisuais informáticos».

Se a concepção deste tipo de instituições se baseia no conceito de que «qualquer adulto - ter mais de 25 anos é condição de base para a inscrição na UA - pode aprender por si próprio matérias de grau científico eventualmente elevado, desde que lhe sejam fornecidos os elementos de estudo necessários a essa auto-aprendizagem», a adopção desta «prática» à actividade com que a UA vai amanhã arrancar trouxe já à discussão pública uma série de questões de que a tutela da educação nacional não se pode alhear.

Basicamente, o funcionamento da Universidade Aberta tem duas componentes através das quais lecciona os seus cursos, conferentes de graus de licenciatura: as emissões televisivas, como meio de «democratização» do ensino, e os meios audiovisuais de apoio, que vão desde os materiais didácticos (documentos escritos ou cassettes audio) aos centros de apoio - para acompanhamento científico-pedagógico individualizado dos estudantes -, dos quais só um (no Funchal) dos trinta previstos está já instalado.

As avaliações de frequência são feitas através de um conjunto de elementos obrigatoriamente enviados pelo estudante ao sistema central da UA, em Lisboa, em resposta a solicitações específicas, e é este tipo de avaliação que, no fim de cada ano, dá acesso a uma avaliação final, a realizar em instituições de ensino superior público perante júris nomeados pela Universidade Aberta.

### A profissionalização possível?

Com a sua abertura inicialmente prevista para Janeiro, o arranque tardio das emissões destinadas à profissionalização dos 3415 docentes dos ensinos preparatório e secundário atirou estes professores para uma situação de desigualdade, com implicações ao nível da própria integração na carreira, relativamente àqueles que complementam a sua formação didáctico-pedagógica nos respectivos estabelecimentos de ensino, nomeadamente ESEs e CIFOPs. Se, por um lado, a instalação das estruturas da UA acarretou atrasos «compreensíveis» - segundo o responsável pelos serviços académicos da Universidade Aberta, um estabelecimento de ensino deste tipo «precisa de seis anos para funcionar em pleno» - por outro, acusam os professores, «a classe docente não pode ser prejudicada por algo que é da inteira responsabilidade do Ministério da Educação».

Estimados em cerca de vinte contos os custos que esta profissionalização vai custar a cada formando, os sindicatos do sector são basicamente unânimes em referir esta situação como algo que «vai contra a Lei de Bases do Sistema de Ensino».

Pagamento de livros a ser enviados contra a cobrança do docente em profissionalização e de taxas de inscrição para a realização dos exames são alguns dos exemplos apontados como «geradores de desigualdades», para mais quando, como afirmam os professores, «o processo de formação dos docentes não pode ser desresponsabilizado ao Ministério da Educação».

Outra das questões que está a envolver forte controvérsia diz respeito ao facto das emissões televisivas irem para o ar no 2º canal da RTP, que, como se sabe, não chega nas melhores condições a certas zonas do País.

De acordo com Emília Tavares, dirigente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), esta é uma das principais fontes de protesto entre o sector de docentes envolvidos na profissionalização.

«Há propostas que vão no sentido de se criar um centro de apoio na própria escola onde o docente está a leccionar, mas nada há ainda de concreto. Depois, em relação ao atraso que se verificou no início da profissionalização, o que está a acontecer é que ainda não há datas fixadas para a prestação dos exames finais, sabendo só os professores que terão de realizar as suas avaliações em Julho e Setembro - com mais uma época de repescagem em Dezembro - ou seja, é-lhes retirado um direito fundamental a qualquer trabalhador, o direito a férias.»

Para esta dirigente sindical, o principal e «mais grave problema» vai ainda colocar-se em termos de ingresso na carreira, uma vez que a nomeação destes docentes como «efectivos» começa a processar-se a partir de 1 de Setembro, mas só depois de terminada a profissionalização

. «Ora, afirmou ao «DL» Emília Tavares, os professores a profissionalizar-se através da Universidade Aberta não a vão concluir antes desta data, o que os coloca logo de imediato atrás de outros profissionalizantes.»

Segundo esta docente, também muitos professores têm aulas aos sábados de manhã, o que os impede de poder assistir às emissões televisivas que ora se iniciam. Em plena polémica, contudo, a Universidade Aberta inaugura amanhã um novo ciclo no ensino em Portugal, o de nível superior ministrado à distância.

Em termos de formação de docentes em exercício - vocação que, no entanto, não é específica da sua concepção - a UA pouco mais é que uma prestadora de serviços. Se nada garante que a qualidade da formação ministrada pela Universidade Aberta possa sofrer com as contingências em jogo, a verdade é que o arranque das suas actividades não deixa, à partida, de estar já afectado por uma polémica a que, de algum modo, a UA permanece alheia.

**M.A.M.**

## Uma «velha» ideia só agora concretizada

**Remonta a 1969, com a criação da Open University, em Inglaterra, o lançamento da primeira iniciativa educacional de «ensino à distância», um processo metodológico segundo o qual os estudantes estão situados fora das paredes de uma sala de aula, desenvolvendo os seus estudos em regime de auto-aprendizagem com materiais didácticos veiculados através dos *media*.**

De acordo com vários especialistas na matéria, o «rápido sucesso» conseguido pela Open University - quer em termos de eficácia pedagógica, quer pelo reconhecido prestígio conferido pelos seus diplomas - assegurou que, nessas circunstâncias específicas, era possível ministrar-se «um ensino de qualidade em matérias do mais alto nível científico, humanístico ou cultural».

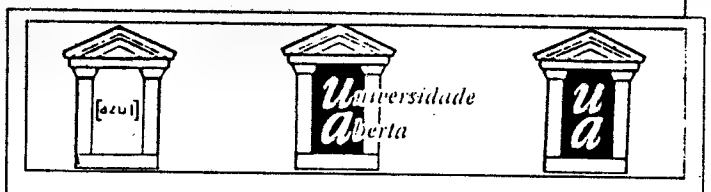
Se, um pouco por todo o mundo, a proliferação de estabelecimentos de ensino superior à distância - genérica e tradicionalmente designados por «universidades abertas» - ficou a dever-se, só por si, ao sucesso alcançado pela Open University, não se pode determinar ao certo. No entanto, esta universidade britânica é, para as suas actuais congéneres, um ponto e um marco de permanente referência, a qual não deixa de ser assumida pela recem criada «universidade aberta» portuguesa.

A estranheza com que o grande público encara o funcionamento desta instituição no nosso país, num momento em que a Universidade Aberta está prestes a arrancar e ainda não pode referenciar a tradição de uma escola académica, não reflecte o êxito que este tipo de instituições já conseguiu na Europa.

Só no espaço europeu existem hoje, passados vinte anos sobre a criação da Open University de Inglaterra, treze estabelecimentos universitários de ensino à distância, entre as quais se destacam, pela sua antiguidade, a Universidad Nacional de Educación a Distancia, em Espanha, e a FernUniversitat de Hagen, na RFA, e entre as de mais recente criação a Open Universiteit holandesa (de 1984), e a própria Universidade Aberta portuguesa, criada em Dezembro de 1988.

O primeiro passo dado em Portugal no sentido da criação duma instituição de ensino superior à distância teve lugar em 1975, quando, através da publicação dum relatório de trabalho, uma comissão *ad hoc* constituída pelos professores Sedas Nunes, Alberto Melo, Fernando Bragança Gil, João Evangelista Loureiro e José António Girão recomendava e definia um modelo possível para o funcionamento duma universidade daquele tipo.

Finalmente, em Julho de 1988, durante a sessão de encerramento do seminário «Desenvolvimento a longo prazo do ensino à distância na Europa», que decorreu em Lisboa, Roberto Carneiro anunciava a criação da Universidade Aberta, aprovada em Conselho de Ministros a 15 de Setembro seguinte, e institucionalizada pelo Decreto-Lei nº444/88, de 2 de Dezembro do mesmo ano.




## Um logotipo simbólico

Pretendendo sugerir, em forma neoclássica, uma janela pombalina aproximada das que se salientam na fachada do seu edifício sede - o Palácio Ceia, situado na Rua da Escola Politécnica, paredes meias com as instalações da Imprensa Nacional - o logotipo da Universidade Aberta (UA) reflecte, por assimilação, a ideia de «abertura» que está associada à própria designação da instituição.

Ao adoptar a divisa *ad astra* a Universidade Aberta retomou em mote, nesta alocução, a ideia de «largueza» de horizontes e de profundidade de espaço. Em sentido material, a divisa sugere que o progresso «não deve limitar-se a interesses excessivamente próximos ou de natureza restritiva». Num âmbito mais figurado, implica, segundo os seus princípios, que a educação e a necessidade de formação humana «só devem encontrar limites na infinidade do Universo».

Esta ideia, aliás, parece ter presidido à escolha do azul, em caso de representação a cores do logotipo da UA, para fundo do contorno estilizado, a negro, da janela neoclássica.

## BREVES

### Crianças portuguesas têm alimentação incorrecta

As crianças portuguesas têm hábitos alimentares errados desde a primeira infância. O pequeno-almoço é quase sempre incorrecto ou inexistente, revela um estudo do nutricionista Rui Lima, ontem apresentado em Tondela, nas Jornadas Alimentares.

Para aquele médico, do serviço de pediatria do Hospital de São João, os principais erros alimentares na primeira refeição do dia são a mistura de açúcar nas papas dadas aos bebés, a ausência de fruta e a baixa utilização de pão ou alimento equivalente.

O pequeno-almoço dos indivíduos até aos 12 anos, verificou Rui Lima, é um copo de leite com café ou chocolate com duas a três colheres de açúcar. O seu trabalho mostrou que dos 200 casos inquiridos, apenas cinco tomavam uma refeição completa por se tratarem de bebés que tinham sido amamentados.

Por outro lado, à medida que se avança no escalão etário aumenta a tendência para se deixar de comer logo de manhã, atingindo percentagens mais elevadas nas classes sociais baixas e altas.

O referido nutricionista sublinhou que a má alimentação é uma das causas mais importantes do insucesso escolar e baixo rendimento curricular. Assim, as crianças que se mostram desatentas e irrequietas a meio da manhã estão provavelmente com fome.

Segundo Rui Lima, as crianças em idade escolar devem tomar um copo de leite ou derivado, um pão com pouca manteiga, queijo ou fiambre e uma peça de fruta.

### Agências de viagens contra privilégios a estrangeiros

Embora considerando que não temem a concorrência estrangeira, os agentes de viagens e turismo portugueses vão avisando que não querem ser prejudicados em benefício dos investidores não nacionais, exigindo que o Governo deixe de favorecer estes últimos.

Segundo Gonçalves Luís, presidente da Associação Portuguesa de Agências de Viagens e Turismo, *«a situação do sector das agências de viagens estabelecidas em Portugal segue o ritmo europeu»*, verificando-se um aumento anual de viagens internacionais da ordem dos oito por cento, a distribuir por um maior número de operadores turísticos, transportadoras e hoteleiros.

Aponta, por outro lado, como principais problemas do sector as dificuldades no acesso ao crédito, a subida das taxas e impostos, o aumento da burocracia e a falta de operacionalidade de *«alguns organismos ligados ao turismo»*.

*Punições agravadas em Código de Estrada*

# Grau elevado de alcoolemia sujeita condutores a prisão

O Conselho de Ministros aprovou ontem um conjunto de diplomas que prevêem, pela primeira vez, a pena de prisão para os condutores com um grau de alcoolemia superior a 1,2 graus/litro.

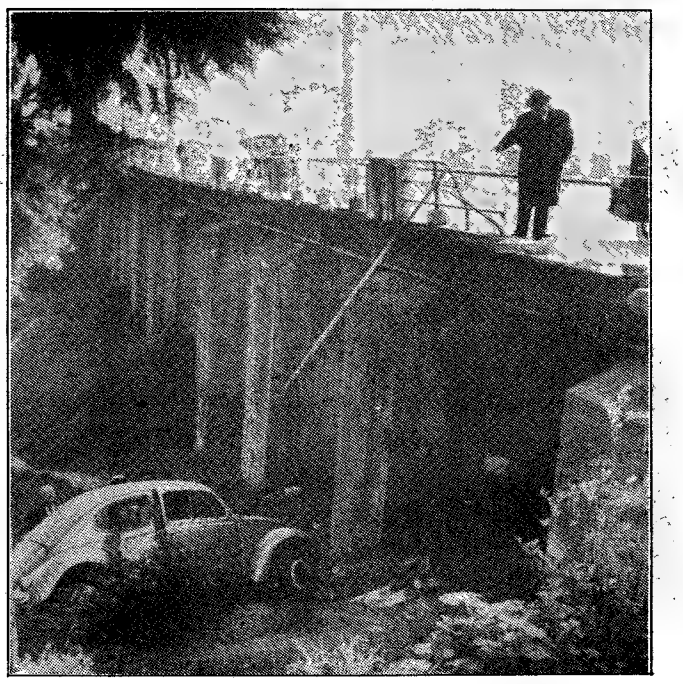
Também pela primeira vez o Governo decretou a possibilidade de imobilização temporária e imediata dos automóveis que circulem sem preencher os requisitos mínimos de segurança rodoviária.

Os diplomas ontem aprovados agravam as sanções para as infracções ao Código de Estrada.

Assim, poderão ser objecto de imobilização os automóveis conduzidos por pessoa sem carta de condução ou seguro, que circulem de noite sem iluminação exigível ou cujo condutor esteja sob influência do álcool.

Serão também aplicadas sanções agravadas para quem conduza sem para tal estar habilitado e para os que sejam portadores nos seus veículos de dispositivos que perturbem a detecção ou fiscalização das infracções.

Nos termos do novo regime agora aprovado, o agente autoante não recebe qualquer percentagem das multas aplicadas. Os referidos diplomas actualizam ainda o regime legal dos veículos de duas rodas, criando, nomeadamente, uma nova categoria de motociclos para os que, embora não excedam a cilindrada de 50 centímetros cúbicos, ultrapassem a velocidade de 50 km/h.



**Alcoolemia continua a provocar mortes nas estradas**

«Para estes veículos passa a ser exigível uma carta de condução com condições mais rigorosas que as actuais», explica um comunicado oficial.

No que respeita à condução com doses excessivas de alcoolemia, muitos dos 10 mil 580 condutores autuados em 1989 por conduzirem sob o efeito do álcool seriam presos se já estivesse em vigor a legislação ontem aprovada.

Em Portugal, o limite máximo admissível de álcool no sangue é de 0,5 gramas por litro.

Para o engenheiro Trigoso, da Prevenção Rodoviária Portuguesa, a nova legislação constitui «uma decisão importante, na medida em que o grau de perigosidade da condução sob o efeito do álcool sob o efeito de 1,2 gramas de álccol ultrapassa o admissível e deve ser passível de criminalização». Acrescentou que «a potenciação do risco de provocar um acidente mortal é multiplicada por 15 quando se conduz com taxas de alcoolemia de 1,2 graus».

Também Coelho dos Santos, secretário-geral do Automóvel Club de Portugal (ACP), estes condutores devem ser punidos porque «constituem um perigo para os demais utentes das estradas, emora seja de questionar a legitimidade de aplicar uma sanção antes do crime ser cometido».

O ano passado foram detectados 175 mil 400 condutores a conduzir sob o efeito do álcool, dos quais 10 mil 580 acusaram taxas de alcoolemia superiores a 0,5 gramas por litro de sangue.

### Soluções para trânsito tardam em Lisboa

«Não há ainda nenhuma solução concreta para o problema do trânsito em Lisboa. A única coisa que posso adiantar é que toda a zona das Avenidas Novas está a ser revista», disse ontem António Perez Metello, porta-voz do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio, numa reunião com a Imprensa para anunciar alguns dos assuntos debatidos pela CML.

Em relação aos pavimentos das ruas da capital, o porta-voz do presidente da Câmara disse que a edilidade «não pode fazer mais do que tem feito devido à falta de um orçamento para 1990».


fp sul e açores

**ELEIÇÃO DOS SECRETARIADOS DE ÁREAS GEOGRÁFICAS DE LISBOA**

**CONVOCATÓRIA**

Nos termos do Regulamento das Delegações de Área Geográfica e do Regulamento Eleitoral, anexos aos Estatutos do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, convocam-se todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos sindicais para, em Assembleia Local Eleitoral de cada um dos respectivos âmbitos seguintes, elegerem os Secretariados concelhios e interconcelhios de:

— Amadora
— Cascais/Oeiras
— Loures
— Sintra
— Torres Vedras/Mafra/Lourinhã/Cadaval/Sobral de Monte Agraço
— Vila Franca de Xira/Arruda dos Vinhos/Alenquer/Azambuja

**Dia 21 de Março de 1990 entre as 8 e as 18 horas**

A votação será repartida por locais de trabalho, conforme lista de mesas de voto a divulgar oportunamente.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1990

A Presidente da MAG
*Maria Raquel da Mota Marques Pinheiro Matos*

A Direcção
*Vítor Manuel Ferreira Gonçalves*
*Custódia da Conceição Alves*

**sindicato dos trabalhadores da função pública do sul e açores**



ita

**FORMAÇÃO ASSISTIDA POR COMPUTADOR 1990**

**INFORMÁTICA**

— PROGRAMADORES
— TÉCNICO SUPERIOR

| SISTEMAS OPERATIVOS | LINGUAGENS PROGRAMAÇÃO |
|---|---|
| MS-DOS | BASIC |
| UNIX | COBOL |
| | C |

**MICROINFORMÁTICA**

— UTILIZADORES
— ESPECIALISTAS

| PRODUTOS | |
|---|---|
| WORD | LOTUS 1-2-3 AVANÇADO |
| WORDSTAR | dBASE III PLUS |
| WORDSTAR 2000 | dBASE III PLUS |
| DISPLAYWRITE | AVANÇADO |
| LOTUS 1-2-3 | |

**CAD (COMPUTER AIDED DESIGN)**

— Desenho Assistido por Computador em 2D e 3D
Práticas em AUTOCAD

O ITA apoia a colocação dos seus alunos, no mercado de trabalho, através do contacto com empresas interessadas em admitir profissionais de informática.
HORÁRIOS DAS 8:30 ÀS 22 HORAS

ITA– INSTITUTO DE TECNOLOGIAS AVANÇADAS PARA A FORMAÇÃO LDA
Av.ª Eng.º Arantes de Oliveira, 3, rc-B – Encosta das Olaias
Telefs. 80 14 59 - 80 15 09 - 80 12 00 — 1900 Lisboa
R. Dr. Alves da Veiga, 192, Loja – Telefs. 56 17 21 - 56 16 50 – 4000 PORTO



A PERFILADORA S.A.

**ASSEMBLEIA GERAL ANUAL**

**CONVOCATÓRIA**

Convoco os Senhores accionistas de «A PERFILADORA, S.A.» a reunir em Assembleia Geral Anual, que se realizará na Sede Social sita à Rua do Sobreiro n.º 400, na Senhora da Hora, concelho de Matosinhos, pelas 15.30 horas do próximo dia 29 de Março de 1990 com a seguinte ordem do dia:

1. Deliberar sobre o Relatório da Gestão e as contas do exercício de 1989;
2. Deliberar sobre a aplicação dos resultados;
3. Proceder à apreciação global da administração e da fiscalização da sociedade;
4. Proceder à eleição dos órgãos sociais para o triénio de 1990/1992;
5. Deliberar sobre a aquisição e alienação de acções próprias;

Para poderem participar na Assembleia Geral Anual os Senhores accionistas possuidores de um mínimo de 10 acções, deverão, até 8 dias antes da data marcada para a reunião, depositar as suas acções na Sede Social ou dentro do mesmo prazo fazer prova de que as mesmas se encontram depositadas em estabelecimento bancário.
Os Senhores accionistas não possuidores de um mínimo de 10 acções poderão agrupar-se em ordem a completar este número e fazer-se representar por um dos agrupados.

Senhora da Hora, 1 de Fevereiro de 1990
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(JORGE FILIPE BRAGA BARROS LEÃO, DR)

# CULTURA

*Encontrar rostos amigos na manhã clara. Retratos que se cruzam com os dias. Tempos que passam. Efémeros momentos que se fixam na retina. Imagens. Nuas de palavras. Tal é o sortilégio da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, ontem apresentada, na Sociedade Portuguesa de Autores, por Joaquim Manuel Magalhães e dita por Hélia Correia, em mais um encontro de «O Poeta na casa dos autores»*

# A luz de Sophia

É assim a poesia maior. Fica nua perante nós. Insinuante para lá das pessoas, para lá dos poetas. Só ela permanece. «Eu era tão nova que não sabia que os poemas eram feitos por pessoas», já o dissera antes a própria Sophia.

Ouvir Sophia Andresen, assim, ao fim do dia, por entre hesitantes estudantes de literatura, por entre os bulícios do contratempo semanal, faz-nos evocar as mágoas do tempo perdido, relembrar a inocência dos primeiros rituais da palavra poética, onde tudo leva a um só caminho: a mais pura fruição.

Joaquim Manuel Magalhães, em extenso discurso literário, apresentou a poetisa. Centrou-se no último volume publicado, *Ilhas*, de 1989, e dele traçou as linhas mestras: a intenção referencial, o tempo apresentado sem paixão, feito universal; a exigente selecção vocabular; a excelente contenção rítmica, «inimiga do esbanjamento das palavras».

Francisco Paraíso

**Sophia: «Que lhes tenha dado prazer»**

«Côncavas de ter/Longas de desejo/Frescas de abandono/Consumidas de espanto/Inquietas de tocar e não prender», são as palavras de Sophia. Elas falam melhor por si mesmas. São o canto da sereia longínqua. Trazem-nos imagens de longos muros caiados, sinuosas linhas de branco que levam ao mar. Às estátuas, de sal. Aos deuses. À epopeia do ser.

Foram oito os poemas lidos por Hélia Correia, sem afectação, «com medo de não servir bem a poesia». Tudo isto foi dito, oralmente, que é como melhor se entende a beleza da poesia de Sophia Andresen. Conta a poetisa que uma criada de casa de seus pais lhe ensinara a Nau Catrineta quando ainda não sabia ler nem escrever. Pois, a oralidade permanece, marcada em cada sílaba, em cada vogal pronunciada

E permanece também o apelo da justiça e da utopia, caros na profissão de fé que a autora tem para com a religião, a vida e a escrita. «Não posso aceitar que se escreva porque não se vive», disse, há algum tempo, Sophia a propósito de Fernando Pessoa. É que a poetisa não consegue comungar do angustiado exílio que anima o poeta do nosso saudosismo.

Em Sophia de Mello Breyner Andresen tudo é luz. Tudo é esperança. Mesmo na contestação clara dos tempos da militância. Mesmo quando dizia, em 70, «Por um país de pedra e vento duro/Por um país de luz perfeita e clara/ Pelo negro da terra e pelo branco do muro/(...) O meu país e meu centro/Me dói a lua me soluça o mar/E o exílio se inscreve em pleno tempo».

Hoje, dirá sem falsos maniqueísmos: «Nestes últimos tempos é certo a esquerda muita vez/Desfigurou as linhas do seu rosto/Mas que diremos da meticulosa eficaz expedita/Degradação da vida que a direita pratica?»

Hoje, afirma-se contra a falsidade dos espaços anteriormente virgens, das construções que habitam a cidade. Contra a propaganda, a ela, aos poetas. («Hoje faz-se a Literatura dos Editores e não a Literatura dos Escritores».) à política, eleitoralista. («Era apenas um leve sabor a podre que fazia parte da natureza das coisas».)

Contesta o próprio «eu» confessional, reivindicando a distância. «Falar de si próprio», disse Sophia, em entrevista recente, «é qualquer coisa que se faz enquanto se está à espera num consultório. É conversa de vizinhas». Indispõ-se contra as *bem-humoradas* «Fúrias» do quotidiano, poema que ela mesma leu, como seu preferido, em luta contra as sociedades do consumo: «Hidras de mil cabeças da eficácia que se avaria (...) E o tempo é transformado em tarefa e pressa a contratempo».

Ao longo dos anos a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen não se deteriorou. Como disse Joaquim Manuel Mgalhães: «Fiel aos seus leitmotives, nunca caiu na repetição, nunca se tornou poesia contente consiga mesma. Pôde crescer enquanto o tempo corria, não trazendo consigo a experiência da decrepitude mas antes uma experiência de inteireza e enriquecimento». Tarefa difícil, nos nossos dias, como bem questionou o apresentador, a de «sermos capazes de encontrar a poesia maior assim». Tantas são as vozes!

Para os quase 200 ouvintes, nem sempre atentos, que se apertaram no anfiteatro da S.P.A., ficou o voto da poetisa: «Que lhes tenha dado prazer».

Na assistência, alguém se interrogava em surdina: «O que é prosódia?», «Referencial?» Que lhe tenha ficado o prazer de ouvir Sophia!

Na S.P.A., o ciclo dedicado à poesia continua a colocar «O Poeta na casa dos autores». No dia 1 de Março próximo será a vez de Natália Correia, dita por ela mesma e apresentada por Fernando Dacosta.

**Manuela Baptista**

## olhar de mocho

# Orgulhosamente sós

Sempre que os governantes das nossas finanças e questões adjacentes aparecem na televisão a falar da situação do País, o sorriso mais rasgado, em geral de orelha a orelha, surge quando apontam os altos índices do investimento estrangeiro em Portugal. Já que a inflação só gera, no mínimo, sorrisos amarelos, a desforra vai para as taxas dos que vêm para cá em missão de duplo desenvolvimento - o nosso e o deles. Sabe-se, além disso, por vias travessas, que os japoneses na Grã-Bretanha com os investimentos feitos se tornaram credores da prosperidade material das ilhas do canal da Mancha. A América também está a ser «comprada» a prestações pelos orientais, e nunca ninguém falou em perca de nacionalidade. Os judeus na Alemanha nazi fizeram o mesmo, não eram nação mas apenas povo, e as reacções nacionalistas são sobejamente conhecidas. E há também o reverso da medalha: emigrantes que foram ao estrangeiro buscar o que a pátria não lhes deu - ou em moedas ou em cultura. O próprio António Vieira dizia que Portugal era um País de onde se deveria sair e só regressar para morrer. Ora, ao que consta, nunca ninguém acusou o famoso Vieira de antipatriotismo.

O tema foi ontem chamado à colação no «Hora da Verdade»: «Portugal à venda?»; «Portugal muda de mãos?»; «Portugal deixa de ser Portugal.»

No caso da especulação imobiliária a questão é clara como água: como faltam Planos Directores Municipais as portas ficam escancaradas à corrupção - tendencialmente e teoricamente um metro quadrado na Avenida da Liberdade ou em Marco de Canaveses tanto dá para uma torre de 40 pisos como para moradia unifamiliar de um só andar. Tudo depende do modo de processar o processo, e os responsáveis são apenas os que têm interesse em manter a coutada aberta para a caça às lebres. Se os estrangeiros gostam de lebre e são bons caçadores, a culpa é de quem mantém o *far-west* ao Deus dará.

Quanto às empresas e aos investimentos propriamente ditos, o problema não estará tanto numa equação deste género: ou continuaremos orgulhosamente sós, a defender o hino e a bandeira ou, pelo contrário, a fornecer investimentos estrangeiros que sejam motor de desenvolvimentos. Evidentemente que colocado o problema nestes termos vagos, poucos serão os que pretendem regressar à velha fórmula salazarista que nos custou fome, miséria, milhares de mortos e estropiados e um trauma colonial que ainda há-de levar gerações a curar. Interessaria, sim, saber se o investidor vem para investir ou para investir em jogos de mafiosos. Este seria um problema de fundo a pedir tratamento adequado. Mas, infelizmente, não foi disso que se falou. Ficou a impressão de estarmos a discutir o problema da identidade histórica e cultural da Sicília.

José Sousa Monteiro

## BREVES

### Amália foi êxito em Madrid

Amália Rodrigues esgotou a lotação do Auditório Nacional de Madrid para o espectáculo que deu ontem à noite, doze anos depois da sua última estada na capital espanhola.

Tratou-se da terceira sessão de fados de Amália na sua digressão por Espanha, comemorativa dos eus 50 anos de carreira. No Auditório Nacional de Madrid estiveram hoje cerca de 800 pessoas, capacidade máxima da sala, cantando emocionados com a fadista algumas das mais célebres peças de repertório.

Depois de Córdova, Granada e da capital espanhola, Amália Rodrigues cantará no sábado em Santiago de Compostela.

Amália visitou também a exposição de Velazquez, a decorrer no Museu do Prado e que, segundo os críticos, é inesquecível.

### Mais um filme de Buñuel na TV

Embora não tão importantes quanto os filmes da passada semana, «Casamento à Italiana» de Vittorio De Sica e «Uma Mulher Sem Amor» de Luís Buñuel são as obras mais representativas a transmitir pela RTP nos próximos dias.

O primeiro, interpretado por Sophia Loren e Marcello Mastroianni, será transmitido no domingo às 14.50 e é tido como um clássico da cinematografia italiana, aliás, como vários outros filmes de De Sica.

«Uma Mulher Sem Amor» ,integrado no ciclo que a RTP 2 está a dedicar a Buñuel, será, por seu turno, transmitido neste Canal às 21.35 de Domingo. Trata-se de mais uma obra que o cineasta espanhol realizou na América Latina, tomando como tema as relações conjugais de um antiquário.

*Filmes sobre o racismo e a guerra do Vietnam melhor colocados para a final*

# Oscares/89: o apaziguar das más consciências da América?

Lisboa pode assistir até 26 de Março a uma verdadeira corrida aos «oscares». É que a grande maioria dos filmes agora nomeados pela Academia de Hollywood ainda não se estrearam comercialmente em Portugal. Numa categoria, por exemplo (melhor filme estrangeiro, e não será por acaso...) acontece até que dos cinco finalistas... só um foi exibido entre nós («Cinema Paraíso»).

Mas mesmo nas categorias principais, a maioria dos nomeados pecam pela ausência dos nossos ecrãs. Dos cinco melhores filmes, vimos até agora um («Clube dos Poetas Mortos»). Dos cinco melhores realizadores sabemos de Peter Weir, que dirigiu aquele filme. Dos cinco melhores actores, apenas podemos avaliar do trabalho de Robin Williams, ainda no filme de Weir. Das cinco melhores actrizes, zero absoluto..

Dos cinco melhores actores secundários, vimos dois (Marlon Brando, em «Assassinato sob Custódia», e Danny Aiello, em «Não Dês Bronca»). Das cinco melhores actrizes secundárias vimos apenas Diana West («Lar, Doce Lar... às Vezes»).

Nas categorias restantes, o panorama não é muito diferente. Vimos «Não Dês Bronca» e «Sexo, Mentiras e Vídeo» (nomeados para o melhor argumento original); «Abismo», «A Fantástica Aventura do Barão» e «Batman» (melhor direcção artística); «Valmont» e «A Fantástica Aventura do Barão» (melhor guarda-roupa); ainda «A Fantástica Aventura do Barão» (caracterização, categoria onde só surgem duas nomeações); «Indiana Jones e A Grande Cruzada» (banda sonora original); «Lar, Doce Lar... às Vezes» (canção original); «Abismo» e «Chuva Negra» (som); «Chuva Negra» e «Indiana Jones e A Grande Cruzada» (efeitos sonoros, categoria onde só surgem três nomeações) e «Abismo», «A Fantástica Aventura do Barão» e «Regresso ao Futuro, Parte II» (efeitos visuais).

No total, das quatro dezenas de filmes que nas diversas categorias recebram nomeações só um terço foi exibido comercialmente em Portugal. O filme mais nomeado (nove vezes), «Driving Miss Daisy», ainda não passou, e o que se segue, «Born on The Fourth of July» (oito vezes nomeado) tem estreia para breve.

Nestas condições é difícil avaliar os critérios que predominam entre os jurados, ou mesmo de eventuais injustiças à partida.

Uma coisa é certa: dois dos maiores êxitos de bilheteira («Batman» e «Indiana Jones e A Grande Cruzada») não surgem como finalistas nas principais categorias. Igualmente, entre os intérpretes apenas uma «star» se encontra como potencial vencedor: Marlon brando (na categoria de melhor actor secundário). Woody Allen está nomeado mas como realizador.

Curiosa, para já, é a inclusão (entre as finalistas na categoria da melhor actriz principal) de uma estrangeira (Isabelle Adjani), intérprete de um filme francês («Camille Claudel»).

Outras curiosidades. O filme americano que venceu o Festival de Cannes («Sexo, Mentiras e Vídeo») surge nomeado, sim, mas numa categoria relativamente secundária (melhor argumento original). «Não Dês Bronca» parte com melhores hipóteses: duas nomeações (melhor argumento original e melhor actor secundário). «Valmont» só terá hipóteses na categoria do melhor guarda-roupa e um filme medíocre («A Fantástica Aventura do Barão») pode ambicionar a nada menos do que quatro «oscares», ainda que não dos principais.

Sorte inversa teve um dos melhores filmes norte-americanos da temporada «Eles Vivem!», de John Carpenter. Não recebeu uma única nomeação, o que só se compreende se nos lembrarmos que se há coisa que Hollywood verdadeiramente não tolera é que se ponha em causa, não já o «star-system», mas o «sistema» todo ele.

Das nomeações aos «oscares» vai uma diferença por vezes inesperada e já tem acontecido que um filme muito nomeado poucas estatuetas recebe.

De qualquer modo é sintomático que os dois filmes que melhor partem para a final, um aborde o racismo, outro a guerra do Vietnam («Driving Miss Daisy» e «Born on The Fourth of July», respectivamente). Dir-se-ia que Hollywood (e independentemente do valor dos filmes, que se ignora) tenta apaziguar, assim, duas das más consciências da América.

Tem sido, ultimamente, esta a linha de conduta quanto à atribuição dos «oscares», longe vão os tempos em que os grandes êxitos de bilheteira, os filmes-espectáculo obtinham a consagração. Resta saber se, como no ano passado, a par do apaziguar das más consciências se premeia a mediania.

Uma mediania que, na categoria do melhor filme estrangeiro, tem normalmente como correspondência a distinção de um filme tido como de prestígio. Neste ano, «Camille Claudel» surge com fortes hipóteses, para mais tendo a principal intérprete feminina nomeada para a categoria da melhor actriz.

A história da amante de Rodin (e irmã de Paul Claudel), grande escultora que enlouquece por amor e destrói quase toda a obra, parece suficientemente capaz de seduzir os bons espíritos de Hollywood.

Bem mais do que «Os Canibais», que não chegou à final. Mas - sem qualquer despeito - do filme de Oliveira se pode dizer apenas isto: é demasiado bom (e demasiado inquietante também) para que Hollywood se dignasse sequer percebê-lo. Quanto mais, por hipótese, distingui-lo...

**Rodrigues da Silva**

**«Driving Miss Daisy»: a história de uma amizade de 25 anos entre uma judia e o seu motorista negro obteve nove nomeações para os «oscares»**

# SEC: nem dinheiro nem promessas

Salários em atraso, projectos suspensos, uma certa incerteza quando ao futuro, muitas interrogações - eis, a traços largos, a situação das companhias de teatro subsidiadas pela SEC. A razão é simples: a 20 de Janeiro deveriam ter recebido o que lhes era devido e desde então nada. Tudo começou com a súbita demissão de Teresa Gouveia, tão súbita que a ex-secretária de Estado da Cultura nem sequer teve tempo de assinar as ordens de pagamento.

Nunhum problema haveria, não se desse o caso de o novo secretário de Estado ter decidido rever os subsídios já estipulados.

Acreditou-se, então, que seria para os aumentar, pois a ninguém passou pela cabeça que o Estado faltasse a compromissos assumidos, na base dos quais as companhias planificam a sua actividade.

João Mota (da Comuna), porém, admitindo embora que a revisão viesse a resultar num aumento, criticou o facto de se rever primeiro e pagar depois.

Mas foi mesmo este o critério seguido por Pedro Santana Lopes, e as companhias, que no fim de Janeiro se viram já em dificuldades, temem o próximo fim do mês. É que, para além de se ignorar de todo quais os planos de fundo do novo secretário de Estado quanto a subsídios, na SEC ninguém parece capaz de esclarecer o que quer que seja. Ontem, algumas companhias dirigiram-se lá de novo, e vieram na mesma: sem dinheiro nem promessas.

O «DL» tentou também a sua sorte. Em vão. A secretária de Pedro Santana Lopes afirmou-nos que os subsídios de teatro dependem de alguém que «está doente, não veio» e quanto ao seu substituto não podia atender, porque «ainda não há uma informação a dar à Imprensa sobre este assunto». «Talvez para a semana...» - concluiu. Este «talvez» é, apesar de tudo, mais animador do que o «esclarecimento» que um conhecido actor há tempos obteve da nova equipa da SEC. Tendo pedido um subsídio de montagem para um determinado projecto teatral, quis saber do porquê do silêncio. Em vez de uma resposta, recebeu uma pergunta. Esta: «Olhe lá, o senhor pediu o subsídio por carta ou por telefone?»...

**M.T.D/R. de S.**


**Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas**

Campo dos Mártires da Pátria, 50, 1.º e 2.º (Sede) — Telefs. 52 89 34/5 - 52 86 30 — 1198 LISBOA CODEX

## ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL TRIÉNIO 1990/1993

## CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 46.º — a) e 47.º dos Estatutos (BTE n.º 7 de 15 de Abril de 1984) e Art.º 3.º do Regulamento Eleitoral do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro e Ilhas, convoco uma **ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL, para os dias 4 e 6 de Abril de 1990.**

Oportunamente será amplamente divulgado aos associados, o local e o horário das Mesas de Voto, assim como todo o funcionamento do processo eleitoral.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1990

A PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

(MARIA DO CARMO TAVARES)


**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**

**16.º Juízo**

**ANÚNCIO**

FAZ-SE saber que no dia 21 de Fevereiro de 1990, pelas 14.30 horas, à porta deste Tribunal, nos Autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA — 1.542-V em que é exequente Serafim de Jesus Correia e executado ORLANDO COSTA DE ALMEIDA, residente na Quinta do Monte dos Vendavais, Estrada de Manique — TIRES — 2775 PAREDE, há-de ser posto em praça para ser arrematado em hasta pública, pela 1.ª vez, com base no valor matricial, o seguinte bem:

— Metade indivisa de que o executado é titular no prédio descrito na 3.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o n.º 20784 a fls. 26 do Livro B-6, situado na freguesia de Belém, com a área de 1.277,10m2 e que consta de um barracão ocupando a área de 292,50m2 e de um terreno com a área de 984,60m2, tudo com acesso ou serventia pelo n.º 37-B da Rua de Pedrouços, e inscrito na matriz respectiva sob o art.º 1012. Valor matricial 19 748 640$00

Lisboa, 9/1/90

**O Juiz de Direito**
*Joaquim Maria Férreira Pascoal*

**Pelo Escrivão**
*Ilda Dias*

**DL — 16/2/90**

*As leis do cinema fantástico são imutáveis. O medo é menos importante que o leve toque do mal. De onde vem o mal? A forma dos filmes evolui com o tempo. Ela depende dos grandes medos que sacodem a humanidade. Hoje, a Humanidade, fatigada, saturada de violência, tem medo do que não quis ver durante, pelo menos, dois milénios*

# Medo e exorcismos à beira do ano 2000

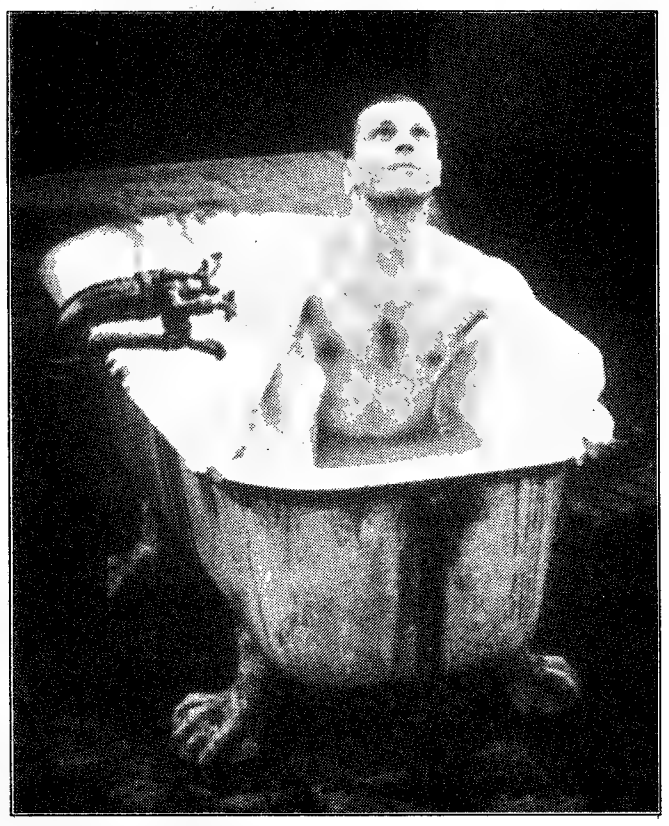
É um facto, o «gore» enfraquece. O «Shocker» de Wes Craven é uma réplica sem graça do imorredouro Freddy, fantasma surgido dos subterrâneos próximos às caldeiras, cujas longas garras e voz rouca povoam os desejos dos adoloscentes. Wes Craven realizou o primeiro Freddy, cujo quinquasegimo episódio aguardamos. Ele inventou-o, por assim dizer e a seguir teve de abandoná-lo. O que talvez explique o sucesso da série. Efectivamente o terror apodera-se dos que se entregam a formas estritas em que correm o risco de se esclerosar.

Não se renova o género, redescobre-se. Testemunha, Alain Robak. «Baby Blood» é a sua primeira longa metragem. Ele respeita escrupulosamente as leis do género - uma jovem insatisfeita está grávida de um monstro literalmente sedento de sangue, daí resultando uma série de assassínios alucinados- e insufla-lhe o dinamismo da inocência. Porque Alain Robak desconhece ainda os cordelinhos, inventa a sua maneira de ter e de fazer medo. E porque possui uma personalidade autêntica, consegue-o. Não é tarefa fácil, porque o «gore» exibe o repugnante, o viscoso, o sanguinolento, as vísceras -como naquela espantosa batalha final na morgue em «Reanimator»- os membros cortados de artérias abertas e nervos pendentes, os cadáveres esverdeados fervilhando de vermes...

A dificuldade do «gore» está no equilíbrio, frágil porque íntimo, entre o terror pueril e a zombaria adulta - o génio gótico de David Cronenberg (« A Mosca», «Videodrome»), canadiano de olhos azuis obcecado pela decomposição das carnes, sublimou o género... Já é diferente com o assombro que apela ao fascínio do desconhecido. O que faz medo é o que não se vê, mas que se adivinha e que apela ao inconsciente. Exemplo, «Massacre à la Tronçonneuse», de Tobe Hopper, interdito durante muito tempo, excepto em cassete. Todavia, as imagens não têm nada de assustador. Trata-se de um celeiro surrealista, uma floresta, um homem demasiado grande, é certo e desfigurado... Nada de verdadeiramente terrível, a não ser a banda sonora, o estrépito da serra, os gritos dos supliciados, de tal modo atrozes que parece que os estamos a «ver» sofrer.

O solitário que maneja a serra, tal como Freddy, é o irmão do assassino de baby-sitters desaparecidas, incarnação do mal absoluto, que avançava pesadamente, precedido pela sua respiração sibilante, em «Halloween», de John Carpenter- cujo sucesso deu origem a réplicas verdadeiramente insípidas. Mas John Carpenter, melhor que Wes Craven, soube diversificar a sua inspiração. A sua obra-prima, «Nova York 1997», é talvez o pesadelo de uma megapolis entregue à violência da miséria, o «getto» interdito - um justiceiro sem escrúpulos vai libertar o presidente dos Estados Unidos, raptado por «punks» sem o minímo de humanidade. Tal como «Halloween», eles são o mal absoluto, porque, sem o fascínio que o mal exerce, não há medo. Combate de exorcistas e do Demónio, de Drácula e do cientista...Mas, para ganhar todo o seu peso, este Mal deve assentar num mal-estar concreto, experimentado no presente. A ironia anarquista de «Nova York 1997», a sua maneira de acumular, de despertar todas as inseguranças urbanas, correspondem aos grandes títulos dos jornais - criminalidade, terrorismo, corrupção - e, enquanto isto durar, o filme não se desactualiza. O medo é sempre o medo, as suas causas e as vias pelas quais se manifestam é que variam segundo o momento em que se vive- poderíamos elaborar argumentos com base em sondagens comparativas sobre o tema «Que receia no futuro?» O desemprego, a poluição, a bomba atómica...

Em 1956, «A Invasão dos Profanadores de Sepulturas» de Don Siegel descrevia a progressiva metamorfose de pessoas aparentemente banais- tal como quase ao mesmo tempo acontecia em «Rinoceronte» de Ionesco. Nesta época de maccarthismo, o tema mais glosado foi certamente o do romance de Matheson, «Je Suis une Légende» («Eu Sou uma Lenda»), em que ele descreve um mundo em que os vampiros não se distinguem dos verdadeiros humanos, uma metáfora sobre o perigo comunista. Quando, em 1988, John Carpenter utiliza em «They Live» idêntico processo para denunciar a prepotência dos burocratas- robots cujo mecanismo conseguimos ver se utilizarmos uns óculos especiais-, o esquema não resulta. A opinião pública não se emociona muito com os abusos de poder.



**«A Banheira», filme exibido durante o Fantasporto**

Depois do grande medo do comunismo veio o da poluição, atómica ou química, todos os produtos que são despejados na terra para a enriquecer e também aos americanos sobrealimentados e todos os insecticidas que desestabilizam o equilíbrio ecológico, o medo de que tanto os animais que nos são familiares, aranhas, abelhas, sapos, lagartos, serpentes, ratos, como também cães, gatos, coelhos... sofram estranhas metamorfoses e tomem o poder.

Assim como as formigas gigantes, translúcidas e douradas que, no magnífico «Phase IV» de Saul Bass, se apoderam de uma jovem para dela fazerem a sua rainha.

Já não têm conta os filmes cujos heróis são animais familiares metamorfoseados em monstruosos predadores. Sem esquecer o que pode acontecer às crianças que, à luz azul da lua, sem que se saiba porquê, devoram os pais ou que, amaldiçoadas no ventre materno, semeiam o terror desde que nascem: «It's Alive», de Larry Cohen ou «Le Monstre Est Vivant». Para o proteger, os pais desafiam perigos e leis. Quase tínhamos pena dele, com os seus rugidos agudos e, na sombra, a loucura do seu olho em losango, inspirado pelo do bebé de Rosemary («Rosemary's Baby»). Pobre monstro, pobre «coisa», inadaptada ao nosso mundo, condenada à fuga, à fome, à violência.

O primeiro «It's Alive» data de 1973, época em que a sorte das minorias estavam na ordem do dia. O segundo chega em 1978, ou seja, cinco anos mais tarde, quando a maioria silenciosa e proteccionista estava no poleiro. Os infelizes monstros -filhos da talidomida e de outros medicamentos duvidosos- proliferam de tal maneira que Washington envia os seus agentes federais (um dos quais é Eddie Constantine) proceder à sua eliminação.

As crianças maléficas determinam boas fontes de angústia. Stephen King é o mestre do género, tendo à cabeça «Shining», de Stanley Kubrick, a rivalidade entre um pai e um filho nos labirintos da memória e de um hotel deserto. Campeiam também os adoloscentes bizarros: «Carrie» de Brian de Palma - onde Sissy Spacek provoca incêndios e atira facas só com a força do olhar, que lançou a moda das mortes impossíveis, com ressureição durante o genérico do filme. Quanto aos animais, voltam a aparecer. Spielberg prepara-se para produzir a história de uma aranha venenosa, vinda do Brasil, sem dúvida para vingar a destruição da floresta amazónica. Vivemos neste momento o regresso ao grande medo ecológico, é um regresso aos anos 60 como se verifica em outros domínios. Mas o estado de espírito é diferente. O perigo já não vem de um ataque suspresa, vem antes insidiosamente através da contaminação. Já não é a doença do espírito -heresia ou comunismo-, é a do corpo. A doença, a Sida. A punição do sexo, a tradição. Seja em que género de filme for, o sexo foi, é e continua a ser fonte do Mal. O Mal através da sedução das feiticeiras, das garras de Freddy, dos caninos de Drácula.

Drácula retirou-se para o seu caixão acolchoado de vermelho. Mas contaminou as belas de olhos brilhantes de coca, que por sua vez contaminarão os «yuppies» arrasados pelo «stress», febris num túnel de metropolitano fora de uso, transformado em discoteca decorada com estátuas funerárias. O túnel utilizado por Martin Scorcese no seu «sketch» de «Histórias de Nova York» e por Robert Bierman em «Embrasse-moi Vampire».

A grande cidade é bela, com as suas ruínas, as suas torres de vidro. É mais opressiva que um cemitério na bruma. Aí, os comportamentos mais estranhos passam despercebidos. Pode matar-se sem que alguém dê por isso. Pode gritar-se por socorro sem provocar sequer mesmo a atenção dos polícias desiludidos.

Quer ela seja de Este ou de Oeste, a cidade é um lugar de coisas estranhas. Os carros chocam, os helicópteros serpenteiam entre os terraços, os robots exigem a sua independência, os humanos envelhecem demasiado depressa (Ridley Scott, «Blade Runner«), a chuva é suja e o sol é verde. Esperando pelo ano 2000, o medo alimenta-se dos miasmas da cidade. Eles ressumam dos esgotos, dos subterrâneos, dos ascensores, dos terrenos vagos, dos parques de estacionamento, dos vestíbulos em falso mármore, das falsas perspectivas fabricadas pelos urbanistas para esconder lepras e fendas. O fantástico da década passa pelo decorativo e também pela degradação dissimulada das atitudes - tanto na agressividade como na passividade- e dos corpos, por detrás da máscara da sofisticação. Mais do que as florestas demasiado civilizadas, a cidade favorece as fantasmagorias (Terry Gilliam, «Brazil»), os pesadelos dos poetas, as alucinações feéricas. O fantástico é o estranho.

**Colette Godard**
**Serviço exclusivo**
**«Le Monde»/«DL»**
*Tradução de Maria Otilia Moreira*

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS – COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL
LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO
A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)
☎ 53 26 37 - 57 74 79

VESTUÁRIO EM CABEDAL
COM AS MELHORES PELES

CONFECÇÕES STAHL, LDA.
AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º, ESQ.
☎ 77 11 58 – 1000 LISBOA

# DESPORTO

# Olimpismo tem marinheiro ao leme

*O comandante Vicente Moura foi ontem eleito presidente do Comité Olímpico Português recolhendo mais 19 votos do que o dr. Ferreira Alves*

O novo presidente do Comité Olímpico Português, Vicente Moura, apontou a «modernização e a inovação» daquele organismo desportivo nacional como grandes objectivos a alcançar no seu mandato.

«*É necessário modernizar e inovar o Comité Olímpico Português, sem esquecer nunca as pessoas que já passaram por esta casa*», afirmou Vicente Moura, momentos após o conhecimento dos resultados da votação que indicaram a sua vitória, por 65 votos contra 46 de Ferreira Alves. «*Não haverá qualquer tipo de tratamento diferente em relação às federações que apoiaram Ferreira Alves*», garantiu ainda Vicente Moura.

Vicente Moura, que sucede a Lima Belo na presiência do COP, fez ainda questão de frisar que «não se tratou de uma vitória, mas sim da conquista de um primeiro lugar numas eleições que decorreram de forma democrática».

Para o novo presidente do Comité Olímpico Português é ainda necessário «que o COP esteja mais aberto ao exterior e prestar maior atenção aos aspectos éticos, sem descurar a participação de Portugal nos Jogos do Mediterrâneo, que antecedem os Jogos Olímpicos de Barcelona-92».

Por seu turno, Ferreira Alves, instado a comentar a sua derrota nas eleições afirmou: «*acabamos de verificar que existe mais uma razão para as federações se unirem e procurarem objectivos comuns*. «Estou perfeitamene aberto ao diálogo com Vicente Moura, aliás não poderia ser de outra forma, já que sou presidente da Comissão Revisora de Contas do COP. Estarei disposto a cooperar com o novo presidente do Comité», acrescentou.

Francisco Paraíso

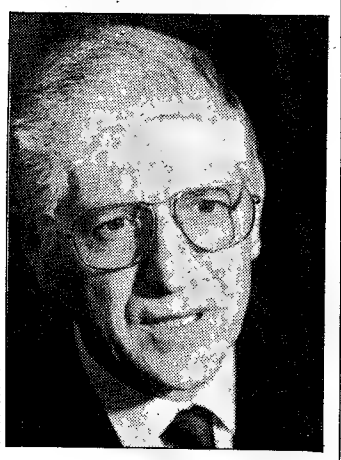
**Lima Belo fiscaliza a contagem dos votos**

**Biografia**

José Vicente Moura, novo presidente do Comité Olímpico Português (COP), iniciou-se na prática desportiva oficial em 1946 e nas funções de dirigente desportivo em 1968.

De resto, José Vicente Moura já era membro do COP desde 1930, ano em que foi eleito para vogal da respectiva Comissão Executiva, tendo em 1984 chefiado a delegação olímpica portuguesa aos Jogos de Los Angeles.

Secretário adjunto da Comissão Executiva do COP de 1984 a 1988, foi neste mesmo ano eleito para o cargo de vice-presidente daquele comité, desempenhando simultaneamente as funções de presidente da Federação Portuguesa de Natação (FPN), lugar que ocupa desde 1982 (três mandatos consecutivos).



Francisco Paraíso

**Vicente Moura: comandante ao leme**

Oficial da Armada com a patente de capitão-de-mar-e-guerra, José Vicente Moura, que conta 52 anos de idade, encontra-se ligado aos desportos aquáticos desde muito jovem.

Praticante de natação de 1946 a 1958, sempre em representação do Sport Algés e Dafundo (SAD), o novo presidente do COP foi campeão regional e nacional e também recordista nacional de categoria, alargando a sua intervenção ao pólo aquático, à ginástica, ao basquetebol e à vela.

Campeão das Forças Armadas em diversas provas, José Vicente Moura foi membro da secção de natação do SAD de 1958 a 1960.

Secretário-geral da Associação de Natação de Lisboa de 1968 a 1970 e secretário-geral do SAD de 1973 a 1974, o capitão-de-mar-e-guerra Vicente Moura foi eleito em 1977 secretário-geral da Federação Portuguesa de Natação (FPN), cargo que desempenhou até 1980.

Representante da FPN nos congressos da Liga Europeia de Natação em Istambul, Roma, Lisboa, Madrid, Malta, Bona, Sófia e Budapeste, Vicente Moura é também membro e fundador da Associação Ibero-Sul-Americana de Natação e da Confederação Mediterrânica de Natação, além de representante para a Europa da Confederação Brasileira dos Desportos Aquáticos.

O recém-eleito presidente do COP representou este organismo nas assembleias mundial e europeia das associações dos comités olímpicos realizadas em Los Angeles, Moscovo e Roma, tendo frequentado ainda o curso para dirigentes da Academia Olímpica Internacional, instalada em Olímpia, na Grécia.

*Futebol: casos, factos e figuras*

## Sousa Cintra sofre nova punição

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol decidiu castigar o presidente do Sporting, Sousa Cintra, com 60 dias de suspensão.

A pena agora aplicada a Sousa Cintra resulta da conclusão do processo 2726, relacionado com afirmações proferidas no final do jogo Chaves - Sporting, disputado a 29 de Outubro de 1989 e referente à sétima jornada do Campeonato de Futebol da Primeira Divisão.

Segundo o acórdão relatado por Chumbita Nunes, Sousa Cintra teria afirmado no jornal «A Bola» de 30 de Outubro que o «árbitro foi comprado» e em declarações ao jornal «Record» de 31 de Outubro, o presidente do Sporting teria dito que o árbitro era «ladrão».

Ainda segundo Chumbita Nunes, esta pena de 60 dias resulta do cúmulo jurídico com uma outra de 30 dias, anteriormente aplicada por conclusão do processo 2655, relacionada com afirmações a propósito da transferência do jogador Fernando Mendes do Sporting para o Benfica.

*Outras punições*: o órgão disciplinar da FPF penalizou 11 jogadores em virtude de castigos sofridos nos jogos da 19.ª jornada. Entre os vários futebolistas punidos, cinco foram castigados com dois jogos de suspensão, casos de Oceano (Sporting), Jorginho (Chaves), Názaro Nunes (Marítimo), Skoda (Portimonense) e Vasco (Penafiel). Com um encontro de suspensão foram punidos: o jogador do Chaves, Slavkov, Louro, do Tirsense e o zairense Wawa, do Marítimo.

O Nacional da Madeira foi o clube com mais jogadores suspensos pelo Conselho de Disciplina, quatro, tendo sido castigados com um jogo de suspensão os seus futebolistas Heitor, Paulo Jorge, Ladeira e Sylvanus.

**Famalicão pede revisão do processo**

O Famalicão pediu à Federação Portuguesa de Futebol a revisão do processo que o despromoveu em 1988 da Primeira para a Terceira Divisão, após uma acusação de suborno.

O requerimento foi apresentado na secretaria federativa por Manuel Seara, director do Famalicão para os serviços de contencioso, e está já na posse do Conselho de Disciplina da FPF.

«O processo será oportunamente apreciado» — disse um informador do órgão disciplinar da federação, sem fornecer qualquer indicação sobre a data em que tal vai acontecer.

**Maia - Gil Vicente vai continuar**

Por decisão do Conselho de Disciplina na FPF, o encontro Maia - Gil Vicente, a contar para o «Nacional» da II Divisão, que foi suspenso aos 74 minutos por falta de energia eléctrica, irá prosseguir, devendo as equipas jogar os 16 minutos que restam e os gilistas vencem por 2-0.

**Francisco Silva no Nacional - Sporting**

Segundo revela o jornal «Record», o Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol terá nomeado o «badalado» Francisco Silva para dirigir o encontro Nacional - Sporting que, amanhã, se realizará no Funchal com transmissão directa pela RTP-2.

**Juniores «B»: convocações**

Com vista a diversos compromissos internacionais (Torneio do Algarve, encontro particular com a URSS e jogo com San Marino para o Campeonato da Europa) o seleccionador Carlos Queirós convocou os seguintes 24 jovens futebolistas:

Do *Boavista*: Costinha, Filipe, Gomes, Litos, Rui Miguel e Sérgio; do *Benfica*: Alexandre, Hugo, Kenedi, Manuel Pereira, Nuno Afonso e Nuno Sampaio; do *Sporting*: Edgar, Eusébio, Paulo Morais, Poejo e Porfírio; do *Futebol Clube do Porto*: Alexandre Ribeiro, Costa, Eliseo, Luisinho e Nuno Miguel; do *Olivais e Moscavide*: Guia; da *Académica*: Rovira.

**Real venceu o «Barça»**

A contar para o campeonato espanhol, o Real Madrid venceu, ontem, no seu palco, o Barcelona por 3-2 aumentando o avanço pontual (40-34) sobre o 2.º classificado (Atlético de Madrid).

**Platina para o «melhor»**

O melhor futebolista do Campeonato do Mundo de Itália receberá uma «Bola de Platina» no valor de 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos).

Além da «Bola de Platina», atribuída por uma publicação sob votação dos seus leitores, haverá igualmente as habituais bolas de «Ouro», «Prata» e «Bronze» para premiar os jogadores mais em evidência no decorrer da competição.

**Trapattoni renova contrato**

O técnico Giovanni Trapattoni renovou por mais dois anos com o Inter de Milão, campeão italiano de futebol.

O técnico italiano continuará à frente da equipa até 1992, por, segundo a Imprensa local, 830 000 dólares (cerca de 125 000 contos) anuais.

Trapattoni, depois de algum tempo como técnico da Juventus de Turim, passou em 1987 para o Inter e levou a equipa milanesa ao título italiano na época passada.

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA**

**8.º Juízo**

**ANÚNCIO**

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida adilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda última publicação deste anúncio,

Execução DE SENTENÇA n.º 7179/A 1.ª secção

Exequentes — HILÁRIO TAVARES

Executado — RICARDO RODRIGUES ALVES, actualmente em parte incerta, mas com última residência conhecida em Av.ª Principal de Miraflores — Torre 1 — 7.º Esq.º — ALGÉS.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990

**O Juiz de Direito,**
*Assinatura ilegível*

**O Escrivão Adjunto,**
*Assinatura ilegível*

**DL 2.ª Pub. — 16/2/90**

**COMARCA DE POMBAL**

**ANÚNCIO**

**para citação de credores desconhecidos**

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 1.ª secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Carlos Alberto Garcia Oliveira, casado, comerciante, residente em S. Romão — Seia, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Dimogrupo — Sociedade Distribuidora de Materiais de Construção Ld.ª, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Pombal, 1 de Fevereiro de 1990.

**O Juiz de Direito,**
*Maria Fernanda Pereira Soares*

**O Escrivão,**
*Maria Manuela de Jesus Ramos*

**«DL» 2.ª Pub. — 16/2/90**

**DR. ANÍBAL AUGUSTO DE CASTRO**

Sua mulher, filha, neta e demais família, participam o seu falecimento e agradecem muito reconhecidamente àqueles que o acompanharam à última morada.

*Campeonatos nacionais de futebol*

# Aveiro e Funchal: «pontos quentes» da ronda

A deslocação do Sporting ao Estádio dos Barreiros para defrontar o Nacional e a viagem do Benfica a Aveiro constituem os «pontos quentes» da jornada. O líder (FC Porto) recebe o Chaves e, no Bonfim terá lugar o confronto Vitória - Braga que poderá proporcionar excelente espectáculo. Vejamos o programa completo das três divisões do calendário federativo.

**1.ª divisão**

**Amanhã:** Nacional - Sporting (21 e 30 transmissão directa através da RTP-2).

**Domingo:** pelas 15 horas terão início os seguintes confrontos: FC Porto - Chaves, Beira Mar - Benfica, Guimarães - Marítimo, Setúbal - Braga, Belenenses - Feirense, Estrela da Amadora - Tirsense e Penafiel - Portimonense. O jogo União - Boavista começará pelas 16 horas.

**2 divisão**

**Zona norte:** Maia Vianense (1-1, na 1.ª volta); Vizela - Rio Ave (1-2); Freamunde - Fafe (1-0); Joane - Felgueiras (0-1); Infesta - Famalicão (0-2); Gil Vicente - Paços de Ferreira (0-3); Desp. Aves - Varzim (0-2); Marco - Leixões (1-2); Trofense - Bragança (1-2).

**Zona centro:** Salgueiros - Sp. Covilhã (2-0, na 1.ª volta); Caldas - Espinho (0-6); Mirense - Mangualde (2-1); Ac. Coimbra - Marialvas (1-1); Desp. Guarda - Lousanense (1-0); Acad. Viseu - U. Leiria (0-1); U. Lamas - Peniche (1-0); Oliveira Bairro - Oliveirense (1-0); Benfica Castelo Branco - Águeda (0-2).

**Zona sul:** Olhanenense - Louletano (0-2), na 1.ª volta); Silves - Lusitano (0-0); Estoril Praia - Samora Correia (1-1); Oliv. Mocavide - Barreirense (0-2); Sintrense - Atlético (0-1); Portalegrense - Seixal (0-1); Juvent. Évora - Alverca (1-0); Torreense - Farense (1-3); Lusitano V.R. - «O Elvas» (0-1).

**3.ª divisão**

**Série A:** Lanheses - Mirandela (1-4), Ponte Barca - Caminha (2-1), Ribeirão - Santa Maria (0-0), Maria Fonte - Moreirense (2-2), Amares — Esposende (0-1), Prado — Delães (1-3), Vieira - Valdevez (1-1), Valpaços - Vila Pouca (2-1), Mac. Cavaleiros - Celoricence (1-4).

**Série B:** Sandinense - Leça (0-1), Cinfães - Paredes (0-1), Amarante - Pedrouços (2-4), Lixa - Valonguense (1-3), Rio Tinto - Lusitânia (1-3), Sanjoanense - Lousada (2-3), Vila Real - Paivense (0-0), Penaguião - Valadares (1-0), Ermesinde - Régua (0-1).

**Série C»:** Gouveia - Valecambrense (1-1), Mealhada - Alba (1-1), Anadia - Oliveirinha (2-1), Tabuense - Mortágua (1-0), Santacombadense - Sabugal (1-0), Argus - U. Coimbra (1-4), Valonguense - Luso (0-1). O. Hospital - Seia (1-0), Ovarense - Estarreja (1-1).

**Série D:** Ferrel - Marinhense (1-3), Marrazes - Alcains (0-3), Mirandense - Nazarenos (2-0), Torres Novas - Estrela (1-1), C. de Vide - U. Tomar (0-3), Alcobaça - Alcanenense (1-2), Naval 1.º Maio - Fátima (0-1), Sertanense - Alfeizerense (0-1), Bombarralense — U. Santarém (1-2).

**Série E:** Vilafranquense - Sacavenense (1-2), Fut. Benfica - Fanhões (0-1), Odivelas — Porto Santense (1-0), Cartaxo - Praiense (0-0), Lusitânia - Cacém (1-2), Oriental - Câmara Lobos (0-1), Borbense - Santa Clara (2-2), Almeirim - Fronteirense (2-1), Campomaiorense - Loures (1-0).

**Série F:** Imortal - Esp. Lagos (1-2), Amora - Leões Tavira (2-1), Estrela - União (1-2), Quimigal - Moura (0-0), Beja - Palmelense (0-4), Vasco Gama - U. Montemor (1-3), Trafaria - Montijo (0-8), Almancilense - Sesimbra (2-0), Quarteirense - Pescadores (2-1).

*Ténis*

# Nuno Marques na rota dos dólares

O tenista português Nuno Marques parece regressar à boa forma, depois de um período menos bom que atravessou nos últimos meses. De facto, o portuense conseguiu chegar às meias-finais do Torneio de Croydon, disputado durante esta semana no Surrey Tennys and Country Club, na Inglaterra, com prémios monetários no valor de 50 mil dólares, cerca de oito mil contos.

Este resultado, se não é espectacular, afigura-se já como bastante razoável e prometedor, sobretudo tendo em conta as últimas actuações do jogador português, e o piso alcatifado dos «courts», do qual Nuno Marques pouca ou nenhuma experiência teve este ano.

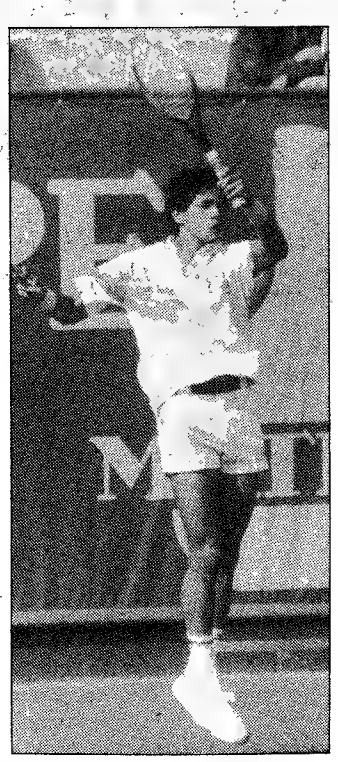
Nuno Marques perdeu ontem (quinta-feira), nas meias-finais, com o alemão-federal de origem romena, Christian Saceanu, numa confrontação muito equilibrada, e onde o português chegou a dispor de três pontos para ganhar a segunda partida, acabando por sucumbir por 6-4 e 7-6 (resultado oficioso por confirmar).

Os alemães-federais foram, aliás, uma constante nesta prova para o tenista luso. Nuno Marques derrotou nos quartos de final Alexander Mronz, e, na segunda ronda, Patrick Baur (7-6, 3-6, 6-1).

O embate com Alex Mronz, que deu o acesso às meias-finais, teve uma história curiosa, pois Nuno Marques nem se viu obrigado a disputar os dois «sets». Depois de ter perdido a primeira partida por 6-4, o teutónico optou por abandonar o encontro, visivelmente irritado, alegando uma lesão algo duvidosa. Alex Mronz não se encontra sequer classificado entre os 300 melhores tenistas do Mundo (embora há duas semanas figurasse na 138.ª posição), mas tornou-se mundialmente conhecido, quando foi apontado como o namorado da campeoníssima Steffi Graf, por uma revista da RFA que, consta, pagou um bom dinheiro pelas fotos concedidas então pelo casal. Surpreendentemente, Steffi desmentiu esses rumores, só passado longo tempo (durante o Open da Austrália), assegurando que nunca passaram de parceiros de treino e bons amigos.

Nuno Marques acabou por fazer o que lhe competia, pois todos os adversários que derrotou têm classificações mais modestas que a sua (152.º), e só foi batido por Saceanu que figura 19 lugares acima.

Ora, segundo o novo sistema de pontuação, só contam os 14 melhores resultados das últimas 52 semanas, pelo que Nuno Marques terá de se precaver para o caso de não conseguir alcançar tão bons resultados nos próximos dois meses, altura em que aqueles pontos, ganhos na época passada, serão apagados do computador IBM que equipa o ATP Tour.



**Cairo e Agadir esperam pelo tenista do Porto**

Por essa razão, as próximas etapas do calendário de Nuno Marques detêm uma especial importância. Assim, no próximo dia 26, o português estará no Cairo a disputar um 100 Mil Dólares, estando já garantida a sua entrada no quadro principal, seguindo depois para Agadir, onde irá jogar um 75 Mil, este em terra batida, quem sabe se a preparar já o Estoril Open.

Esperemos, pois, que o bom ensaio de Croydon signifique o início de uma fase positiva na carreira de Nuno Marques, que bem necessitado estava de alegrias desportivas, depois de ter falhado os «qualifying» de Wellington, Auckland e do Open da Austrália, e de ter ficado pela segunda ronda nos 50 Mil Dólares de Heilbronn, na RFA.

É que, para além da necessidade de não descer muito na classificação ATP, Nuno Marques necessitava de bons resultados para recuperar a confiança no seu ténis. O factor psicológico desempenha um papel fundamental no tipo de jogo do tenista português, essencialmente em toque e habilidade.

**Hugo Ribeiro**

# Sporting proibido de jogar na África do Sul.

A intenção de Sousa Cintra, em fazer deslocar a equipa «leonina» à África do Sul, foi recusada por comunicação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) depois de consultada pela Federação Portuguesa de Futebol. Dizem os dirigentes do organismo que coordena o futebol mundial que «os clubes estrangeiros pertencentes a associações filiadas na FIFA continuam impedidos de jogar na África do Sul».

## EM AGENDA

Os campeonatos nacionais das diversas modalidades terão amanhã mais uma jornada com o seguinte «programa»:

**Andebol:** F. Holanda - TAP, no Pav. do Inatel; Belenenses - S. Mamede, no Pav. do Restelo; Académica - FC Porto, no Pav. da Académica; Benfica - Fafe, no Est. da Luz, Pav. 2; ABC A - V. Setúbal e Sporting - Boavista, todos os jogos às 18 horas.

**Basquetebol:** Guifões - Esgueira, no Pav. Ponte Lima, às 17 horas; Benfica - Imortal, no Est. da Luz, Pav. 1, às 17.30 horas; Est. Avenida - Illiabum, no Pav. das Olaias, às 16 horas; Ovarense - Sporting, no Pav. de Ovar, às 17.30 horas; FC Porto - Ginásio Figueirense, no Pav. Liceu F. Foz, às 18 horas, e Beira-Mar - Barreirense, no Pav. do Beira-Mar, às 18 horas.

**Hóquei em patins:** U. Tomar - Valongo, às 21 horas; Benfica - FC Porto, às 21 horas; Sporting - Parede, às 16 horas; Sanjoanense - Turquel, às 21 horas; P. Arcos - Grundig, às 21 horas; OC. Barcelos - Oliveirense, às 21 horsa, e Académica - Quimigal, às 15 horas.

**Hóquei em campo:**
**Taça de Portugal: Zona Norte:** Lousada - Ramaldense, no campo de Lousada, às 15 horas, e Vilanovense - U. Lamas, no Campo do Vilanovense, às 15 horas.

**Zona Sul:** Cascais - Carris, no Campo Guilherme Salgado (Cascais), às 14.30 horas.

**Râguebi:** Belenenses - CDUL, no Est. Nacional, Campo 3, às 14 horas; Direito - Benfica, no Est. Univ. Lisboa, às 14 horas; Académica - Cascais, no Pav. Est. Univ. Coimbra, às 15.30 horas; CDUP - Moitense, no Est. Un. Porto, às 15 horas, e Agronomia - Técnico, na Tapada, às 15 horas.

**Ciclismo:** **III Prémio Tensai,** para Profissionais / Open, 1.ª etapa entre Aerosa e Freamunde (114 km). Partida às 14.30 e chegada às 17.21 horas.

## TOTOBOLA

### A nossa aposta

| | |
|---|---|
| Porto - Chaves | 1 |
| Beira Mar - Benfica | 2 |
| Guimarães - Marítimo | 1 |
| Nacional - Sporting | 2 |
| U. Madeira - Boavista | 2 |
| E. Amadora - Tirsense | 1 |
| Belenenses - Feirense | 1 |
| Setúbal - Braga | 1 |
| Penafiel - Portimon. | 1 |
| Infesta - Famalicão | 2 |
| Caldas - Espinho | 2 |
| Olhanense - Louletano | X |
| Torreense - Farense | 2 |

DESPORTO

# Futebol de segunda joga-se na relva

## *Oliveira do Douro, Samora Correia, Olivais e Alverca vão ter de actuar em recinto alheio*

Oliveira do Bairro, Samora Correia, Alverca e Olivais e Moscavide estão impedidos de receber, em casa, os seus adversários da Segunda Divisão Nacional de Futebol a partir do próximo fim-de-semana, por não possuírem campo relvado.

Na origem deste impedimento está um despacho do ministro da Educação, que obriga os clubes da Segunda Divisão a disputarem todos os seus encontros em campo relvado a partir da primeira jornada da segunda volta, marcada para domingo.

Contudo, um anterior decreto-lei já obrigava as equipas do escalão secundário a jogar em campo relvado logo desde o início da temporada, mas, após diversas insistências dos dirigentes dos clubes afectados, o prazo foi alargado até ao início da segunda volta pelo despacho do ministro Roberto Carneiro.

O Olivais e Moscavide, da Zona Sul, vai utilizar domingo como sua «casa» um recinto adversário, defrontando o Barreirense no Estádio da Tapadinha, mas a situação não é nova uma vez que este ano ainda não disputou qualquer encontro no seu Campo «Alfredo Marques Augusto», a sofrer obras de arrelvamento.

Em declarações à Agência Lusa, o presidente do Olivais e Moscavide, José Alves, revelou que o campo relvado do clube «apenas será utilizável no início da próxima temporada», depois de as obras se terem iniciado em Junho de 1989.

Justificando o facto de as obras de arrelvamento demorarem praticamente um ano, o líder do Olivais e Moscavide referiu que elas foram atrasadas três meses devido à chuva, «além de ter havido falta de apoio das entidades responsáveis».

José Alves revelou que o relvado vai custar ao clube cerca de 25 mil contos, comparticipando o Estado «apenas com cinco mil contos», dos quais 2500 já foram entregues pela Direcção-Geral dos Desportos e os restantes 2500 deverão ser pagos em Março pela Direcção-Geral do Ordenamento do Território.

O presidente do Olivais e Moscavide afirmou ainda não poder dizer qual foi o prejuízo financeiro sofrido pelo clube por jogar em terreno alheio, embora reconheça que ele «é muito grande», devido à necessidade de alugar os campos e à diminuição das receitas.

«Mas o prejuízo desportivo é também muito grande» — lamentou José Alves, sublinhando que o clube ocupa um dos últimos lugares da classificação, «apesar de a equipa deste ano ser superior à da temporada passada».

Sustentando que o Olivais e Moscavide «não devia um tostão antes de se iniciarem as obras de arrelvamento», José Alves acrescentou que o clube apresenta agora um passivo de «alguns milhares de contos», pelo que já foi pedida ajuda aos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa.

José Alves revelou, igualmente, que em todas as obras do Campo «Alfredo Marques Augusto», incluindo as de arrelvamento e iluminação, o Olivais e Moscavide vai gastar um total de 45 mil contos, além de estar também a investir mais 20 mil contos num novo campo de treinos.

O Alverca, adversário do Olivais e Moscavide na Zona Sul da Segunda Divisão, começou a época a jogar no seu próprio complexo desportivo e só agora terá que «receber» os seus oponentes em terreno alheio.

O secretário permanente do Alverca, Joaquim Campos, garantiu que o seu clube jogará fora de portas todos os encontros da segunda volta por não haver «campo alternativo» ao «complexo desportivo do Futebol Clube de Alverca».

«Entregamos o assunto à Associação de Futebol de Lisboa e à Federação Portuguesa de Futebol, para, de 15 em 15 dias, estas entidades providenciarem um campo relvado onde possamos jogar» — referiu o secretário permanente do Alverca.

Segundo Joaquim Campos, o Alverca ainda não iniciou as obras de arrelvamento do seu recinto, tendo apenas feito a «cama» de brita e a drenagem para a relva.

Contudo, o problema do Alverca é diferente do que toca ao Olivais e Moscavide, pois está a fazer um complexo desportivo completamente novo com bancadas, balneáreos e pista de atletismo, onde, segundo Joaquim Campos, vai ser gasto um total de 300 mil contos.

«Mas o actual campo do Alverca também poderá vir a ser relvado para que já possamos jogar em casa no início da próxima temporada, se bem que esteja destinado para ter uma função de apoio ao novo complexo» — acrescentou o secretário permanente do clube.

Para a construção do novo complexo desportivo, o Alverca contou com a comparticipação financeira da DGOT, da DGD, da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e da Junta de Freguesia de Alverca, mas Joaquim Campos adiantou que o clube vai tentar obter mais subsídios junto da AFL e da FPF.

Embora tenha afirmado que ainda não há estimativas quanto aos prejuízos financeiros decorrentes do facto de jogar em campo alheio, Joaquim Campos admitiu a existência de prejuízos desportivos, mas lembrou que o Alverca «está bem classificado e tem boas hipóteses de integrar a divisão de honra na próxima temporada».

Um funcionário da FPF disse à Agência Lusa que, além do Olivais e Moscavide e do Alverca, também o Samora Correia, da Zona Sul, e o Oliveira do Bairro, da Zona Norte, vão ter de disputar fora os seus jogos em casa. Segundo o mesmo funcionário, o Freamunde, da Zona Norte, e o Sintrense, da Zona Sul, debatiam-se com idêntico problema, mas já têm os seus campos relvados e vão jogar no seu próprio recinto o seu próximo jogo em casa.

Assim, o Sintrense estreará o seu novo relvado quando receber domingo o Atlético, que cede o seu estádio para o Olivais e Moscavide jogar em Lisboa com o Barreirense.

## MODALIDADES

*BOXE:* O técnico de pugilismo Juvenal de Sousa Oliveira, antigo treinador do Estrela da Amadora, foi suspenso por três anos por ter agredido um árbitro durante o nacional de 1989.

A agressão verificou-se no pavilhão da Academia da Amadora, no final do combate para o título nacional de 51 quilos, entre Pedro Guerra, do Estrela da Amadora, e Mário Teixeira, do FC Porto, ganho pelo pugilista nortenho.

Descontente com a derrota do seu pupilo, Juvenal Oliveira, que na altura era também técnico da equipa nacional, agrediu a murro e pontapé o árbitro do combate, Américo Mendes, e outras pessoas que o tentaram dominar.

A suspensão imposta a Juvenal Oliveira, inscrito actualmente como técnico de «Os Económicos», um clube lisboeta, é retroactiva a 30 de Abril de 1989, data em que ocorreram os distúrbios.

Anteriormente, tinham já sido castigados Pedro Guerra, por insultar e ameaçar os três membros do júri de apelo que presidiu ao combate, e o próprio árbitro, por revelar ao pugilista a decisão dos cinco juízes que pontuaram o combate.

*CICLISMO:* A equipa de ciclismo da Sicasal aceitou o convite para participar entre os próximos dias 20 e 25 na volta à Comunidade Valenciana.

Nesta prova, a Sicasal estará representada pelos ciclistas António Pinto, Jorge Silva, Serafim Vieira, Fernando Fernandes, Manuel Abreu, manuel Correia e Cassio Freitas. Antes da partida para Espanha, estes corredores da Sicasal, e ainda Fernando Mota e Joaquim Andrade, da mesma equipa, correm o Grande Prémio Tensai.

*VOLEIBOL:* Treinadores de voleibol da Escócia, Finlândia, Itália e Portugal, entre outros países, vão participar de 23 a 27 deste mês em Espinho num simpósio internacional dirigido pelo técnico da selecção americana da modalidade Bill Neville.

Bill Neville desempenhou um papel fundamental na organização da equipa americana que, por duas vezes consecutivas, se tornou campeã olímpica, nos Jogos de Los Angeles (1984) e de Seul (1988).

O simpósio vai ter sessões teóricas no Hotel Solverde, (Espinho) enquanto as práticas decorrerão no pavilhão da Escola Sá Couto, também naquela cidade.

Durante a apresentação do simpósio a organização anunciou ainda a realização, na mesma altura, do primeiro torneio internacional de voleibol, com o apoio da Radiotelevisão Portuguesa.

A prova decorrerá de 23 a 25 no Pavilhão do Sporting de Espinho e contará as selecções da Dinamarca, Noruega, Roménia e Portugal.

I.A.T.A.
I.A.T.A.
I.A.T.A.
FUNDADO EM 1966
INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Alvará do Ministério da Educação e credenciado pelo Ministério do Emprego e Segurança Social

CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

DE 4 A 20 MESES

• ÁREA DE INFORMÁTICA
ANALISTA PROGRAMADOR DE INFORMÁTICA
PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES NAS LINGUAGENS – C – COBOL – BASIC – RPGII – PASCAL – LOTUS 123 – dBASE III – IV
MICROPROCESSADORES – ANÁLISE DE SISTEMAS – TELEPROCESSAMENTO

• ÁREA DE GESTÃO
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS
CONTABILIDADE GERAL ou ANALÍTICA E GESTÃO ORÇAMENTAL – INFORMÁTICA APLICADA À CONTABILIDADE – IRS/IRC – FISCALIDADE – ANÁLISE DE PROJECTOS E INVESTIMENTOS – CÁLCULO FINANCEIRO – GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS – GESTÃO DE STOCKS – GESTÃO FINANCEIRA – GESTÃO COMERCIAL MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS – GESTÃO DE PRODUÇÃO – GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

DIVERSOS
COMUNICAÇÃO: RELAÇÕES PÚBLICAS, JORNALISMO E PUBLICIDADE
HOSPEDEIRAS RECEPCIONISTAS – ASSISTENTES DE RECEPÇÃO – SECRETARIADO DE DIRECÇÃO – DESENHADOR PROJECTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – CAD (Desenho Assistido por Computador) – DESENHADOR DE MÁQUINAS – TOPOGRAFIA – MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL – DECORAÇÃO E ARQUITECTURA DE INTERIORES

PROFISSÃO – ACTUALIZAÇÃO – VALORIZAÇÃO – ESTÁGIO E APOIO NO EMPREGO

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA AS VAGAS AINDA EXISTENTES

CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO – INSTITUTO DE APERFEEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO
Palácio dos Duques de Bragança – Rua Vítor Cordon, 45 – 1200 LISBOA – Telefs. 371032 – 325577
Telex 43331 – Telefax 371032 – Informações das 9.30 às 19.30 h. ininterruptamente

## ADMISSÃO DE PESSOAL

Em aditamento ao anúncio de oferta de emprego publicitado neste jornal, na edição de **24/12/89,** informam-se os interessados de que seguiu para publicação no Diário da República, II Série, um 2.º aviso relativo à admissão de 16 técnicos superiores de 2.ª classe, licenciados em Direito, em regime de contrato a termo certo, cujo teor é o seguinte:

Dado o elevado número de candidatos à admissão em regime de contrato a termo certo a que se refere o aviso publicado no Diário da República, II Série, n.º 290, de 19/12/89, foi decidido que:

1. O método de selecção a utilizar será:

   a) Apreciação curricular;
   b) Teste de conhecimentos versando matérias decorrentes das habilitações exigidas, tendo em vista as funções a que se destinam.

2. A classificação deste teste irá juntar-se, na selecção dos candidatos, aos factores já referenciados no anterior aviso.

3. O local e a data do teste serão indicados a cada concorrente, através de carta registada com aviso de recepção.

Direcção-Geral do Tribunal de Contas, em 9 de Fevereiro de 1990.

**O Director-Geral**
*Ernesto Luís Rosa Laurentino da Cunha*

I Série N.º 40
Dia 16 de Fevereiro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

## Ministério das Finanças

**Declaração:**
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério das Finanças para o ano de 1989 no montante de 3 920 988 contos.

## Ministério das Finanças e da Saúde

**Portaria n.º 122/90:**
Altera o quadro de pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, na parte referente ao pessoal médico.

## Ministério das Finanças e do Comércio e Turismo

**Portaria n.º 123/90:**
Cria mais um lugar de subdirector-geral no quadro de pessoal da Direcção-Geral de Concorrência e Preços.

## Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

**Portaria n.º 124/90:**
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados na freguesia de Perais, concelho de Vila Velha de Ródão.

**Portaria n.º 125/90:**
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Reguengo» e outras, situadas na freguesia de Barbacena, concelho de Elvas.

**Portaria n.º 126/90:**
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Gramacha» e anexas, situadas na freguesia de Nossa Senhora de Machede, concelho de Évora.

**Portaria n.º 127/90:**
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdades do Monte Seco e do Vale de Grilo», situadas na freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira.

# AGENDA

## O ESTADO DO TEMPO

### HOJE

### CONTINENTE

Em todo o território: - Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado no litoral Norte e Centro em especial durante a manhã. Vento fraco e condições favoráveis à ocorrência de nevoeiros pela manhã.

Mar encrespado com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e ondulação inferior à 1 metro na Costa Sul.

### MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul. Amanhã: - Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sul, soprando fraco na Costa Norte. Aguaceiros.

### AÇORES

Grupos Ocidental: - Céu muito nublado. Vento moderado, por vezes forte de Sudoeste. Períodos de chuva a partir da tarde. Vento de Noroeste moderado a forte. Aguaceiros. Possibilidade de trovoadas e pequena descida da temperatura máxima. Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 4 metros.

Grupo Central: - Céu muito nublado e vento Sul moderado por vezes forte de Sudoeste. Períodos de chuva a partir da tarde. Vento Noroeste moderado a forte. Aguaceiros. Possibilidade de trovoada e pequena descida da temperatura máxima. Mar grosso a alteroso com ondulação Noroeste de 4 metros.

Grupo Oriental: - Céu muito nublado. Vento moderado por vezes forte de Sudoeste e períodos de chuva. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 3 metrtos.

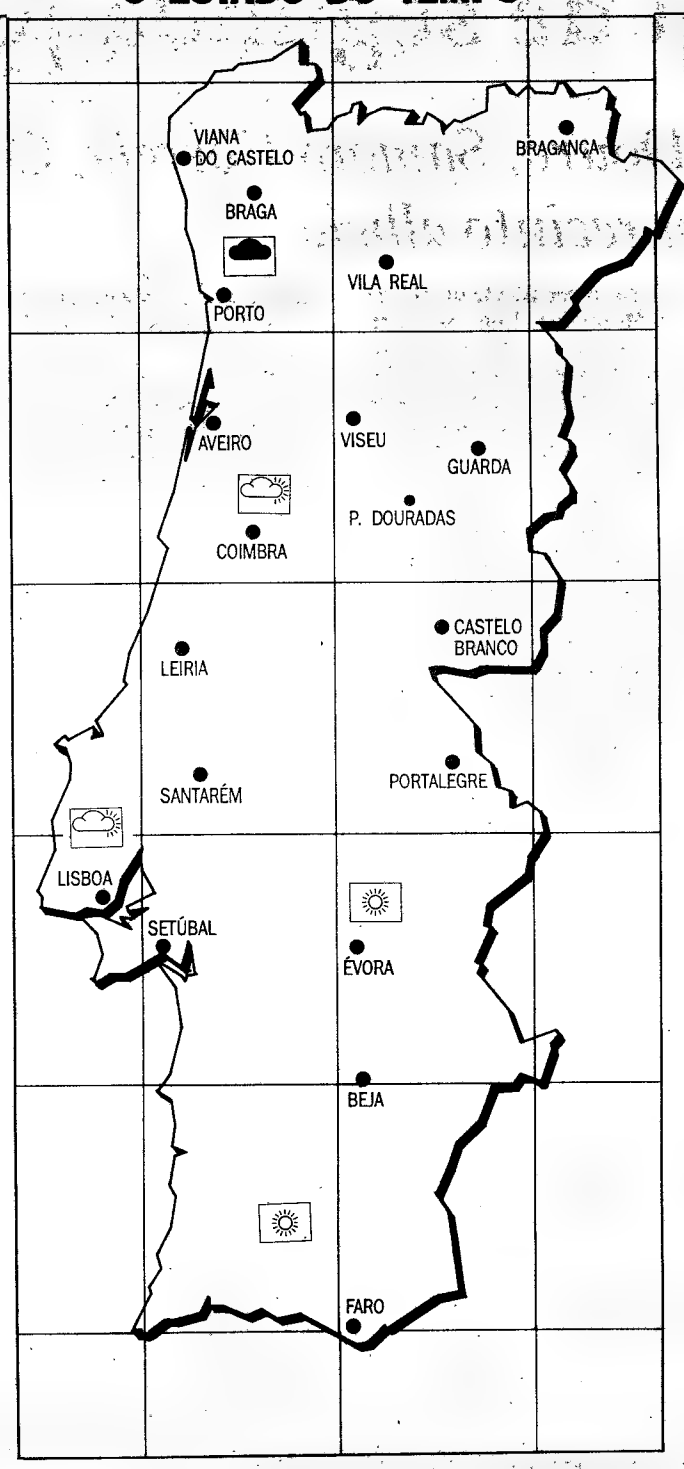
Amanhã:

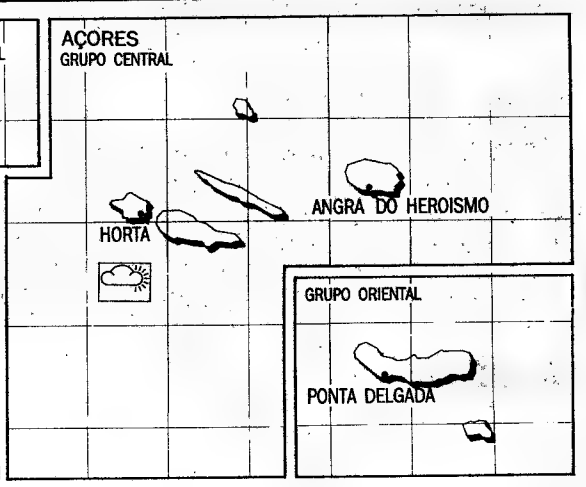
Períodos de céu muito nublado. Vento forte e com rajadas de Noroeste, diminuindo de intensidade nos grupos Ocidental e Central. Aguaceiros, em especial no Grupo Oriental e durante a manhã. Descida da temperatura.

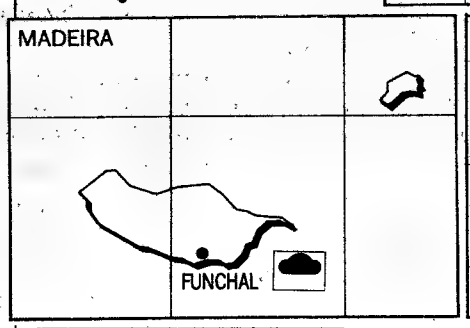
**Amanhã**
No Continente:

Céu geralmenta muito nublado por nuvens altas. Vento geralmente fraco de Sul. Neblinas ou nevoeiros durante a madrugada e manhã.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica






| | |
|---|---|
| Céu limpo | |
| Céu pouco nublado | |
| Céu muito nublado | |
| Chuva | |
| Trovoada | |
| Neve | |
| Vento | |
| Mar calmo | |
| Mar encrespado | |

### MARÉS

**Hoje**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 06.45 | 3,2m | 00.05 | 1,2m |
| 19.06 | 3,1m | 12.27 | 1,4m |

**Amanhã**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 07.25 | 2,9m | 00.48 | 1,4m |
| 19.55 | 2,9m | 13.13 | 1,6m |

### PORTUGAL

| | Min. | T. 6 h Às 18 h. | |
|---|---|---|---|
| Bragança | 4 | 7 | M. nub. |
| V. Castelo | 11 | 11 | Encoberto |
| Vila Real | 4 | 4 | M. nub. |
| Porto | 10 | 11 | M. nub. |
| P. Douradas | - | - | - |
| Coimbra | 10 | 10 | Encoberto |
| C. Carvoeiro | 13 | 14 | M. nub. |
| C. Branco | 2 | 3 | Nevoeiro |
| Portalegre | 5 | 8 | Nevoeiro |
| Lisboa | 8 | 9 | P. nub. |
| Évora | 6 | 7 | Limpo |
| Beja | 6 | 6 | Limpo |
| Sines | 8 | 8 | P. nub. |
| Faro | 7 | 8 | Limpo |
| Sagres | 11 | 11 | M. nub. |
| P. Delgada | 14 | 15 | M. nub. |
| Horta | 15 | 16 | Neblina |
| Funchal | 15 | 16 | M. nub. |

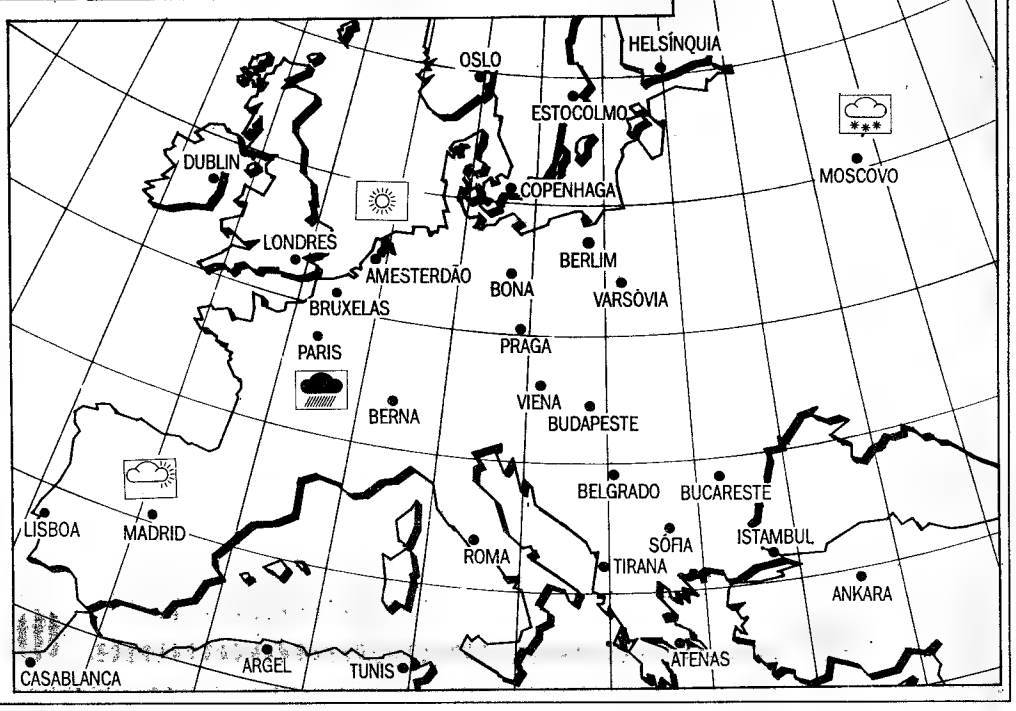
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 16; Porto, 15; Faro, 20; P. Delgada, 16; Funchal, 20.

### EUROPA

| | Min. | T. 6 h Às 18 h | |
|---|---|---|---|
| Madrid | - | 1 | Neblina |
| Londres | 1 | 1 | M. nub. |
| Paris | 1 | 1 | Chuva |
| Bruxelas | 1 | 1 | P. nub. |
| Amesterdão | 2 | 3 | P. nub. |
| Genebra | 4 | 5 | Chuva |
| Roma | 6 | 7 | Neblina |
| Oslo | -3 | -3 | Neblina |
| Copenhaga | -3 | -1 | Neblina |
| Estocolmo | -4 | -4 | Neblina |
| Berlim | 1 | 3 | Chuva |
| Viena | 2 | 2 | M. nub. |
| Varsóvia | -1 | -1 | Neve |
| Atenas | 12 | 14 | M. nub. |
| Moscovo | -5 | -5 | Neve |

### MUNDO

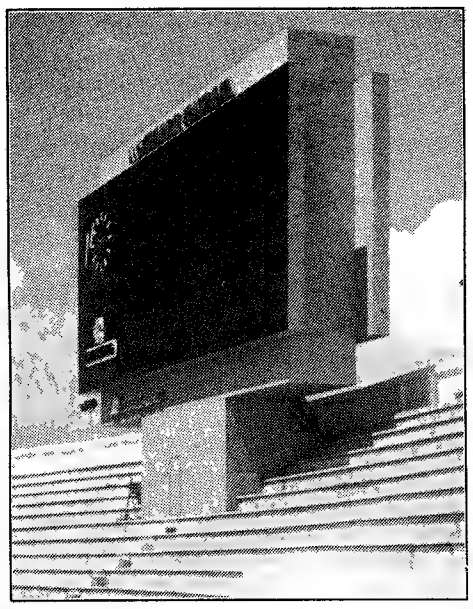
| | Min. | Máx. | Às 13 h |
|---|---|---|---|
| Chicago | 1 | 3 | Neve |
| Houston | 10 | 16 | Limpo |
| Los Angeles | 5 | 16 | Neblina |
| Montreal | -7 | 0 | Chuva |
| Nova Iorque | 13 | 18 | Aguaceiros |
| S. Francisco | 6 | 11 | Chuviscos |
| Toronto | 1 | 3 | Chuva |
| Vancover | -3 | 4 | P. nub. |
| Washington | 10 | 24 | Aguaceiros |
| Hong Kong | 17 | 24 | Chuviscos |
| Melbourne | 12 | 25 | Chuva |
| Pequim | 0 | 2 | Neve |
| Perth | 20 | 27 | Limpo |
| Singapura | 24 | 32 | Trovoada |
| Sydney | 19 | 24 | Limpo |
| Tóquio | 4 | 8 | Limpo |
| Wellington | 11 | 21 | Limpo |




## PESSOAS & FACTOS

### Quadros electrónicos

A electrónica está a ocupar um lugar cada vez maior no nosso país, ao serviço da modernização das empresas e, de forma mais alargada, nos aspectos da informação e entretenimento do grande público. Nessa perspectiva, a J.C. Marketing e Electrónica, Lda., tem vindo a introduzir no mercado português, desde há dois anos, material electrónico que corresponde à mais avançada tecnologia no ramo. Exemplo disso foram, para o Sport Lisboa e Benfica, os marcadores electrónicos. Agora a J.C. Marketing e Electrónica, Lda., dispõe das mais recentes novidades neste campo. São elas, o «Foreign Exchange Rates Display», um marcador electrónico para bancos e o sistema «L.E.D. Display Sign Board», que a partir deste momento estão ao dispor de todas as empresas e entidades financeiras.



# AGENDA

## FARMÁCIAS

### LISBOA

### SERVIÇO PERMANENTE

**Ajuda:** Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; **Baixa - Largo São Domingos:** Americana, Calçada de Santana, 1-3, Tel. 863964; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Chile - Alto São João:** Veral, Rua Morais Soares, 109-111, Tel. 821732; **Escola Pol. - São Bento:** São Marçal, Rua S. Marçal, 100-102, Tel. 325318; **À Av. Estados Unidos n.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Madre de Deus:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Prazeres:** União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F, Tel. 663643; **Rego:** Prates & Mota, Rua Beneficiência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Telheiras Sul - Quinta S. Vicente:** Quejas, Rua Prof. Francisco Gentil, 36-A, Tel. 7584144; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

### REFORÇO

**Alfama - São Tomé:** Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Areeiro:** Lusitana, Av. Roma, 18-A, Tel. 885443; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Calvário:** Monge, Rua Luíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **Janelas Verdes:** Reis Garrido, Rua das Janelas Verdes, 90, Tel. 662327; **Jardim dos Anjos:** Jaime de Matos, Rua Álvaro Coutinho, 8-10; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29 29-A, Tel. 548960; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

### LINHA DE CASCAIS

**Algés:** Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9 - Quinta Marquês, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caxias Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvite - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

### LINHA DE SINTRA

**Amadora:** Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Até às 22 h; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Permanente; Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Permanente; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 2, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781; **Mem Martins - Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio** de Mouro: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

### OUTRA BANDA

**Almada:** Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A, Tel. 2750076. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira Afonso, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristina, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, Rua 1.º Maio, 106-A, Tel. 2043532. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso - B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, Av. General Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente; **Arrentela:** Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007.

**MÉDICO DE URGÊNCIA** ☎ 766 171 / 766 178 / 766 179

## HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — A MOSCA

REFORMA COMPLETA

ÚNICA HIPÓTESE DE SOBREVIVÊNCIA DA INDÚSTRIA NACIONAL

AQUI VÃO CONSTRUIR-SE CASAS DE PEDRA E CAL

Rede de TV acusada de financiar uma invasão

### Reforma completa

«Os anos que restam à indústria nacional, para se estruturar de molde a poder sobreviver face a unidades externas, não permitem pensar em soluções mitigadas, mas antes numa reformulação completa dos esquemas de acesso à actividade e respectivo funcionamento corrente» - afirmou o eng. Rogério Martins, na sessão inaugural do Colóquio de Política Industrial, que durante duas semanas decorrerá nas instalações da FIL.

### Casas de pedra e cal

Nestes campos camarários vai começar, em breve, a ser edificado um bairro de casas económicas. Os habitantes do Casal do Ourives, nas imediações da Madre de Deus, estão a fazer um esforço-piloto: substituir as suas habitações por casas de pedra e cal. O primeiro passo para a "transformação" do Casal do Ourives foi dado ontem.

### Voltam hoje à praça

Voltam esta tarde à praça as 11 figuras do Apostolado atribuídas ao grande pintor Ribera, um dos lídimos representantes da Pintura espanhola, e que faziam parte da Colecção Nolasco. A base de arrematação era de 1100 contos, mas a praça não foi além de 850 e o juiz não concordou com a verba. Por isso voltam esta tarde a leilão, no Palácio Ficalho, em frente do Diário de Lisboa, onde se encontra instalada a firma Soares & Mendonça.

## EFEMÉRIDES

**1899**

• O escultor Soares dos Reis suicida-se, no Porto.

**1936**

• A coligação «Frente Popular», de partidos de esquerda, vence as eleições realizadas em Espanha.

**1964**

• O concílio Vaticano II aprova a leitura das epístolas e evangelhos nas línguas nacionais, durante os ofícios religiosos.

**1983**

• A Comissão dos Direitos Humanos da ONU, reunida em Genebra, adopta uma resolução pedindo a aplicação do princípio da autodeterminação em Timor-Leste.

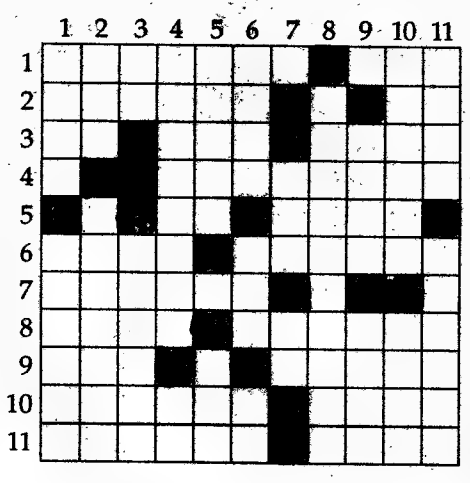
**1986**

• Sete milhões e seiscentos mil portugueses vão às urnas, elegendo Mário Soares primeiro Presidente da República civil em 60 anos. O presidente eleito obtém 51,35 por cento dos sufrágios, contra 48,65 conseguidos por Freitas do Amaral.

**1989**

• Morre o estilista de moda francês Guy Laroche, 66 anos, um dos percursores do pronto a vestir.

## PALAVRAS CRUZADAS



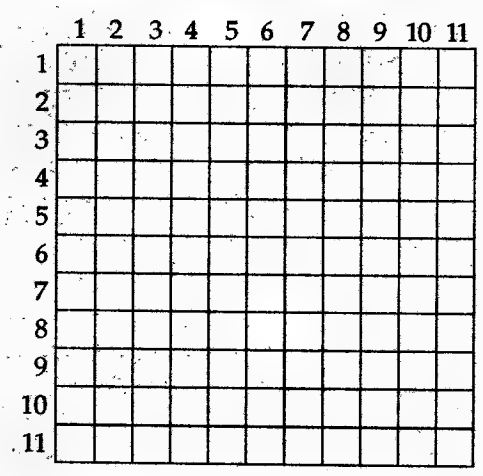
PROBLEMA N.º 17841

**HORIZONTAIS:**

1 - Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Abreviatura da vacina antituberculosa.
2 - Olvidar. Nome de letra.
3 - Satélite de Júpiter. Acrescentei. Nome de mulher.
4 - Engastar pedrarias.
5 - Autores. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
6 - Remar para trás Nome de mulher.
7 - Recuara.
8 - Parede. Alvitrar.
9 - Milho torrado que se reduz a pó temperado com mel de abelhas. Odor.
10 - Repousais. Vila e sede de concelho (Portalegre).
11 - Guarnecesse de asas. Oportunidade.

**VERTICAIS:**

1 - Numeral Cardinal. Sedimento.
2 - Patrão. Aguçados.
3 - Nota musical. Madrugada.
4 - Carregarão. Manuscrito.
5 - Golfo do Mediterrâneo na costa de Trípolis. Duas vezes.
6 - Educa. Recusa. Pronome reflexo.
7 - Corro com grande velocidade. Deus dos pastores.
8 - Acautelaram.
9 - Osculam. Novidade.
10 - Vinho de palmeira e de coco, empregado antigamente em medicina como tónico. Emir.
11 - Congelar. Nivele.



PROBLEMA N.º 16651

**HORIZONTAIS:**

1 - Freguesia do concelho de Montemor-o-Velho.
2 - Nome de um estofo indiano. Moderato. Acredita.
3 - Crómio (s.q.). Dois mil e cem em romano. Acredita.
4 - Donzela de Orleães. Madrugada (pl.).
5 - Cabo na costa de Marrocos. Demónios.
6 - Sacerdote muçulmano.
7 - Gostar muito de. Rebaixa.
8 - Grande quantidade. Vendera a crédito.
9 - Arqueais. Consentimento.
10 - Tombar. Vila e sede de concelho (Santarém).
11 - Nome dado ao aeróstato inventado em 1709 pelo português Bartolomeu de Gusmão.

**VERTICAIS:**

1 - Freguesia do 4.º bairro da cidade de Lisboa.
2 - Cidade do estado da Baía. Rede de malha muito estreita.
3 - Zomba. Regiões.
4 - Cidade da República Federal da Alemanha. Sufixo que designa estado. Suspiros.
5 - Errante. Ofenda.
6 - Tratais.
7 - Preposição. Ódio. Moderato.
8 - Satélite de Júpiter. Rio da Rússia. Caminhar. Alumínio (s.q.).
9 - Nome de jogo. Fatia.
10 - Cidade de França. Seguia.
11 - Catedrais. Sereno.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 859**

HORIZONTAIS: 1 - FAB. DEUS. DÁ. 2 - Reitor. Sari. 3 - Romana. Ar. 4 - Ocupara. 5 - Otário. Ob. 6 - Ana. Cura. 7 - BF. Ts. Capa. 8 - Rosno. Crava. 9 - Irias. Ut. Li. 10 - Amancebaram. 11 - Serão. Aos. O.
VERTICAIS: 1 - FRIO. Abrias. 2 - Ae. CONFORME. 3 - Biruta. Siar. 4 - Topa. Naná. 5 - Domar. Tosco. 6 - Erários. 7 - Não. Cuba. 8 - SSa. Cartão. 9 - A. ROUPA. Rs. 10 - Dra. Bravia. 11 - Airó. Acalmo.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 669**

HORIZONTAIS: 1 - Kuanon. Javê. 2 - Uspe. Atara. 3 - Lua. Urdia. 4 - Arrastariam. 5 - Kaiser. Ne. 6 - Cr. Altar. 7 - Am. Asem. 8 - Acordais. Ga. 9 - Mo. Erin. Jap. 10 - Bravos. Fota. 11 - Oásis. Geras.
VERTICAIS: 1 - Kulak. Jambó. 2 - Usurar. Cora. 3 - Aparício. As. 4 - Ne. Ás. Revi. 5 - Use. Adros. 6 - Na. Tramais. 7 - Tua. In. 8 - Jarretas. Fé. 9 - Ardinas. Jor. 10 - Vaia. Regata. 11 - Amo. Mapas.

**PROVÉRBIO: DEUS DÁ O FRIO CONFORME A ROUPA.**

# CARTAZ

## CINEMAS

### LISBOA

**ALFA CLUB**
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
**CORAÇÕES DE AÇO**
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

**ALFA 1**
**LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES**
Filme de Ron Howard, c/Steve Martin e Mary Steenburgen
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

**ALFA 2**
**FOGO MALDITO**
Filme de Clive Barker, c/ Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

**ALFA 3**
**ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA**
Filme de Euzhan Palcy, c/ Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

**ALFA 4**
**CLUBE DOS POETAS MORTOS**
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

**AMOREIRAS 1**
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
**OS REIS DA NOITE**
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

**AMOREIRAS 2**
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

**AMOREIRAS 3**
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

**AMOREIRAS 4**
**CORAÇÕES DE AÇO**
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

**AMOREIRAS 5**
**LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES**
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

**AMOREIRAS 6**
**ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA**
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

**AMOREIRAS 7**
**ENTRE PRIMOS**
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

**AMOREIRAS 8**
**REGRESSO AO FUTURO II**
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

**AMOREIRAS 9**
**VALMONT**
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

**AMOREIRAS 10**
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

**APOLO 70**
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

**BERNA**
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
**O MASSACRE DE HALLOWEEN**
Filme de Charles Martin Smith, c/ Marc Price e Tony Fields
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

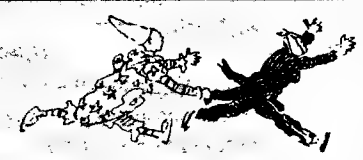
**UM MUNDO À PARTE**
EM EXIBIÇÃO — SALA 3 — QUARTETO MAIORES 12 ANOS

«Um Mundo à Parte», em exibição na sala 3 do Cinema Quarteto

teatro da cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)



«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — **Jornal de Letras**

«uma autêntica explosão lúdica» — **Diário de Notícias**

«um momento de teatro divertido e despretencioso» — **O Jornal**

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — **Semanário**

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — **Expresso**

«o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — **Independente**

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — **Fim de Semana**

«É sensacional... um espectáculo fascinante, capaz de agradar a todos os públicos» — **«D. Lisboa»**

«lamentável, mortiço, sem graça /.../ o pior espectáculo da Cornucópia de sempre». — **Capital**

3.ª a sábado às 21.30 —
Domingos e feriados às 16 h
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05



Três noites deslumbrantes!
O CARNAVAL TOTAL
24,25 e 26 de Fevereiro
CASINO ESTORIL

FAFÁ DE BELÉM
ORQUESTRA TABAJARA • MILTINHO
do Maestro Severino Araújo, Rio de Janeiro (28 músicos).
ORQUESTRA "THE CITIZEN'S BAND"
SHOW INTERNACIONAL DO CASINO
ORQUESTRA CASINO ESTORIL
e mais de 100 figuras em palco

Jantar e Espectáculo:
Noite de gala - Sábado — 20 000$00
Noite do Rio - Domingo — 18 000$00
Baile Trapalhão - 2.ª-Feira — 20 000$00

CASINO ESTORIL

Informações e Reservas - Tel. 268 45 21

GMG

# CARTAZ

## CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
**TAI PAN**
Filme Daryl Duke
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

## CAPITÓLIO
Parque Mayer
**GAROTAS SENSUAIS**
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

## CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
**O TAPA BURACOS**
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

## CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
**SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR**
Filme de Wes Craven, c/ Michael Murphy
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
**007-ALVO EM MOVIMENTO**
Com Roger Moore
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

## CINE PORTELA
**ESTÚDIO ANUSHA**
Telef. 9434762
**CINEMA PARAÍSO**
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

## CINE PORTELA
**ESTÚDIO SHEZA**
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

## CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
**NINOTCHKA**
Filme de Ernst Lubitsch, c/ Greta Garbo
Às 18.30 horas.
**SEMPRE**
Às 21.30 horas.

**«What Happened to Madalena Iglésias?», em cena no Teatro do Casino Estoril**

## CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
**VEREDICTO FINAL**
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

## CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
**CORRUPÇÃO NA CIDADE**
Filme de Harel Reisz
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

## ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

## ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
**ÁFRICA TERRA DE ESTRANHAS PAIXÕES**
Filme de Chan Hoodley, c/Jane Cilliers e Sandra Prinfloo
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

## FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
**OS REIS DA NOITE**
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

## FONTE NOVA 2
**CORAÇÕES DE AÇO**
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

## FONTE NOVA 3
**ENTRE PRIMOS**
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

# TEATRO LISBOA

## A BARRACA
**CINEARTE**
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
**MARGARIDA DO MONTE**
De Marcelino Mesquita.

## TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras- Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
**DIVINAS PALAVRAS**
De Rámon del Valle-Inclan.

## TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanço à 4ªFeira
**SALA NOVA**
**PÉCORA** de Natália Correia.
**SALA 2**
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
**A PREGAÇÃO**
De João Brites, pelo Grupo O Bando.
**CAFÉ TEATRO**
**FESTIVAL DA OTITE**
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas.

## CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
**E O ZÉ QUE ZÉ**
Textos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Fernando Pessoa, José Manuel Ribeiro, Lauzier e Stig Dagerman. Encenação de José Carretes.

## TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. e Feriados às 16 horas
**SALADA**
De Tristan Rémy, é um trabalho colectivo dos actores da Cornucópia.

# OUTRAS LOCALIDADES

## ESTORIL
**TEATRO DO CASINO**
Telefone 2684521
De 4ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas
**WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?**
Texto e encenação de Filipe La Féria.

# RÁDIO ANTENA 1

**Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa**

**14.00:** O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

**Onda Média e FM Estéreo**

**14.00:** Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** A Europa dos Doze; **20.30:** Musical; **21.00:** Passos Perdidos; **21.30:** Livre e Directo. Noticiários de hora a hora.

# PROGRAMA 2

**Rede Nacional FM 2 - Estéreo**

**17.00:** Dicionário Sonoro do Teatro; **17.30:** Música do Século XX. Obras de Varese e Messiaen; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Canções de Mussorgsky; **19.33:** Álbum Musical. - Obras de Kern, Verdi, Suppe, Rossini, Weber; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Canto Primeiro; **21.25:** Efemérides; **22.00:** Música Antiga. «A Criação», de Haydh; **23.00:** Concerto da Noite preenchido com obras de Wagner, Brahms e Tchaikovsky; **01.00:** Música de Câmara. Quarteto de cordas em si bemol maior, K. 458 «A Caça», de Mozart; Quartéto de Cordas em dó maior op. 59, n.º 3, de Beethoven; 02.00: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

# RÁDIO COMERCIAL

**Onda Média 283, 290 e 397 m**

**16.30:** Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora

**RC-FM - Estéreo 97.4 MHz**

**18.00:** RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora

# RÁDIO RENASCENÇA

**Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM**

**15.00:** Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiário de hora a hora.

# RFM

**RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo**

**16.00:** Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

**VOZ DE LISBOA**

**15.00:** Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

**VOZ DO PORTO**

**16.00:** Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 7.º JUÍZO**

**ANÚNCIO**

Acção — ACÇÃO ORDINÁRIA — N.º 646/89 — 2.ª Secção.
Autor — ROGÉRIO RAMOS NUNES.
Réu — C.I.C.C. — **Centro Intercontinental de Comércio, Lda. com última sede conhecida na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 91 a 91-C em Lisboa.**

Por este Tribunal correm éditos de sessenta dias que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação dos anúncios citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos éditos, contestarem querendo a acção, na qual o Autor pede, que, encontrando-se a sociedade ré sem gerentes, nos termos do disposto no n.º 2 do art.º 253.º do Código das sociedades comerciais deverá entender-se que a gerência da sociedade se devolveu ao próprio Autor e à ré por força da lei, até que sejam designados novos gerentes ou até que seja decretada a dissolução Judicial da sociedade por Sentença a proferir nesta acção.

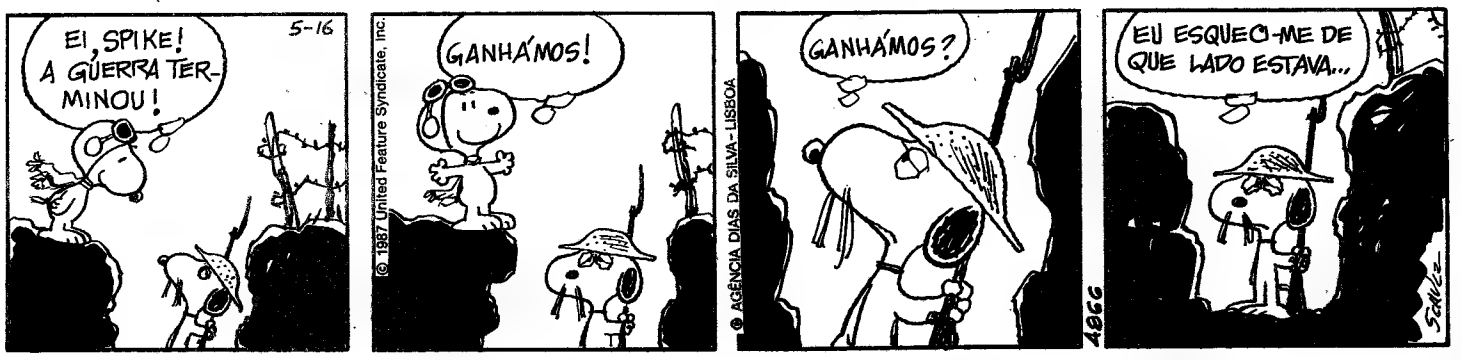
Lisboa, 7 de Fevereiro de 1990.

O Juiz de Direito,
a) João Carlos

E. Martins
Pel'O Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)

•DL — 2.ª Pub — 16-2-90

## SNOOPY POR SCHULZ

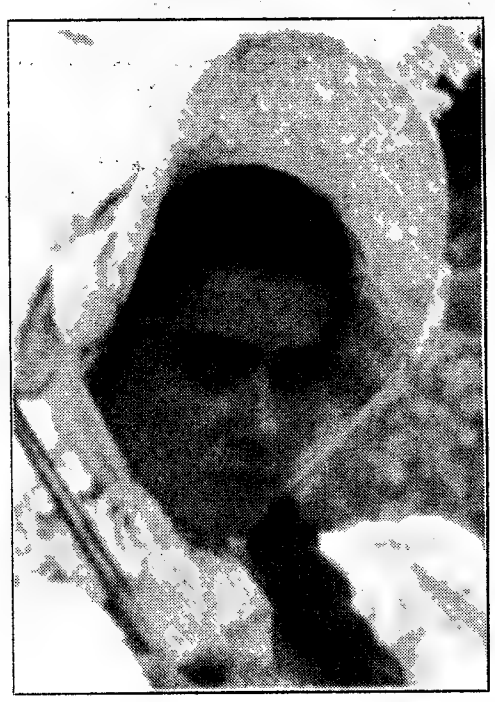



# CARTAZ/TELEVISÃO

## HOJE

### RTP-1

**16.40** - HOSPITAL CENTRAL
**17.25** - BRINCA BRINCANDO
**18.25** - RUA SÉSAMO
**18.50** - CHEGAR, APOSTAR, VENCER
**19.30** - TELEJORNAL
**20.00** - BOLSA DIA A DIA
**20.05** - O TEMPO
**20.08** - BOLETIM AGRÁRIO
**20.15** - VALE TUDO
**21.10** - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
7º Programa, intitulado «A Cidade do Rio Azul»: Setúbal, uma cidade que aproxima o mar e a serra. No azul do rio, os barcos regressam da pesca. Do património artístico da cidade, destaque para o núcleo do Convento de Jesus. Atravessando o estuário do Sado... chegamos às praias de Tróia. As praias, o lazer, as ruínas romanas. Finalmente, o cenário ardente das salinas, já perto de Alcácer do Sal. Realização de Francisco Manso.
**21.25** - MISSÃO IMPOSSÍVEL
**22.20** - TELEMUNDO
Nicarágua
**22.55** - CHEFE, MAS POUCO
29º episódio
**23.20** - 24 HORAS
**23.50** - REMATE
**00.05** - PELA NOITE DENTRO
"A Noiva Desaparecida": um filme de David Greene, com Elliot Gould, Mike Farrell, Margot Kidder, Fred Gwayne e Graham Jarris. Telefilme dos domínios do mistério, este trabalho da autoria dos criadores de duas séries de grande e reconhecido sucesso como são «Columbo» e «Crime, Disse Ela», conta no elenco com Elliot Gould, um actor que teve considerável projecção nos anos 70, e Margot Kidder, que no cinema surgiu na qualidade de namorada do super-homem, no papel deLois Lane. Duração: 120 minutos.



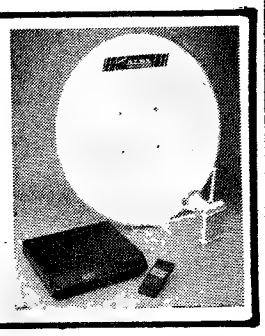
**No 2º Canal, às 21.30, o destaque vai inteirinho para «Dona Beija»**

**O Convento de Jesus, em Setúbal, no programa «Mobil nos Caminhos de Portugal: 1º Canal às 21.10**

### RTP-2

**16.55** - 3, 2, 1 CONTACT
**17.20** - UM BILHETE PARA O MUNDO
**17.45** - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
42º episódio
**18.25** - HAJA MÚSICA
**19.25** - MAX FOLIES
**19.35** - CLÁSSICOS DA TV
"Estrada 66", 3º episódio
**20.30** - AS CIDADES E AS TERRAS
**21.00** - JORNAL DAS NOVE
**21.30** - DONA BEIJA
22º episódio: o casamento de Carminha e Gaudêncio é marcado, numa altura em que Beija começa a ficar deprimida, embora isso não a impeça de ajudar Botelho a concretizar um excelente negócio, facto que vem confirmar que o seu poder e a sua influência são cada vez maiores. Entretanto, Fortunato solicita a Botelho que apoie a causa republicana e, enquanto isso, João Mendonça chega ao Rio de Janeiro.
**23.00** - ACERTO DE CONTAS
**23.30** - ROTAÇÕES

**ALBA**
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



## AMANHÃ

### RTP-1

**09.01** - JUVENTUDE E FAMÍLIA
**12.00** - SINFONIETA
**13.00** - NOTÍCIAS
**13.10** - OITO E BASTA
**14.00** - PARLAMENTO
**14.30** - CRIME, DISSE ELA
**15.15** - SESSÃO DA TARDE
"O Filho Inesperado"
**16.50** - DESENHOS ANIMADOS
**17.05** - VIVAMÚSICA
**17.50** - RICARDINA E MARTA
**19.10** - SETE FOLHAS
**19.45** - TOTOLOTO
**20.00** - JORNAL DE SÁBADO
**21.15** - O TEMPO
**21.30** - CONTOS DE HOLLYWOOD
**22.30** - DIANA ROSS
**23.30** - CINEMA DA MEIA-NOITE
"Guerrilheiros do Inferno"

### RTP-2

**09.01** - VIA RÁPIDA
**09.55** - O JOGO DOS DISPARATES
**10.45** - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto
**13.15** - SIMPLY RED
**14.20** - UM LONGO CAMINHO SILENCIOSO
"A História da Mímica"
**15.00** - ESTÁDIO
**19.00** - MUSIC BOX ESPECIAL
**19.55** - ENCONTRO EM TRIESTE
**21.15** - ESTÁDIO

**BLAUPUNKT**
*Seleccionou para si...*
RTP 1 TELEMUNDO
RTP 2 DONA BEIJA
PiP
**BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH
**Um pequeno ponto faz a diferença**

**Móveis**
**OLIVEIRA & LEAL, LDA**
Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.
**Não compre sem nos consultar.**
**Entregas em qualquer ponto do país.**
**Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160**
**Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)**

*«Parece que os dirigentes federativos do atletismo têm inveja dos nossos êxitos e por isso tornam-se medíocres.»*

**Rosa Mota, «A Capital», 15.02.90**

## A PERGUNTA DO DIA

**Luiz Francisco Rebello presidente da Sociedade Portuguesa de Autores**

**Que pensa a SPA da decisão do Governo de, no domínio artístico, apenas conceder benefícios fiscais a escritores, pintores e escultores?**

«A Assembleia da República autorizou o Governo a legislar em matéria de benefícios fiscais, e nomeadamente a 'dar tratamento especial, em sede de IRS, aos rendimentos que decorram de trabalho criativo no domínio literário e artístico'. E que fez o Governo? Restringiu esse benefício aos escritores, pintores e escultores, esquecendo (ou ignorando?) que, entre outros, os compositores musicais, os encenadores teatrais, os realizadores cinematográficos, os coreógrafos também são criadores intelectuais... Como era sua obrigação, a SPA protestou contra esta injustiça - e injustificável - discriminação (que aliás foi ou está a ser impugnada pelos partidos da Oposição na AR).

E qual é a resposta do Governo? Nenhuma até agora - mas receia-se o pior: fomos informados de que se pensa, em vez de ampliar o benefício aos que arbitrariamente dele foram excluídos, retirá-lo pura e simplesmente a todos. Isto é: corrige-se uma injustiça relativa com uma justiça absoluta! Não vale a pena comentar.»

*Segunda-feira no*

**Diário de Lisboa**

*As crónicas de Artur Portela e de Alfredo Margarido*

*As rádios locais em Grande Angular*

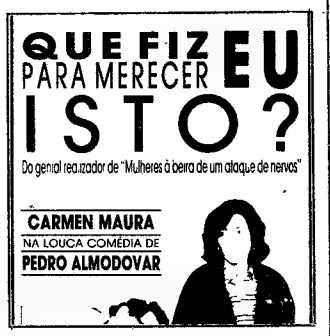
*O jogo do bridge*

*O cartoon de António Alfredo*

## O DL SUGERE

### a Pedro Santana Lopes

Veja QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO, um filme de Pedro Almodovar, a estrear hoje, em Lisboa. É uma comédia louca, como não podia deixar de ser, de um realizador que já colocou mulheres à beira de um ataque de nervos. Para o jovem turco, tão injustamente acusado de habilidade para os negócios, é altura de descontrair e aproveitar para passear o seu charme de administrador da Cultura lusa. Já pensou que a história da PEI dava um bom argumento de cinema? Até pode ser que o Governo desse algum subsídio...




### a Luís Sá

Leia o COMBATE, um mensário dirigido por Francisco Louçã. O jornal apresenta este mês um dossier sobre o Leste e interroga-se sobre a viabilidade do «socialismo de mercado». Regressado há poucos dias da União Soviética, o dirigente comunista português foi observar os encantos de Gorbachev e os desencantos da *nomenklatura* . Foi um ver para crer. A complexidade e a perplexidade são muitas. Daí o interesse em alargar o olhar, não vão os críticos surpreender a *inteligenzia* . O COMBATE continua!

### a Albino Soares

Não perca o 1º CONGRESSO NACIONAL DAS RÁDIOS LOCAIS, este fim de semana, em Alenquer. É uma iniciativa do Instituto das Rádios Locais e nele participam mais de meia centena de estações. Nunca se sabe se estas emissoras vão conspirar mais alguma cadeia nacional. Todo o cuidado é pouco! E, se for necessário, não hesite em «sugerir» aos TLP um corte nas linhas. É que o uníssono de tantas vozes no ar pode perturbar a «estabilidade» e o «rumo à modernidade». Ouvido alerta e para os que se portarem mal tire-lhes a frequência regional da ideia...

### a Magalhães Crespo

Vá ver o FESTIVAL DA OTITE! amanhã, no Caté Teatro da Comuna, em Lisboa. Começa às 24 horas, uma hora tardia para os seus hábitos de disciplinado e disciplinador gerente da Rádio Renascença, mas vale a pena. O espectáculo de Carlos Paulo é de grande valor pedagógico para quem um dia, quem sabe, pode vir a ter que organizar o Festival TV da Igreja da Canção. Convide o António Sala que festivais é com ele. A propósito, quando é que o convida para dirigir a programação? Há que ir preparando o canal...

*Grupo de trabalho de política internacional*

O PÓS-COMUNISMO

Diário de Lisboa

SEGUNDA-FEIRA

## Os poderes dos media

Contou-me um amigo: - Durante longos anos recusava, com uma disciplina militar das antigas, o consumo de chocolate que, aliás, adoro, adorava... Por causa do colesterol - o médico manda. Há pouco, numa viagem de negócios a Hamburgo, li ainda no avião, no *Die Zeit*, um grande artigo, sério, documentado, germânico, a desmentir em absoluto a influência nefasta do chocolate sobre o nível de colesterol no sangue. Ao contrário do que se pensava, o cacau, o chocolate preto é dos elementos nutritivos mais saudáveis, com um teor de gordura que, se fabrica colesterol, é o positivo, a saber que temos dois colesteróis...

E continuou ainda com o mesmo *leit-motiv*. Ouvi com atenção moderada: também eu lera num jornal português uma variação lusa sobre o feliz recém-noivado entre o chocolate e aquela doença dita da burguesia (?). Será parte de uma campanha de radical revisão médica? Ou uma publicidade indirecta dos produtores e exportadores de cacau? Ou serão os *chocolatiers* suíços que nos querem matar mais rapidamente?

Seja como for, força! O meu amigo despediu-se como uma saudável mordidela numa tablete de chocolate de cozinha, provavelmente para zelar pela sua saúde. E eu pensei: realmente, os poderes dos *media* são gigantescos: não só conseguem coagir um sujeito razoável, mas no fundo transformam a realidade a seu bel-prazer. Desconfio que se o meu amigo se consolasse com chocolates *antes* da leitura dessa nova teoria, ficaria mal e o colesterol havia de se ressentir na próxima análise efectuada. *Depois* da leitura do artigo, o mesmo chocolate, em qualidade e qualidade idêntica, obviamente que lhe dá saúde e fará baixar o índice de colesterol no próximo boletim de análises.

Há coisas entre o céu e a terra, os poderes dos *media*, por isso, come chocolates, pequeno; come chocolates!

**Jorge Listopad**

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
67 695
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
51 891
12 000 CONTOS

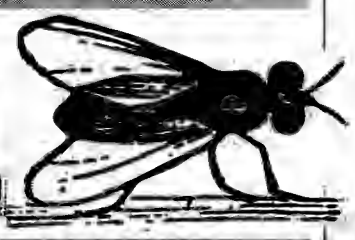
3.º PRÉMIO
26 600
3 000 CONTOS

12 000 contos
Mais um Prémio Grande
Distribuído hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Entradas de Lotaria
Sai sempre
Experimente
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
16 DE FEVEREIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO

# A MOSCA



DL

# REQUIEM POR UM RAFEIRO

a Semana

A M O S C A

# CLARO-ESCURO

## Sexta, dia 9

TTT em claro-escuro. Primeiro T: telefones. Oficialmente, já se sabe, em democracia, não há escutas, mas «O Independente» diz hoje que basta ligar para o 9969999, 9149999 ou 6009999 todos do Porto, e é uma alegria, ouve-se tudo. Segundo T: turismo. Oficialmente, é numa dessas que vêm só por seis meses, mas numa ida e volta a Badajoz arranjam novo visto e o resultado é como segue: nas estatísticas os brasileiros entre nós são 10 mil, o «Tal & Qual», porém, afiança que com mais um zero é que está certo. Terceiro T; televisões privadas. Oficialmente, agora é que vai ser, Cavaco anuncia hoje, vai-se a ver (ou a ouvir), contudo, e o Primeiro-Ministro no meio das mais televisões, acena é com limitações, proibições e contravenções, sobre isto José S. Monteiro escreverá dia 13, no «DL», um texto notável.

A parte isto é a melancolia: o Hot Clube faz 40 anos (parece que são mais, mas não interessa), os «Gaibéus» fazem 50, Amália canta o fado pelas Espanhas, «No Arquipélago das Maravilhas» chama-se o disco de Celina Pereira e Raul Lino, arquitecto, é outra vez reabilitado na Trienal de Arquitectura em Sintra.

## Sábado, dia 10

Kissinger debita em Lisboa, há moda por aí em desfile, distribui prémios o Fantasporto, um Pomar em leilão atinge os 9500 contos, mas a coisa mais bonita do dia é Pancho Miranda Guedes a falar para toda a gente na Trienal de Arquitectura, um espanto.

O resto é para esquecer (ou para lembrar, é como queiram). Assim; mais de 20% dos portugueses adultos não sabem ler nem escrever, o insucesso escolar no Algarve passa dos 28%, droga (qual?) no secundário consomem-na 9% dos alunos, leite a martelo à venda atingiu os 15 milhões de litros, Taveira não pagou as cauções, Portugal em matéria de ambiente só cometeu 14 infracções — diz a CEE, mas a CEE neste aspecto deve andar ceguinha de todo, quem não anda cego, oh se não, são os espanhóis, num ápice o Banco de Santander ganhou a maioria do lusitano (deles) Banco de Comércio e Indústria.

## Domingo, dia 11

O azar de Carlos Cruz mais da Fafá de Belém: regressa o «1,2,3» com a brazuca a animar e não é que, logo hoje, na África do Sul havia de ser libertado Mandela... Resultado: como a RTP teve que dar a libertação em directo e Mandela é quem é, de Carlos Cruz e de Fafá amanhã, nem piu, foi como se não estivessem no ar.

No ar, na terra e no mar está a Cruz Vermelha, em Portugal há 125 anos que hoje se comemoram. Na angústia: é que — conforme os dirigentes — trabalho voluntário para cá é como o outro que diz: «para esse peditório já dei».

## Segunda, dia 12

Outro sector em crise é o sacerdócio católico. Com apenas 39 padres no ano passado ordenados, a Igreja portuguesa fala de «crise de vocações».

Os Jerónimos do que se queixam é da crise do património. A conservadora bem avisou, várias vezes, que o mosteiro estava nas últimas, mas como o dinheirinho é pouco e para o Centro Cultural de Belém vão uma data de milhões, o resultado viu-se: para além da abóboda, os Jerónimos, a partir de hoje, têm também um buracão no telhado. Mais um motivo turístico...

O turismo em Bragança também está a evoluir: para além da espanhola e da TV portuguesa, a cidade conta agora com uma televisão pirata. Para a coisa ser a preceito, a vedeta inaugural foi... o governador civil.

E remate-se com o dia-a-dia: na CP é olho por olho: Ah ele é mais greves, pois bem, em cinco anos vão 5 mil ferroviários para a rua. No Funchal, é absolvido o padre Martins, do Machico; em Espanha Siza Vieira ganha mais um concurso de prestígio, na Gulbenkian prossegue o debate sobre os anos 60, em Espanha também — que é para não ficarmos demasiado bem vistos — um português é preso por causa do «beijo do sono». O eufemismo quer dizer que com um soporífero no copo, entre beijos e abraços, a vítima ficava a dormir e o português mais rico em dinheiro e atavios.

## Terça, dia 13

«Há uma chinesa na parede do meu quarto...», «Esta noite, durante o sono, um anãozinho saiu de dentro do meu peito» — escrevem os jovens para o «DN» deles com mil vezes mais imaginação do que quem fez eleger esta noite outra 'misse' por cá.

Por cá ainda é a poluição nos afluentes do Guadiana e do Liz, é o risco de uma nova eucaliptização (denunciam os ecologistas), é a requisição civil dos controladores aéreos e é — haja Deus — a notícia no «JL» de que em breve vai sair a poesia toda com inéditos de um grande, grande poeta português vivo: Herberto Helder.

## Quarta, dia 14

Tudo a molho e fé em Deus é o balanço do dia. Assim: abre a Expolangues em Paris, conhecem-se em Hollywood os nomeados para os «oscares», reabre o Luísa Todi em Setúbal, há livros em leilão em Lisboa, custa a lampreia no Minho para cima de oito contos, canta na Aula Magna a Berganza, passa na TV a «Janela Indiscreta», a Périer faz cancro (parece), bem feito, bebam Castelo; crescem em Portugal os acidentes de trabalho, tudo isto no Dia dos Namorados. Antes ele que lembrar-se a gente que faz hoje um ano Salman Rushdie foi condenado à morte pelo xiita Khomeiny, a barbárie contra a civilização é o que apetece dizer e não nos venham com revoluções ainda por cima inspiradas no Além.

## Quinta, dia 15

Sophia na SPA, com os seus belos poemas e a apresentação de Joaquim Manuel Magalhães. «Quanto mais poético mais verdadeiro» — dizia Novalis, assim é e que assim seja.

**Rodrigues da Silva**

# DA QUEDA AOS ESCOMBROS DO «MURO»

«Amandla»! (liberdade!). A África do Sul sentiu no passado domingo um arrepio, próprio dos grandes momentos históricos. Nelson Mandela saía da prisão, arrastando consigo 26 anos de um regime caduco.

Os obreiros do *apartheid* construíram uma cadeia pelo lado de dentro. Mas, quando a terminaram, viram-se repentinamente enclausurados nos muros construídos pelas suas próprias mãos, e que deveriam apenas abrigar «os outros». O ar tornou-se irrespirável. Só restava uma solução: sair!

Nos primeiros dias na Cidade do Cabo a tensão subiu ao rubro. Os erros pagaram-se caros. Para alguns, com a própria vida. E a euforia confundiu-se por vezes com os motins.

O Presidente F. W. de Klerk foi já considerado como o Gorbachev africano. Para já, tem a seu favor o facto de ter tomado a iniciativa. Mas os trunfos da sua credibilidade em relação ao Congresso Nacional Africano, e aos movimentos nacionalistas da África do Sul esgotaram-se dentro do conceito dos «riscos calculados» do clã branco. O jogo está agora do lado da comunidade negra.

O discurso moderado de Mandela - contra a dominação branca ou negra - vem ao encontro da imagem de um homem à volta do qual se poderão conseguir consensos na África do Sul. Mas as suas posições conciliadoras puseram, para já, o ANC perante o embaraço de ter que reformular toda a sua política. Uma reforma sem Oliver Tambo. Uma reforma à espera de Mandela.

Hoje, mais do que nunca, a imagem da «queda do Muro» começa a estar gasta. Praticamente já ninguém recorre a este conceito para explicar a evolução política internacional. Agora, fala-se antes dos escombros: é o caso dos conflitos étnicos da União Soviética, desta vez no Tajiquistão, do braço-de-ferro entre Gorbachev e os conservadores durante a reunião do Soviete Supremo para a alteração do tão polémico artigo seis da Constituição soviética, enfim, da reunificação alemã.

A tal ponto, que os representantes dos países da NATO e do Pacto de Varsóvia reunidos em Otava, no Canadá, já não se contentam com a queda do Muro de Berlim. Querem também «Céus Abertos». Mais, o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnadze, defendeu que esta ideia deveria alargar-se a outros dois domínios militares, considerados ainda demasiado fechados, como a «Guerras das Estrelas» e ao controlo dos mares. Nada mais transparente que isto.

A reunião em Otava vai durar mais uma semana. Até lá vai haver mais tempo para os peritos limarem arestas. Tanto mais que, durante a presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros, em Otava, chegou a haver a sensação que a questão dos «Céus Abertos» era apenas um pretexto para se discutir a reunificação das duas Alemanhas. Não o foi, por certo. Mas a satisfação do chanceler Helmut Kohl de regresso de Moscovo era por demais evidente. Tal como o embaraço da França, as reticências da Grã-Bretanha, ou ainda as hesitações dos Estados Unidos.

**Carlos Camponez**

# GUIDINHA

# ESTÃO A ACONTECER COISAS ESQUISITAS

Eu cá por mim nao abro à boca para nao me cairem em cima mas lá que se passam coisas muito esquisitas na nossa «jóvem democracia» lá isso passam e quem disser o contrário mente com quantos dentes tem na boca no meu largo por exemplo vive um senhor que se chama Silva e que trabalha num poço sem fundo chamado onde ganha cento e cinquenta contos por mes e vai comprou no outro dia, um carro que custou cinco mil e nao sei quantos contos todo cheio de uma coisa que há chamada «extras» outro que há no meu largo e que trabalha andando de porta em porta a chatear as pessoas por causa dos impostos comprou um andar com quatro assoalhadas por trinta mil contos outro que mora numa ruasita aqui perto que se vê da janela do sótao da minha casa e que tem um supermercado do tamanho de uma retrete comprou agora um barco com doze metros de cumprimento e dois motores isto se a nossa «jóvem democracia» continua assim mais dia menos dia o senhor Costa que é escritorário na Alfandega ainda compra um aviao para ir à Caparica quando estiver calor no outro dia a minha tia Adélia telefonou para a Guarda Fiscal a dizer que era casada com um ministro qualquer e pediu para eles mandarem uma camioneta buscar um sofá ao «Continente» e para o levarem lá para casa e vai escondeu-se em casa cheia de medo a ver o que acontecia como se nao se estivesse mesmo a ver o que acontecia daí a meia hora a Guarda Fiscal levou-lhe o sofá a casa toda cheia de «Vocencias» e de «Vossas Excelencias» e pronto nao se falou mais nisso porque é costume os ministros fazerem as mudanças que querem com as camionetas da Guarda Fiscal mas isto nao senhor antigamente quando eu era pequenina toda a gente se ria dos ministros andarem em inauguraçoes e em festarolas pelo país e contavam-se anedotas do almirante Tomás que andava sempre metido nessas coisas e daquele que parecia um pinguim que se chamava Silva Cunha e que fazia discursos patrióticos sobre as colónias mas eu cá por mim acho que isto nao mudou nada e que está tudo na mesma a diferença é que em vez de se dizer «Pátria» e «Família portuguesa» agora diz-se «a nossa jóvem democracia» mas quem vir a televisao tem de me dar razao os ministros andam de um lado para o outro a inaugurar repartiçoes públicas e filiais de bancos exactamente como antigamente fazendo os discursos que os do antigamente faziam só com a tal diferença de dizerem que agora estamos na nossa «jóvem democracia» agora há tantos jantares e

banquetes e «cocktails» e festas e festarolas e comes e bebes como antigamente só que é preciso sempre fazer uma referência à «nossa jóvem democracia» nao vá alguém pensar ao ver estas coisas todas que ainda estamos na velha «democracia organica» e quem prestar atençao aos discursos tem de notar que parecem os de antigamente só que já ninguém presta atençao aos discursos porque eles sao tantos e tantos que a gente para os ouvir nao fazia mais nada e tinha de largar os empregos e dedicar-se a ouvir discursos o que era chato digo mesmo chatíssimo porque os de agora ainda sao mais chatos do que os de antigamente até porque os políticos tem menos coisas em que falar sim porque como já nao temos colonias temos muito menos território e só nos resta meter o nariz na vida das antigas colonias que é o que andamos a fazer todo o tempo o que digo é que a gente está na mesma sim exactamente na mesma por dentro só por fora é que mudámos somos como a minha Mai quando muda de fato para ir comer um pastel de Belem à leitaria o pastel de Belem é o mesmo que ela comia a leitaria é a mesma em que ela ia comê-lo o que mudou foi o fato agora temos um fato de «jóvens democratas» mas vamos comer o mesmo pastel de Belem à mesma leitaria e como somos as mesmas pessoas por dentro falamos nas mesmas coisas dizemos mal uns dos outros como se a nossa vida dependesse disso e temos as mesmas preocupaçoes ora cá para mim que eu acho é que a gente devia estar a mudar por dentro mas enfim o melhor é falarmos de outra coisa e como nao temos outra coisa em que falar vamos ao assunto das coisas esquisitas que estao a acontecer na nossa terra em que os presidentes das Camaras andam sempre à pancada com os seus detractores em que os cheques sem cobertura aumentam de mês para mês em que as ruas estao cheias de buracos em que mais dia menos dia a criminalidade começa a diminuir porque as pessoas deixam de se queixar à polícia porque nao vale a pena em que a mortalidade nas estradas é a maior da Europa e em que no meio de tudo isto os intelectuais discutem a evoluçao das utopias eu cá por mim digo que tudo isto é muito esquisito e pergunto-me se Portugal nao será ele próprio uma utopia como outra qualquer.



A MOSCA
PÁGINA 3

# Canal DA Crítica

A M O S C A

**MÁRIO CASTRIM**

A **Morgadinha** foi-se à viola e creio que não deixou saudades. Principalmente, certo, a quem conhece a obra — e esses não serão muitos. Júlio Dinis está a ser passado de moda. O consumismo ataca em todas as frentes...

A realização televisual falhou na reportagem de uma época, isso que Morgadinha verdadeiramente é, e por isso é um excelente romance. Não deu a agitação, a febre social, o fermento da transformação. Não deu a verdade das personagens, foi tudo muito longe ou muito burocrático. E não dar muita coisa a quem tanto era pedido.

Havia personagens razoavelmente representadas — o Conselheiro, o Augusto, o Henrique, a Cristina. E a tia Doroteia, claro. Eunice é como o Valdo, nunca joga mal. Havia outras que eram uma lástima — independentemente da qualidade intrínseca como actores, como a própria Morgadinha (quem vê aqui a São José e quem a vê no **Casino Royal**!) e a tia Vitória. Ó meus senhores!, aquela senhora mãe ainda tão recente? Pelo amor de Deus! E aquela Ermelinda, a translúcida, ideal menina do livro? E aquele, aquele ai aquele hervanário! Pena de morte para a direcção de actores.

E agora, pronto. Adeus produção nacional. A avalancha de subprodutos americanos não prenuncia nada de bom.

O drama está na falta de rentabilidade dos programas indígenas. Nascem e morrem cá. Não há exportação, a não ser benévola. Sem juro o capital não se reproduz. Tudo fica mais oneroso. Logo, a tendência empresarial miope é para importar a pastilha elástica do emburramento americano.

E isto continua assim, paz à nossa alma nacional.

Digo isto sem terrorismo. Com um pouco de nervosismo, é certo.

## O ridículo é epidémico

Ridículo é não ter a noção do ridículo porque, quando se tem a noção do ridículo, o ridículo não existe. Tenho a impressão de que disse uma verdade profunda, género José Nicolau de Melo. Meu Deus, os seus comentários ao Chaves - Boavista davam cá uma antologia!

A reportagem do **Jornal da Tarde** está junto à Igreja donde há-de sair o corpo do Zé Beto. As palavras do repórter são de ridículas, absolutamente impróprias: o público não voltará mais a ver os seus admiráveis golpes de rins, coisas assim, estão a ver?

O Porto já teve bom nome na Informação da RTP. Agora anda pelas ruas da amargura. Governamentalizou, estragou.

Já nem no ridículo se safa. Não pode descer mais fundo.

## Jogar, falar, educar

No princípio do Chaves - Boavista houve um minuto de silêncio. O Nicolau não fora informado de nada, mas presumiu que fosse pela morte do Zé Beto. Talvez também pela morte do José Reis, mas como ninguém o informara de nada...

Impressionante foi o comportamento dos jogadores durante a cerimónia. Distraídos, inquietos, desejosos do apito. Além das tácticas do jogo também não seria mau que as direcções dos clubes tivessem umas conversas a sério com os seus atletas sobre outras matérias.

Alguém que apareça na Televisão é, só por isso, um educador. Ora aqui está uma das tais matérias dignas de tratamento.

A propósito do relato Chaves - Boavista vejam só esta aventura intelectual: «Foi uma semana muito má, especialmente para os guarda-redes. Primeiro foi Zé Beto e depois José Reis, este assassinado, por seu lado».

Gostaram?...

## Formar ou deformar?

A propósito das alterações no espaço da Televisão, a RTP aproveitou mais uma vez para lembrar a sua origem. Imaginem, em vez de esquecer...

A certa altura afirmou-se que, a partir de 1957, a RTP apostou no seu lema de **formar, informar, divertida**.

Trata-se de um lugar-comum, quantas vezes papagueado sem a mínima noção do que se diz.

Nós sabíamos como era a Televisão naqueles tempos. Se alguém diz que o seu lema já então era **formar** e **informar**, de duas uma: ou está a chuchar com o pagode, ou acha que eram boas a **informação** e **formação** na época.

O que não abona em nada a **formação** e a **informação** actuais...

## Quem não sabe ser caixeiro...

Publicidade. Um termo difícil de situar, de entender, de discutir. De qualquer modo, inevitável numa sociedade cujo desenvolvimento assenta no consumo.

A maior fatia da publicidade vai para a Televisão. Não admira. A TV chega a todo o lado e a imagem arrasta mesmo. Fica bem dentro de nós mesmo depois de os olhos as terem esquecido.

Mas há que distinguir entre a publicidade paga e a outra. Por exemplo: Kissinger esteve aí e fez uma conferência. Vimo-lo por várias vezes. Dizia banalidades.

Atrás dele, a publicidade a um banco privado. Quer dizer, este banco estava ali simplesmente porque era patrocinador da iniciativa. Podia dizer-se isso noutro lado da sala, mas nesse caso já ficava fora do campo de visão da câmara...

Afinal, quem não sabe ser patrocinador, que feche a loja.

## Milagres — mas não tanto

Televisões privadas. Tudo ainda muito confuso. E a guerra ainda não começou.

Condorcet Costa está implicado na estação privada espanhola, o **Canal 3**. Em conversa com José Edudardo Moniz, não parece muito entusiasmado, embora vá achando que os resultados, enfim...

Em resumo: enchem a programação com conversas de chacha. Diz-se «talk show» porque em inglês é muito mais fino. Aquilo em directo, claro sai mais baratinho.

Parece não haver dúvidas para as pessoas sensatas que uma estação privada sem recurso aos filmes (de utilização cada vez mais difícil) e ao desporto (cujas transmissões obedecem a leis muito apertadas) não tem qualquer hipótese.

Nem a Rádio Renascença poderá aí fazer nada, contando embora com a ajuda do Céu.

## Doze notas em circulação

1 — Em **Vale Tudo** fala o **Jarbas** que se recusa a fazer o que lhe parece injusto, arrostando com as consequências. «Já engoli muito sapo e sem tempero» — diz.

Ó Jarbas, Jarbas, meu amigo, como eu te compreendo, nessa história dos sapos!

2 — Na mesma telenovela discute-se a reforma agrária. Dou por mim espantado, como se ouvisse uma expressão bárbara. Brasileiros lutam por ela, nós tivemo-la e querem matá-la. Vão lá entender os desconcertos do Mundo.

3 — Desculpem, ainda em **Vale Tudo.** Vêm à baila os direitos humanos e diz-se: «Em democracia, o pobre diabo também tem direito à vida». Dez palavras que condenam certos conceitos de democracia onde não se condena a existência dos miseráveis mas se pede o seu direito a existir. Como miseráveis, claro...

4 — No primeiro noticiário da tarde, referência para a manifestação popular em Escarpão, perto de Albufeira. Eram cerca de três mil pessoas descontentes com uma instalação industrial que consideravam poluente.

Para «dialogar» foi chamada a Polícia de Choque e «adivinhou-se a tragédia» quando o comandante ameaçou atacar.

A população retirou. Queria o diálogo, imaginem!

Recordo as palavras de Mandela depois de sair da prisão: «Não podemos deixar que o medo se instale no nosso caminho». Recordo — e tremo.

5 — Não sei se os meus leitores costumam ver «Querido John».

É antes de mais nada, uma maravilha na arte de contar, ao melhor nível da tradição americana. Em vinte minutos a história flui com princípio, meio e fim — sem atropelos, sem soluções de continuidade. Sete personagens todas perfeitamente definidas, com o seu tipo de humor. Parecem actores menores — e de súbito lá vem um pormenor que revela a excelente graduação no ofício.

No penúltimo episódio houve um promenor que teve a sua piada.

John conta uma aventura amorosa. Grande responsabilidade no êxito atribuiu-a ele a um vinho português. Um vinho rosé. **Mateus**, pelo formato da garrafa.

É. Já me tinham contado que os americanos são doidos por isso. Agora percebo porquê.

Um vinho português. Ah, como nós ficamos contentinhos quando falam das nossas coisas!

6 — O guarda-redes assassinado ao sair da discoteca. Grande realce no Telejornal. Pormenores, depoimentos, especulações. Depois, uma voz que denuncia o «criminoso». O possível criminoso. De quem, sem mais aquelas, se diz o nome todo...

Esta prática não deverá ser seguida em sítio nenhum e muito menos na Televisão. Aqui fica a minha queixa ao Provedor de Justiça.

Lembrar-me eu que na Suécia sempre a Informação se absteve de nomear o presumível assassino de Olof Palme...

Outras civilizações, meus senhores!

7 — Bem, a RTP guarda os seus cuidados e preconceitos para outras zonas. Por exemplo, o presidente de Angola diz que as FAPLA tomaram Mavinga, mas a RTP foi saber e o porta-voz da UNITA em Lisboa disse que não. De forma que a RTP ficou com dúvidas. De forma que foi assim. De forma que estou sem saber ainda em mãos de quem está Mavinga...

8 — Sexta-feira, 9 de Fevereiro de 1990. Tomem nota desta data que vai ficar histórica nos anais da RTP.

Sabe-se do especial predilecção que o **Telejornal** nutre pelos países do Leste. Aquilo não é informação: aquilo é bombardeamento. Conheço casos (não poucos, se quiserem eu digo alguns) em que essa Informação gastou metade, e mais de metade, do tempo todo. Em resumo: nunca a RTP deixou de incluir os países do Leste no centro das suas preocupações.

Nunca, vírgula. Uma excepção veio confirmar a regra. Na sexta-feira mencionada. Telejornal não fez a isso uma única referência!

Ou o Fino adormeceu ou os países de Leste mudaram de endereço sem comunicar à RTP. Não vejo outra explicação.

9 — O fenómeno da colonização a que a RTP está sujeita torna-se cada vez mais radical. Agora já nem o alfabeto escapa. É obra!

Houve tempo em que o Cerqueira (o distinto directo — clínico?) do segundo em vez de dizer CIA, dizia **ci ai ei**.

O professor João Coutinho, em basquetebol, também dizia **ene bi** qualquer coisa. Mas já não diz. As pessoas inteligentes escutam a crítica.

Agora é aquela voz feminina, sem nome e sem rosto, que fala da **ai bi ei** no Telejornal. Moniz, o director (clínico?) do Primeiro Canal deixa seguir.

Já agora, caramba, porque não falam tudo em inglês? Talvez se safassem melhor...

10 — Acabou «Justiça Cega». Acabou ao quinto episódio. Estranha coisa. Folhetins com tão poucas emissões, existem e a BBC tem excelente conhecimento da matéria. Agora uma série? Uma série só com cinco emissões? Ná! Aqui anda gato. Gato ou **cat**, eis o que resta apurar.

Porque **Justiça Cega** não punha em causa a justiça inglesa unicamente, mas a filosofia oficial (estabelecida) da sociedade inglesa. A lei não acompanha os problemas actuais. É uma lei desumana, caricata por vezes. Porquê? Assim: «Na Inglaterra esquecemos o sentido da liberdade e por isso esquecemos o sentido da justiça».

Curiosamente, sendo a BBC um dos pilares do sistema; sendo a série produzida pela BBC — pois os noticiários da BBC não deixaram de ser alvejados nesta série...

Pronto. Acabou (de morte macaca?) a melhor série que corria na RTP...

11 — Escola Secundária das Olaias. Turma 9-C. Professora Fátima Murta. A reportagem dá-nos conta da actividade teatral exercida pelo 9-C, em regime de opção.

Por estes caminhos o principal não será ensinar, mas despertar o gosto, o amor das coisas. Porque tudo o mais virá por acréscimo.

A RTP andou bem ao comunicar-nos essa experiência. Experiência de algo que nasce. De algo que prolonga a vida. Ou seja, que prolonga o amor, a beleza, a arte.

Viva o 9-C!

## 1, 2, 3 desce à 2.ª Divisão

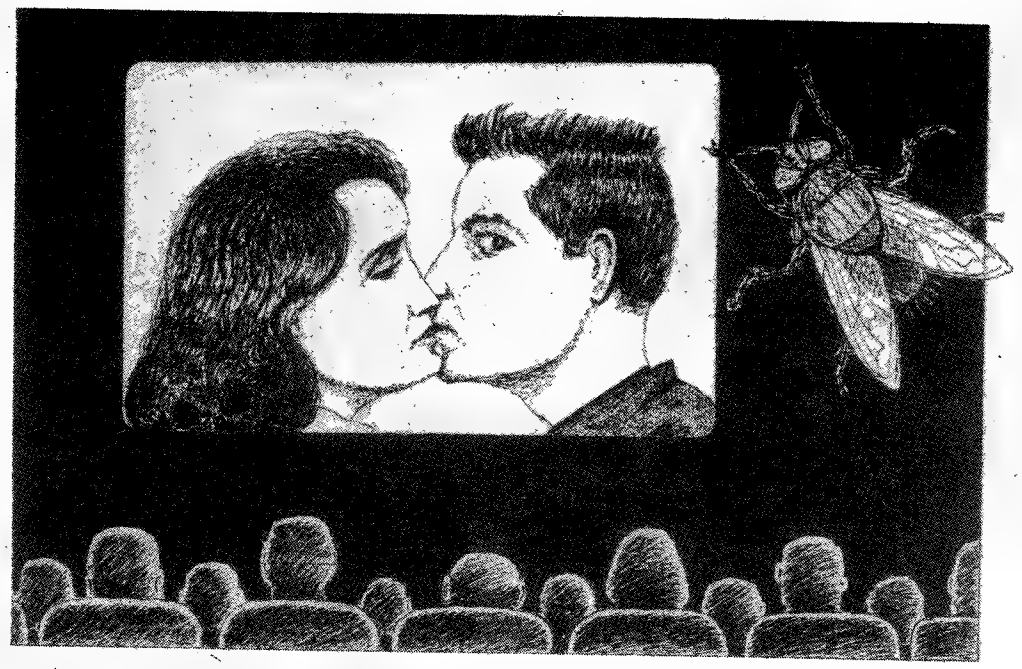
Regressou **1, 2, 3**. Regressou ao fim de quatro anos de ausência ou seja, ressuscitou ao quarto ano. Os milagres agora são mais lentos.

E no entanto, parece que o tempo se imobilizou. Parece que deixamos de ver o programa de Serrador - Cruz apenas durante uns breves dias. E a saudade não era muita. Carlos Cruz devia ter deixado este programa do lado de lá da margem e construir um barco novo.

A jangada traz, é certo, alguns remendos. Vão aparecer alguns remendos, aquele porco, aquele lobo, aquele leão para dar o toque infantil ao horário da emissão...

O resto... é tudo. O resto é o que era. Com as qualidades e os defeitos. Aliás Carlos Cruz tem «olhinhos». É o seu trunfo. Luísa Barbosa e Henrique Viana são bem escolhidos para os momentos de humor e de descontracção mais assentes num programa onde as palhaçadas ocupam tamanho espaço.

TEXTO DE
**JORGE SILVA MELO**



# COM CINCO PEDRAS NA MÃO

Aqui em casa vivem quatro actores.

E quando, mal acordo, me precipito para a caixa do correio (ah, que bom, uma carta!), acabo sempre por trazer um daqueles sobrescritos almofadados mais ou menos pesados.

— Ah, que chatice, o argumento do...

É a resposta clássica.

— Lê lá tu que és do cinema, a ver se vale a pena.

— De qualquer modo percebo um argumento.

— Vê lá se o papel vale a pena.

— E sabes quem é o realizador?

E eu que do cinema gosto de tudo (excepto dos cabos onde passo a vida a tropeçar), divirto-me a ler e a conjecturar.

O ano passado, dos vinte ou trinta que assim li, percebi logo do que é que se tratava. A excepção de dois ou três que eram mais comédias para consumo local, todos os outros herdavam do **cinema de autor** a angústia existencial, a vagabundagem sentimental, o **mal de vivre,** a antonionite aguda que desde os anos sessenta sucedeu como forma de existência ao existencialismo da Gréco ou Camus.

Mas todos, todos ambicionavam a ser **europeus.**

E para ser europeus, precisavam de actores de diferentes nacionalidades, de acções que se pudessem localizar em diferentes países, de cenas em meios de transportes que poderão eventualmente sponsorizar o negócio.

Olympic Airlines por exemplo. Toma-se a história de uma hospedeira do ar vinda das classes baixas e ambiciosa, relê-se a **Moll Flanders** de Defoe (ou a cassete vídeo do filme com a Kim Novak) fazêmo-lo encontrar-se com um jogdor de casino internacional (se não houver Bruno Ganz pode ser sempre o Hans Zischler), e na pequena cidade também branca de uma qualquer ilha do Egeu, amores tórridos, telefonemas, faxes, um belo rapaz local para fazer ver ao Bruno Ganz que o seu tempo já está a dar as últimas... E assim pode ser que se obtenha a participação de um produtor alemão, do turismo grego, do Conselho da Europa...

E quem diz hospedeira mais jogador de casino diz arqueólogo, realizador de cinema, historiador, arquitecto, ex-terrorista, desportista na decadência, quando não ex-star definitivamente alcoólica — toda essa fauna europeia da gente mais ou menos em trânsito entre países, casamentos, identidades culturais, e a quem um copo de três tomado ao balcão de uma taberna de Alfama ou um uísque junto ao mar irlandês desperta intoleráveis nostalgias.

O esquema desse horrendo **Na Cidade Branca** aplicado a diferentes países, cenários de preferência atrasados, figuração paleolítica misturado com **Profissão Repórter,** de Antonioni parecia ser a ameaça que pairava sobre a hipótese de sobrevivência do cinema europeu.

Depois começaram a chegar os argumentos históricos, bicentenário oblige. Histórias de pintores franceses que no século XVIII foram até Itália, de trafulhas internacionais que cruzaram Mirabeau, de simpáticos apaixonados que se deixaram enganar pela livre, a bela De Méricourt. E filmes espanhóis, italianos, irlandeses e até portugueses que escoam assim os guarda-roupa de aluguer (Itália, Espanha...), os livros de gravuras de época e são filmes bem vistos pelos sindicatos da indústria cinematográfica porque dão emprego a bem mais gente e o que é preciso é que a indústria continue para além da sua morte.

Mas há três semanas o argumento-robot mudou.

A acção já não se passa em Portugal, adeus Martinho da Arcada, os meus dias voltam ao silêncio no Sul de Espanha ou na Grécia do Retsina. Passa-se onde?

(Um minuto para adivinhar.)

No Leste!

E eis o que se prepara: biografias daquelas farfalhudas de dissidentes ou de heróis da resistência, filmes — caso sobre os escândalos do comunismo, vidas de ex-agentes do Komintern (estilo **Eu Fui Agente de Estaline**).

E eu imagino o que por aí vai.

A agitação, a boataria que não deve correr entre os faxes, o Concorde e os telefones das casas de produção que há pouco se chamavam multinacionais mas agora se devem chamar democráticas.

Será Toscan du Plantier ou será David Puttnam? Ou Dino de Laurentis?

Qual deles conseguirá fazer com que Milos Forman volte à sua Praga natal e nos filme a vida de Jan Palach **in loco?**

Kontchalovski aceitará o argumento que à pressa se redige sobre Soljenitsine?

E De Niro deixará crescer o bigode para interpretar Estaline.

E Wim Wenders, o do cinema, não aceitará como os soviéticos dos anos 50 fazer mais um filme sobre o cinema — a vida de Eisenstein?

E Coppola aceitará o projecto que foi de Sergio Leone sobre Estalinegrado?

Toda essa matula social-democrata que desde o terrível **Z** de Costa-Gravas invade o cinema chamado europeu está de novo desperta e sentada ao computador escrevendo e preparando a nova **saison.**

De Margarette von Trotta a Francesco Rosi, de Wajda a Szabo, de Vilgot Sjoman a Laurent Heyneman, de Peter Lilienthal a Giuliano Montaldo ou Carl Izzani é todo um mundo que, imagino eu, desperta e se agita. Qual deles fará o esperado filme sobre o casal Ceausescu com Robert Duval e a inevitável Meryl Streep?

Ou não será melhor o suicídio enfim contado de Maiakovski?

A obscenidade do cinema actual também é esta: os negócios montam-se com os noticiários da TV.

E Cannes este ano estará levemente atrasada: nenhuma destas eventuais superproduções europeias estará pronta para laurear a pavana pela Croisette. Ainda estaremos com temas do ano passado: Amazónia, Nicarágua, desemprego, Europa Central austro-húngara.

Porque as cautelas da produção, a dificuldade dos negócios os custos, as negociações, impedem a existência de um cinema que vivo ao mesmo tempo que a vida.

Como era diferente a descoberta que foi feita das cidades em ruínas do pós-guerra. Como as ruas de Roma chegaram depressa aos cinemas com o corpo morto da Magnani filmado com restos de película e mesmo com rolos de fotografia recuperados!

Jaime Gil de Biedma:

**Os acordáis: Europa estaba en ruinas.**
**Todo un mundo de imágenes me queda de aquel tiempo descoloridas, hiriéndome los ojos**

**con los escombros de los bombardeos,**
**En Espaãna la gente se apretaba en los cines**
**y no existia la calefacción.**

Mas nesta Europa ar-acondicionada, com a fotografia lambida a fazer Storaro, com os agentes negociando contratos, produtores aterrados e cheirando o golpe, com a terrível noção de que se tem que aproveitar os acontecimentos para fazer renascer a chama do negócio, nesta Europa em que o cinema não percebeu ainda que **tudo se passa na TV e por causa da TV** (vejam a Alemanha de Leste) quando não **para a TV** (vejam a vala de Timisoara!)?

**y todo un continente empobrecido**
**carcomido de historia y de mercado negro,**
**de repente nos fue más familiar.**

Diz Gil de Biedma, poeta.

(Um dia, prometo, falarei desta poesia que anda às voltas pela minha cabeça, **Elogio y recuerdo de la canción francesa**).

O que se passou em Leste?

Talvez aumenta o número de espectadores nas esvaziadas salas de cinema — é o que o cinema aplaude.

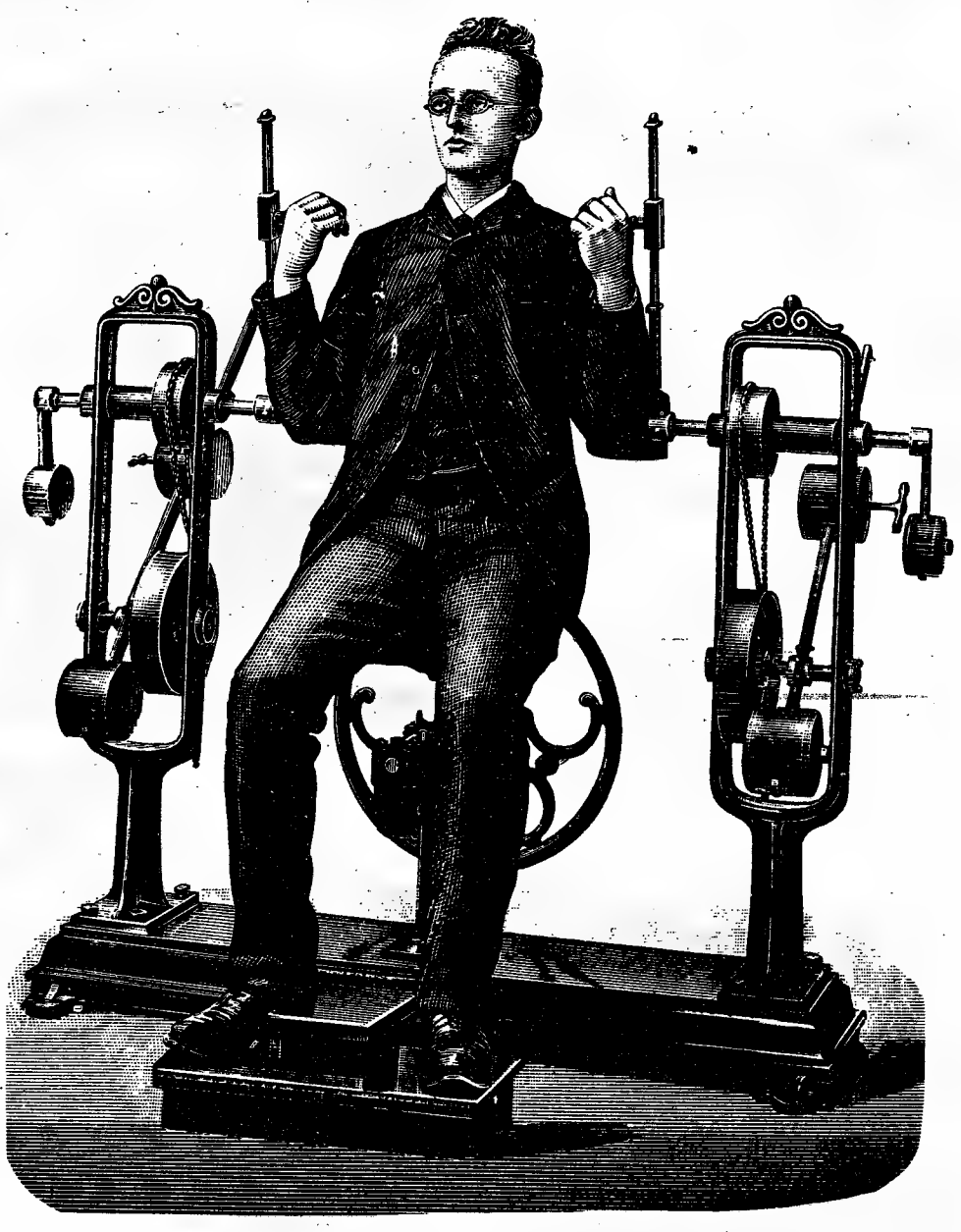
E enquanto se diz que Estaline foi o que foi, vejo boquiaberto Hanbs Modrow retomar quase **ipsis verbis** a proposta de Estaline em 1952 para a reunificação da Alemanha. Como se fosse uma medida precisamente antiestalinista. E, evidentemente, mais ou menos bem acolhida.

E leio no metro essa obra-prima de obscura hipocrisia que é a publicidade aos armazéns Monoprix: «Já chegaram os **jeans** soviéticos mas ainda não acabámos o **stock** de Coca-Cola».

**Thet's life. Nowadajs.**

Texto de
**Eduarda Dionísio**

# UMA NOITE INTEIRA A SONHAR COM CARTÕES



Foi mesmo um pesadelo. E (vim a sabê-lo mais tarde) um pesadelo de antecipação. Daqueles que nos filmes costuma haver, com suores frios e tudo, gritos que não saem da boca, ardem nos pulmões e apertam a garganta, poços que se abrem nas areias e por onde a gente escorre.

Exactamente daqueles que devem ter os milionários quando pressentem a descida do dólar, os grandes falsários e assassinos, as freiras de clausura quando se deixam prender no olhar dum actor e certamente alguns ministros mais ingénuos (e outras entidades polivalentes) quando ouvem falar em comissões de inquérito e altas autoridades contra a corrupção.

Um pesadelo dos mais pesados que pode haver.

Já de olhos esgazeados para o escuro, lembro-me que me pediam com voz de chegadas-e-partidas de aeroporto, um cartão que eu não tinha. Sem cartão, eu não entrava. E era a morte. A pouco e pouco, a maviosa voz fez-se garra de «bulldozer», daqueles que abrem caboucos para torres nas cidades e devoram as construções clandestinas à beira-mar. Procurei por tudo o que era algibeira, corpo e carteira, o cartão, o cartão, o cartão, o cartão. Por mais que mostrasse cartões sobre cartões, havia sempre aquele que faltava. Até que acordei. Tremia mais que varas verdes.

## PARA UMA IDENTIFICAÇÃO COMPLETA NÃO ME FALTAVA NADA

Com um peso de montanha no coração , bêbeda de sono e terror, lá encontrei às apalpadelas a carteira, espalhei os meus cartões já não sei por onde, mecanicamente perfilei-os em parada para descobrir o desertor. Fosse de quem fosse a voz do sonho, não me podiam apontar nada. Tinha em meu poder todos os cartões necessários à honesta sobrevivência:

1.º) O BILHETE DE IDENTIDADE lá estava, de uma validade absoluta, o mais possível renovado (depois de roubados que me foram os documentos e antes de reencontrados em telefonema a perguntar «a senhora é que é esta senhora?»), com o estado civil devidamente averbado, a impressão digital única no mundo, a pequena altura que desce e sobe conforme a boa-vontade ou a pressa do funcionário que nos mede de 5 em 5 anos, o plastificado maravilhosamente conservado, o número sabido de cor para facilitar atestados, requerimentos, pedidos de certidões, registos criminais, declarações de impostos, inscrições, e que apresento com todo o orgulho de cidadão nacional quando passo um cheque e desfaço, com aquele simples gesto, a natural desconfiança que cada um tem de cada um. Lá estava ele, o BI pelo qual nunca me tinha esquecido de trocar o cartão com pinça e V em nenhuma portaria de Ministério ou Segurança de Empresa, pronto a ser mostrado em qualquer rusga (bem se sabe que não é obrigatório, mas também evita problemas), a ser examinado em qualquer operação STOP, em qualquer repartição.

2.º) O CARTÃO DE CONTRIBUINTE lá estava também, com aquele longo número que nos dá a satisfação de podermos contribuir para o bom funcionamento do País, vezes sem conto escrito no quadriculado das normais informáticas, que nos pedem das repartições e dos bancos com deferência no 1.º ofício, com vigor à 2.ª, com ameaças sobre o nosso bom comportamento à 3.ª, com riscos de perda de património à 4.ª e de cidadania à 5.ª e que, esse, não consegui ainda fixar, confesso, tendo mesmo que pedir ajuda a quem está próximo, com o ceguinho que quer atravessar a rua, quando tenho que o escrever da direita para a esquerda, por falta de agilidade mental certamente — é como naquela história das datas à CEE.

3.º) O CARTÃO DE ELEITOR, mesmo a seguir, mais vezes usados do que alguma vez imaginei, quando me pus na bicha do recenseamento primeiro, sem perceber ainda que o seu uso havia de depender das vontades expressas em moções e das conversas de corredor de uns senhores que para mim ainda não tinham nascido. Quem me havia de dizer, nessa longa bicha nocturna numa escola primária do meu bairro, quando ainda não havia Constituição, mas já havia democracia, que cada vez que voltasse, mostrando devidamente o meu cartão de eleitor, havia de ser (quase) sempre vencida! Quem me havia de dizer que este cartão também nos havia de servir para colocar em Estrasburgo uns patriotas que regressam como mosteiros... Voltas que o mundo dá, com um cartão de eleitor na mão...

4.º) O CARTÃO DE FUNCIONÁRIO, com fotografia arcaicamente a preto e branco, validade até à reforma, indicação do local de trabalho, assinatura, atravessado pelas barras verdes e vermelhas da Nação, mostrando bem que é de pleno direito que estou onde estou: Funcionária do Estado, que trabalhadora da Função Pública é designação que já lá vai. Servidor do Estado? Não exageremos também... Pagamos IRS como toda a gente... Não queremos privilégios como havia dantes... É um cartão que nunca tirei da carteira desde o dia em que mo deram. Sempre será uma recordação...

5.º) A CARTA DE CONDUÇÃO não faltava, vermelha, em típtico, que me permitia a circulação legal, pela cidade, pelo País, pelo Mundo, ao volante dum veículo ligeiro de passageiros, tudo devidamenge relegalizado quando cheguei à idade em que o Estado, sempre zeloso do bem de todos quer saber se ainda continuamos de saúde ou se já morremos, apesar de a reforma só estar prevista para 20 anos depois. Se o médico não me viu, o facto é que a inspecção foi feita, e continuei com as mesmas restrições: óculos, de que, por sinal, não preciso lá muito. Coisas que acontecem. Mais vale excesso do que defeito.

## NUNCA ME RECUSEI A RECEBER QUALQUER BENESSE DO ESTADO

A minha consciência começava a acordar, limpa e lisa como um seixo na praia, com os pés bem assentes nestes meus cinco cartões que faziam de mim a proprietária de uma cidadania autêntica. Os meus direitos cívicos estavam completamente em dia: podia comprar, votar, trabalhar, guiar, pagar ao Estado o que lhe devia. Tinha a civilidade total. O pesadelo não encontrava por aqui qualquer falha por onde pudesse medrar.

Continuei a revista. E, cem vezes mais aliviada, verifiquei que tinha ainda:

6.º) OS CARTÕES DA ASSISTÊNCIA — o do titular, o do descendente — útil em qualquer farmácia, nas consultas médicas, nos oculistas, que permitem a alegria dos reembolsos quando já não se esperava e desdobramentos de recibos para domesticamente e em diferido se praticar com toda a justiça essa medicina gratuita a que aspiramos, mais acessível sem dúvida a quem conhece as tabelas todas e estudou devidamente os modos de usar.

7.º) O PASSE SOCIAL L 1 com o autocolante do mês, e que sempre tem a vantagem de não alterar muito as receitas da Carris e do Metro quando os trabalhadores estão em greve;

8.º) O CARTÃO DA OBRA SOCIAL com o autocolante do ano, que dá acesso, por módico preço, a uma ementa científica que nos servem em tijelas de metal quando se trata da sopa de legumes, de plástico quando se trata de salada, em pratos de pyrex quando estamos nas proteínas, à luz fluorescente, entre colegas, na cantina-repartição — café à parte e em pé, que o tempo da refeição atrasa o fim do dia, a entrada no transporte, a chegada a casa para o jantar à frente da televisão;

9.º) O CARTÃO DAS CONSULTAS EXTERNAS DO HOSPITAL que, apesar da doença passada, anda por aqui à espera de outra, que entre a doença e o diagnóstico e entre o diagnóstico e a cura é tanto o tempo de espera que talvez valesse a pena marcar já nova consulta, à cautela — pensei, ainda não refeita do pesadelo.

10.º) O CARTÃO DO DISPENSÁRIO

do descendente, com datas e marcações a longo prazo, e que permite encontrar-me de cartão na mão, com as mães cabo-verdianas da freguesia, que as outras já leram todas as vantagens do médico de família.

Tudo cartões que fazem de mim uma filha querida de um país que pensa em todos nós, no nosso bem-estar, no nosso futuro, na nossa alimentação nas nossas doenças, nos nossos acidentes rodoviários, no nosso conforto — e por isso, por muito que façamos, nunca lhe poderemos estar suficientemente gratos — um mar de cartões!

## E TINHA AINDA OUTROS CARTÕES

Cartões mais pequenos, muito rijos, com magnético, letras salientes, bem autenticados, sem fotografia, mas com muitos números, que são os que nos facilitam a vida e a dos outros:

11.º) O CARTÃO CREDIFONE, ainda durante um tempo certamente por esgotar, à falta de onde o usar, comprado para falar de longe, daquelas terras de férias com duas únicas cabinas, e uma era credifone, mas logo por azar teve toda a gente a mesma ideia ao mesmo tempo e os serões primeiro passados á espera de vez para o telefone das moedas, passeios depois da bicha do lado à espera de meter o cartão — se ligasse, era tão bom!...

12.º) O CARTÃO MULTIBANCO, recente amigo tão íntimo como se fosse de sempre, tão prestável agora que os bancos fecham às 3, aberto às confidências 24 horas por dia, e depois quando o utilizo estou de facto a «dar mais tempo às minhas férias», e como é garantia ao mesmo tempo, há o prazer de ter «um cartão que comanda e recomenda»;

13.º) O CARTÃO SUPERCONFEX, que nos permite receber na caixa do correio a moda de cada estação com o respectivo preço que depois se perfila em lojas onde se pode entrar e saír sem comprar nada, desde que se mostre o cartão e alguém o passe por computador para registar a frequência que, aliada ao volume de vendas, dá a medida do êxito assegurado contra o tempo em que a Superconfex era Maconde e estava em autogestão (por sinal, a esses tempos remonta a origem deste tão bizarro cartão — lembro-me bem);

Tanta e tão profunda, tão assumida integração social deu-me, no meio da noite, a satisfação de um dia de aniversário: comemorava-me a mim própria naquele bom comportamento insuspeitado. Todas as propostas que me faziam de organizar racionalmente a vida tinham encontrado eco em mim. Como se provava agora docilmente, deixara que me melhorassem a vida. O pesadelo que me tinha acordado era uma injustiça. Não havia cartão de que não pudesse puxar em qualquer circunstância.

E, por baixo destes cartões surgiram ainda uns quantos, menos plastificados e menos autenticados, menos defendidos das imitações:

14.º) O CARTÃO DO SINDICATO;

15.º) O CARTÃO DE CAMPISTA;

16.º) O CARTÃO «FORA DO TEXTO», Cooperativa Editorial de Coimbra;

17.º) O CARTÃO DA ASSOCIAÇÃO ZECA AFONSO.

Apesar de esta última série de cartões não fazerem prova em tribunal de um exemplar comportamento quanto a cartões, bem acordada agora, interroguei a noite: que monstro se atreveu, em sonhos bem sei, a sugerir que eu, portadora de BI, Cartão de Contribuinte, de Eleitor, de Funcionário do Estado, de Assistências Médicas e Sociais, Credifone, Superconfex, Multibanco, Sindicato e associações várias, não era dona da cidade e não tinha a felicidade garantida em qualquer ponto do Mundo? Que outro cartão me faltava?

Podia expor-me, de cartões nas mãos, qual Sagrado Coração de Jesus, e gritar ao Mundo: «Eu tenho todos os cartões!»

## Faltavam de facto cartões

O sono voltava mansinho e com ele subia uma vaga memória amolecida que eu não conseguia calar.

Foi então que, de mim para mim, admiti que, de facto, não tinha o cartão do ACP e que, esse, devia ser mesmo «indispensável», nem o Cartão de Saúde que tinha utilidade permanente na cura permanente da doença permanente, em qualquer ponto do País, e estremeci ao descobrir que também me faltava o cartão do *Plateau*, duro, prateado e gravado, que apesar de ser «propriedade» da discoteca, como está bem explícito no verso, e de poder «em qualquer momento ser suspensa a sua utilização», sempre me daria a categoria de «membro», enquanto não me acontecesse tal desgraça. E tive que admitir ainda que também não tinha cartão do Benfica, nem do Sporting, nem de qualquer outro clube. Estaria por aqui a falha?

E quando estava mesmo a adormecer, o pesadelo regressou, no ponto onde tinha ficado suspenso, como uma espada. Nem a luz acesa, nem o noticiário da TSF o conseguiam enxotar.

A voz maviosa não se contentava com nada: nem como Cartão do Plateau nem com o do Frágil, nem com o de Alcântara-Mar, que davam entrada segura no Paraíso. Fui buscar cartões antigos: do Cineclube, do Conselho de Imprensa, da Caixa Económica Operária, o Passaporte que já nem preciso é para entrar na Europa. Nada!

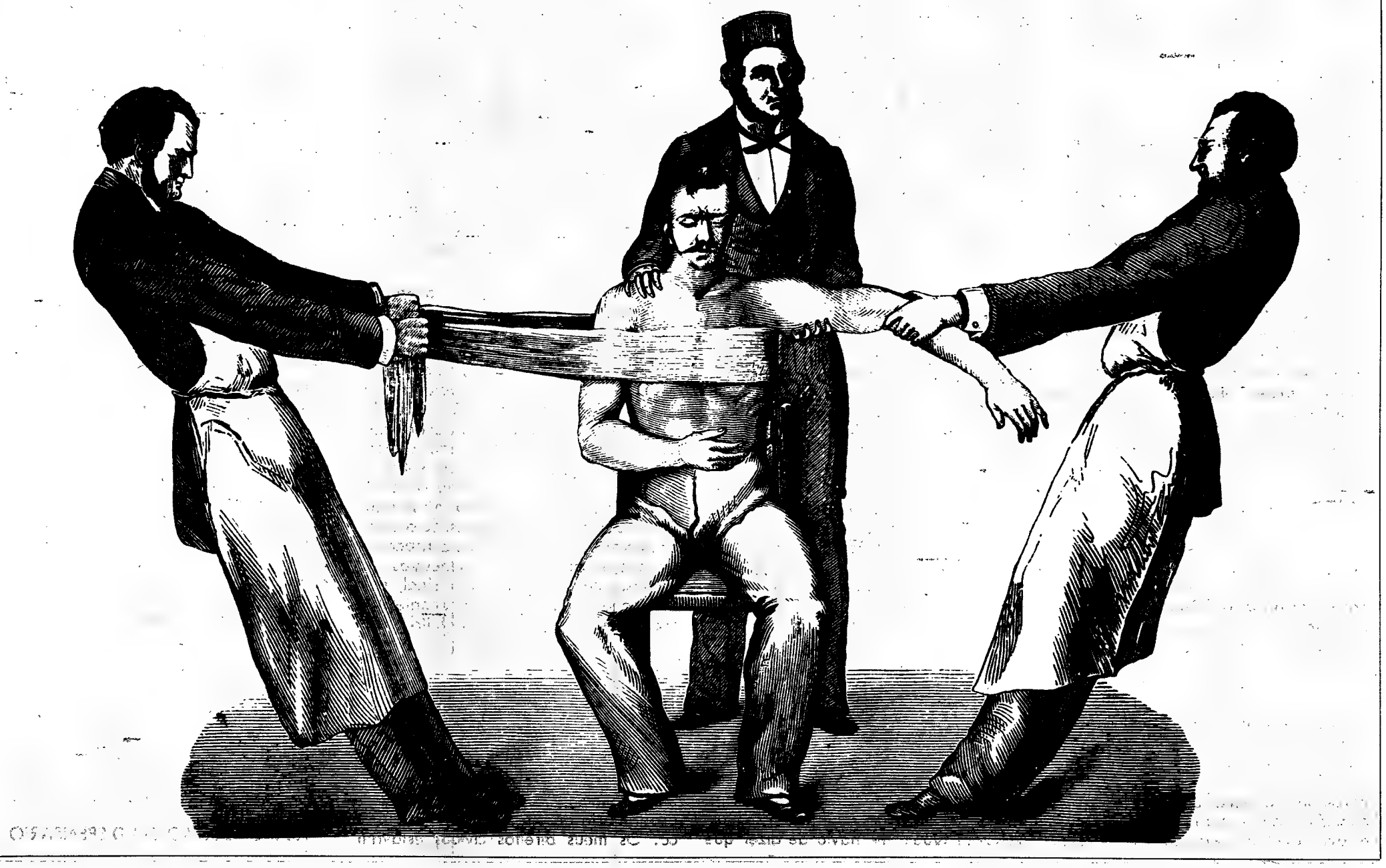
Havia sempre outro que eu não tinha.

## O cartão que faltava

*Aquele do número único!* — ouvi enfim, depois de ter suado frio, outra vez, e muito. Aquele que até diz quem somos mesmo sem lhe dizermos com quem andamos. Aquele que faz o Mundo correr mais depressa e sem hesitações. Que nos liberta da burocracia, dizem os seus inventores. E que, de uma penada, diz ele por nós se queremos ou não queremos, se podemos ou não podemos. Aquele que é capaz de apanhar qualquer um em flagrante, até de desejos. Aquele que não nos deixa pôr pé em ramo verde. Aquele com memória de elefante e que é capaz de acrescentar à hora da passagem pelo multibanco, cada empréstimo e cada dívida, quanto gastámos em gasolina, quanto tempo nos demorámos em casa, se fomos à estação de Santa Apolónia esperar um amigo basco, se visitámos um dia alguém numa prisão, se encontrámos alguém que não víamos há muito tempo, se dormimos fora e com quem e com quem passámos a noite de sexta-feira, se faltámos ao trabalho para ir apanhar sol.

Guardei os cartões e disse: meus queridos cartões! Cada um com o seu número, querida arqueologia da identificação!

Escusado será dizer que não mais preguei olho nessa noite de pesadelo. Só readormeci vários dias depois, com ajuda de fortes barbitúricos daqueles que só se podem vender com receita médica, e que felizmente não paguei por inteiro porque tinha o cartão de beneficiária da ADSE.



Antologia

A MOSCA

Gervásio Lobato

# UM DRAMA NO AMERICANO

A presença do Dr. Fromigal, do inevitável Dr. Fromigal no americano de Belém, desnorteara completamente o conselheiro.

Ele viera nesse dia da repartição com uma grande ideia saudável e amigável para a família: jantara a correr com essa ideia saudável e amigável, saíra de casa com ela na cabeça, mesmo na situação difícil e constipativa em que não trazia na cabeça chapéu, fora ainda com essa ideia amigável e saudável que aceitara o chapéu de coco do detestado Dr. Fromigal, levara-a desde a rua dos Fanqueiros até ao Roxo do Rossio, fora com ela que fizera sinal com a mão direita ao americano de Belém, com ela entrara no carro e se sentara nos bancos em plateia, mas ao sentar-se, a ideia saudável e amigável fugiu espavorida, estonteada ante o Dr. Fromigal, com o seu chapéu colossal do Justino metido até às orelhas.

Com um demónio! um homem não é de ferro e um conselheiro nem por isso às vezes deixa de ser homem!

O conselheiro Torres não era de ferro, e o Dr. Fromigal contendia-lhe muito com os nervos desde o dia em que levou o ouro de sua filha.

A ideia saudável e amigável que ele tinha era alugar uma casa nas praias, para banhar a família nas salsas ondas do cristalino Tejo!

Atrás desta ideia muito desenxovalhada havia outra um poucochinho egoísta: não era só a ideia de lavar a família que o levava às praias, era também a ideia de se ver livre do Dr. Fromigal.

Não sabia que as coisas estavam tão adiantadas como realmente estavam, imaginava que as relações de sua filha Sabina com o doutor tinham ficado pelo arranjo do relógio, e que, refugiando-se dois meses num dos becos de Pedrouços, o Fromigal lhes perderia a pista, e que trinta e um banhos da praia do Pataco apagariam o incêndio que lavrava no seio de sua filha. E na ocasião em que punha em prática o seu astuto plano, na ocasião em que entrava no americano para fugir ao Dr. Fromigal, esbarrava com o Dr. Fromigal sentado dentro desse americano.

Era para perder a cabeça!

Entretanto o americano ia andando pela rua do Ouro abaixo, e o conselheiro, vendo desmanchados os seus planos, não encontrara ainda uma resolução.

No seu cérebro atropelavam-se as ideias quando o condutor lhe bateu no braço a perguntar-lhe:

— Quantos?

— Cinco, respondeu o conselheiro.

Mas nisto tocaram a campainha e o americano parou.

O condutor olhou para quem tocara a campainha a ver o que era.

O conselheiro tirava do bolso cinco tostões, mas o condutor não os recebeu e passou ao passageiro seguinte.

— Aqui está o dinheiro... cinco bilhetes... pague-se.

— Já está pago, respondeu o condutor.

O carro continuava a andar.

— Já está pago? perguntou o conselheiro não sabendo se devia alegrar-se ou indignar-se nobremente.

O condutor não respondeu e continuou a dar bilhetes aos outros passageiros.

— Mas quem pagou? perguntou o conselheiro ainda na mesma hesitação.

— Naturalmente foi o Dr. Fromigal, disse-lhe a menina Clementina que ia à sua direita.

— O Dr. Fromigal? Espera aí.

E erguendo-se num ímpeto, puxou a correia da campainha, e caiu estonteado pelo movimento do carro, no colo de uma velha que ia à sua esquerda.

O americano parou.

— Quem pagou os meus lugares? perguntou o conselheiro em voz alta e irritado ao condutor.

— Foi aquele senhor que vai lá atrás, respondeu o condutor.

— Qual senhor/

— Pode lá andar, disse o condutor ao cocheiro, que batendo nas mulas gritou um sonoro — vai!

— Não pode lá andar, não senhor, protestou indignado o conselheiro, pondo-se outra vez em pé, puxando a campainha com ânsia e caindo novamente ao colo da velha da esquerda.

O carro parou outra vez.

A velha perdendo a paciência gritou com todos os pulmões de um pudor de setenta anos ofendidos:

— Seu brejeiro! Isso é de mais!

— Brejeiro, minha senhora, replicou indignado o conselheiro, fazendo-se vermelho, eu sou conselheiro.

— Sim, mas o ser conselheiro não é uma razão para se sentar no meu colo, tornou fula a velha.

— Então, ficamos aqui, gritou um passageiro farto com as paragens do americano.

— Pode lá andar, disse o condutor ao cocheiro.

O carro recomeçou a andar.

— Não pode, não senhor! gritou novamente o conselheiro, pondo-se de pé e tocando repetidas vezes a campainha.

O americano tornou a parar.

— Mas que demónio é isto? perguntaram irados alguns passageiros.

— Quem foi que pagou os meus lugares? interrogou pela milésima vez o conselheiro.

— Foi aquele senhor, respondeu o condutor apontando para o Dr. Fromigal, que lá ao fundo ia escondido debaixo do enorme chapéu amarrotado do Justino.

O conselheiro pôs-se em pé e voltando-se para o Dr. Fromigal, disse-lhe de cá:

— Muito obrigado, mas não aceito.

— Não, isso é uma desfeita, murmurou o Dr. Fromigal, pondo-se também em pé.

— Então, vai ou fica? vociferaram impacientes os passageiros.

O cocheiro sem esperar sinal do condutor bateu nas mulas e o carro andou.

Pela terceira vez o conselheiro caiu no colo da velha da sua esquerda.

A velha desta vez gritou:

—Ó da guarda! que este velho esmaga-me!

Na rua começavo todo a gente a

olhar para o americano. Ao mesmo tempo que o Dr. Fromigal caía sobre um saloio que ia ao seu lado e que lhe gritava:

— Eh! seu bruto!

— Bruto será você! relicava o Fromigal pálido de raiva.

O saloio deu-lhe uma bofetada, os dois engalfinharam-se, ao passo que a velha, pondo-se em pé, começara aos murros ao conselheiro.

O carro parou: as meninas Torres, chorosas, agarravam-se a seu pai, suplicando-lhe:

Ó papá, não se desgrace!

A menina Sabina, fula, gritava pálida de fúria, em pé, olhando para o Dr. Fromigal, engalfinhado no saloio:

— Separem-nos que se matam!

Os passageiros punham-se todos em pé; em torno do americano fazia-se enorme grupo de povo; um sujeito muito grave que ia sentado ao pé do Dr. Fromigal, e que apanhava por tabela muitas cotoveladas e amolgadelas, gritava sufocado:

— Apitem! Apitem!

O conselheiro Torres suava em bica, socado pela velha: uns passageiros queriam apartar os combatentes; outros, mais trocistas, gritavam, rindo muito, com uma grande chacota:

— À unha! À unha!

— Apeie-se papá, apeie-se, gritavam as meninas Torres, saltando algumas já para a rua.

— Salte, doutor, gritava cá de longe a menina Sabina, ao Dr. Fromigal.

O conselheiro apeou-se, o Fromigal desenvencilhando-se do saloio saltara para a rua e atirava o seu bilhete de visita, dizendo-lhe:

— Aí tem o meu cartão...

— Para que demo quero eu cá esse papelinho? perguntou o saloio espantado.

O conselheiro Torres, vendo a acção cavalheiresca do Dr. Fromigal, imitava-a e tirando da algibeira um *adresse*, dava-a briosamente à velha:

— Se não é uma cobarde, espero que nos encontraremos!

E as quatro meninas Torres, e seu pai e o Dr. Fromigal encontraram-se fora do americano, e unidos pela identidade da sorte, sumiam-se por entre a multidão, que os apupava com grandes gargalhadas de troça.

— Ó amigo, ó amigo! gritava do estribo do americano o condutor então os bilhetes quem é que os paga?

Os seis evadidos do americano, porém, tinham já entrado no Áureo, e atravessando o Café, saíam pela porta da rua do Crucifixo.

A catástrofe conciliara o conselheiro Torres com o Dr. Fromigal: ambos tinham sido socados. os ressentimentos antigos calavam-se diante desses socos idênticos, e as pazes faziam-se.

O conselheiro abandonou completamente a ideia das praias e convidou o Dr. Fromigal para ir jogar nessa noite o gamão para sua casa.

O doutro foi, radiante de alegria, e falaram muito do incidente do americano, contando cada um as suas façanhas. Segundo o que o Dr. Fromigal dizia, o saloio já àquelas horas devia estar moribundo. pela narrativa do conselheiro, a velha estava com certeza com pouca saúde.

A noite passou-se num momento para o conselheiro, que morria pelo gamão, e para o Dr. Fromigal, que morria pela menina Sabina. O conselheiro à meia-noite deitou-se, examinando antes as nódoas negras que a velha lhe fizera nos braços, e consolando-se delas com a ideia de que não pagara um real ao americano.

*

Dali a oito dias, já o conselheiro não pensava no caso do americano, vieram anunciar-lhe, quando almoçava, que estava na saleta uma senhora que lhe desejava falar.

O conselheiro levantou-se da mesa e entrou na saleta muito risonho, mas ao ver a senhora que o esperava empalideceu, e as pernas cambalearam-lhe: — era a velha do americano.

A ideia dum duelo passou pelo espírito do conselheiro.

Mas a velha sorria e dirigindo-se a ele dizia-lhe:

— V. S.ª outro dia...

— Excelência, minha senhora, excelência, emendou grave o conselheiro, mais tranquilizado com o sorriso da velha.

— V. Ex.ª outro dia deu-me um bilhete no americano e eu hoje venho pagar-lho, trazendo-lhe outro bilhete que espero aceitará.

E abrindo a mala deu ao conselheiro um bilhete... de benefício para o teatro do Príncipe Real!

(Do livro **Lisboa em Camisa)**

# BREVE PROFILAXIA DO SUICÍDIO

Se por causa de desgostos amorosos, insucesso escolar ou professoral, fracasso na carreira etc., lhe surgir a ideia de se suicidar, não se precipite. Para tal passo importante nunca é tarde. Aqui tem uma sugestão simples e de fácil execução: Tome banho para relaxar. Deite-se na cama, cruze os braços (a direita sobre a esquerda, porque o raciocínio é que deve prevalecer sobre os sentimentos, como nos mortos) e pense (não fale pois poucos são os mortos que consentem falar) assim: «Eu sou um homem morto. Os mortos não têm problemas». Se tiver vontade de sorrir não hesite. No próximo acesso de suicídio repita o mesmo procedimento. Poder-lhe-á parecer absurdo. Aqui reside a eficácia da profilaxia. Com a vantagem de poder convencer-se do absurdo, enquanto vivo.

Se por acasdo não resistir à atracção fatal, antes de lhe pôr termo, escreva num bilhete em letra ligeiramente enervada: «Eu era da Securitate». Assim fará subir o seu prestígio pessoal e talvez nacional. Pelo menos ninguém dirá: «Este parvo matou-se por causa duma reticência!» ou algo semelhante. Antes de dobrar cuidadosamente o bilhete e pô-lo no bolso leia outra vez a confissão. É capaz de o achar absurdo e ridículo. Porque tenho a certeza de que você nunca foi da Securitate. Além disso a pena de morte (na Roménia) foi abolida. Faça as contas: seria um triplo absurdo. O que, só por si, já não faz sentido.

**Dimíter Ânguelov**



A MOSCA
PÁGINA 8

Reportagem de **Dániel Oliveira**
Fotografias de **Paulo Henriques**

# REQUIEM POR UM RAFEIRO

*Quando cai a noite são apanhados e presos no Canil/Gatil Municipal. Esperam uns dias pela execução. Expirado o prazo legal vão ser abatidos. São os melhores amigos do Homem. Vá-se lá saber porquê.*

No meio de um bairro de lata junto a Sete Rios ouve-se um coro de latidos. Num recinto ao ar livre, dezenas de cães vagueiam pelo descampado enlameado. Poucos são de raça, e muitos têm deficiências físicas. Junto às casotas, dentro das latrinas para os animais, alguns ratos comem os restos deixados pelos bichos.

Este é o aspecto do velho canil da União Zoófila, onde estão, neste momento, cerca de 300 cães e 200 gatos. Vão ali parar das mais variadas maneiras. Uns são atropelados, outros abandonados e alguns entregues pelos próprios donos.

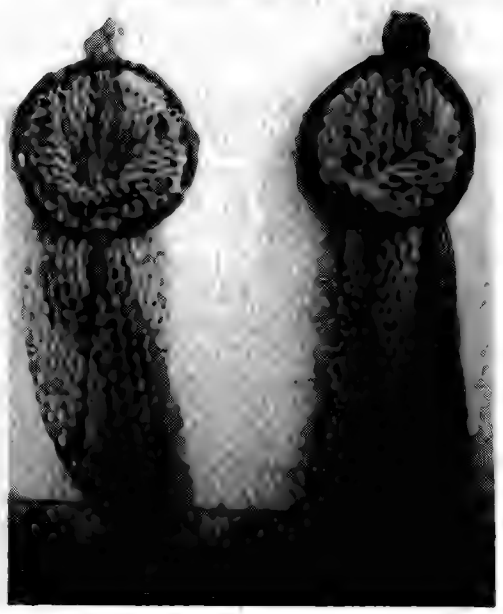
Dentro de uma das gaiolas estão cinco cães escanzelados. O seu dono morreu e estiveram durante um mês a comer uma vez por semana.

As histórias são todas do mesmo género. É um animal com cicatrizes nas costas, pois esteve preso pelo lombo, através de uma corda, durante meses. Outro que a União salvou quando estava prestes a ser enforcado, porque tinha esgana nervosa, que as pessoas teimam em confundir com raiva. Alguns estão cegos, paralíticos ou demasiado velhos.

No meio do caos e de um barulho ensurdecedor, um cão, de tamanho médio, caminha e, de dois em dois passos, pára e agita o corpo, flectindo as pernas. Teve esgana, foi curado, mas ficará com aquele tique para toda a vida.

Quando chegámos ao canil tinha acabado de sair a já velhissima caminha da União Zoófila, para ir buscar um cão a Fanhões, no concelho de Loures, que há três dias que tinha sido atropelado e desde então ali estava, no meio da estrada, sem que ninguem o socorresse. A viatura da União ia apressada, pois se lá chegassem depois dos funcionários da Câmara, o animal seria abatido.

Este, tal como todos os outros, ou ficará no canil da União eternamente, ou será entregue a quem o queira. Os donos raramente os vão buscar. **«Há muita gente que possui animais mas não assume as suas responsabilidades»** explica Alice Dutra, presidente desta associação de protecção de animais, acrescentando **«é preciso que as pessoas entendam que os animais domésticos não são bonecos nem objectos de uso»**.



Alice é brasileira e o seu trabalho é voluntário. Várias cicatrizes de dentadas no braço direito denunciam o risco da sua actividade. Diz que Portugal, ao nível da protecção dos animais está bem abaixo do Brasil: **«encontra-se ao nível dos países mais pobres da América Latina»**.

A União Zoófila foi obrigada a fazer obras, depois de uma vistoria às péssimas condições em que se encontram os mais de 500 animais que ali estão albergados. Mas a União não tem apoios oficiais e por isso vai recebendo cães e gatos sem ter condições para acolher tantos animais. Quando «A MOSCA» foi visitar o canil, o escritório estava ocupado por quatro novas cadelas, pois não havia mais nenhum lugar.

**«Não acho correcto que se abatam animais»** diz Alice Dutra que considera que a solução é passar-se a fazer **«um controle de natalidade, tal como se faz no Brasil»**.

**Regras para abater**

Mas uma nova lei poderá alterar algumas situações graves que por agora existem. A proposta foi de vários deputados, e ali se definem regras para a protecção dos animais. Caso seja aprovada, os donos vão passar a ter mais obrigações em relação ao alojamento, transporte e alimentação dos animais. Para ter um animal não bastará mantê-lo vivo, sendo proibidas acções que provoquem ao animal qualquer sofrimento desnecessário.

Quem abater animais, sem um motivo razoável ou causando-lhe dores desnecessárias, poderá vir a ser punido com uma pena de prisão que vai até aos dois anos.

Na cidade de Lisboa, como nas outras, o abate é da responsabilidade da Edilidade. É no Canil Municipal que isso se faz. Há três anos eram electrocutados numa máquina velha e sinistra. Mas depois o médico veterinário Alfarelos conseguiu que todos os abates se fizessem através de injecção, após a anestesia do animal.

Ali são mortos muito mais de mil cães e gatos por ano. Se não existem sinais do dono, ficam à espera durante três dias que alguém os venha reclamar. Se tiverem dono, ele tem oito dias para o ir buscar. Em qualquer uma das situações é raro isso acontecer. **«se alguém deixa um cão sozinho na rua é pouco provável que, depois, se preocupe muito com ele»** diz o veteri-

nário Alfarelos.

Uma das soluções para o problema está prevista na lei. Desde 85 que as câmaras deveriam ter iniciado o processo de tatuagem de cães. Assim seria relativamente fácil identificar e pedir responsabilidades aos donos de animais abandonados. Mas depois da aprovação da lei, nada foi regulamentado. Este método poderia resolver metade dos problemas existentes. É uma opinião unânime. É isto que se faz em França, e, apesar de haver quem corte as orelhas aos animais, para fazer desaparecer a tatuagem, os resultados têm sido positivos.

Enquanto este método não é aplicado no nosso país, os cães vão sendo entregues a quem os queira. Passado o prazo de três ou oito dias, qualquer cidadão do concelho de Lisboa pode adquirir um animal doméstico no Canil de Lisboa. Tem de pagar a estadia e alimentação do mesmo naquelas instalações camarárias e, caso seja um cão, tem de o vacinar e licenciar. A maioria das pessoas que ali vão adquirir um novo companheiro são idosos ou indivíduos que os querem apenas para a caça. É portanto provável que os voltem a abandonar passado o período em que lhes são utéis.

Paula Levy, que acompanha todo o processo legal, deste sector da Câmara de Lisboa tenciona propôr a possibilidade dos cães passarem a ser vendidos, por baixos preços. Será talvez uma das soluções para este círculo de abandonos sucessivos de perdigueiros.

O Canil/Gatil de Lisboa, apesar de higienicamente melhor do que o da União Zoófila, não tem condições para receber os animais e a sua construção remonta aos anos quarenta. Os cães dormem num enorme compartimento de pedra onde, sobretudo nesta altura do ano, têm bastante frio. As instalações dos funcionários camarários não são melhores.

Apesar de tudo o Canil de Lisboa guarda na sua memória algumas glórias. Uma delas tem a ver com um dos veterinários que ali laborou durante os anos 70. António Cabral era canicultor e foi grande impulsionador das raças portuguesas, sendo o autor do «estalão das raças» do Serra de Aires, do Rafeiro Alentejano e do Pengo Português. Um dia foi ali parar um Cão de Água, ainda mais raros naquela época. António Cabral aproveitou então as instalações do Canil Municipal para criar animais daquela raça em extinção. Mais tarde, foi a vez dosi cães de Serra de Aires. Assim salvou duas importantes raças portuguesas e o canil bem pode ter um motivo de orgulho.

### A caça ao animal

Era meia-noite e a carrinha camarária estava pronta para arrancar. Os trabalhadores insistiram pela última vez para que não lhe tirássemos fotografias. «**Há quem não concorde com o facto de andarmos a apanhar os animais na rua, por isso é melhor tomarmos precauções**» disse o mais novo dos *caçadores* de cães e gatos.

«**Este trabalho não é muito agradavel, mas alguém o tem de o fazer**» afirma o Carriço, que já ali trabalha há mais de 20 anos. «**Tirando a forma de abate, pouco mudou desde que comecei a trabalhar aqui**» diz.

Por fim, a viatura iniciou o seu percurso. Partiu do Estádio Universitário, onde fica o Canil. Primeiro passou pelo Comando da Polícia Municipal. Ali, dois agentes policiais juntaram-se a eles. As suas funções eram a de fiscalizar o número de animais capturados.

Em Alcântara, vêem o terceiro gato da noite. Os outros foram ligeiros e levaram a melhor. Os funcionários saíram da carrinha e com as redes de corda em punho, cercaram o errante felino. Um assustou-o, fazendo-o fugir para o outro lado, onde o esperava uma rede.

Foi o único animal a ser capturado naquela noite. Deverá ter a mesma sorte que a maioria dos outros animais que passam pelo Canil: vai esperar, em vão, que alguém o venha buscar. Uns dias depois de terminar o prazo, levam-no para a sala de occisão. Primeiro anestesiam-no, e só depois lhe dão a injecção fatal. O animal, seja cão ou gato, nada sente. «**Quando estão num estado tal, que se torna impossivel dar-lhe a injecção, utilizamos a electrocução, o que é rarissimo**» informou-nos o veterinário do Canil/Gatil Municipal. Já morto, o animal é transportado para o crematório. O cheiro, nessa sala, é nauseabundo. Mas ali, as pessoas já se habituaram.

Mas Lisboa não é tudo, e concelhos há, segundo o veterinário Alfarelos, onde os cães são abatidos através da utilização de produtos químicos, que causam um grande sofrimento, ou uma marreta. Há, também, canis, em Trás-os-Montes, em que são mortos a tiro, contam-nos na União Zoófila.
Também o dono pode mandar abater o seu animal na Câmara, desde que seja portador de um atestado passado por um veterinário.

### Novo canil

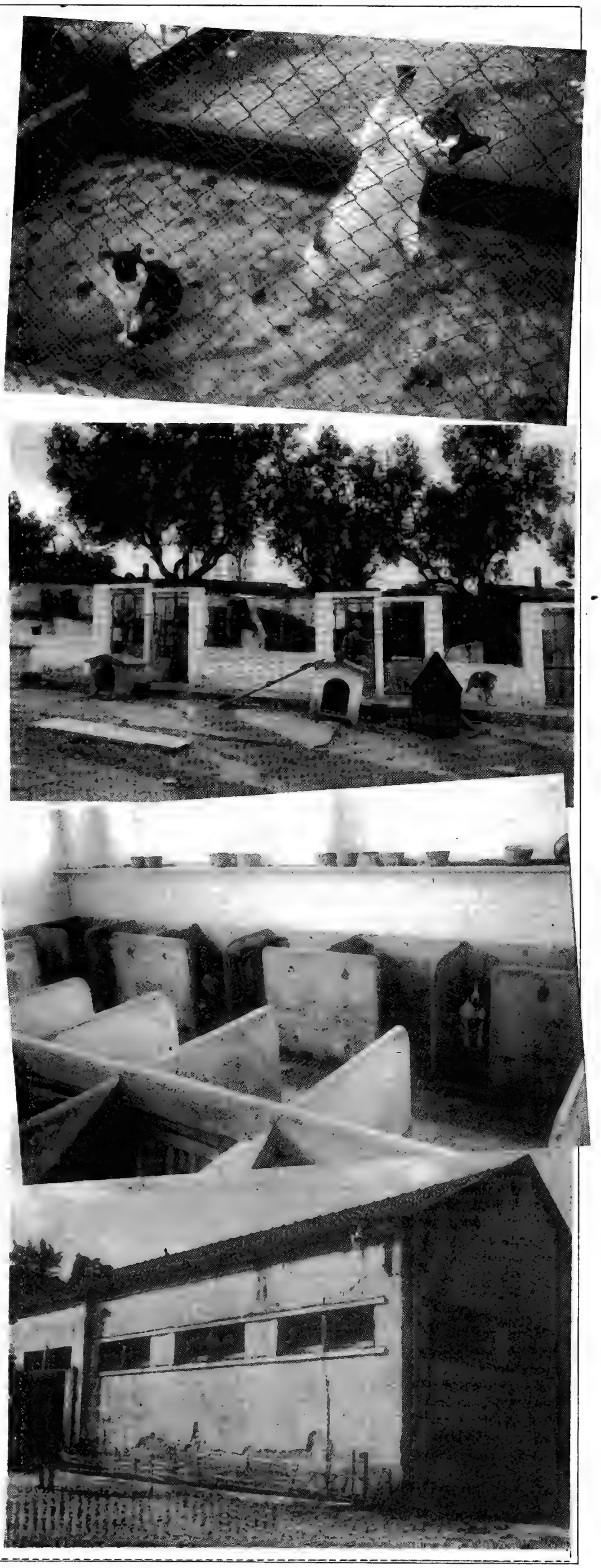
Se o presente é sombrio o futuro parece ser risonho. A promessa vem dos responsáveis da Câmara por este sector: será construido um novo canil, com capacidades bastante superiores às actuais.

As novas instalações vão ter três enfermarias para cães e duas para gatos. Existirão 70 boxes para os primeiros e 242 para os últimos. Será em Monsanto e custará cerca de 160 mil contos.

No inicio de 1993 o novo canil estará pronto a funcionar, garante a Câmara. O projecto já está feito e prevê a construção, até 95, de um hotel para cães e gatos, para as pessoas ali entregarem os animais quando vão de férias. É, aliás, neste período, e depois da caça, que a maioria dos animais são abandonados.

Mas no novo Canil nada será deixado ao acaso: a chaminé do crematório será equipada de forma a eliminar o desagradável cheiro e haverá dispositivos contra ratos.

Simultaneamente a edilidade da capital vai levar a cabo uma campanha de protecção aos animais domésticos, com apoio de propaganda televisiva e de rua, mas insistindo sobretudo na sensibilização das crianças.

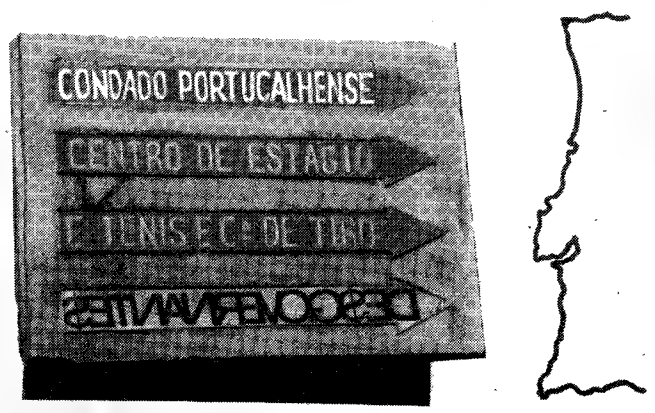


Texto de
**António Calvet de Magalhães**

## O REI VAI NU

# CONDADO PORTUCALENSE DESGOVERNADOS E DESGOVERNANTES

Neste maravilhoso condado de auto-estradas aos soluços, cortes de luz, faltas de água, leites adulterados, vinhos a martelo, salários mínimos abaixo do mínimo, adolescentes prostituídos, adultos e síndromas afins a sinónimas virtudes, da mais exemplar tradição histórica, foi parido o «desgovernado». Personagem arquétipa do **Condado Portucalhense**, o desgovernado desenvolveu-se através dos tempos, num meio ambiente gozonamente engendrado pelo «Todo Poderoso»; enquanto as gracinhas divinas se situavam no plano das já citadas virtudes, ainda vá que não vá, porém quando lhe deu p'rá desgraça meteu a pata na poça até ao pescoço. Inopinadamente, lembrou-se de apanhar uma molhada de **desgovernados** e sem mais nem menos transformou-os em **desgovernantes**; como uma desgraça não vem só, deu-lhes um curso intensivo com equiparação a licenciatura em contos do vigário e para que se mantivessem em forma forneceu-lhes um plano de treino cientificamente elaborado, lançando-os ao assalto da «maioria» dos **desgovernados**. Após breve e pouco renhida batalha, os recém-**desgovernantes** instalam-se de armas e bagagens nos palácios e palacetes do condado: ex-libris de todo o **desgovernante** que se preza. Planos de treino em mão passaram à imediata e rigorosa execução dos mesmos, iniciando a crucial tarefa de manutenção de tachos, tachinhos, tachões e outras árduas «missões»; cumprindo o seu destino, «os eleitos», seguem fiel e abnegadamente as instruções superiores, numa escala de dificuldade equivalente às resposanbilidades para que foram designados. Assim, um primeiro-ministro, fazendo jus à responsabilidade do cargo começa o dia na casa-de-banho, em frente ao espelho, verificando o penteado e a cera dos ouvidos, agarrando a orelha direita com a mão esquerda e a orelha esquerda com a mão sobrante, cruzando e descruzando os braços pela frente um do outro, rápida e alternadamente, agarrando de vez em quando, o nariz, com uma e outra mão, enquanto a esposa atenta e veneradamente lhe vai relatando as últimas novidades da Praça da Ribeira. A meio do dia finda a árdua tarefa matinal, encomenda ao chefe de gabinete meia dúzia de iguarias secretas com igual número de acompanhamentos, ordenando que o «staff», para evitar a fuga de informações, proceda a uma elaboração secreta, do que lhes der na veneta. Após o lauto repasto, escolhendo por moeda ao ar, uma das viaturas blindadas, que sem saberem, os **desgovernados** lhe compraram, dá uma volta pelo burgo para contactar com as **massas** através dos fumados vidros antibala, da viatura, observando os aparvalhados **desgovernados**, estacando que nem coelhos à passagem carnavalesca da comitiva. Batedores e seguranças em caravana, experimentando sirenes e outras ruidosas palermices. Já noite dentro e apesar da fadiga causada por tão longa jornada o primeiro-ministro reúne os gorilas de serviço e ensaia o exercício de segurança primeiro-ministerial de cada dia: **A** mostra os planos do trajecto para a casa de banho a **B** e desconfia que **C** está envolvido num plano secreto apra despentear o primeiro-ministro, **C** desconfia de **A** e suspeita de **B**, esquecendo-se de **D**; **D** desconhece **B** e finge não conhecer **C** que aparece com **E** que mostra os dentes a todos estonteando-os com o mau hálito, menos a **G** que é novato e como tal paga por todos e é despedido de imediato por suspeita de envolvimento noutro plano secreto para limpar a «patine» dos sapatos do primeiro-ministro. Resolvido o enigma proposto no exercício, os gorilas retiram-se saltando de júbilo, pela justeza e perspicácia do seu «primeiro», enquanto este, já na casa-de-banho, frente ao espelho, dilata e comprime as narinas abanando simultaneamente as orelhas para bem assimilar os reflexos da sua inspiradora imagem; antevisão das certezas que caracterizam os eleitos...




Um ex-ministro das Finanças começava o seu dia (entre as 15 e as 16) com um elaborado esquema; colocando a mão direita sobre a cabeça e a esquerda sobre o peito, executando movimentos circulares sem tocar o coiro cabeludo, dando com a esquerda pequenas palmadas (estilo mea-culpa) no peito, trocando as mãos e movimentos conforme as conveniências; palmadas na cabeça e movimentos circulares no peito. Parecendo de fácil execução estes exercícios desgastam tremendamente e disso foi um exemplo este abnegado **desgovernante**: desvios de percurso forçaram-no a ir «tachar» para outro lado...

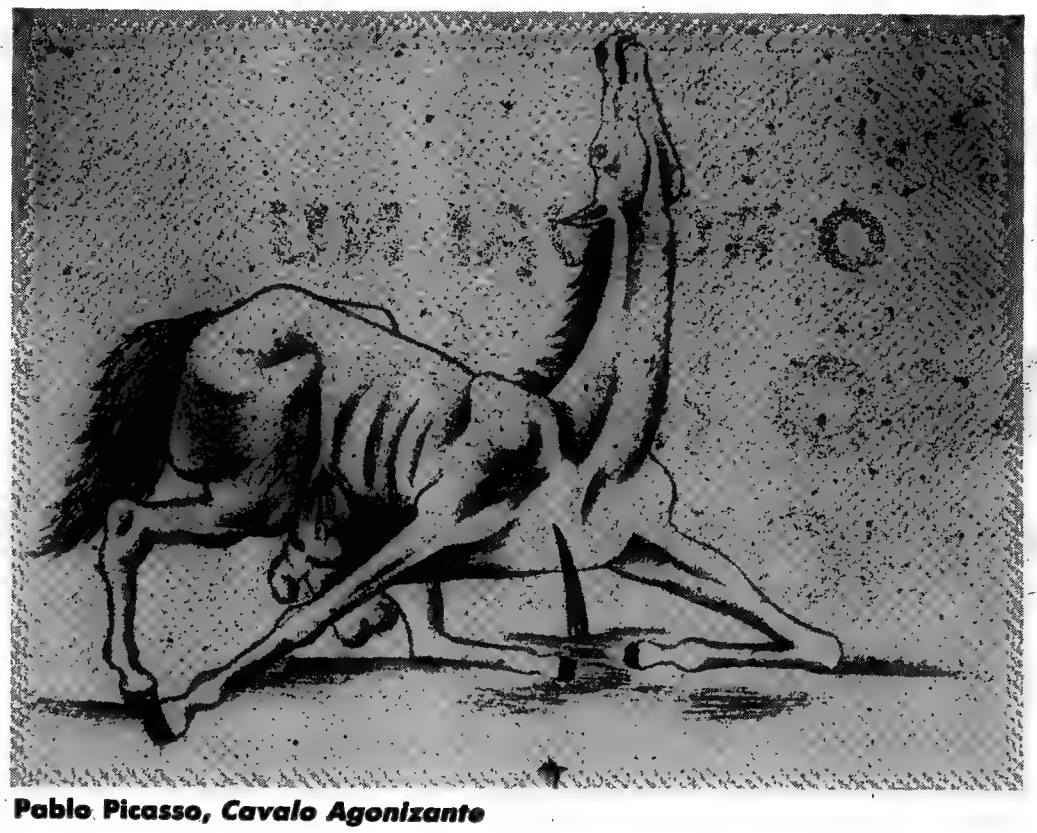
Com o ministro da Educação, o plano de treino consta de uma série de exercícios altamente pedagógicos testados caseiramente com a numerosa prole que o detentor de tal pasta, imprescindivelmente, deve ter. Reunida a prole, formando círculos concêntricos, iniciam um coro onomatopeico alternando os miau-miau, pio-pio, cuá-cuá, au-au no sector animal e os pó-pó, pi-pim, trrin-trrin, nó-ni-nó-ni, no sector mecânico. Com o avançar do dia, já em pleno gabinete, convocados os chefes disto e daquilo, formando uma fila indiana, incumbidos de uma qualquer tarefa cada participante ilustra por meio de sons e movimentos o que lhe dá na gana, quando lhe dá na gana e como lhe dá na gana...

Um ministro dos Estrangeiros concentra os seus esforços nos exercícios de «relax» e descontracção corporal que o cargo naturalmente exige. Antes da primeira farra diária, com a ajuda de uma das secretárias, estira os dois braços, lenta e alternadamente, deslocando simultaneamente o peso das obrigações para o lado direito de modo a que a perna esquerda, ligeiramente levantada, possa balouçar para a frente e para trás num movimento pendular altamente conveniente para «chutar» diplomatas refilões para o Tanganica, Tanzânia ou outros países quentes. Seguidamente, imaginando-se canguru, executa pequenos saltos num esquema geometricamente regressivo. Ex.: Paris-Lisboa, Londres-Lisboa, etc, etc,-Lisboa e assim sucessivamente. (Convém que os saltos mantenham o devido comedimento). Os grandes saltos estão todos por conta do presidente de todos os **desgovernados...**

Além dos atrás citados, os restantes **desgovernantes** (ministros secretários, subsecretários etc, etc, etc, utilizam planos de treino «standardizados» para possibilitar uma confusão homogénea indispensável ao funcionamento do **Desgoverno.** Começando o dia entre as nove e pico onze e tal, vestem o «fato de treino», fecham os olhos durante umas horas (concentração interior), abrindo-os repentinamente para o retemperador almoço. Depois do dito, regressados aos gabinetes, fecham-nos de novo intentando recordar toda a azáfama matinal. Quando o espaço o permite, executam estes exercícios no chão, no sofá ou poltrona, na sanita, com as pernas flectidas ou então, de cócoras, ao pé-coxinho ou de qualquer maneira, pois na realidade tanto faz...

Como resultado de todos estes exercícios o **Condado Portucalhense** vai de vento em popa, direitinho a um buraco maior que o de Ozono, a CEE, recomenda que se farta, dá chouriços e leva os porcos, deixando os feios e os maus, os desgovernantes areiam os tachos cada vez mais reluzentes, os desgovernados continuam a ver o fundo dos ditos ou os navios a passar e o rei continua nu, apesar dos frequentes oferecimentos de «fatos de treino» e vendas para brincar à «cabra-cega».

Texto de
**José Carlos Gonzalez**



**Pablo Picasso, *Cavalo Agonizante***

# HISTÓRIA DO METRALHAMENTO DE CADIZ

No princípio era a loucura. O corpo, ainda sempre belo, enforcado, de Mariana Pineda chamava a altas vozes por Federico Garcia Lorca. A treva estendia-se pelo pátios, pelas açoteias, os cais, os barcos. Novembro descia com raios e nuvens baixas, os ratos passeavam tranquilos por entre as dezassete carruagens com cavalos de parelha, a sacudir moscardões persistentes, a coice duro e relincho breve.

Altas horas da noite. As velhas tias, sempre solícitas e vigilantes, surdiam gritos de chamamento pelos sobrinhos-netos. Com pouco sucesso, de resto.

Os faróis do porto mal alumiavam o inflamado amplexo de dois amantes loucos, entrelaçados, com os olhares voltados para Saturno, deus das noites difíceis. Uma sereia, ao longe assobiava desastres. Era um tempo de desordem. Os homens matavam-se uns aos outros. Os poetas eram mortos calcinadamente. Miguel Hernandez fervia de febre e desastre, a vomitar sangue e lágrimas num cárcere de Alicante. Era um tempo de debulhadoras humanas.

Viu-se passar um anão anacreôntico, cosido às brumas dos cais, com um fardo maior do que ele. Era o rei Fernando VII, chulo e corno, ressurgido em Cadiz, para se vingar dos vivos, pois dos mortos já não podia.

Então, o rosto das coisas voltou-se para a verdade: cães famintos, vacas desabrigadas a mugir com fúria, alquiladores de mulas com recibos agitados nas mãos, contas devidas desde o último cerco, cabecilhas da Sierra de Ronda em cavalos baios, com guitarras roídas pelo frio, histéricas patroas de casas de putas a fugir com as cabeleiras incendiadas, donos de drogarias com as batas inundadas de ácido sulfúrico, magarefes arrebentados a punhaladas por cabritos e carneiros, a vingança geral, organizada e, por conseguinte, a grande fuzilaria. A metralhagem de tudo quanto se movia, janelas, prédios, homens, mulheres, crianças, húngaros, ciganos, bardos olímpicos, outros da Bretanha, com as capas a servir-lhes de sudário, armadores de pesca com cachecóis de peixe-espada, arrematadores da lota engolindo caracóis e enguias de proveniência duvidosamente portuguesa: da Murtosa, Aveiro, baldes de cal e excrementos precipitados das varandas, o total inferno solúvel nas águas de Puerto de Santa Maria, com Rafael Alberti de fato operário azul, à espera da passagem do vendaval.

No princípio era a loucura, a devastação, Franco enrabado pelo seu cavalo castanho, Doña Pilar já monumento no Valle de los Caídos. Durou muito tempo. Foram quatro longos anos. O Vaticano e as vaticanas iam arrecadando as jóias restantes. Facturando as alminhas salvas. Projectando novas catedrais com o alto auxílio artístico de um arquitecto lusitano, de seu nome Caveira, istmos da Fé, alegorias da caridade, anjos de cabeleiras bitnike.

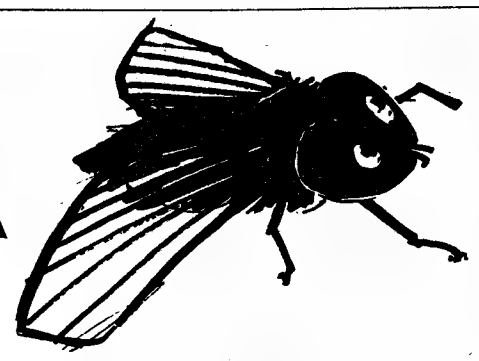
Certo dia, ou talvez numa tarde, apareceu um sol bonito. Vicente Blasco Ibañez podia, finalmente, comer a sua **paella** no porto de Valencia, e mandar calar os seus **«Cuatro Caballeros del Apocalipsis»**.

Mas há que ter cuidado. A hidra, que descreveu o sueco Ingmar Bergmann, essa víbora tenaz, pode sempre voltar a eclodir do ovo escondido, por baixo das pedras húmidas, reproduzindo-se com alucinatória rapidez.

**Janeiro de 1990.**

**Pablo Picasso, *Guernica***

Texto de
**Chakê Matossian**

# A  DOS FILÓSOFOS

# DESCARTES CONTRA A MOSCA ESPADA

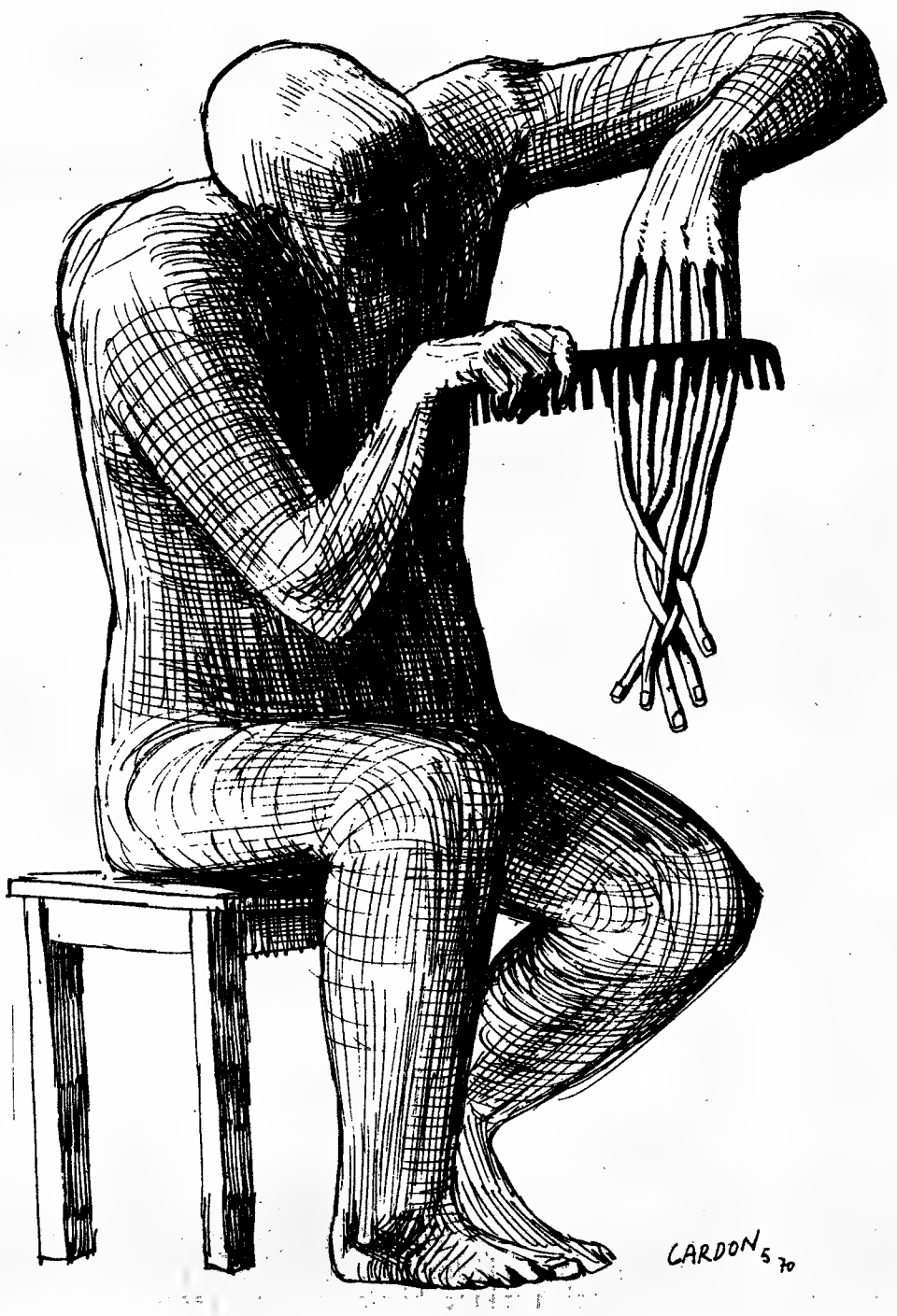
Um elemento aparentemente tão anódimo como a mosca permite-nos considerar a posição anti-socrática de Descartes. Este último não percorre a cidade, refugia-se, numa casa, ela própria situada nos «desertos» (e assim que Descartes define a Holanda que adora); melhor ainda, fecha-se dentro de um quarto. Não procura despertar os habitantes e compraz-se antes em dormir e sonhar na solidão.

O inimigo assemelha-se portanto a uma mosca que impede o filósofo descansar ao pé de uma árvore e sonhar; o inimigo é o homem acordado, que ameaça com o seu ruído discursivo o sono do filósofo: «temendo que esses acordados me parem com os seus discursos a uma hora em que tinha vontade de dormir...«(!), o inimigo desconhece a arte de dormir, «o meu adversário não dorme tão bem como eu» (2), «os meus inimigos não dormem» (3).

A filosofia releva do onírico, eis a razão pela qual Descartes dorme dez horas por dia, importa uma cama de França, e escolhe viver na Holanda, onde as pessoas não fazem discursos zumbidos, emitindo apenas um som natural e mecânico, a imagem do universo elas assemelham-se com os animais e as plantas, ou seja com máquinas: «vou dar uma volta todos os dias no meio da confusão de uma vasta população...e não considero os homens que aí vejo diferentes das árvores que se encontram nas vossas florestas ou dos animais que pastam. O próprio ruído da sua agitação não interrompe mais os meus sonhos como o faria o de qualquer arroio» (4).

Descartes passeia-se nos bosques mesmo quando anda na cidade. Preserva deste modo o seu universo fantasmático sem o qual não poderia filosofar. O quadro do prazer filosófico representa um homem deitado à sombra de uma árvore, constitui o quadro referencial, para o qual remetem todos os pensamentos filosóficos: «Depois de o sonho ter longamente passado o meu espírito por bosques, jardins e palácios encantados, onde exprimo todos os prazeres imaginados nas fábulas, misturo insensivelmente o meu sonho acordado com o da noite...«(5). O prazer da fábula não se distingue muito do da filosofia, por isso mesmo Descartes encobre a verdade exposta no Tratado do Mundo por uma fábula, para tornar o discurso menos maçador (6); do mesmo modo apresenta o seu discurso do método enquanto fábula: «Mas, não apresentando eu este escrito senão como uma história, ou, se o preferis, como uma fábula» (7), e se «o encanto das fábulas desperta o espírito» (8) isso não significa que desperta o corpo mas sim que dá a ver imagens como o sonho. Descartes visa um alvo idêntico ao de Sócrates, prolongar a vida, edificar uma filosofia baseada na medicina, mas inverte a maneira de o atingir. Sócrates desperta para a vida piquando, Descartes alonga-a através do sonho que proporciona prazer e, consequentemente, preserva a saúde. Essa última preocupa o filósofo, ela reside na base do discurso do método, intervem na correspondência. A fábula funciona como uma cura. Assim, Descartes porque olha para as coisas do lado que pode tornálas agradáveis e que não deixa o seu contentamento depender de ninguém a não ser dele, conseguiu curar-se de uma doença pulmonar, uma tosse seca herdade de sua mãe (9).

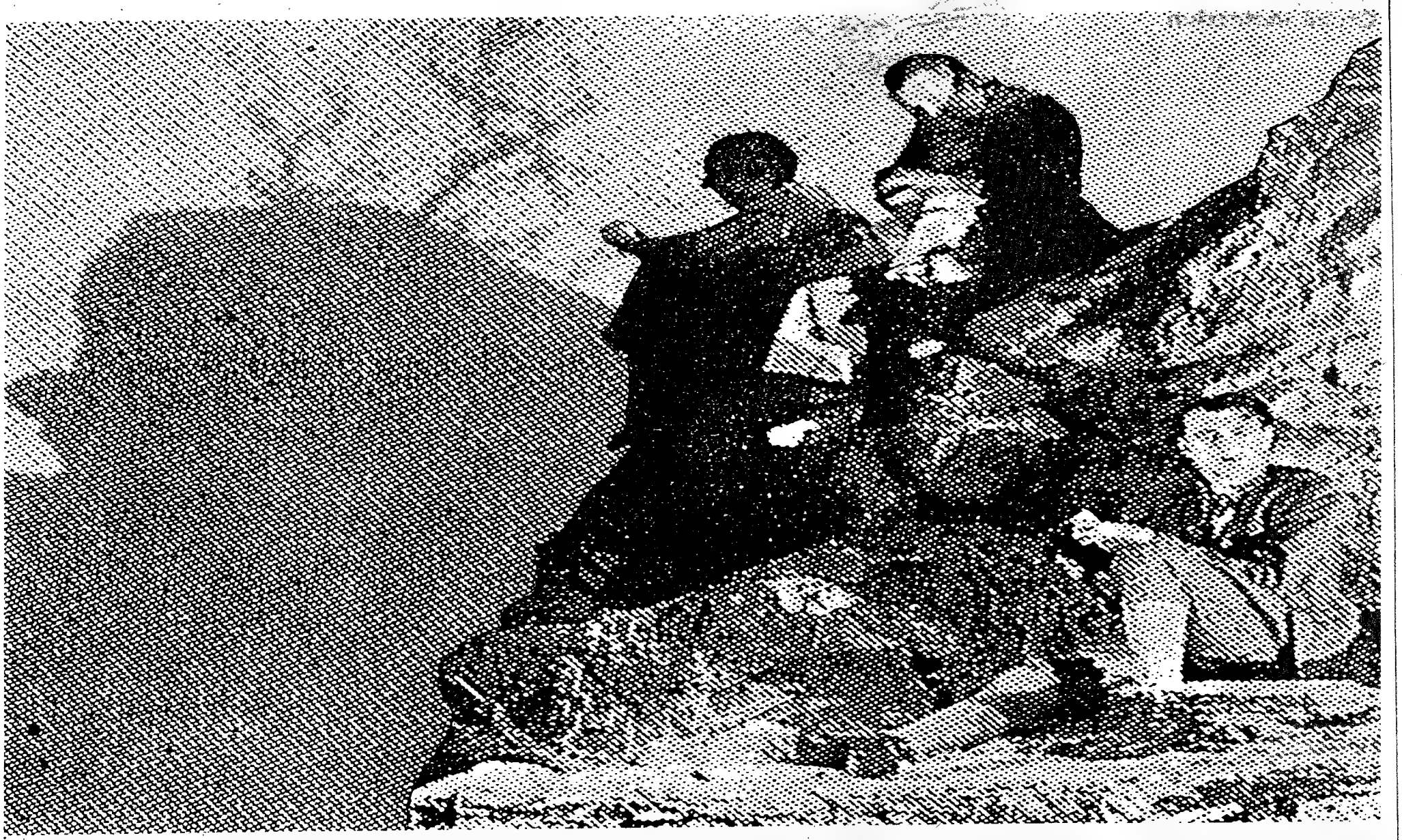
A perturbação do sonho advém da penetração do mundo externo que se infiltra e devolve ao corpo uma presença; neste processo, o quadro do sonho transforma-se numa anamorfose. A mosca desforma o sonho da filosofia, gera o pesadelo: «No caso da acção de qualquer objecto que toque os sentidos poder passar até ao cérebro durante o sono, ela não irá formar nele a mesma ideia que faria durante a vigilia, mas uma outra mais notável e mais sensível: como às vezes, quando dormimos, se somos picados por uma mosca, sonhamos que alguém nos deu uma estocada» (10).




Antes de filosofar Descartes dedicou-se à carreira militar; aquando da sua viagem para a Holanda, lutou corajosamente contra os marinheiros que planeavam matá-lo e roubá-lo; não teima, portanto, o inimigo. Desconfiando dos favores porque é sempre necessário devolvê-los com juros e porque implicam uma perca de autonomia. Descartes prefere ainda os ataques porque os inimigos não passam de moscas ou de pássaros atraídos por qualquer coisa de bom que merece ser picado, ou dar uma bicada. Ao considerar sempre os acontecimentos do lado mais agradável, Descartes encontra nas perseguições um certo reconforto, a certeza quanto ao valor da sua obra; por isso, a mosca contra a qual se bate deve ser uma mosca-de-mel: «quanto aos espíritos malignos dos quais falais, creio que houve tanto senão mais nos séculos anteriores; e ao compará-los com moscas ou pássaros que apenas escolhem os melhores frutos para os picar, fico tanto mais satisfeito dos meus ensaios quanto os vejo atacados por eles» (11). Curiosamente, ao fazer apelo à metáfora da mosca e do pássaro, Descartes remete duplamente para a tradição pictórica, para a relação do pintor com a imitação contada na fábula de Zêuxis (cujas uvas enganam os pássaros), reinforçada pela piada de Giotto representando uma mosca no nariz da figura pintada por seu mestre Cimabue. De resto, Descartes afirma construir o Discurso do método seguindo o modelo perspectivista dos pintores (12), e mostra daí o texto filosófico enquanto representação que deve ser entendida enquanto tal.

Notas.

(1) Carta a Pollot, 8 de Abril de 1644.
(2) Carta ao mesmo, 8 de Janeiro de 1644.
(3) Carta a Huygens, 2 de Novembro de 1643.
(4) Carta a Balzac, 5 de Maio de 1631.
(5) Carta ao mesmo, 15 de Abril de 1631.
(6) Tratado do mundo (cap. V).
(7) Discurso do método, Lisboa, Livraria Popular Francisco Franco, p. 27.
(18) ibid., p. 29.
(9) Carta a Elisabeth, Maio ou Junho de 1645.
(10) Tratado do Homem.,
(11) Carta a Morin, 13 de Julho de 1638.
(12) Discurso do método, p. 73.



Era uma vez um cão que fugiu de casa, aflito de um olho. Quanto mais o olho doía, mais ele teimava em não regressar. Até que veio a fada má e se transformou num belo príncipe que partiu à procura do cão. Correu montes e vales verdes na altura porque era outono, até ir dar com uma coluna de fumo a sair de umas árvores muito brancas, porque de repente fez-se inverno, e chegado o frio, sentiu-se o frio naquela parte do mundo. E o arrepio das estrelas. A gata instalou-se na minha coxa e eu levei a caneta à boca apreensiva, como haveria de continuar a história? O príncipe não era parvo e sabia que os cães todos gostam de pão com manteiga e doce de abóbora caseiro. Levantei-me e fui à cozinha buscá-lo. Não, era ainda muito cedo, tinha acabado de comer, reflectiu com gravidade o príncipe, e resolver esperar até amanhecer. Afinal, o fumo era sinal que o cão, mesmo quase cego de um olho, tinha ainda com que se governar, e não morrer de fome, e os cães de faro apurado e barriga cheia, não se deixam tentar facilmente, nem se importam que se lhes guarde as guloseimas para outra ocasião. Por outro lado, a gata sabia que o cão passara a detestar a sua presença, talvez por no fundo acreditar ter sido ela a causa de toda aquela cegueira, e melhor que deitar fogo à mata para o afugentar, pensou, seria retirar-se, subtil, e obrigá-lo a escolher entre o calor daquele suplício e a fatalidade do seu destino.

Entretanto, o príncipe, já farto de esperar pela manhã, porque, confessava, tinha medo do escuro, abriu as portas do seu automóvel e obrigou a princesa a entrar

mas, qual princesa?

não sei, só sei que seguiram os dois a toda a velocidade para a costa, onde um navio os esperava para naufragarem juntos ao som da música de Mahler. O que me estranha é esta sensação de não conhecer a princesa de lado nenhum, e no entanto, ela lá estava, agitando para mim o seu lenço vermelho, antes de se afogar completamente nas águas revoltas. Meti-me no automóvel, para ver mais de perto. O príncipe ainda se debatia com uma onda, teria feito melhor agarrar-se aos cabelos da princesa. O céu tinha escurecido, e os acordes da música vibravam-lhe nos ouvidos, cada vez mais fortes e sugestivos. Em vão tentou transformar-se em fada novamente, a história não suportaria mais metamorfoses, era preciso um morto, era preciso um morto, e a ouvir repetir obsessivamente estas palavras sem nexo, sentiu a mão gelada da princesa, que afinal era uma ninfa, que o agarrava por um pé e o libertava da superfície. Um remoinho fez-se à minha volta e senti-me engolir a música que sobrava. A maré tinha subido.

A gata foi a única sobrevivente da história. O cão acabou por desaparecer, não se sabe muito bem para onde. Eventualmente para o deserto. Lá diz o ditado muçulmano: «Quem não olha à extensão das dunas e à aridez das montanhas, para atingir o outro lado do mar, os olhos curará em outras águas mais poluídas». Mas a gata anda impossível, mia constantemente. Porque nem é de fome, nem é de cio. Antes, parece não se conformar com a ideia de ser ela a única testemunha de tudo quanto se passou a seguir à morte do príncipe, e que arrastou definitivamente o cão para terras longínquas. Eu vou contar.

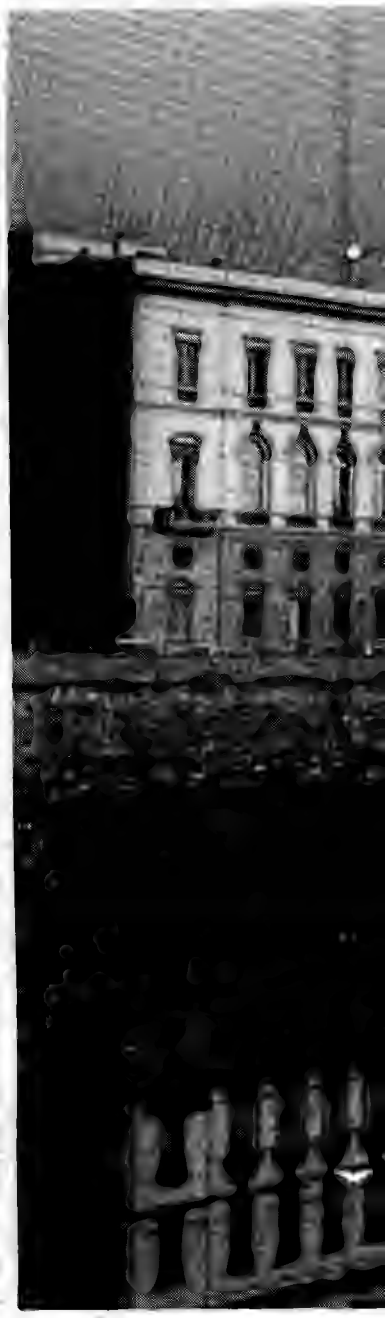
Um belo dia de verão, daqueles que nos enchem a pele de aromas e corre no ar uma brisa quente, já tinha passado a primavera sobre o naufrágio dos ternos amantes, fui até ao jardim da minha casa de férias, que dá para um porto abrigado, onde brincam miúdos estarrapados e sujos, e soltei a minha hiena. Havia meses que o sangue não me escorria no útero, e tinha desejos de um espectáculo que me revolvesse as entranhas e me fizesse chorar. Foi uma luta de morte, a que a pobre da hiena não sobreviveu. As crianças, atiraram-se, no final, às carnes frescas da moribunda, que jaziam desfeitas no chão, e eu a um canto pus-me a chorar, convulsivamente. Os putos que eu tinha tirado da água, vieram oferecer-me um queixal ensaguentado da morta. Virei a cabeça para o lado e vomitei.

Eles riram-se pueris da minha fragilidade e correram a juntar-se ao grupo, que se preparava para eleger o chefe, aquele que tinha sido o mais forte e o mais ágil durante a luta, e tudo havia saboreado depois com inteligência e manha.

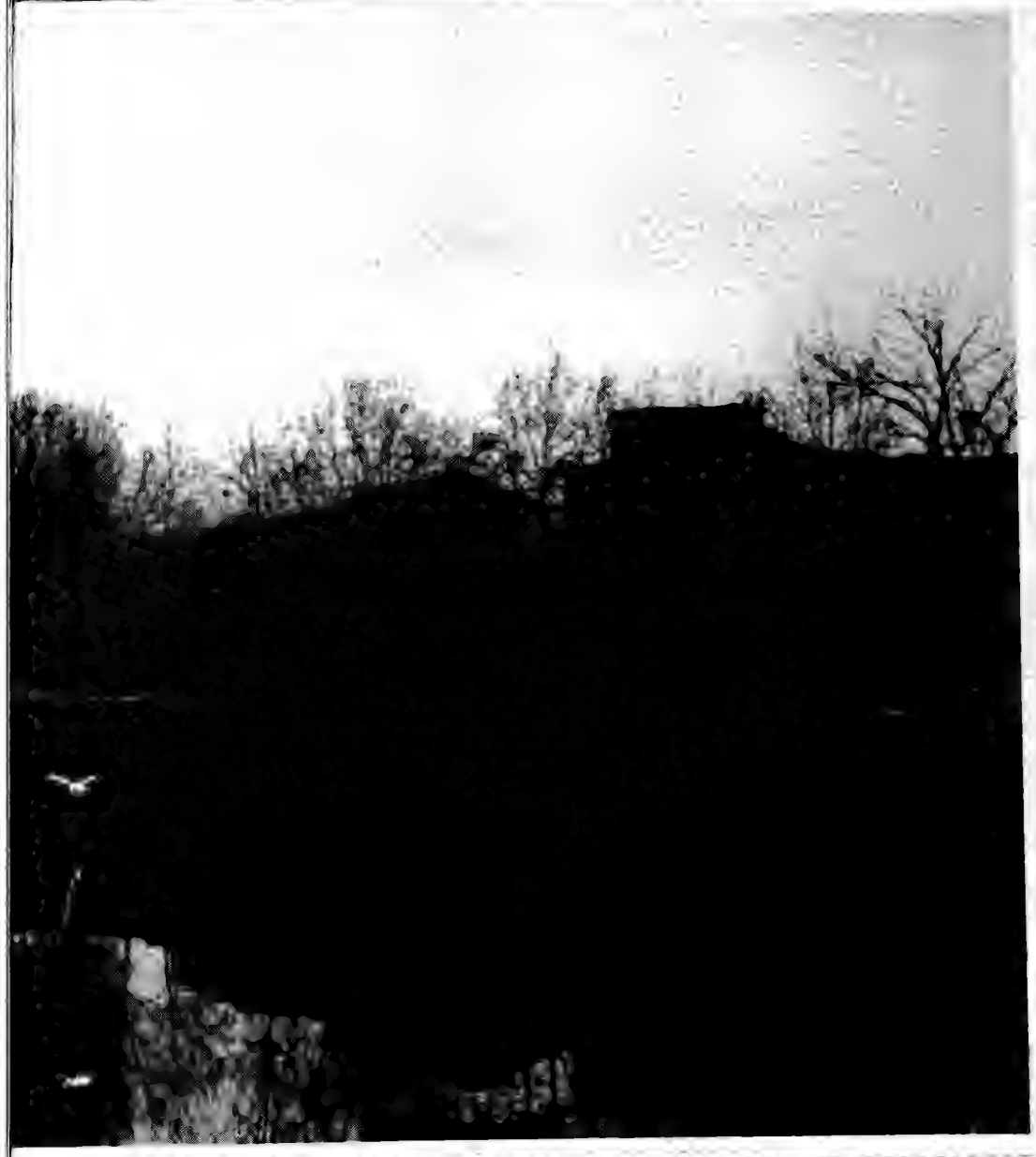
Voltei para casa triste e só. Doiam-me os ovários e os olhos vagueavam à procura de nada. Quando entrei, a gata esperava-me junto à janela de onde tinha presenciado o acontecido. Olhava-me com aquele silêncio mudo e sereno dos felinos sem moral. Mas no fundo, adivinhava-lhe uma porção de alma fêmea, que eu não abrangia. Daí para a frente nunca mais foi a mesma. Sei cada vez menos do que a leva a sofrer assim e à margem do que se lhe passa à volta. Só parece satisfazer-se quando a acaricio, e é nessas alturas que sinto um brilho de volúpia voltar-lhe aos olhos amortecidos.

Os dias passam e as férias deixaram de se chamar férias para se chamarem apenas dias. Observo da janela o mar. Está calmo. O príncipe dorme no seu sono. A gata e eu acariciamo-nos mutuamente, na moldura da janela (I'm framed). Desejamos, eu sei que desejamos, que o cão não volte, que se faça um terrorista ou um solitário, mas incomode.

**Texto: Maria João Pedroso**
**Imagem: Fernando Torres**



**Texto e Fotos de Inês Gil**



# UM PASSEIO EM FLORENÇA AO FIM DO DIA

São cinco da tarde. Está muito frio e Florença pouco a pouco torna-se imperceptível; as suas cores cedem ao preto e branco da noite. Os florentinos apressam-se ao longo do rio para fugir do ar gelado que os envolvem. Os turistas, mais ousados, param às vezes para contemplar a água imóvel que se transformou num espelho polido onde as imagens se confundem com a realidade. De repente, silêncio. A minha volta, parece que o movimento desapareceu. À minha frente, Florença estende-se na sua magnificência entre as colinas cobertas de bruma. Está cada vez mais a cair na sonolência e, em breve, só ficarão acordados os monumentos iluminados desta maravilhosa cidade Renascentista.

## PERCURSOS

Jorge Fallorca

# Arco 90: fim

Guillaume Bijl

*A feira não é só a babel do pavilhão 10, onde 20 países eram representados por 217 galerias que, por sua vez, mostravam mais de 800 artistas a uma amalgama de visitantes que ia desde curiosos (que não dispensam o carácter festivo que caracterizava a ARCO'90), a artistas e galeristas no defeso, coleccionadores e especuladores, críticos de arte e opinion makers.*
*Essa panorâmica foi exaustivamente relatada nas páginas 20 e 21 do «DL» de terça-feira, dia 13*

Prosseguindo a política de outros anos, no auditório A do pavilhão 10, realizaram-se os IV Encontros Internacionais de Arte Contemporânea. Resultado de um acordo celebrado entre a ARCO e o Instituto de Estética e Teoria das Artes (IETA), para o triénio 90/91 e 92, estipula que os Encontros coincidam com a feira e se baseiem em três grandes temas: Arte, Estética e Modernidade.

**Viver escultura**

A escultura foi a vedeta e questão de fundo dos três seminários; **Novas poéticas do espaço, A arte no universo dos media e A crítica de arte.**

A primeira sessão, Novas poéticas do espaço, realizou-se dia 8, quinta-feira. Calendarizada para as 12 e 30, o cumprimento de horários na ARCO, não descurou a flutuação que caracteriza os da RENFE que, *llega cuando llega*... Durante a apresentação, Rosina Gómez-Baeza, anunciou o acordo estabelecido entre a Associação Amigos de ARCO, presidida pelo presidente do Banco Espanhol de Crédito e o IETA. Esse acordo permitirá a integração dos novos artistas espanhóis no panorama internacional. A directora da ARCO recordou a recente celebração de um curso de Arte Contemporânea Espanhola no Centro Georges Pompidou, em Paris.

No prosseguimento do seminário, o director do IETA, José Jiménez, referiu-se à transformação radical que nos últimos anos se verificou na escultura, dentro do panorama da arte contemporânea. Para o orador, "essa transformção alterou os moldes tradicionais das artes, com a utilização de novos materiais, abertura do espaço de apresentação e pela integração do elemento humano no espaço manipulado".

Coube a Aurora García a primeira comunicação. **Dos céus à terra: a escultura revela e perturba o espaço vivido.** Considerando o espaço como um conceito demasiado vasto e ambíguo, a nova escultura procura encurtar a distância que sempre existiu entre o homem e as coisas. Segundo Aurora García, "A modernidade está consciente de que o conceito tradicional de espaço já não é útil ao Homem para a execução da sua arte. Esse conceito de espaço deriva de uma concepção euclidiana: o Homem não pode mudar o espaço".

No prosseguimento da sua comunicação, abordou as concepções de Kant, Schopenhauer e Nietzsche sobre o espaço, e recordou sobre a mesma temática as posições de António Machado, Fernando Pessoa e Rainer Maria Rilke. Concluiu citando o sociólogo de arte, Frank Castell, que dizia que "se a arte é o reflexo da sociedade, então deve mudar com a sociedade".

Eugénio Cano

Carmen Navarrete

Jaume Plensa

ARCO '90
FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA
MADRID

Com o apoio

GRUPO DISTRI
DISTRI Cultural
*A qualidade da literatura*
RUA VASCO DA GAMA, 4 4A – 2686 SACAVÉM CODEX
Tels. 942 53 94/942 56 19

***Somos especializados em livros estrangeiros***

**Bascos versus catalães**

Seguiu-se-lhe o artista basco, Txomín Badiola, com **Dez anos de extravio: mudanças nos comportamentos escultóricos**. Badiola referiu-se ao ambiente de misticismo autocomplacente, em conexão com o nacionalismo basco e mitos racistas, que envolveram os artistas da sua geração. "Até há pouco tempo, ser escultor no País Basco significava quase professar uma religião: a mitificação dos quatro elementos (água, terra, fogo e sol), o bosque, etc. Só Oteiza inventou novas tradições, não como basco, mas como vanguardista. Por seu lado, os jovens artistas bascos permaneciam alheios às tensões políticas. Por volta dos anos 70, surgiu um ambiente de debate, fomentado precisamente por Oteiza. Finalmente, com a década de 80, a arte sofreu o impacto da transvanguardia e neomodernidade. Desse impacto, o regresso do conservadorismo opõe-se à transformação da arte".

A última conferência do dia, **Reflexões sobre o espaço: da utopia ao positivismo**, esteve a cargo de Gloria Picazo, destacando que, "frente à utopia dos anos 60 e 70, onde se procurou a independência total da arte, por oposição, os anos 80, caracterizaram-se pelo pragmatismo. Rapidamente foram esquecidos Maio de 68 e a Década Prodigiosa".

O dia seguinte, sexta feira 9, teve lugar a conferência de Marie Jo Lafontaine, **O espaço como fenómeno original**, que não se realizara no dia anterior. Escultora conceptual belga, formada pela La Cambre, de Bruxelas, Marie Jo (que se considera uma video-artista, por ser esse o seu suporte), apresentou um video com algumas das suas últimas obras. Embora considere **As lágrimas de aço** como a sua melhor obra, a sua comunicação centrou-se na sua instalação **Victória** (15 monitores dispostos em colunas cónicas). Situado no centro da instalação, os videos lêem uma mesma sequência taurina, criando no espectador a sensação de movimento.

Seguiu-se a apresentação da peça colectiva, **Metrónomo de Babel**, constituída por 19 videos sobrepostos em forma de torre, tendo ainda destacado a sua peça, **Paixão**.

Antoni Muntadas continuou o seminário com a conferência **Instalações como metáfora**. Natural de Barcelona, Muntadas é o autor do projecto **Pamplona-Grazalema**, entre outros, e dirigiu um atelier de arte actual, a temporada passada, no Círculo de Belas Artes de Madrid.

A sua obra caracteriza-se por conjuntos de objectos dispostos de forma a transmitirem um profundo conteúdo conceptual. Apresentou a obra **O video é televisão?**, baseada em curtas imagens com uma palavra sobreposta. Seguiu-se a peça **Norte, Sul, Este e Oeste**, com que participou na Bienal de Veneza, em 1876. Por fim, Muntadas apresentou **Projecto para uma alfarroba**, que, recorrendo a uma simbologia elementar, homenageia a CEE.

**Espaço arquitectónico versus imagem narrativa**, foi o tema para a conferência de Concha Pérez. Segundo ela "quando entro num espaço arquitectónico, percorro-o lentamente e analiso-o. A partir dessa apreensão do espaço, concebo a imagem narrativa e gerando-se um diálogo com essa imagem". Referiu-se ainda ao conjunto arquitectónico que instalou em Murcia, **Os moinhos de Segura**, com base no rio e a água como fonte de vida. No debate que se seguiu, estalou a polémica sobre a não utilização da conferencista de um suporte que, segundo a mesma, tinha sido previamente anunciado.

A última intervenção, **Expansão do espaço imaginário**, coube a um outro artista de Barcelona, Gloria Moure, que referiu a superacção do conceito escultura como eco comemorativo. "A superacção por parte da pintura das restricções representativas atingiu a ausência de sentido convencional do género artístico, a interrelação entre as características de esses géneros, assim como a pluralidade de meios técnicos está na origem de um enriquecimento de resultados artísticos e a sua difusão generalizada. Por isso, mais do que a pervalência de um ou outro género, deve falar-se da existência de um espaçoimaginário alargado que deve identificar-se com a própria realidade".

Simultaneamente, decorria no pavilhão 9, a **Video ARCO**. Optámos pelo previsível interesse que as conferências, pela actualidade e pertinência dos temas e autoridade dos conferenciatas, não iludiram. Foi uma opção pessoal, e também porque há as limitações que a própria resistência humana, necessária para este tipo de maratonas de arte contemporânea que caracterizaram a ARCO'90, determinam.

---

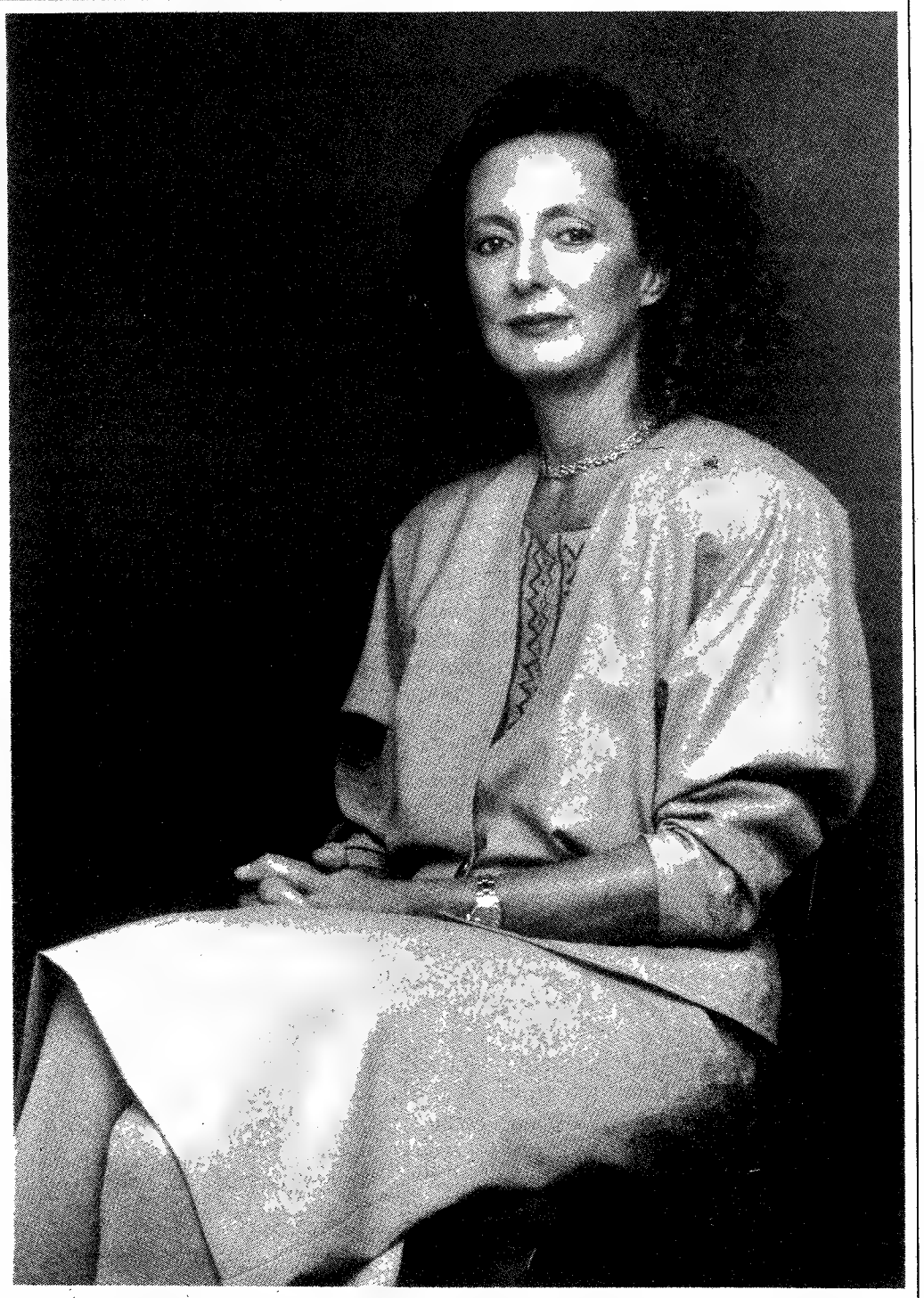
**A Feira Internacional de Arte Contemporânea, ARCO, é uma iniciativa do IFEMA (Instituição Ferial de Madrid), que a organiza desde 1982. A sua primeira directora foi Juana de Aispuro, cabendo a Rosina Goméz-Baeza a sua direcção, desde Junho de 1986.**

Em entrevista ao «DL», começou por referir que, a ano após ano, "a feira tem atraído pessoas de âmbitos e esferas distintas, que não se circunscrevem apenas a Espanha, mas a toda a Península Ibérica. Nós temos permanecido muito afastados dos circuitos artísticos internacionais, e a ARCO tem proporcionado o concurso dos principais agentes das artes plásticas: coleccionadores, publicações, espaços ensaísticos e exposições. Com ela, a Espanha tomou consciência da arte contemporânea nos anos 80. E afirmo isto sem qualquer espécie de reservas: revolucionámos esta situação, ampliámos o número de agentes e visitantes interessados na arte contemporânea, facilitámos o acesso à informação e à contemplação de obras de arte".

Considerando que apenas um reduzido número de artistas espanhóis tem a possibilidade de viajar e, consequentemente privar de perto com artistas, linguagens e materiais mais inovadores, Rosina considera que, "além de minimizar esse desnível, a ARCO proporciona a todos os artistas a hipótese de expor em galerias e incorporarem colecções estrangeiras. A sua importância estende-se também às nossas galerias e aficcionados de arte contemporânea".

Quanto à ideia de que a ARCO se constituíu como um território neutro, não passivo, que permite a confluência das propostas norte americanas e alemãs, por exemplo, a sua directora acha que "também Madrid se quer assim; absolutamente aberta e não comprometida com qualquer tipo de estética ou nacionalidade, e que a ARCO tem sabido representar e dignificar esse espírito. Infelizmente, o *benefício* da neutralidade que assinalou, e que desejaríamos alargado aos países latino-americanos, não tem sido por nós devidamente aproveitado. Temos apenas a Argentina e a Colômbia com duas galerias; e com uma, o Brasil e a Venezuela. Mas o problema também se põe pelas limitações deste espaço".

Ponto assente, é a prioridade de encontrar um espaço muito maior, que permita não só a participação de mais países, mas também de mais galerias por país (se as houver...), e que torne menos labiríntica a sua distribução pelos três pisos. "No piso inferior estão as galerias mais actuais... Concordo que a uma sinalização é deficiente, mas só poderemos ultrapassar esses *handicaps* com o novo espaço situado próximo de Barajas".



Portugal encontra-se representado na ARCO'90 com cinco galerias. Mas só a Galeria Cómicos/Luís Serpa, de Lisboa, teve a honra de se instalar no piso primeiro piso. Para Rosina Goméz-Baeza "são muitas razões históricas. Em 1982, quando procedemos à selecção de espaços, na medida do possível, procurámos respeitar as galerias que participam desde o início da ARCO. O novo recinto de Barajas procurará eliminar possíveis erros, e estabelecer cronologias".

O facto de a Galeria 111, muito mais antiga que a Cómicos, se encontrar no piso superior, é que para a directora da ARCO'90, "a cronologia não se refere à idade da galeria, mas à idade da arte com que trabalha, o que é muito diferente. Uma galeria pode ser muito recente e vender Picasso".

Ficámos também a saber que não foi por questões cronológicas que este ano estiveram menos duas galerias portuguesas do que o ano passado, mas que a razão principal dessa redução, formulada por Rosina, "foi o desejo de recebermos mais países, como a Austrália, o Canadá e a Venezuela. Com a Espanha, a França e a Itália (incomparavelmente mais importantes) sucedeu o mesmo, e no nosso caso até originou um grande escândalo. O critério do júri de selecção baseou-se no interesse do que as galerias tinham para oferecer, e favoreceu, logicamente, a Alemanha, o Japão e os Estados Unidos. Se o futuro espaço não for suficientemente grande, teremos de sacrificar ainda mais galerias para podermos receber as latino-americanas e dos países de leste".

**J.F.**

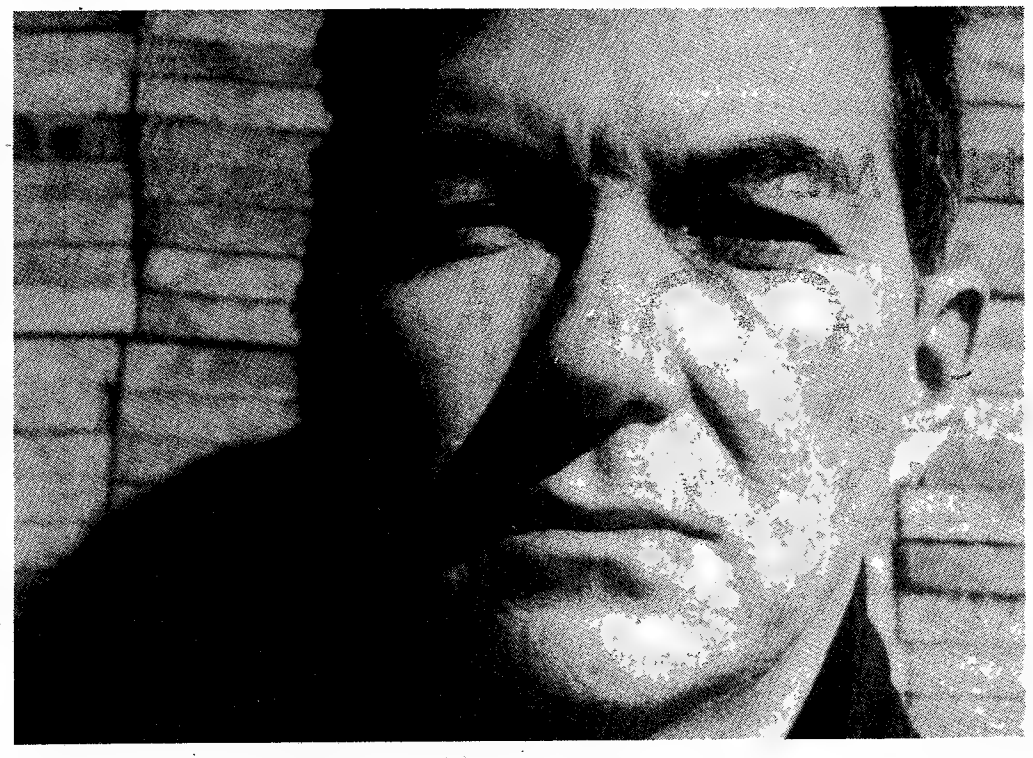
MÚSICAS Oblíquas

A M O S C A

Rui Eduardo Paes

## JORGE VALENTE: UMA «NOVIDADE» PROMETIDA

# RITMO SIMPLESMENTE



Quando já não é muito próprio tecer juízos de valor a propósito dos presentes procedimentos musicais, e só aos seus resultados qualitativos (o que, diga-se de passagem, é bem mais razoável), torna-se inútil classificar quaisquer práticas em contra-corrente como uma manifestação de coragem, um inconformismo ou uma militância resistente. Nem por isso o produto musical em questão ganha maior valor para além daquele que é objectivamente o seu, e caso o confrontemos com as demais propostas fica evidente que cada uma é reactiva às restantes, resultando indiferente para a natureza do fenómeno se as reacções acontecem por ruptura ou recusa ou se funcionam como complemento e prolongamento.

Talvez já não exista isso a que se chamou de músicas alternativas, porque na verdade as generalizações são hoje impossíveis. Os modelos musicais instalados fragmentaram-se e não se faz mais, no momento, do que colar os estilhaços que ficaram das ruínas. Pode ser que uma dada música ainda seja considerada melhor do que outra, apesar das teorias contemporâneas sobre a radical relativização do gosto, em consequência da banalização do género - no concreto, todavia, sem dúvida alguma que se equivalem na sua diferenciação pluralíssima.

A música do português Jorge Valente dispensa esse tipo de categorização, apresentando-se apenas como uma música entre tantas. Se ela decorre de sólidos princípios pessoais do compositor e executante, nem assim a meia dúzia de ideias básicas que o norteiam pretendem minimamente uma disputa no mercado valorativo (leia-se ideológico), um mercado onde afinal só se comercializam, nos dias que correm, um punhado de ilusões sobreviventes.

Jorge Valente, entenda-se, não é um músico da primeira linha, apesar de ocupar um lugar na história e nas histórias da música portuguesa dos últimos vinte anos. O desconhecimento público proporciona-lhe algum fôlego, tendo-se em conta que não lhe pesa um currículo pouco cheio mas no qual consta, ainda assim, como um dos elementos dos Plexus de Carlos Zíngaro ou na sua qualidade de produtor interessado em formas de música muito específicas - o fado, com uma experiência um tanto defraudada com Anabela, a antiga vocalista dos Mler Ife Dada, ou mais recentemente as mornas de Cabo Verde, com Ana Firmino. Uma condição confortável que lhe permite trabalhar sem se render à sedução dos projectores.

Ora, Jorge Valente evoluiu, durante estes anos, de um módulo musical alinhado com os critérios da improvisação total instituída nos anos 60 pelo free jazz, aplicando-se nos teclados «traficados» e na percussão, para concepções de música electrónica que, contradizendo certas tendências personificadas pela New Age e pela World Music reveladoras de um processo de «desterritorialização», se fundamenta nas características da música tradicional portuguesa. Com um computador, um sampler e um sintetizador acoplados entre si por meio de um sistema Midi, o músico está a preparar o primeiro disco sob o seu nome, sem data marcada mas já com a promessa de suficiente novidade e surpresa.

E por motivos que, apesar da complexidade aparente da electrónica musical, são bastante simples. Num período de regressão em que se procura artificiosamente um predomínio da linha melódica, Jorge Valente reivindica para si um inesperado «passar ao lado da melodia» que não obstante nos transportar para anteriores pretensões (já escutámos o argumento por parte de partidários da música improvisada mais ou menos jazzística), o caracteriza de uma forma sensivelmente diversa. Se alguma coisa ocorreu depois do derrube dos edifícios teóricos e técnicos que se mantiveram até à década de 70, foi um salto não tanto ao nível da musicologia, que se limitou a adaptar-se às transformações, mas a esse outro, mais decisivo e determinante, da evolução tecnológica. O «interface» Midi, introduzido no meio musical à coisa de seis anos, foi a única mudança efectiva que se pôde registar nos famosos anos «de prata» de que acabámos de sair.

O resto veio na decorrência ou surgiu como compensação, nomeadamente os retornos ao tonalismo e à modalidade, às estruturas fixas, etc. Assim, na mesma época em que um Philip Glass regressava ao modelo romântico da ópera ou ao piano básico do classicismo ou em que, aqui na Europa, Wim Mertens trocava o dodecafonismo formal pelo modelo renascentista, mais linear e óbvio, Jorge Valente usa a informática para, pela via da abstracção musical, provar algo que afinal é muito elementar: a melodia é já um pressuposto da polirritmia, tudo tendo a ver com os jogos de associações e justaposições.

Em consequência, a configuração final da música de Jorge Valente é o ouvinte que a dá, deslocando-se assim da posição passiva para que desde há muito foi remetido. Talvez a música electrónica corresponda à «obra aberta» de que falava Eco, e esse é de facto um seu privilégio. Provém ele da possibilitação do paradoxo, suscitando que a partir de um sustentáculo musical «pobre» como é a tradição étnica e rural portuguesa, reconhecidamente pouco polirrítmica, Valente possa obter dividendos que vão muito para além da matéria-prima que utiliza.

O paradoxo é tanto mais real quanto se constata que esta música que principia por excluir a melodia, permitindo-nos a nós que a completemos, e que é uma música acentuadamente harmónica, dispense igualmente... a harmonia. Em última análise, pode-se dizer que a música de Jorge Valente alicerça-se exclusivamente no ritmo, um ritmo transfigurador, metamorfoseante, todo-poderoso, que é harmonia e melodia sem deixar de ser o que é, ritmo simplesmente.

O músico não descobriu nada de novo, é evidente. Já há muito que a teoria musical explicava tais mecanismos, e como Jorge Valente costuma dizer, «a última verdadeira revolução da música deu-se com Bach». A verdade é que a aplicação desses postulados sempre esteve longe da capacidade humana e das potencialidades dos instrumentos acústicos: foi preciso que surgissem os computadores musicais para finalmente consegui-lo - fraseados tímbricos situáveis no Alentejo, corridinhos madeirenses são as sugestões decorrentes, mas sugestões somente, truques auditivos, porque Jorge Valente também é claro em refutar o que chama de «figurativismo musical», igualando certa música de fácil exposição e imediato consumo perceptivo com a pintura que opta pela evidência figurativa.

Ambas as atitudes são para si um exemplo a evitar, ainda que seja precisamente o que distancia esta música daquela que com ela mais se assemelha no domínio da electrónica, a New Age, rótulo vago se bem que perigoso pelo fronteiramento que desenha.

Não é de esperar de Valente, pois, nem o neoclassicismo imposto pela moda nem a sedução pela pop que noutros casos, alguns até ilustres, encontramos. A rebeldia constatável vai inclusivamente contra o seu próprio passado musical e, se recusa o «bonito fácil» que hoje habitualmente se escuta, não lhe merece menor empenho a distanciação com os anos dedicados à música aleatória, que redundaram num beco sem saída de gravidade proporcional.

Ou seja, se citação ou referenciação achamos nas suas composições elas nunca são claras, e mesmo no que se refere à música portuguesa o exercício decorre de modos desabituais. Não há nenhuma denotação erudita, jazzística ou do rock no trabalho de Jorge Valente, e no entanto, tal como outros músicos da sua geração (Carlos Zíngaro, p. ex.), ele passou por essas áreas, nem que fosse lateralmente. Compreende-se porém que as polirritmias de Valente têm no jazz ou no rock conotações imprecisas mas vivas, o que é uma forma ainda de contrariar os receituários estipulados para a presente deriva das músicas e que esta constantemente dilui.

Mas pronto, como se argumentou não é isso que contribui para cotar este trabalho que ainda está por divulgar, nem sequer o facto de em Jorge Valente importar novamente que a música disponha de uma geografia. Parece mesmo que tais subjectividades deixaram de figurar nas tabelas de apuramento.

Será justo admitir que a música de Jorge Valente se constrói sobre alicerces básicos, o que do ponto de vista musicológico poderá ser entendido como coisa pouca. É todavia uma condição que partilha com tudo o mais, e como dissemos no início deste texto, nas presentes tentativas de erguer algo neste cenário de ruínas não cabem juízos de valor que pretendam hierarquizar ou seleccionar. Jorge Valente faz não só aquilo que lhe é materialmente possível, com o equipamento de que pode dispor, como o que é proporcionado à música nas actuais circunstâncias.

Podemos até concluir que resulta melhor assim, considerados os mitos que caíram com a derrocada geral, mas isso de alguma forma já se confunde com esse outro tipo de juízos que fazem da apreciação da arte musical algo que continua a ser substancialmente agradável. Resta-nos esperar pelo disco anunciado.

## NO MEIO DOS DESTROÇOS

# COMME DES GARÇONS

Tanto falamos de música, elegendo-a à condição maior de arte individual, que não reparamos quanto ela é objecto de instrumentalização nos tempos que correm. Quer dizer: vai rareando cada vez mais, no mercado dos sons, o objecto musical que valha por si mesmo, sem outra desculpa ou razão que não as que imediatamente o justificam. Perdemo-nos, nós simples consumidores, críticos, jornalistas ou divulgadores, nas especificidades musicais mais concretas e não nos apercebemos de que hoje a criação musical tem outros pressupostos que não os exclusivamente seus.

A música para cinema já tinha um estatuto que a equiparava à obra musical acabada, mas manifestaram-se recentemente fenómenos que só podemos entender como sendo de «substituição», e a banda sonora tornou-se numa fórmula preciosa. E perceba-se que não só por ser o complemento das imagens cinematográficas numa civilização que muito preza a imagem, mas principalmente porque de um certo modo lhes é uma extensão noutro domínio, possibilitando-lhe a hegemonia por todos testemunhável.

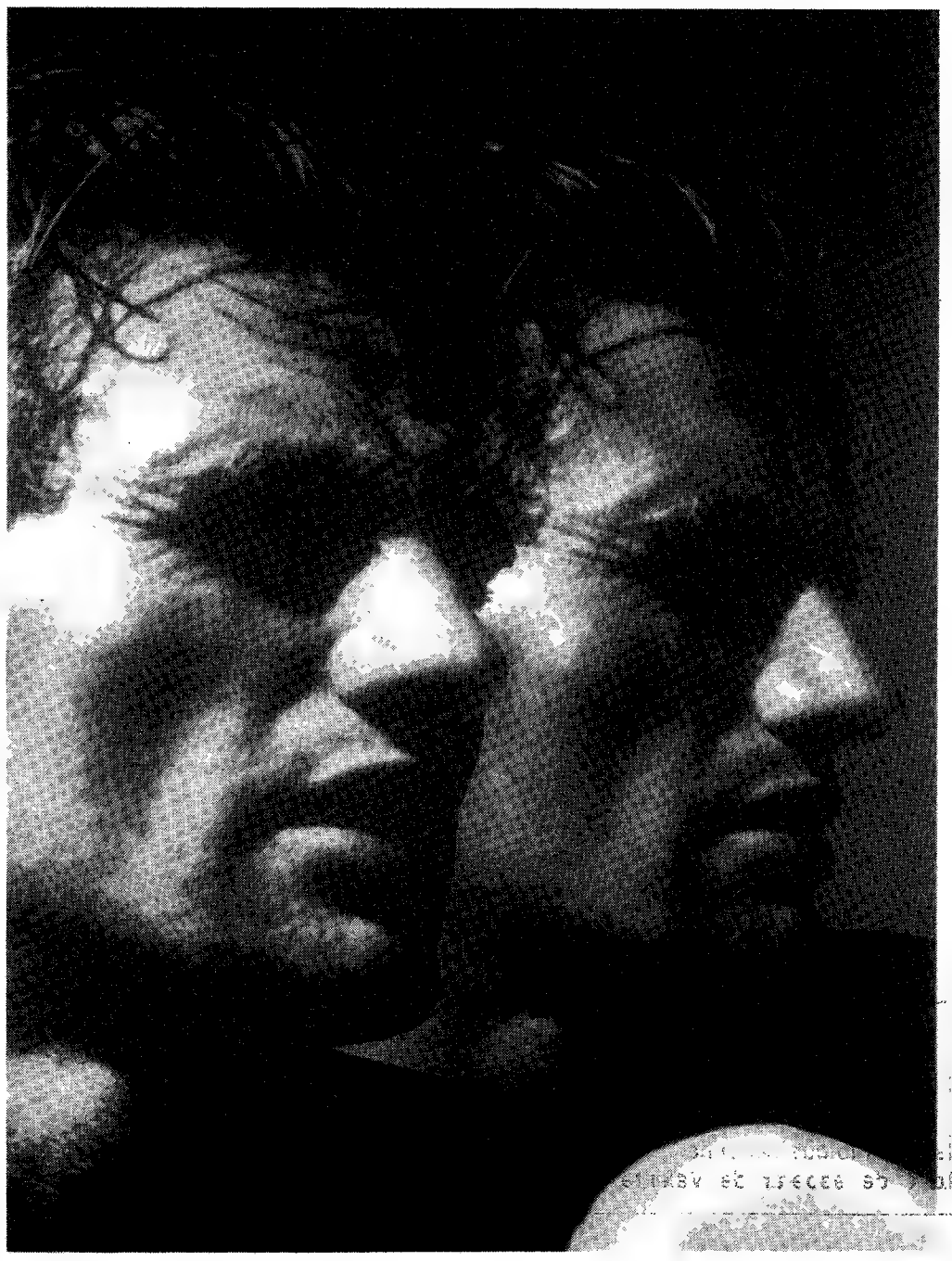
O que se verifica com os discos de música para bailado é semelhante, e se estes mereciam igualmente a atenção reservada aos subgéneros especializados, eis que de um momento para o outro ganham a proporção das produções «justificadas» por algo que se apresenta como maior do que elas. Este o universo, e a circunstância, da música «multimedia», pensada e feita para um composto artístico em que é incluída como parte indistinta, e apenas isso. A discussão sobre se estas relativizações da música se acomodam ou não facilmente aos preceitos da funcionalidade está em aberto. E voltamos ao dilema de saber se são ou não possíveis, ou apropriados, os juízos de valor.

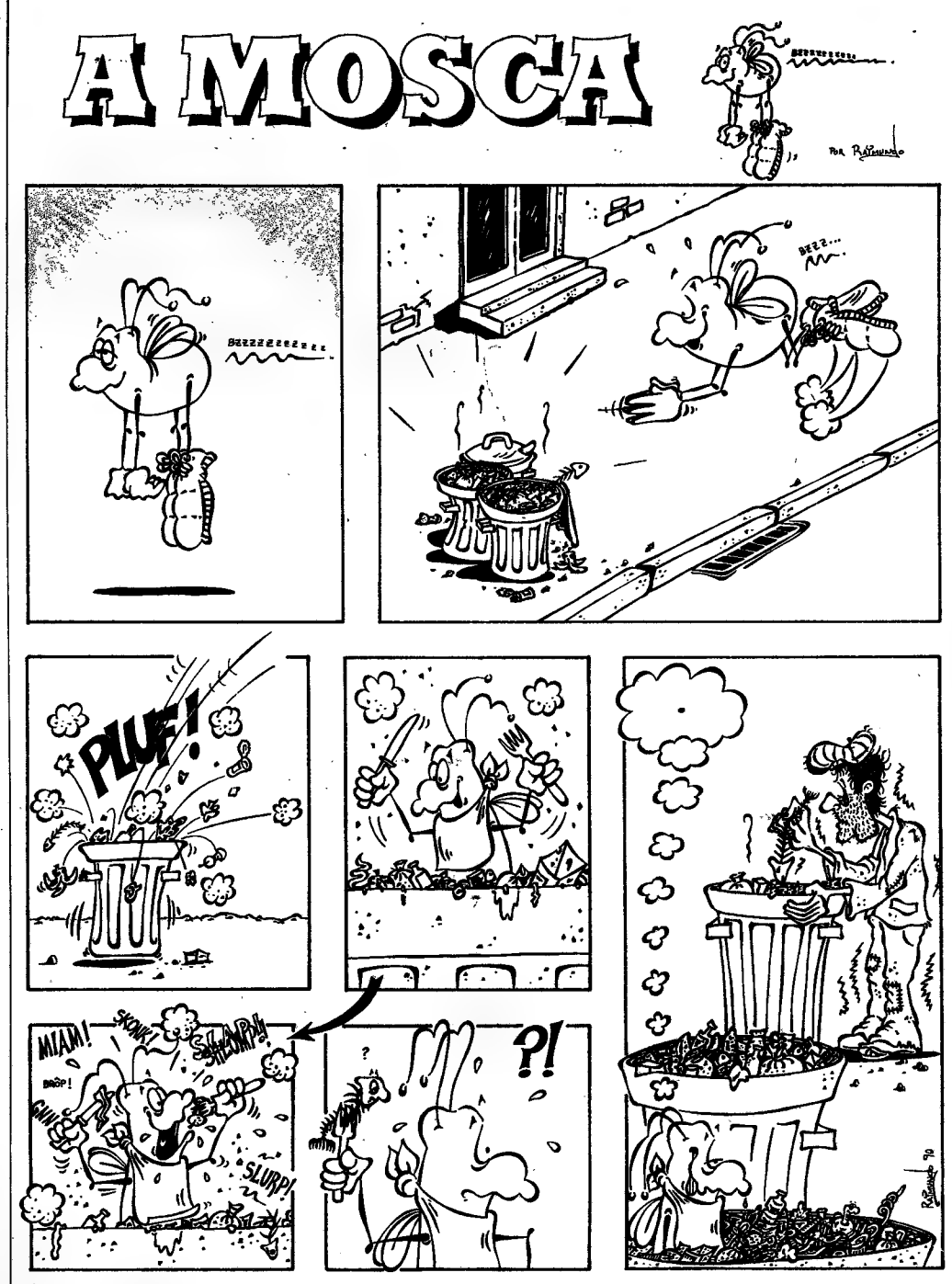
Não é fácil tirar conclusões, de qualquer modo, e aquelas que desde já se fizerem, a favor ou contra, não deixarão de ser precipitadas. É que há mais: é a vez de a música concebida para os «spots» de publicidade televisiva ser conceituada como obra de arte e outras aplicações se vão verificando sem o clássico enquadramento. De uma delas queremos deixar aqui o registo: trata-se dos volumes um e dois de um trabalho assinado por Seigen Ono e destinado às passereles da Comme des Garçons, aliás com o nome da marca feito título. A alta costura é acima de tudo espectáculo visual, e se a arte não é estranha a estes domínios, é conveniente que se diga que a moda e a indústria da roupa extravasam em muito quaisquer considerações estéticas.

Seigen Ono não é um músico da primeira linha e manda a verdade argumentar que há muito não se ouvia falar dele com projecção suficiente. Dado a conhecer nos fins da década de 70, princípios da de 80 como um praticante da New Wave do rock, nada fazia prometer de notável nesta reincidência, não bastando evidentemente a etiqueta Comme des Garçons para crer na boa estrela dos dois discos. Mas ouvindo e consultando as contracapas já as coisas tomam outra figura. Com Ono, nestas edições da Venture importadas pela Contraverso, tocam tais como Arto Lindsay, John Zorn, Bill Frisell, Hank Roberts, Jill Jaffe, Curtis Fowlkes, Marc Ribot, Roy Nathanson (os três últimos membros dos Lounge Lizards), Bob Stewart ou Fred Frith, para só citar os mais famosos da música de ponta nova-iorquina. E é sem dúvida bom o material que encontramos.

Ao longo das faixas sucedem-se brasileirismos autênticos e inautênticos, do carnaval de favela a exercícios «fake» que se tornam de todo curiosos, o bandoneon argentino à Piazzolla e o blues eléctrico, a música de câmara e ambientalista, alguns orientalismos difusos, um jazz, um rock e uma pop dispersos e muita sofisticação. Não era deste modo que imaginávamos a Comme des Garçons e de facto, ao terminarmos a audição dos discos é natural que fiquemos com uma sensação de estranheza, talvez pelo inédito da iniciativa, sem entendermos muito bem se foi a alta costura que sofreu um toque, uma nuance, no seu estilo original, ou se foi a música que, na sua qualidade operativa, tomou dimensões inauditas.

É provável que tudo isto seja um grande equívoco, mas devemos levar a sério produtos destes, sob o risco de sermos ultrapassados pelos acontecimentos. Não seria de admirar se um dia acordássemos debaixo de eventos que não poderíamos reconhecer, nem dominar - algo se passa no reino da Dinamarca, que é já aqui. Tentemos perceber: é pouco e é já muito, no meio de tantos destroços.





Texto de
**Paulo Lameiro**

## OS SONS À NOSSA PROCURA

# FLISCORNES E FOGUETES

Tinha 9 anos quando decidi pedir a meu pai que me levasse ao ensaio da Filarmónica, pois sempre que ouvia a banda na festa tinha uma enorme vontade de poder vestir uma daquelas fardas e andar com um saxofone. Os ensaios eram às terças, quintas e sábados à noite, e numa das terças, lá estava eu com o meu pai, sendo apresentado ao Mestre. «Aquilo» sem fardas não me pareceu ser a mesma coisa, e reparei que os instrumentos não brilhavam tanto quanto no dia da festa, mas fiquei contente quando me foi dado pelo sr. Chico (a quem chamavam Contramestre), o livro do solfejo: «Quinta-feira, às sete e meia».

O Mestre pareceu-me simpático, apesar de não me conseguir fazer compreender porque é que era necessário saber solfejar para tocar saxofone. Mas eu nem era dos piores, e assim que soube que só se recebia um instrumento quando se chegasse à lição 100, comecei a passar duas e três lições por dia. Três meses depois, chegou o dia tão desejado. O Mestre mandou-me esperar no seu gabinete, onde tínhamos as lições, e, passados instantes, entrou com o Contramestre, que trazia um instrumento, mas não um saxofone! Foi a minha primeira desilusão. Depois de um «sermão» dado pelos dois, onde me foi dito da responsabilidade de ter um instrumento da banda que me era inteiramente confiado, lá me puseram nas mãos um fliscorne, facto que me desolou, pois achava o nome feio e nunca tinha ouvido falar de semelhante instrumento. Depressa reparei as mágoas, pois os primeiros papéis que me foram dados não eram de fliscorne mas de trompete, e, este sim, eu conhecia. Depois de dois meses de lições, onde me foram ensinados a escala do instrumento e os «trios» de duas «marchas graves», estava apto a assistir aos ensaios. Sentaram-me na ponta esquerda da fileira dos trompetes, e, sem mais nem menos, tinha na estante as peças de concerto para tocar. Tentei explicar ao meu colega do lado que eu nem sequer percebia o que estava escrito, quanto mais tocar...

«Não te preocupes, vai soprando que isto só com o tempo»! Depressa percebi que ele também não tocava bem a mesma coisa que os outros, apesar de mostrar a maior das seguranças. Também me foi dado a entender que quem sabia tocar eram os músicos da ponta direita da fila e que os melhores músicos só podiam tocar clarinete, saxofone ou trompete. Quanto a estes, todos tinham passado pelos «níveis inferiores»: trompas (não as de harmonia, mas as «trompinhas-de-Nossa-Senhora», ou seja, saxhornes em mi bemol), trombones e restante família de saxhornes. Os instrumentos de percussão, esses, estavam destinados aos menos privilegiados: todos aqueles que não tinham conseguido tocar nenhum dos outros. Fui-me habituando a passar ensaios inteiros com a consciência de que não tocava uma nota no sítio, mas acabei por me convencer de que era mesmo assim que se tocava. Mas lá chegaram os ensaios em que o Mestre mandava tocar «Homenagem a Joaquim Meirim», aquela marcha que eu andava a estudar desde que tinha o instrumento. Pensei: agora é que vou tocar... Não queiram saber, estava tão obcecado com a minha entrada que só dava por ela quando acabavam a marcha. Mas os ensaios sucediam-se e chegou a altura de «sair a tocar».

### «O ENTERRO DO SENHOR»

A estreia dos novos dava-se sempre por ocasiãao da procissão do «enterro do Senhor», que ainda hoje se realiza na noite de Sexta-feira Santa. Os músicos vão à paisana e são iluminados ao longo do trajecto por archotes e lampiões, pois as ruas da aldeia não têm luz. Naquela noite, assim que acabaram as cerimónias na igreja, o adro encheu-se de gente com velas acesas, e, por entre o povo, estava formada a Filarmónica que seguiria atrás do santo. O Contramestre colocou-me por entre os músicos e avisou-me: «vais sempre atrás do Abel, alinhas pelo Zé Maria e o «terréu» é sempre com o pé esquerdo». Era tudo tão simples... Eu só sabia tocar meia dúzia de compassos de cada uma das marchas, «Segredos de um túmulo», «Fúnebre de Chopin» e «Maria Emília», mas quando o santo saiu da igreja, o bombeiro «deu o sinal» e aquela gente arrancou toda por ali adiante, não imaginam a minha figura. Antes de mais, eu não tinha tido a experiência do meu avô quando saiu a tocar (pois esse, disseme ter ido para o «pinhal da mourisca» com os seus colegas aprendizes, onde o Mestre os fazia marchar por entre os pinheiros, tocando caixa). Depois, eu mal via a marcha pendurada na estante do meu fliscorne, tantas eram as sombras de velas e lampiões. Era constantemente empurrado, ora para trás, ora para diante, pelos músicos que me rodeavam. Fiquei com os dentes a abanar a cada tropeção, pois não via onde punha os pés, e, quando via, levava com o clarinete do ti Antero (que vinha atrás de mim) na cabeça. Tudo isto se complicou quando o «Manel Bochecha» ateou fogo à marcha do ti Luís Venâncio que tocava contrabaixo (este não via bem, e estava a ser alumiado por uma vela que o «Manel Bochecha» levava). O ti Luís passou o resto da procissão a preencher as pausas com insultos ao vizinho do lado: — Póó — «isto é que me saíste um...» — Póó — «vai pó diabo que te...» — Póó «é sempre a mesma coisa...» — Póó. E assim até final da procissão. Nunca mais chegávamos ao adro, e eu já não podia com o fliscorne. Pensei nunca mais tocar na Filarmónica, mas lá me voltaram a dizer que as coisas eram mesmo assim, e que eu com o tempo acabaria por me habituar.

Quando chegasse a festa do «Senhor dos Aflitos», já seria a sério, com farda e tudo. De facto, mandaram-me provar a farda ao «Manel do coxo», e eu lá fui. Depois de provados o casaco e as calças, perguntei-lhe se não provaria também o boné (pois era o que mais ambicionava). Riu, e disse-me que pedisse o boné ao Contramestre, «um 59»!!!

Amanhã, às oito, fardados e com os instrumentos limpos», disse o Contramestre no final do ensaio. «E agora quero falar para os aprendizes que amanhã saem a tocar» (éramos dois). «A partir de agora, deixam de ser o Vítor e o Paulo, e passam a ser músicos dos Pousos (a nossa terra). Quero ver sempre as fardas limpas, sapatos engraxados, e bom comportamento. Quando andarmos a tocar por essas terras fora, se algum de vós se portar mal, não dirão que foi o Paulo ou o Vítor, dirão que foi um músico dos Pousos». Tínhamos passado de comuns cidadãos a «Músicos». (Saibam que um músico lá na terra tem um certo estatuto, uma posição social privilegiada, por um lado, e exomungada, por outro. Um dia explicar-vos-ei melhor porquê). O Contramestre continuou: «Por cada peça de fruta que roubardes num peditório, tendes que pagar uma multa de 50$00». Só mais tarde (quando fui levado a roubar fruta pela primeira vez! — depois vos conto) compreendi a razão desta tabela. As multas aplicavam-se a várias situações, e consequentes diferenças de valores: por responder mal ao Contramestre ou Mestre, por faltar à missa, por se embebedar durante o peditório, etc, etc. Depois de todas as recomendações (nenhuma de ordem puramente musical), lá fui para ca-

sa limpar o instrumento. Péssima ideia a minha: a limpeza pôs a descoberto uma série de buracos e no dia da festa não conseguia tirar uma nota... O Contramestre salvou a situação, tapando os buracos com um pedaço de sabão que sempre trazia consigo...

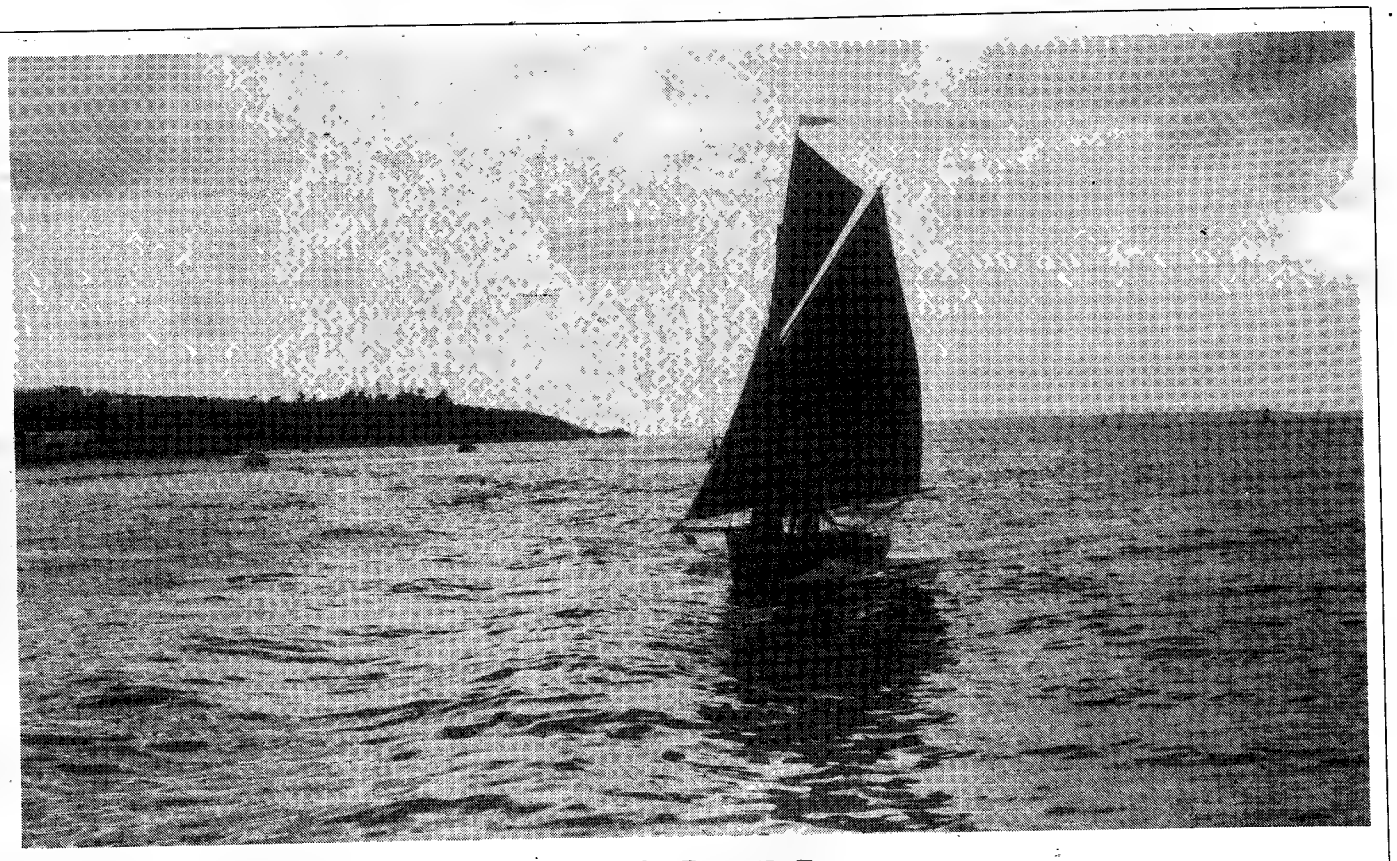
Era bem cedo, e ia fazer o meu primeiro peditório. Não sabia bem o que era (agora já fiz os suficientes para aprender). Estas festas têm um juiz e vários mordomos, que organizam todos os preparativos e levam cada um o seu andor na procissão, previamente enfeitado e recheado pelas respectivas famílias. Mas, tudo isto, somente se a Filarmónica no dia da festa for tocar à sua porta. E não são apenas os mordomos, também muitos dos paroquianos só dão a sua contribuição quando a Filarmónica lhes passa pela rua. Imaginem 30 ou 40 indivíduos fardados, por entre carreiros e pinhais, à chuva ou ao sol, e sempre a tocar. É claro que, no fim de um peditório que pode ter começado às 08h00 e ir até às 13h00 ou muito mais, se se passa por entre uma vinha de bom «farrampil» maduro ou ao lado de um pessegueiro carregado, toda a gente espera encontrar o Contramestre distraído... (já entenderam as multas?!!!).

No meu primeiro peditório, a volta ao lugar era grande, e, como seria depois habitual, a Filarmónica tinha à sua espera uma camioneta de carga, com quatro bancos corridos na carroçaria, e enfeitada com arcos de murta. Subimos todos, os mais novos empurrando os mais idosos, e lá nos acomodámos por entre os foguetes que se espalhavam pelo chão, pois o fogueteiro ia connosco. Não parámos de tocar. É claro que os aprendizes, nesta primeira experiência, engoliam boquilhas e bocais a toda a curva ou buraco, as palhetas partiam-se a todo o momento, os bonés voavam de marcha em marcha. Lá ia tocando o que podia, mas, nos intervalos de percurso de lugar para lugar da freguesia, onde não havia povoado, aprendia as minhas primeiras «laironas» (músicas populares, não as marchas de rua), que só se tocavam nestas ocasiões ou no final das festas, quando a maioria dos músicos estava bêbeda. Ao chegármos a um lugar, o fogueteiro lá «mandava» mais um foguete. Uma vez, ao lançar um, deixou que o rastilho inundasse o lastro da camioneta onde iam os restantes foguetes desde, «canhões» a «21 tiros», bem como nós, os músicos! Foi um espectáculo lindo e assustador. O condutor, ao aperceber-se dos gritos dos músicos e do «rabear» e rebentar dos foguetes a nossos pés, parou. Saltámos a monte, voaram pelo ar os pratos, clarinetes e trombones. Foguetes rebentavam por todo o lado. Só o fogueteiro mantinha a calma, agarrando-os e direccionando-os para o céu onde deveriam rebentar, e não no chão. Mais tarde, vim a descobrir que Filarmónicos e foguetes são eternos companheiros.

Instrumentos e fardas andam marcados por foguetes que caem, alguns ainda em brasa, sobretudo no decorrer da procissão, pois é quando esta chega ao adro que se vê a «força» de uma festa, medida pela quantidade e o tempo das séries de «21 tiros» e «canhões simultaneamente.

Haverá algum instrumentista de sopro das nossas orquestras (refiro-me às que ainda existem...) ou professor da especialidade no Conservatório que não tenha passado por esta «escola»?

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1990.



# MELANCOLIA

Um desejo indefinível que pela sua natureza nunca poderemos satisfazer. Quem não sentiu, já, esse desejo por uma vivência mais pura algures neste nosso «Planeta Azul», e no entanto não conseguiu resistir à intensidade e à vibração que nos prendem à Cidade — supremo exemplo das aspirações e realizações da espécie humana.

**Gil Teixeira Guerra**

# POR SALA SEM CONTROL

Se deveres de ofício, horários agnósticos e carências de comunicação não se conjurassem contra as minhas preferências radiofónicas, eu seguia de fio a pavio o programa do António Sala na Renascença, porque nem só de pão quotidiano vive o Homem. Vive sobretudo da palavra, que se fez Sala, com que todas as donas de casa fazem sala, entre o esgrimir do guisado inovador contra a carestia, ou o ruído do aspirador contra o pó em que todos nos converteremos, como bem vamos recordar na próxima Quarta-Feira de Cinzas.

Com Sala estamos em casa.

Há os outros, intelectualóides, que lhe escrevem cartas maledicentes e publicam críticas nos jornais.Não tiveram a pulseira dos milagres, nem a soberba técnica do diálogo que não faz ondas através das ondas.

Desconhecem que não há pior cego que o que não quer sintonizar.

Apenas o obscurantismo triunfante nesta sociedade em decadência impediu a comparticipação pelos Serviços Médico-Sociais da aquisição de uma pulseira que, à flor da pele, tem virtudes de escapulário e ninguém escapa.

O programa de António Sala tem, sobretudo, uma missão profética, a de apontar aos vendedores o bom caminho para a publicidade, excluindo os vendilhões do Templo. Lá em casa, garanto, não entra detergente sem o patrocínio do programa do Sala. Não é preciso recitar o Mircea Eliade de cor e salteado para que se saiba detectar a subtil diferença entre o sagrado e o profano, numa rádio confessional, antes de sair de casa para adquirir uma lata de proteínas para o gato ou um esfregão bendito para o tacho. A despropósito de tacho, cabe aqui referir que a futura TV do Patriarcado de Lisboa pode vir a contar com a talentosa e sempre bem-vinda colaboração de António Sala, quiçá no domínio da publicidade, porque -como disse Magalhães Crespo ao DL do passado dia 13 de Fevereiro- «a futura televisão da Igreja não se limitará a transmitir programação religiosa».

Assim, o nosso Sala terá pulso livre para a pulseira.

Pelo menos no projecto evangelizador que, logo de início, apontava para o eixo Leiria-Setúbal, onde estão concentrados, por divina coincidência, tantos consumidores e tantos pecadores.

Sem ouvir a opinião dessa outra publicidade, desse outro patrocínio, sem reconhecer pela imagem o «shampoo» beatificado na TV que estará com Sala, quem não poderá desejar a vinda rápida da mensagem impeditiva de lavar a cabeça com produtos profanos ?

Esta é a minha crença. Como a pulseira de Sala. Sem control.

Aos maledicentes do actual programa de Sala, tão cristão como ele o define, sempre direi que ninguém é profeta na sua terra, como a Bíblia ensina.

**João Isidro**



A MOSCA
PÁGINA 22

CARLOS PORTO

# 1990 ANO TCHEKHOV

# ANTÓNIO PEDRO E O TEP

Como já aqui se avisou, não tem sido possível respeitar nestas notas sobre a teatrografia portuguesa de Anton Tchekhov a ordem cronológica da apresentação das suas obras dramáticas em palco e em livro. Para os leitores interessados em conhecer essa cronologia de forma minimamente rigorosa, publicá-la-emos a encerrar estas notas, a seu tempo. Entretanto, continuaremos a carrear elementos que nos permitam, e aos leitores, proceder à sua elaboração.

## MANUELA PORTO (CONTINUAÇÃO)

Encontrámos no «DL» de 24/06/1949 a notícia de um incêndio que destruira na véspera a sede do Grupo Dramático Lisbonense o que impediu a estreia neste local do já aqui referido espectáculo com duas peças em um acto, **O Urso,** de Tchekhov, e **Entre a Flauta e a Viola,** de Camilo Castelo Branco. Veja-se por este incidente como Manuela Porto era obrigada a vencer obstáculos os mais inesperados para levar avante a sua batalha pelo teatro.

A destruição da sede do grupo obrigou à apresentação do espectáculo na sede da Academia dos Amadores de Música, com o qual o Dramático Lisbonense tinha um vínculo forte, como aqui se escreveu. O espectáculo foi depois repetido no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes (15/07/1949), com crítica neste jornal por M(anuela) de A.(zevedo), no dia seguinte; e repetiu-se ainda na sede do Sport União Sintrense, no dia 1/08/1949. São estas, pelo menos, as informações de que dispomos sobre a carreira deste espectáculo com **O Urso** de Tchekhov.

## NO PORTO

No início dos anos 50, fundou-se no Porto o Círculo de Cultura Teatral que criou um grupo de teatro experimental (o TEP) e construiu a sala que mais tarde se viria a chamar Teatro António Pedro e depois foi destruída. Foi precisamente com a tomada do poder (fictício!) do TEP (e do C.C.T.?) por António Pedro que o TEP verdadeiramente começou.

António Pedro trocara Lisboa e as suas mesquiniches pelos ares calmos do Minho (Moledo do) e aí construiu os seus sonhos em forma de cerâmica. Foi então que directores do TEP e outros poetas portuenses foram buscá-lo para que ele pudesse construir um outro sonho, aquele que era, talvez, o maior dos seus sonhos: o Teatro. Tchekhov teve nesse primeiro passo da aventura portuense da António Pedro um lugar a considerar. De facto, o TEP, por razões burocráticas sob a égide do Clube dos Fenianos Portuenses, teve a sua estreia no dia 18 de Julho de 1953, no Teatro Sá da Bandeira (não era um espaço pequeno, esse!), com três peças em um acto: **A Gota de Mel,** de Léon Chancerel, encenação de António Pedro e Alexandre Babo, **A Nau Catrineta,** adaptação de Egipto Gonçalves, dramatização, encenação e figurinos de António Pedro, e **Um Pedido de Casamento** versão de Correia Alves. A pecinha do autor russo foi interpretada por: Dalila (Rocha) — a Noiva; Correia Alves — o Noivo; e João Guedes — o Pai. Encenação e cenário de António Pedro. Cenografia de Fernando Fonseca. Para este espectáculo as cadeiras de orquestra custavam 26$00 e a geral 5$50.

Um jornal do Porto do dia seguinte, que não conseguimos identificar, congratulava-se com o aparecimento do TEP e referia-se à peça de Tchekhov como obra **acessível a toda a gente e ainda que nada nos traga de novo, pelas situações que se repetem, despertou muitas gargalhadas.**

Em 1955, o TEP e António Pedro voltariam a Tchekhov num espectáculo mais ambicioso, apresentando, entre outras, as peças **Trágico à Força, O Canto do Cisne** e **Os Malefícios do Tabaco.** Para outra vez falaremos disso.

# FALAS

**Agir sobre a formação dos públicos começa por se desenvolver e fortalecer o trabalho encorajador que foi iniciado em colaboração com o Ministério da Educação Nacional (projectos de acção educativa, aulas culturais, oficinas de prática artística, opção teatro no secundário...) Este trabalho associa professores e artistas num processo de patrocínio original e eficaz. É necessário desenvolvê-lo, abrir espaços para a sua prática (Universidade), ampliar o campo das possibilidades (projectos novos), associar mais largamente a profissão teatral a esta dimensão essencial, aproveitar a criação dos institutos universitários de formação dos mestres para concretizar projectos das «formações de formadores, etc.**

**Mas o conjunto destas acções não terá incidência na frequência a não ser que se produza, ao mesmo tempo, e de maneira vigorosa, uma autêntica política de acompanhamento do «relatório às obras». De nada serve fazer ou estudar teatro se nunca o vemos!**

**Observemos por fim que a formação não deve limitar-se às relações com a educação nacional: outros meios, institucionais e associativos (justiça, saúde, agricultura, exército, educação popular, seriam pontos de apoio importantes na formação dos públicos, na condição óbvia de que não fossem «utilizados» mas que fossem considerados como verdadeiros parceiros.**

Jean-Gabriel CARASSO
Secretário-geral da Associação Nacional de investigação e acção teatrais nos meios escolar e universitário.

**Le Monde** — 4/01/1990

# TABELA

★ Três Cadernos da Rainha, início e fim de uma nova actividade de um grupo que acaba a iniciativa que marca a passagem pelas Caldas de José Valentim Lemos. No primeiro caderno, prefácio de João de Almeida Santos para o texto de Fernando Mora Ramos, **Barry, Ensaio no T. Zero.** O segundo caderno, com prefácio de José Valentim Lemos, é um trabalho deste: **Amorosos,** três farsas medievais francesas, de autores anónimos; finalmente, com prefácio de Fernando Mora Ramos, a peça de Marivaux, **Arlequim Polido pelo Amor,** tradução de Isabel Lopes.

★ Prevista para Março a estreia do novo espectáculo do Teatro de Portalegre, a encenação de José Mascarenhas de dois autos de Gil Vicente: **Auto da Índia** e **Auto das Fadas.** Cenografia e figurinos de Vladimiro Franklin, interpretação de Conceição Gonçalves, Fátima Reis, Lígia Duarte, José Figueiredo Martins, Víctor Pires e Víctor Freitas.

★ **Vitória! Vitória!,** original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazareth Fernandes, com Marina Mota, Carlos Cunha, Rosa do Canto, Fernando Mendes, etc. quase a rebentar, para inauguração do novo Maria Vitória.

★ Graves prejuízos para o grupo portuense Teatro Art'Imagem cuja sede foi vítima dos últimos temporais que provocaram a destruição não só dos indispensáveis bens materiais do grupo como as memórias de nove anos de trabalho teatral. Não seria possível fazer com que o grupo fosse contemplado com o apoio estatal, como vítima, que foi, da intempérie? Aqui fica a sugestão.

★ O Centro Cultural de Évora estreou o exercício-espectáculo de alunos da Escola de Formação Teatral dirigido por José Valentim Lemos, com a peça de Strindberg **O Sonho.**

★ O Bando está a apresentar o seu espectáculo **A Pregação** para alunos de escolas, durante os dias da semana, até 7 de Março próximo. Horários: terças, quartas e quintas, às 11.30 e 15.30; às sextas, às 15.30.

★ Em Paris acabou a sua carreira um espectáculo sobre um texto do grande poeta grego Yannos Ritsos, **Ismène.**

★ No dia 9 de Fevereiro, realizou-se no Teatro Municipal Garcia de Resende, em Évora, a declaração pública do projecto e início das actividades do Centro Dramático de Évora que resulta da associação das companhias do Centro Cultural de Évora e do Teatro da Rainha.

★ Em preparação o primeiro espectáculo do Centro Dramático de Évora: **A Ilusão Cómica,** de Corneille.

★ A Direcção-Geral de Espectáculos e Direitos de Autor classificou a última criação da Comuna, com **A Pécora** de Natália Correia, um espectáculo de qualidade.

★ Em Londres, no célebre Teatro Barbican, estreou-se uma peça adaptada do romance **Laranja Mecânica,** de que Stanley Kubrick fez o filme que se sabe.

# APARTES DA GERAL

(1)

Há dias, precisamente na quinta-feira, 8 de Fevereiro, tivemos, aqui na Geral, uma grande alegria. E foi logo de manhãzinha, como convém. Eis que abrimos e fechámos, como todos os dias, o «DN» e descobrimos na última página do segundo caderno, uma nova secção sobre teatro, assinada. Coisa bem rara na nossa Imprensa e por isso aqui estamos a assiná-la, como é devido.

Contentes por podermos ler semanalmente, supomos, coisas de teatro em «Dos Bastidores», com assinatura de João de Melo Alvim, eis que o nosso contentamento aumenta quando deparámos com uma referência ao nosso trabalho. Lógico: alguém, ao fim de alguns anos, repara que o «DL» publica semanalmente, duas páginas dedicadas ao teatro! E de tal maneira que não resistimos, com a imodéstia que nos é habitual, a transcrever as palavras de João de Melo Alvim que, naturalmente, agradecemos. Ei-las:

**«Começar também estas 'Crónicas' com duas saudações: aos criadores de teatro do meu país, heróis contraditórios do efémero e da persistência, e ao Carlos Porto, decano (ui!) das escritas teatrais e artífice das obrigatórias páginas do DL das tardes de sexta-feira».**

Não são palavras do Melo, são palavras de mel.

(2)

Um lenço na intriga da **Severa**, em cena no Maria Matos. A Marquesa dá ao Vimioso um lenço com a palavra **amo-o**. O Vimioso dá o lenço à Severa de quem, finalmente, a Marquesa o recupera.

É claro que quando em teatro se fala em lenço é para outra peça que saltamos: **Otelo**, de Shakespeare. Neste caso, com a vantagem de passarmos a respirar ares de paragens cuja grandeza nos faz esquecer a pequenez do nosso académico!

(3)

**Coliseu**, outra vez, [illegible] domingo passado, uma [illegible] com gente das quatro idades, desde as crianças aos velhinhos. O ambiente era tão familiar e descontraído que o Rogério Vieira não resistiu e, no final da cena do teatro, foi-se abaixo: gargalhada geral. Como é bonito ver um boneco desmanchar-se e a recompor-se. Mas se não fosse uma cena cómica, se fosse uma cena dramática, como seria? Gostaríamos de ver um actor ou uma actriz a desfazer-se em lágrimas!

Aqui na Geral continuamos a adorar estes **Palhaços.** E o Sr. Costa mantém-se numa boa!

**NB** — Como leitor percebeu, no Aparte da semana passada, referimo-nos não à jornalista Alice mas à jornalista Alice Vieira. Não é bem a mesma coisa.

# SEMANADA

**Luís Lima Barreto — um dos *Palhaços* da Cornucópia**

Estreia esta semana do novo Maria Vitória e da nova revista, **Vitória! Vitória!** (ver nesta pág.). Estreias recentes: **A Severa,** de Júlio Dantas, no Maria Matos; **Iuzéczél** na Casa da Comédia.

êxitos em cena: **Happy End** de Brecht/João Lourenço sobre o texto de Dorothy Lane no Teatro Aberto; **Regresso de Bucha e Estica,** criação de Mário Viegas, no Ritz; **What Happened to Madalena Inglésias?** de Filipe La Féria, no Casino do Estoril; **Palhaços,** textos de palhaços interpretados pelos actores do Teatro da Cornucópia (ver foto).

A Comuna cheia de teatro: todos os dias, excepto à quarta, **A Pécora,** de Natália Correia; e, ao fim-de-semana, **Festival da Otite,** e o novo espectáculo do Bando, **A Pregação.**

A Barraca está no Cinearte com **Margarida do Monte,** de Marcelino Mesquita/Hélder Costa.

No Parque Mayer, além do **Vitória! Vitória, Ai! Cavaquinho!,** a revista do ABC, e **Os Meninos à Roda da Mamã,** a comédia do Variedades. Teatro Villaret: **Ora Bate, Batman'so.**

Em Carnide, **Divinas Palavras,** de Valle-Inclán, pelo Teatro de Carnide; em Coimbra, Os Bonifrates, a comemorar os seus 10 anos de vida, apresentam em estreia mundial, no Teatro de Bolso do Edifício Avenida, a peça de Alfonso Sastre, **Os Homens e as Suas Sombras;** em Tomar, o Fatias de Cá, com **A Sapateira Prodigiosa,** de Lorca.

**ESTREIA**
**Vitória! Vitória!...**

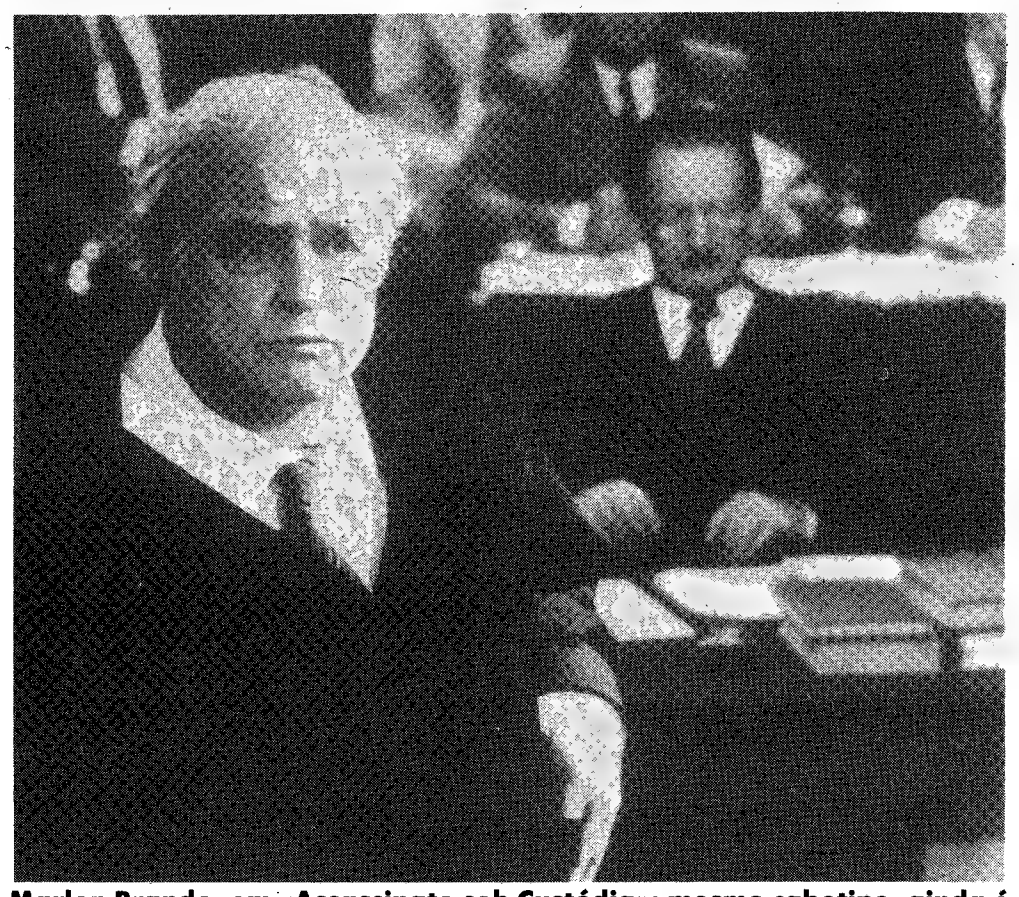
**Texto:** Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes. **Música:** João Vasconcelos, Fernando Correia Martins, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro. **Encenação:** Santana. **Maquetas:** Hernâni e Rui Martins, Jorge Rosa e Carlos Matos. **Coreografia:** Liliane Viegas. **Interpretação:** Marina Mota, Carlos Cunha, Rosa do Canto, Fernando Mendes, Carlos Ivo, Eva Cristina, Rui de Sá, Cristina Areia, João Loy, Rute Correia, Olímpia Portela, Anabela Perez, Paula Soares e Maria Arriaga.

**Teatro Maria Vitória** — Parque Mayer

Os novos (actores) no novo Maria Vitória.

# Cinema

A M O S C A



**Marlon Brando, em «Assassinato sob Custódia»: mesmo cabotino, ainda é o melhor do filme**

# SALDOS...

**RODRIGUES DA SILVA**

Foi assim: por junto, éramos quatro. O projeccionista na cabina, a bilheteira em missão polivalente, a vender bilhetes e a cortá-los, eu e o outro. Entre mim, na segunda fila da frente, e o outro na segunda fila de trás, havia... 268 lugares vagos. No intervalo, cada um saiu dos respectivos buracos: eu e o outro da sala, o projeccionista da cabina, a bilheteira da guarita, e ali ficámos cada um em cada canto do 'hall' demasiado envergonhados como se apanhados em falta, tímidos o bastante para não metermos conversa. Como no boxe, o gong salvou-nos. Acabado o intervalo, escondemo-nos outra vez, a fita recomeçou e no final, velozes, cabisbaixos e tristes, como em dia de chuva, cada um foi a sua vida.

Sucedeu isto um destes dias em Lisboa, numa daquelas salas onde passa cinema comercial, o tal que dá lucro, o outro cinema é que não, por isso é que, exangues do sacrifício, os senhores exibidores, coitados, têm que levar o que não presta, eles bem gostavam que assim não fosse, mas o público é o que é e a crise também.

Ora, pelas minhas contas, nesta sessão (que de resto não é inédita em termos de afluxo de espectadores) a coisa foi como segue: 325$00 de cada bilhete vezes dois daria um 'superavit' de 650$00, não houvesse que descontar taxas e alugueres, salários e X para o desgaste das alcatifas. Não nos cansemos, porém, o balanço é simples: os 650 paus não deram para o petróleo.

Pergunta-se agora: se em vez do tal filme, pelos vistos tão comercial que reuniu dois espectadores numa sessão não clandestina, se em vez dele passassem (por exemplo e à escolha do exibidor) «À Flor do Mar», de João César Monteiro; «Rosa de Areia», de Margarida Cordeiro/António Reis; «O Bobo», de José Álvaro Morais; «Quatro Aventuras de Rainette e Mirabelle» e «O Amigo da Minha Amiga», de Eric Rohmer; «O Detective», de Godard, «O Dinheiro», de Bresson, «A Pequena Vera», de Vassily Pitchoul, tudo filmes que não vimos, como não vimos tantos mais de Rivette, Doillon, Straub, Duras, etc., etc., etc. — se passassem estes filmes, seria pior, melhor ou na mesma do que a história (autêntica) que contei?

Pior seria quase impossível. Na mesma, ainda que fosse, era mais digno. Melhor era com certeza, bastava saber-se — e saber-se-ia — de que filme se tratava. Para isto é que os comerciantes (não os espectadores) inventaram uma coisa chamada promoção, e ele há público em Lisboa bastante para garantir receitas razoáveis para filmes portugueses (viu-se com o último de César Monteiro, está a ver de novo com o de João Mário Grilo) e ele há público de sobra para filmes de Rohmer, Godard e mesmo Bresson, não nos venham com cantigas.

Serve tudo para dizer do que não dá para acreditar. Portugal é o país dos não sei quantos festivais internacionais de cinema, é o país de Manoel de Oliveira e de mais uma boa meia dúzia de cineastas com nome e renome, é o país que no mesmo mês se dá ao luxo de ser visitado por Serguei Paradjanov e Jacques Rivette(chega no dia 21...) e apesar disto, em plena estação alta, as estreias comerciais são tanta vez o que são: filmes que no final a gente interroga-se «mas como é que eu vim aqui parar?», sussurra para o lado um «vê-se...» por desenfado, ou, magnânimo, cogita: «para saldo não está mal».

★

Ora esta semana foi mesmo o que aconteceu: saldos. Três-filmes-três em estreia à escolha: «Assassinato sob Custódia», 'África, Terra de Estranhas Paixões' e «Lar Doce Lar... às Vezes». balanço: os três juntos — e nenhum deles é ignóbil — não valem em conjunto um plano de qualquer daqueles filmes todos que atrás citei e que não vimos.

«Assassinato sob Custódia» é a prova provada que dois erros não fazem um acerto. O primeiro erro é o da indústria norte-americana, para quem filmes de negros é que está a dar, sobre a África do Sul, então nem se fala; o segundo erro é o da realizadora, incapaz de perceber que a defesa de uma causa justa só por si não resulta num bom filme.

Não resulta e se há exemplos de sobra para esquecer, a eles se pode agora acrescentar «Assassinato sob Custódia», um filme tosco, mal dirigido e ainda por cima com um «happy-en» sem sentido. Salva-se Marlon Brando, regressado após um interregno de dez anos e que, cabotino até dizer chega, mesmo assim, basta respirar ou fazer um gesto para se perceber que é um grande actor.

Ao invés, Donald Sutherland passa por ali, pouco bem na sua pele e, quanto aos outros intérpretes, nem é bom falar, o melhor ainda são os figurinos.

A história é o que se imagina: o «apartheid» sul-africano, o massacre sobre os negros, às tantas também a repressão sobre um branco liberal. O que podia ser assim ou com mais molho são os conflitos do casal (branco, é evidente, porque estes filmes supostamente sobre negros não sei porquê centram-se sempre sobre os brancos). O que seria impensável é o final: o polícia torcionário morto pelo negro que vinga o branco liberal, tudo no mais puro estilo «descansem em paz que os bons acabam sempre por vencer».

À parte isto, deste filme se pode dizer o que já foi disto não sei por quem a propósito de «Grita Liberdade»: vale mais um minuto de uma boa reportagem televisiva sobre a África do Sul do que ficções assim. É que em ficção não é preciso explicar tudo, tudo mostrar; o importante é que o espectador fique com espaço para si. É talvez por isso que antigamente ao argumento se chamava «enredo», uma bela palavra que sugeria o seguinte: o filme fornece uma estrutura de suporte, compete ao espectador preencher o espaço sobrante.

Em «Assassinato sob Custódia», a realizadora não deixa nada para nós: o miúdo foi chicoteado. nós temos que ver as marcas doi chicote em grande plano; o negro vai vingar o amigo, sai «flash-back» a repetir a cena passada não fosse a gente ter-se esquecido.

Ora se há coisas que o espectador não esquece são certos planos, determinadas cenas. Se os filmes são uma obra de arte, recordam-se toda avida. Em «Assassinato sob Custódia», contudo, passa-se o filme a explicar tudo muito bem explicadinho e a gente, uma hora depois, não se recorda de nada, a não ser vagamente, do «show» de Marlon Brando que deve ter exigido andar ali, sim, mas à rédea solta.

★

«Lar Doce Lar... às Vezes» é uma comédia americana que quer ser tão divertida que estraga um eventual bom argumento. Teria bastado simplificar aquilo tudo, depurar o filme de umas tantas personagens e dizer a Steve Martin para representar em vez de fazer isso e também algumas dispensáveis palhaçadas.

O filme centra-se sobre matéria digna de interesse: a classe média norte-americana, melhor dizendo, os casais con filhos sem saber como os educar e complexando-se por isso,

Bem conduzido e com outro rigor, o filme poderia incidir no essencial, isto é, numa sociedade ferozmente competitiva, em que os pais, de tanto quererem investir nos filhos, quase os desgraçam, a eles e a si próprios.

«Lar Doce Lar... às Vezes» opta por apenas aflorar o que poderia desenvolver e termina literalmente na graça de Deus, com tudo o que é mulher a engravidar, no final fiquei um tanto baralhado sem saber que criança pertencia a quem, tudo «in love», assim é que é bonito, mas o cinema é outra coisa.

★

Curiosamente desta fornada toda de estreias, a menos má é «África, Terra de Estranhas Paixões», um filme com argumento e realização de uma tal Helena Nogueira de quem nunca ouvi falar e que até é capaz de ser uma portuguesa, imigrada na África do Sul.

O filme é lá que parcialmente se passa e também num país imaginário que dá pelo nome de Mozania (está-se mesmo a ver que só pode corresponder a Moçambique ou talvez Angola, os naturais falam inglês mas, por lapso de-«raccord», às tantas numa parede vê-se escrita em português a palavra «trabalho»)/

«África Terra de Estranhas Paixões» é a tradução parva de «Quest for Truth» o título original está certo porque o filme centra-se mesmo na procura da verdade... ou das verdades.

Duas mulheres brancas naturais de Mozania e imigradas na África do Sul resolvem voltar ao país natal dez anos após a independência. Tinham partido desiludidas com os negros no poder, mas mais desiludidas ficaram (pelo menos uma delas) com o «apartheid» sul-africano.

Pelo meio, porém, há o mais interessante: a história de amor entre as duas mulheres, homossexual, uma; bissexual, a outra; ambas também à procura da sua verdade afectiva.

O filme é mal montado, tem cenas mal concebidas, mas ao menos a relação entre as duas mulheres respira alguma frescura, muita autenticidade. Para não variar, também aqui tudo acaba em «happy-end». Mas este aceita-se como lógico e Helena Nogueira, que não sei quem é, prefiro-a (mesmo com os seus erros todos) a Ron Howard do «Lar Doce Lar.. às Vezes», ou a Euzhan Paly, que outrora fez um «Rue Cases Nègres» de que este «Assassinto sob Custódia» francamente desmerece. Das estreias desta semana se há uma que ainda nos emocione é «Quest for Truth». Ou de como convidarem-nos a procurar a verdade é quase sempre bem melhor do que no-la servirem numa bandeja....

**Inês de Medeiros, em «O Bando das Quatro»**

RETROSPECTIVA NA CINEMATECA, «O BANDO DAS QUATRO» NO PICOAS

# RIVETTE E OS SEUS FILMES

Na próxima semana o acontecimento chama-se Jacques Rivette. Não só porque vem a Portugal para estar presente (na Cinemateca) à antestreia do seu último filme «O Bando das Quatro», mas também porque, a partir de amanhã, já, decorre em Lisboa uma retrospectiva da sua obra, quase toda inédita em Portugal.

Dos poucos filmes de Rivette comercialmente exibidos entre nós, citem-se «O Amor de Rastos» (tradução mais do que discutível de «L'Amour par Terre») e «A Religiosa». Este último filme — recorde-se — foi proibido em 1966 pela censura gaulista, o que provocaria da parte de Jean-Luc Godard uma reacção à Godard: uma carta aberta a André Malraux, à época ministro da Cultura, documento notável que acaba assim: «Como é que você, André Malraux, me poderia ouvir, a mim que lhe telefono de um país longínquo, a França livre.»

De «O Bando das Quatro» (que afinal são cinco, como se verá) «a parte do mistério» cabe a Inês de Medeiros que contracena neste filme com outra intérprete bem conhecida, Bulle Ogier («O Meu Caso», de Manoel de Oliveira, e... muito antes, «A Salamandra», de Alain Tanner, 1970).

Deste filme de Rivette se falará para a semana, mas para já, salvo alguma surpresa de última hora, pode dizer-se que ele surgirá em primeiríssimo lugar dos filmes a ver então e indicados nestas páginas.

Mas para além da retrospectiva Rivette, na Cinemateca, a França está representada no calendário desta semana com o início do ciclo «Inéditos do Cinema Francês dos Anos 80», uma iniciativa do ABC Cine Clube de Lisboa.

O primeiro filme a passar (hoje, às 18 e 30, na SPA) é «Le Destin de Juliette», de 1983 com a actriz, recentemente falecida Juliet Berto (a amante francesa de Mário de Sá-Carneiro, em «Conversa Acabada», de João Botelho).

Juliet Berto surgirá, aliás, em dois outros filmes de Rivette que amanhã passam na Cinemateca: «Céline et Julie Vont en Bateau» e «Noroit», respectivamente, de 1976 e 1977. Significa isto que, no conjunto, os «Inéditos do Cinema Francês Anos 80» e a retrospectiva Rivette possibilitam um miniciclo Juliet Berto, outra das aliciantes da semana.

Um actor que regressa aos ecrãs na próxima semana é Gérard Philipe, através de um dos derradeiros filmes que faria antes de morrer em 1959, com 36 anos. O filme chama-se «O Vagabundo de Montparnasse», assina-o Jacques Becker, e Gérard Philipe faz de Modigliani, ao lado de Anouk Aimée.

Quanto ao resto destaquem-se o fim do ciclo «Ventos do Leste», no Forum Picoas; a curta metragem de Paulo Rocha (1971) e «As Aventuras de Robin dos Bosques», no Teatro da Malaposta.

Este último filme é de Michael Curtiz, com Olivia de Havilland e Errol Flynn, e nese ano de 1938, em que o filme foi realizado, estava-se ainda longe de «Casablanca», que Curtiz assinaria em 1943, mas já perto de 1939, ano em que Olivia de Havilland haveria de entrar em «E Tudo o Vento Levou».

Todo o calendário das sessões especiais, a seguir, com a ressalva de hipotéticas alterações de última hora.

**HOJE, DIA 16**

ABC Cine Clube (às 18 e 30, na Sociedade Portuguesa de Autores): «Le Destin de Juliette», de Aline Issermann. Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): filmes nomeados para os «oscares«/89.

Forum Picoas (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22, no Auditório 1): «Olhos Negros», de Nikita Mikhalkov. Teatro da Malaposta (às 21 e 30, em Olival Basto): «Os Habitantes daquela Casa», de Ernesto de Oliveira, seguido de «Sever do Vouga, Uma Experiência», de Paulo Rocha.

**AMANHÃ, DIA 17**

Cinemateca (respectivamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 30): «Céline et Julie Vont en Bateau», «Duelle» e «Noroit», todos de Jacques Rivette. Forum Picoas (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22, no Auditório 1): o mesmo programa do dia 16. Teatro da Malaposta (às 21 e 30, em Olival Basto): «As Aventuras de Robin dos Bosques», de Michael Curtiz.

**DEPOIS DE AMANHÃ, DIA 18**

Forum Picoas (às 14, 16 e 30, 19 e 15 e 22, no Auditório 1): «O Comboio em Fuga», de Andrei Konchalovsky. Teatro da Malaposta (às 17, em Olival Basto): o mesmo programa do dia 17.

**SEGUNDA, DIA 19**

Cinemateca (respectivmente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Merry-Go-Round», de Jacques Rivette; e «My Son John», de Leo McCarey. Forum Picoas (às 19 e 15 e 22, no Auditório 1): o mesmo programa do dia 18.

**TERÇA, DIA 20**

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Um Verão de Amor», de Ingmar Bergman; e «Will Success Spoil Rock Hunter», de Frank Tashlin. Forum Picoas (às 14 e 22, no Auditório 1): «Os Amantes de Maria», de Andrei Konchalovsky. Institute Franco-Portugais (às 21): «Le Cave se Rebiffe», de Gilles Grangier.

**QUARTA, DIA 21**

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «Pont du Nord» e «La Bande des Quatre», ambos de Jacques Rivette, com a presença do realizador na sessão de noite. Embaixada do Japão (às 19): «Terra Natal», de Yoji Yamada. Forum Picoas (às 14, 16 e 30 e 22): o mesmo programa do dia 20.

**QUINTA, DIA 22**

Cinemateca (respectivamente, às 18 e 30 e 21 e 30): «L'Amour par Terre», de Jacques Rivette; e «O Vagabundo de Montparnasse», de Jacques Becker. Embaixada do Japão (às 19): «As Crianças da Ilha», de Yoshitaka Asama. Institute Franco-Portugais (às 21): «Therèse Desqueyroux», de Georges Franju.

**R. da S.**

# A VER

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal:

**Em estreia**

- «Sexo, Mentiras e Vídeo», Steven Soderbergh (1989)
- «O Processo do Rei», João Mário Grilo (1988)
- «Valmont», Milos Forman (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)
- «Entre Primos», Joel Schumacher (1989)
- «Veredicto Final», Joseph Ruben (1988)
- «O Amor É Uma Grande Aventura», Blake Edwards (1989)
- «Regresso ao Futuro, Parte II», Robert Zemeckis (1989)
- «África, Terra de Estranhas Paixões», Helena Nogueira (1988)
- «Lar, Doce Lar... Às Vezes», Ron Howard (1989)
- «Corações de Aço», Brian de Palma (1989)
- «Os Reis da Noite», Eddie Murphy (1989)
- «Assassinato Sob Custódia», Euzhan Palcy (1989)
- «Chuva Negra», Ridley Scott (1989)
- «Brigada Assassina», Andrew Davies (1989)
- «Os Deuses Devem Estar Loucos II», Jamie Uys (1989)
- «A Vida É Um Longo Rio Tranquilo», Etiènne Chatiliez (1987)

**Em reposição**

- «Abismo», James Cameron (1989)
- «Cegos, Surdos e Loucos», Arthur Hiller (1989).

**R. da S.**

# «E TUDO O VENTO LEVOU» EM VISEU

Fora de Lisboa, são as seguintes sessões especiais de que temos conhecimento:

**Coimbra**

No Teatro Gil Vicente (hoje): «Vozes Distantes, Vidas Suspensas».

**Faro**

No Teatro Lethes (dia 22, às 18 e 21 e 45, sessão do Cine Clube): «Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos», de Pedro Almodóvar.

**Guimarães**

No Cinema S. Mamede (dia 20, às 21 e 30, sessão do Cine Clube): «Pelle, o Conquistador», de Bille August.

**Viseu**

No Auditório Mirita Casimiro: «E Tudo O Vento Levou», de Victor Fleming (dia 16 a dia 21, sempre às 21 e 30); «O Milagre da Rua 8», de Matthew Robbins (dias 17 e 18, às 11 e às 16 e 30); «Uma Outra Mulher», de Woody Allen (dia 22, às 21 e 30, sessão do Cine Clube).

# Video rama

A MOSCA

**Maria João Martins**

## O INVENCÍVEL HOMEM-ARANHA

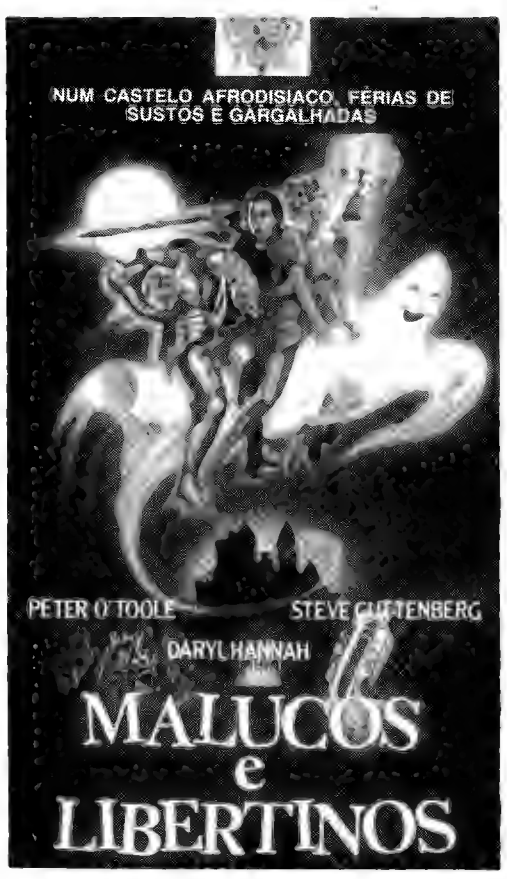
Nascido para os «comics» em meados deste século, o Homem-aranha, a par do Incrível Hulk e do Super-homem propriamente dito, é um dos super-heróis mais populares de sempre. Um tal facto não podia escapar, de resto, aos grandes produtores cinematográficos que já produziram algumas largas dezenas de filmes sobre o jovem estudante Peter Parker que, mordido por uma aranha radioactiva, se vê tomado de inesperados poderes. O filme que a Publivídeo agora editou no mercado videográfico é apenas mais uma dessas produções, sem nada de particular que a destaque ou que a compare ao «Batman» de Tim Burton.

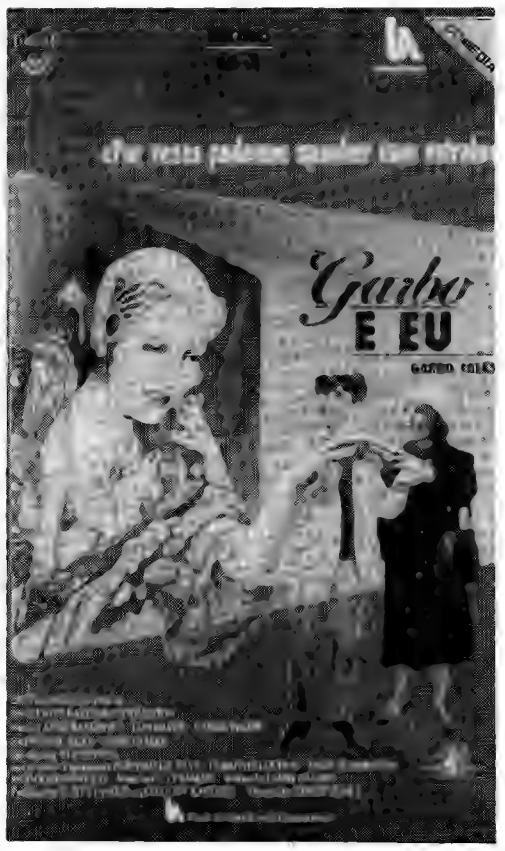
**SPIDER-MAN STRIKES BACK. Realização: Ron Satlof. (EUA — 1978). Intérpretes: Nicholas Hammond, Robert Alda. Cor. 90 minutos. Aventuras. Para maiores de 6 anos. Edição RCA/ ColumbiaçPublivídeo.**

## MALUCOS E LIBERTINOS

À primeira vista, «Malucos e Libertinos» parece ser um filme do mais puro terror, a que nada falta, nem mesmo um castelo assombrado ou o fantasma de uma bela dama assassinada pelo marido há mais de duzentos anos. Trata-se, porém, de uma comédia bem-humorada, rica em peripécias espantosas, em que os mortos andam talvez demasiado misturados com os vivos, desde o momento em que um «yuppie» norte-americano se toma de amores por uma aristocrata do século XVIII. De destacar aquela que é a mais recente prestação de Peter O'Toole ao cinema, bem como o regresso de um autor (Neil Jordan) que na sua filmografia já conta com filmes do gabarito de «Mona Lisa».

**HIGH SPIRITS. Realização: Neil Jordan. (G.B. — 1989). Intérpretes: Peter Ó Toole, Darly Hannah, Steve Guttenberg, Beverly D'Angelo. Cor. 99 minutos. Comédia. Música de George Fenton. Para maiores de 12 anos. Edição Vídeo Time.**

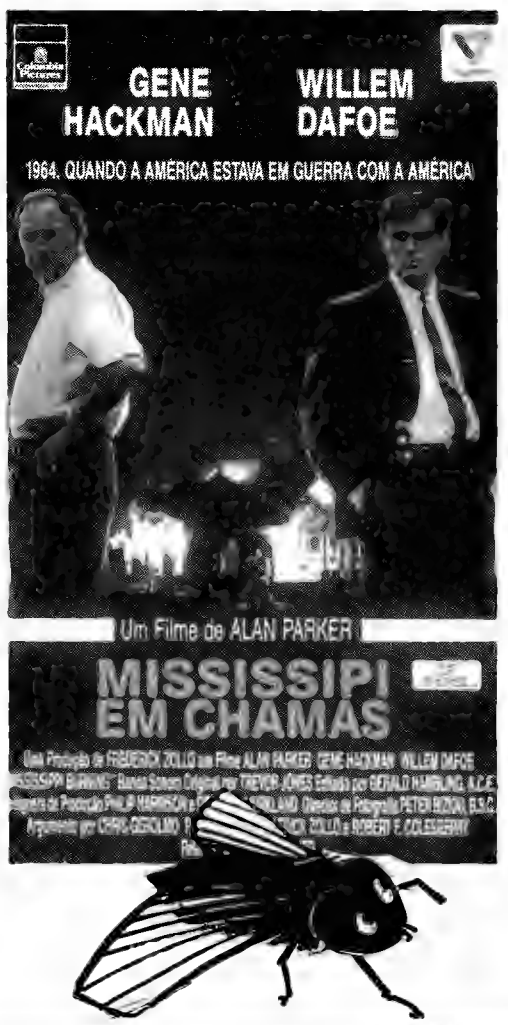



## GARBO E EU

À partida, este filme não tem nada que mereça o destaque da «Mosca», a não ser talvez a realização confiada a Sidney duas décadas («Serpico», «Crime no Expresso do Oriente», para só referir os mais significativos). No entanto, o tratamento do mito Garbo, através da história de uma mulher de meia-idade que idolatra a estrela até à obsessão, não pode passar em claro. No fim de contas, é de estrelas como a intérprete de «Rainha Cristina» que se fazem as melhores páginas da história do cinema.

**GARBO TALKS. Realização: Sidney Lumet. (EUA — 1984). Intérpretes: Anne Bancroft, Ron Silver, carrie Fisher, Catherine Hicks. Cor. 100 minutos. Comédia. Música de Cy Coleman. Para maiores de 12 anos. Edição Kodak/Warner Home Vídeo.**




## MISSISSIPI EM CHAMAS

Há quase um ano, «Missipi em Chamas» foi uma das vítimas de «Encontro de Irmãos». Nomeado para vários óscares, entre os quais o de melhor filme do ano, acabou por passar discretamente pelas salas de cinema portuguesas, embora estivessem em exibição fitas muito piores.

Sem ser uma obra inolvidável, «Mississipi em Chamas» vale, no entanto, pelo trabalho dos dois protagonistas (Gene Hackman, o histórico intérprete de «Os Incorrupíveis Contra a Droga» e Willam Dafoe, o Jesus mais escandaloso da história do cinema). O primeiro interpreta o papel de um polícia veterano para quem a força ainda é o argumento mais eloquente. O segundo, também polícia, é jovem, universitário e confia na importância da razão. A missão de ambos é desvendar a autoria do assassinato de três jovens defensores dos direitos da população negra, algures no sul dos Estados Unidos, sob a presidência do mítico John Fitzgerald Kennedy.

**MISSISSIPI BURNING. Realização: Alain Parker. (EUA — 1988). Intérpretes: Gene Hackman, Willam Dafoe, Cor. 122 minutos. Policial. Música de Trevor Jones. Para maiores de 12 anos. Edição RCA Columbia/Publivídeo.**

# WHAT HAPPENED TO GRETA GARBO?

Tal como Marlène, Greta Garbo desapareceu misteriosamente após uma carreira de fábula na década de trinta. Ninguém a vê, poucos sabem do seu paradeiro.

Aos 85 anos de idade, aquela que foi a esfinge sueca é como se tivesse morrido há muito, pois ninguém, nesta sociedade computorizada, concebe que, algures no mesmo mundo, ainda vive o ídolo de multidões de uma época de luxo que duas guerras mundiais se encarregaram de fazer ruir.

Este é, aliás, o problema colocado por Sidney Lumet no filme **Garbo e Eu.** Que espécie de fascínio poderá nutrir uma activa dona de casa dos anos 80 pela vedeta de **Ninotchka,** de tal forma que o seu repetitivo quotidiano seja subitamente iluminado pela questão: «what happened to Greta Garbo»? Que referências poderemos ainda encontrar em filmes que constituiram o derradeiro testemunho de um mundo que, se não era o paraíso, ainda continha muito do requinte e do bom-gosto do século XIX?

Nascida em 1905 em Estocolmo, Greta garbo iniciou-se nas artes dramáticas na Suécia natal durante a década de 20. O seu papel em «Goata Berlings Saga» valer-lhe-ia a assinatura do documento a que tantas jovens, nos Estados Unidos, como na Europa, aspiravam: o contrato com a M.G.M. seria de resto, sob a batuta desta produtora que Garbo conquistaria o mundo, sem um sorriso, sem uma expressão dulcificada. Dir-se-ia que o seu rosto perturbava porque era de uma beleza tão transcendente que ultrapassava as considerações habituais. Era tudo aquilo que as lendas dizem dos anjos, andrógene e quase indiferente. A expressividade passava-lhe sobretudo pelas sobrancelhas desenhadas de forma ténue. Sobre uma face inalterável. Foi através delas que Garbo transmitiu a dor da partida em **maria Waleska** ou a euforia da paixão em **A Cortesã,** quando Gable a beija e o rosto dela parece concluir: «então, isto é o amor».

Também nesta matéria em que as mais cintilantes estrelas de Hollywood deram aso a escândalos e especulações da mais diversa extensão, Greta garbo adoptou o mistério como atitude mais conveniente. Sabe-se que amou alucinadamente John Gilbert, morto em 1936, na sequência de muito álcool e de outras tantas desilusões profissionais, uma vez confirmada a sua incapacidade de adaptação ao cinema sonoro.

Contracenou com ele em **Rainha Cristina, Love, A Carne e o Demónio** e tê-lo-á ajudado a superar as dificuldades então afiguradas. O resto não nos cabe a nós averiguar, pertence à lenda e com ela irá morrer.

CLUBES DE VIDEO

video 1000

AGORA TAMBÉM EM VENDA DIRECTA

ALUGUERES DESDE 100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — R. Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — C. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) • Tel.: 848 89 37 • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • Tel.: 758 18 51 • LISBOA
Loja 6 — R. Nova (Pederneira) • Tel.: (062) 537 18 • NAZARÉ
Loja 7 — R. Adolfo Coelho, 12 (Alto de S. João) • Tel.: 82 12 42 • LISBOA

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

# TELE Visão

A MOSCA

# SÁBADO

## RTP 1

**09.00 - Juventude e Família**
**12.00 - Sinfonieta**
**13.00 - Notícias**
**13.10 - Oito e Basta**
**14.00 - Parlamento**
**14.30 - Crime, Disse Ela!**
**15.15 - Sessão da Tarde**
*«O Filho Inesperado», de Waris Hussein (EUA-1980), com interpretações de Colleen Dewhurst, Warren Oates, Christopher Marcantel, Devon Ericson, Fred Lehne, Mildred Dunnock, Paul McCrane, David Huffman, Dena Dietrich e James Noble. Duração: 91 minutos.*
*Quando aos 47 anos de idade Anna Kramer tem um filho, ela e o marido têm necessidade de reaprender todo o processo de educar uma criança. Anna está determinada a ser uma mãe exemplar, mas a sua família, demasiado ocupada com os problemas individuais, não a vão ajudar nada.*
**16.50 - Desenhos Animados**
**17.05 - Vivamúsica**
**18.05 - Ricardina e Marta**
*Ainda não acabou, mas tem os dias contados*
**19.10 - Sete Folhas**
**19.45 - Totoloto**
**20.00 - Jornal de Sábado**
**21.15 - O Tempo**
**21.30 - Contos de Hollywood**
**22.30 - Diane Ross**
**23.30 - Cinema da Meia-Noite**
*«Guerrilheiros do Inferno», de Karel Reisz (EUA-1979), com interpretações de Laurence Rosenthal, Tuesdey Weld, Micheal Moriarty, Anthony Zerbe, Richard Masur, Ray Sharrey, Gail Stricland e Charles Haid. Duração: 121 minutos.*
*Em 1971 a guerra no Vietnam começava a entrar na sua fase mais crítica e desmotivadora. John Converse, um correspondente de guerra profundamente impressionado com a carnificina inutil, decide dar substância à sua visão do horror com um insólito protesto pessoal: trazer de Saigão um considerável carregamento de heroína. Mas dois marginais vão tentar deitar mãos à droga, e assim começa uma selvagem perseguição.*

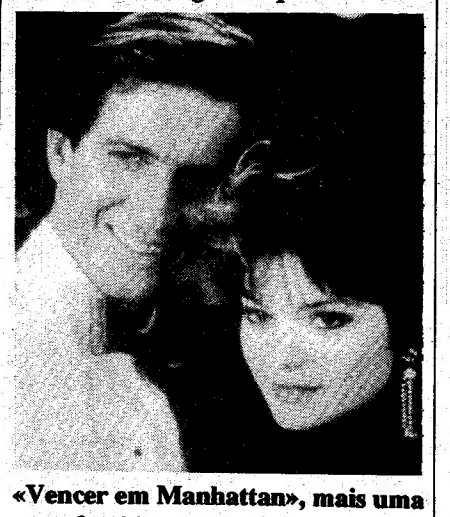
## RTP 2

**09.00 - Via Rápida**
**09.55 - O Jogo dos Disparates**
**10.45 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»**
**13.15 - Simply Red**
**14.20 - Um Longo Caminho Silencioso**
*A história da mímica*
**15.00 - Estádio**
**19.00 - Music Box Especial**
**19.55 - O Meu Irmão Tom**
*Estreia: hoje o primeiro de quatro episódios baseados na obra com o mesmo título, de James Aldridge. No final da Depressão e durante os últimos dias calmos antes da II Guerra Mundial, uma pequena cidade é perturbada pelo romance entre dois jovens de famílias diferentes e antagónicas - católicos e protestantes - com surpreendentes e trágicos desenvolvimentos.*
**21.15 - Estádio/Edição da Noite**

# DOMINGO

## RTP 1

**09.00 - Juventude e Família**
«O Meu Pequeno Pónei», «Brincar É Coisa Séria» e «Isto É Cinema»
**10.00 - TV Rural**
**10.25 - 70 X 7**
**11.00 - Eucaristia Dominical**
**12.00 - Juventude e Família**
«A bicicleta»
**12.30 - O Mar e a Terra**
*O último programa sobre os Açores.*
**13.00 - Notícias**
**13.10 - Grandes Tormentos**
*Ser acompanhado pelo pai a um concerto de Bruce Sprinsteen pode ser embaraçoso. Mike vai ter essa experiência.*
**13.35 - Espaço 1999**
**14.20 - O Posto**
**14.50 - Primeira Matinée**
*«Casamento à Italiana», de Vittorio de Sica (Itália/França-1964), com interpretações de Sophia Loren, Marcello Mastroianni, Aldo Puglisi, Tecla Scarano, Marilú Tolo, Pia Lindstrom, Giovanni Ridolfi, Vito Moriconi. Duração: 98 minutos.*
*Em Nápoles, Domenico, um ricaço de meia-idade, é arrastado para o casamento por Filomena, uma antiga prostituta que tem sido sua amante nos últimos anos. O casamento acaba por se combinar sobretudo porque, supostamente, Filomena está a morrer e Domenico conseguirá anular o casamento sem dificuldade. Entretanto, Filomena juntou os seus três filhos em casa de Domenico, dizendo-lhe que um deles é também seu filho.. mas não lhe diz qual deles.*
**16.35 - Cidades do Património Mundial**
*«Angra do heroísmo»: a importância da cidade advém da sua situação geográfica, no centro das rotas transatlânticas das naus que, do velho continente, demandavam os novos mundos.*
**17.20 - Concurso 1, 2, 3**
**19.00 - McGyver**
**20.00 - Jornal de Domingo**
**20.30 - O Tempo**
**20.35 - Querido John**
**21.05 - Vencer em Manhattan**
**22.05 - Domingo Desportivo**



**«Vencer em Manhattan», mais uma saga familiar americana**

## RTP 2

**«Um Solar Alfacinha»: é uma série portuguesa...**

**09.00 - Music Box Especial**
**10.00 - Troféu**
**13.00 - Caminhos**
**13.30 - Novos Horizontes**
**13.55 - Veterinário de Província**
**15.00 - Troféu**
**17.00 - Sobrevivência**
**17.50 - Quem Sai aos Seus...**
**18.15 - Imagem e Imagens**
*Em 1961, Norma McLaren foi convidado para conceber imagens animadas que se destinavam a um anúncio luminoso instalado em Times Square, na cidade de NOva Iorque. O anúncio foi um grande êxito e o cineasta reconstituiu o conjunto das imagens num filme intitulado «New York Lightboard».*
**18.45 - Um Solar Alfacinha**
**19.35 - Os Trintões**
**20.25 - Artes e Letras**
*«António Tapies», um dos mais influentes pintores espanhóis contemporâneos. Este filme leva-nos até ao seu estúdio, nos subúrbios de Barcelona, uma cidade que ele próprio classifica como sendo «sem imagem e sem face».*
**21.35 - Cineclube**
*«Uma Mulher sem Amor», de Luis Bunuel (México-1951), com interpretações de Rosario Granados, Julio Villareal, Joaquim Cordero, Xavier Loya, Tito Junco, Jaime Calpe, Elda Peralta, Eva Calvo. Duração: 87 minutos. Inédito comercialmente em Portugal.*
*Don Carlos é um velho antiquário casado com uma mulher mais nova, Rosita, que tiraniza, bem como ao filho, de forma rígida, austera e algo caricatural. Ela tem um caso de amor com Júlio, um engenheiro argentino, e quando os dois fazem planos para fugirem tudo acaba por ser esquecido. Rosita tem um segundo filho, Miguel, nascido muito depois da partida de Júlio. Mas passados 25 anos, ela é informada por um notário que um rico argentino, recentemente falecido, deixou toda a sua fortuna a seu filho Miguel, que ele nunca conheceu. É o princípio de uma guerra entre os dois irmãos.*

# SEGUNDA

## RTP 1

**09.00 - Bom Dia**
**10.00 - Às Dez**
**12.05 - Fera Radical**
**13.00 - Jornal da Tarde**
**13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)**
**13.30 - Rota de Howard**
**14.15 - Vila Faia**
**15.00 - O Mundo Animal**
**15.45 - Ponto por Ponto**
**16.40 - Hospital Central**
**17.25 - Brinca Brincando**
«Persil», « As Viagens de Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «Os Três Mosqueteiros»
**18.30 - Rua Sésamo**
**19.00 - Jogo de Cartas**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Bolsa Dia a Dia**
**20.05 - O Tempo**
**20.15 - Vale Tudo**
**21.10 - Clube dos Subscritores**
**21.40 - Casino Royal**
**22.35 - Quase Adultos**
**23.25 - 24 Horas**
**23.55 - Remate**

## RTP 2

**15.00 - Filhos e Filhas**
**15.25 - Agora, Escolha!**
Bloco A: «O Fugitivo»; bloco B: «Miss Marple»
**16.55 - Os Cinco**
**17.20 - Um Bilhete para o Mundo**
**17.40 - Meu Pé de Laranja Lima**
**18.15 - As Coisas que a Mãe me Contou**
*O conflito entre mãe e filha relatado neste telefilme. Júlia Fleming é uma jovem de 16 anos, estudante, que se vê forçada a trabalhar em casa, cuidadando da irmã mais nova e da cozinha. Sendo obediente, cumpre as ordens da mãe, que tenta conquistar. Mas esta é cada vez mais exigente. Júlia resolve então confrontar-se com a mãe, revelando-lhe todas as suas frustrações.*
**19.10 - Desenhos Animados**
**19.35 - Estrada 66**
**20.30 - Elogio da leitura**
**21.00 - Jornal das Nove**
**21.30 - Bailado**
*«Pássaro de Fogo», numa versão realizada por Fernando Ávila e produzida por Isabel Ayres. O bailado é apresentado pela Companhia Nacional de Bailado, apoiada musicalmente pela Orquestra do Teatro Nacional de S. Carlos, dirigida pelo maestro John Neschling. Um trabalho do coreógrafo Brydon Paige.*
**22.20 - A Música e a Vida**
*«Dolar Brand»: Descrito pelo realizador como não sendo uma biografia, este filme é a história da música de Abdullah Ibrahim, ou Dolar Brand, «um dos mais amados pianistas de jazz do mundo contemporâneo», segundo o crítico John Fordham, do jornal «The Guardiam». Ibrahim foi considerado um o músico mais famoso que nasceu na África do Sul.*


ATALAIA
RESTAURANTE SNACK BAR

FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO e AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL e BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES e QUIM DE OLIVEIRA.**

**EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)**
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.
**ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37** (AO BAIRRO ALTO) • **TELEFONE 32 01 21**
**1200 LISBOA**

# TERÇA

## RTP 1

**09.00 - Bom Dia**
**10.00 - Às Dez**
**12.05 - Fera Radical**
**13.00 - Jornal da Tarde**
**13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto**
**13.30 - Dallas**
**14.15 - Vila Faia**
**15.05 - O Mundo Animal**
**16.40 - Hospital Central**
**17.25 - Brinca Brincando**
«Persil», «A Viagem do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
**18.30 - Rua Sésamo**
**19.00 - Jogos de Cartas**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Bolsa Dia a Dia**
**20.05 - O Tempo**
**20.15 - Vale Tudo**
**21.10 - Primeira Página**
**22.10 - Crónica do Crime**
**23.05 - 24 Horas**
**23.35 - Remate**

## RTP 2

**«O Meu Pé de Laranja Lima»: rir e chorar ao mesmo tempo**

**15.00 - Filhos e Filhas**
**15.25 - Agora, Escolha!**
Bloco A: «Segrados do Mar»; bloco B: «Vingadores»
**16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas**
*Depois de terem acidentalmente capturado os fantasmas do Natal passado, Natal presente e Natal furuto, os Caça-Fantasmas conseguem rectificar o seu erro e dão a Peter uma oportunidade de perceber o que é, afinal, o Natal.*
**17.20 - Um Bilhete para o Mundo**
**17.40 - Meu Pé de Laranja Lima**
**18.15 - Music Box - «Via Rápida»**
**19.10 - Desenhos Animados**
**19.35 - Estrada 66**
**20.25 - Cinemagazine**
**21.00 - Jornal das Nove**
**21.30 - Cinemadois**
*«Subterrâneo», de Luc Besson (França-1985), com interpretações de Christopher Lambert, Isabelle Adjani, Richard Bohringer, Michel Galabru, Jean-Hugues Anglade, Jean-Pierre Bacri, Jean-Claude Lecas, Jean Bouise, Pierre-Ange Le Pogam e Jean Reno. Duração: 98 minutos.*
*Fred, um jovem algo desconcertante que parece viver numa espécie de adolescência tardia, sai de uma festa em Paris ao volante do carro da anfitriã, Helena, levando consigo importantes documentos roubados do cofre do marido desta. Perseguido pelos homens da segurança, refugia-se no metro e mais tarde telefona a helena propondo-lhe a troca dos papéis por dinheiro ou por uma noite com ela. Marcam encontro numa plataforma do metro, mas o encontro revela-se uma armadilha. Fred consegue escapar refugiando-se nos subterrâneos da manutenção dos sistemas do metro, conhecidos apenas por uma pequena e bizarra comunidade de marginais.*

# QUARTA

## RTP 1

**«À Mesma Hora para o Ano que Vem»: a rotina de uma relação extra-conjugal**

**09.00 - Bom Dia**
**10.00 - Às Dez**
**12.05 - Fera Radical**
**13.00 - Jornal da Tarde**
**13.30 - Sexta, Dia 13**
*Estreia: As vidas de Micki Foster e Rayan Dallion mudam definitivamente quando herdam uma loja de antiguidades de um tio afastado. Ao chegarem à loja para verificarem como se encontra, Micki fica desolada com o aspecto delapidado que a casa tinha, ao passo que Rayn fica bastante entusiasmado com a ideia de reabrir o negócio.*
**14.15 - Vila Faia**
**15.40 - O Mundo Selvagem**
**15.45 - Ponto por Ponto**
**16.40 - Televisão, a Caixa que Mudou o Mundo**
**17.25 - Brinca Brincando**
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
**18.30 - Rua Sésamo**
**19.00 - Jogo de Cartas**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Bolsa Dia a Dia**
**20.05 - O Tempo**
**20.15 - Vale Tudo**
**21.10 - Vamos Jogar no Totobola**
**21.25 - Lotação Esgotada**
*«À Mesma Hora para o Ano que Vem», de Robert Mulligan (EUA-1978), com interpretações de Ellen Burstyn, Alan Alda, Ivan Bonar, Bernie Kuby, Cosmo Sardo, David Northcutt e William Cantrell. Duração: 144 minutos.*
*Em 1951 George, um contabilista de New Jersey, e Doris, uma jovem a caminho do seu retiro espiritual, conhecem-se numa estalagem na Califórnia, e acabam por partilhar a mesma cama. Ambos são casados e ao que parece felizes. Mas não puderam resistir à mútua atracção que desde logo se estabeleceu, mesmo que ele na manhã seguinte se sinta mortificado por um profundo sentimento de culpa e Doris lhe confesse que nunca tinha tido qualquer experiência sexual para além do marido. E o encontro torna-se numa rotina anual.*
**23.15 - 24 Horas**
**23.45 - Remate**

## RTP 2

**15.00 - Filhos e Filhas**
**15.25 - Agora Escolha!**
Bloco A: «Os Fiscais»; bloco B: «Quando as Mulheres Triunfam»
**16.55 - Os Campbells**
**17.20 - Um Bilhete para o Mundo**
**17.40 - Meu Pé de Laranja Lima**
**18.15 - A Rota Marítima da Seda**
*Estreia: Um pescador de Tartus disse à equipa da NHK que ali perto havia tesouros escondidos no fundo do mar. Quando se deslocaram ao local, em 1984, descobriram uma grande quantidade de relíquias de um navio antigo que se afundara a cerca de dois quilómetros da costa mediterrânica.*
**19.35 - Estrada 66**
**20.25 - Lusitânia Expresso**
**21.00 - Jornal das Nove**
**21.30 - Histórias de Porterhouse**
**22.30 - Século XX - Coragem para Falhar**
**23.20 - Música n'América**

# QUINTA

## RTP 1

**09.00 - Bom Dia**
**10.00 - Às Dez**
**12.05 - Fera Radical**
**13.00 - Jornal da Tarde**
**13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)**
**13.30 - Um Anjo na Terra**
**14.15 - Vila Faia**
**15.10 - O Mundo Animal**
**15.45 - Ponto por Ponto**
**16.40 - Televisão, a Caixa que Mudou o Mundo**
*O aparelhozinho que hoje é já parte integrante da família, nos princípios de 1923 era anunciado como um novo invento no «Times», por um escocês chamado John Baird. ESte homem desempenhou um papel fundamental na carrida que permitiu transformar a televisão numa realidade, mas foi derrotado anos depois. De Tóquio a Berlim, de S. Francisco a Leninegrado e a Londres, muitos foram os pioneiros que se candidataram à corrida pela televisão.*
**17.25 - Brinca Brincando**
«Persil», ««As Viagens do Albatroz», «Tom Sawyer», «Kate e Skubanek» e «Vem lá Filme»
**18.30 - Rua Sésamo**
**19.00 - Jogo de Cartas**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Bolsa Dia a Dia**
**20.05 - O Tempo**
**20.15 - Vale Tudo**
**21.10 - Winston**
*Churhil: os anos agitados (Setembro de 1928 a Novembro de 1929)*
**23.00 - 24 Horas**
**23.30 - Remate**

## RTP 2

**15.00 - Filhos e Filhas**
**15.25 - Agora, Escolha!**
*Bloco A: «Maníacos do Desporto»; bloco B: «Director de Turma» e «Duarte & cª»*
**16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre**
**17.15 - Um Bilhete para o Mundo**
**17.45 - Meu Pé de Laranja Lima**
**18.20 - Os Henderson**
**19.35 - Estrada 66**
**20.25 - Magazine Musical**
**21.00 - Jornal das Nove**
**21.30 - Emoções**
*Um espaço de humor, na RTP 2. Hoje, Sandy e os seus amigos resolvem revelar a pior coisa que fizeram até então. Para ela foi ter abandonado o companheiro no cinema, durante um encontro que tinham marcado. Ainda cheia de sentimentos de culpa, Sandy resolve ir até Cleveland para pedir desculpa ao rapaz que abandonara.*
**21.55 - Sinais do Tempo**
**22.55 - Quinta Dimensão**
*... Secundado pelo sobrenatural: Uma mulher impalcável está determinada a evitar a morte, a qualquer preço - mesmo à custa da vida de outras pessoas.*

**«O meu pé de laranja lima»**

# HOJE

## RTP 1

**09.00 - Bom Dia**
**10.00 - Às Dez**
**12.05 - Fera Radical**
**13.00 - Jornal da Tarde**
**13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)**
**13.30 - Gloss**
**14.15 - Vila Faia**
**15.15 - O Mundo Animal**
**15.45 - Ponto por Ponto**
**16.40 - Hospital Central**
**17.25 - Brinca Brincando**
«Persil», «Um Olhar Sobre o Mundo», «O Fantocheiro Mágico» e «Fiftten».
**18.25 - Rua Sésamo**
**18.50 - Chegar, Apostar e Vencer**
**19.30 - Telejornal**
**20.00 - Bolsa Dia a Dia**
**20.05 - O Tempo**
**20.15 - Vale Tudo**
**21.10 - Mobil nos Caminhos de Portugal**
*«A Ciade do Rio Azul»: Desta vez Setúbal, uma cidade que aproxima o mar e a serra. Do património artístico - destaque para o núcleo do Convento de Jesus - às salinas, já perto de Alcácer do Sal.*
**21.25 - Missão Impossível**
**22.20 - Telemundo**
**23.00 - Chefe, mas Pouco**
*Uma herança de um benfeitor misterioso é sempre motivo para deixar qualquer mortal nas nuvens. Mas a sorte de mona não é tão boa como parecia...*
**23.30 - 24 Horas**
**00.00 - Remate**
**00.10 - Pela Noite Dentro**
*«A Noiva Desaparecida», de David «Greene» (EUA), com interpretações de Elliot Gould, Mike Farrel, Margot Kidder. Duração: 120 minutos.*
*A lua-de-mel de Harry estava apenas no início quando a sua esposa desaparece. Depois do choque, a surpesa desagradável: a mulher que regressa não é aquela com quem casou.*
*Telefilme dos domínios do mistério, este trabalho da autoria dos criadores de duas séries conhecidas «Columbo» e «Crime, Disse Ela», conta no elenco com Elliot Gould, um actor que teve considerável projecção nos anos 70, e Margot Kidder, que no cinema surgiu na qualidade de namorada do Super-Homem.*

## RTP 2

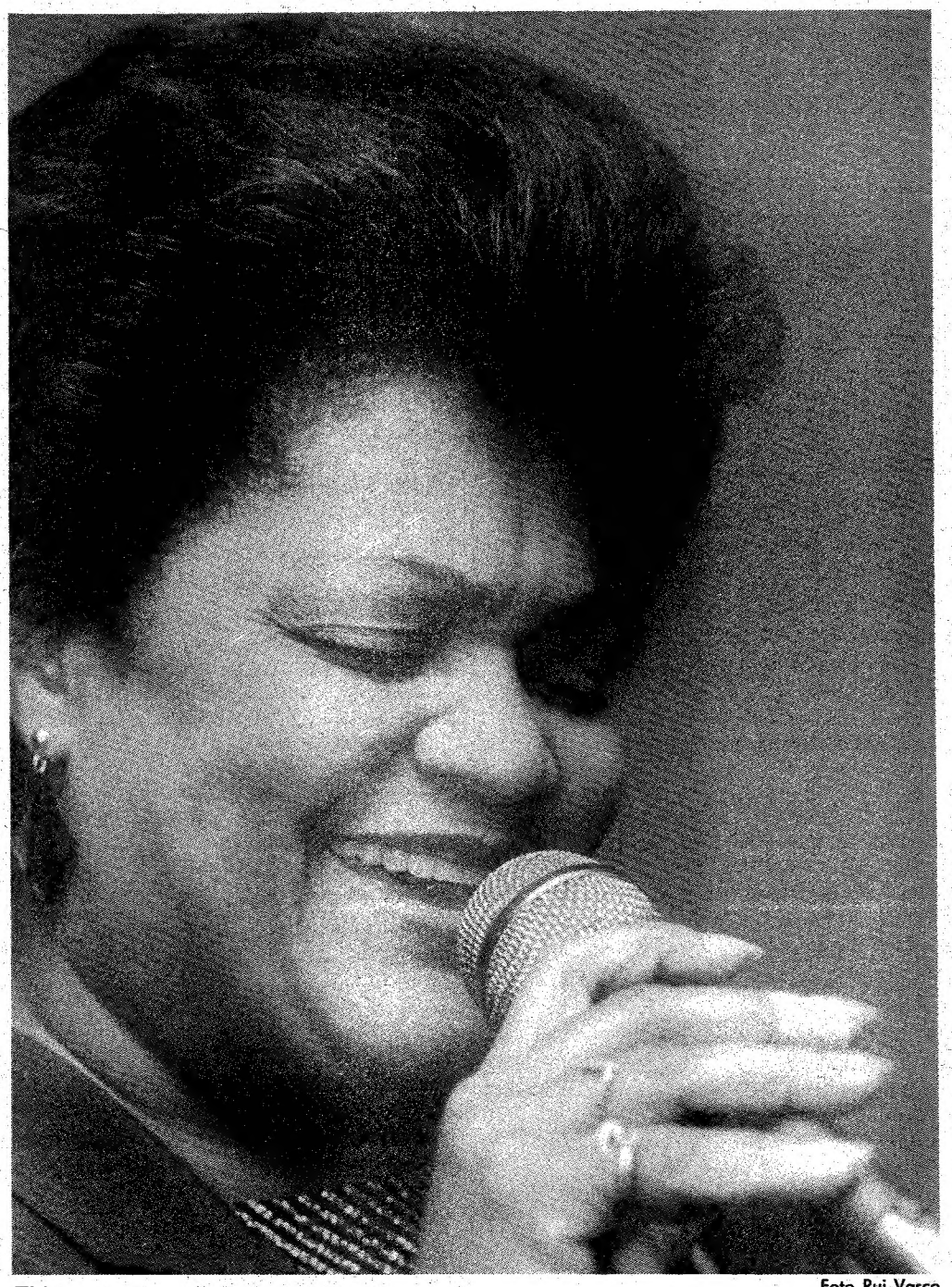
**15.00 - Filhos e Filhas**
**15.25 - Agora Escolha!**
Bloco A: «Caminho das Estrelas»; bloco B: «Quando as Mulheres Triunfam»
**16.55 - 3, 2, 1 Contacto**
**17.20 - Um Bilhete para o Mundo**
**17.45 - Meu Pé de Laranja Lima**
**18.20 - Haja Música**
**19.35 - Estrada 66**
**20.30 - As Cidades e as Terras**
**21.00 - Jornal das Nove**
**21.30 - Dona Beija**
**23.00 - Acerto de Contas**
**23.30 - Rotações**

# África AQUI

A M O S C A

**Maria José Belo Marques**

# DAR DE COMER AO ESTÔMAGO E AO ESPÍRITO



**Titina, a cantadeira da voz quente**

Foto Rui Vasco

Não há muitas oportunidades para ouvir cantar Titina. A cantadeira cabo-verdiana, de voz forte, interpretação comovente e técnica apurada, poucos espectáculos dá em Lisboa. Por isso, não foi de estranhar que a Associação Caboverdiana a tivesse escolhido para anfitriã musical do primeiro jantar de sábado, que os responsáveis prometem passar a organizar com frequência.

Nestas refeições especiais pretende-se criar o ambiente das noites cabo-verdianas, tradicionais e frequentes em Cabo Verde. Em cada um destes encontros haverá um artista principal, a quem a noite é dedicada, incentivando, para além da sua actuação, a participação de todos os músicos e cantores presentes, profissionais ou amadores. O agrupamento base, que acompanhará os cantores, tal como sucedeu na noite de Titina, é composto pelo guitarrista de excepção Armando Tito e os seus habituais acompanhantes, garantido a qualidade musical da iniciativa.

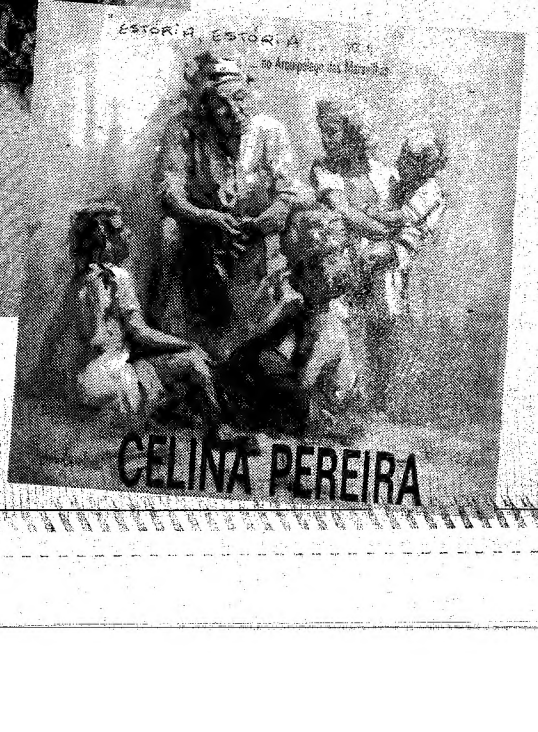
Titina interpretou mornas e coladeras com o seu estilo incomparável, na sala viam-se olhos embaciados, nalguns dos presentes, que não conseguiram conter a comoção provocada pelo sentimento que se solta da sua voz. Kiki Lima e Ana Firmino contribuiram para que a noite fosse memorável, interpretando alguns temas.

O jantar, composto por um prato de peixe, um de carne, vinho, sobremesa e café, saboreado enquanto se ouve boa música de Cabo Verde e se pode dançar ao seu ritmo (se para tal houver vontade), custa dois mil escudos para não sócios, e mil setecentos e cinquenta para os membros da Associação Caboverdiana. Não é caro, devendo, no entanto, a refeição ser mais cuidada.

# ESTÓRIAS DA CELINA

"Estória, Estória... no Arquipélago das Maravilhas", é o título do último trabalho discográfico da cantora cabo-verdiana, Celina Pereira. Um disco diferente. Canções infantis, tradicionais de Cabo Verde, canções populares, um tema do violinista, já desaparecido, António Travadinha e uma morna de B'leza, são ligadas entre si com um texto da autoria da cantora e do pintor Leão Lopes.

Independentemente de se gostar do timbre de voz de Celina Pereira, ou não, e do trabalho quase perfeito de Paulino Vieira, que assina a produção, arranjos e direcção musical do LP, este disco merece aplauso pelo seu contributo importante para a preservação da cultura popular e tradicional de um povo, por, aos mais novos, criar memória, principalmente aos que crescem em solo estrangeiro, e pelo avivar da mesma aos mais velhos. Para nós, portugueses, a possibilidade de conhecer, de forma mais profunda, a cultura de Cabo Verde.




No disco, participaram os seguintes músicos: Paulino Vieira, Armando Tito, Toy Vieira, Vony Além, Wilma Vieira e Travadinha (em gravações inéditas recolhidas por João Freire), um coro infantil de onze elementos e um outro, composto por cerca de vinte adultos. A capa, muito bela, concebida pela cantora, conta com duas reproduções do pintor cabo-verdiano David Levy Lima.

Sem dúvida que "Estória, Estória..." é um trabalho que ficará na história da discografia cabo-verdiana, pela sua qualidade e interesse cultural.